

PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

Revista de Psicanálise, Memória, Arte e Cultura

PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

Revista de Psicanálise, Memória, Arte e Cultura.

Psicanálise & Barroco em revista é publicada pela linha de pesquisa Memória Subjetividade e Criação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

EDITORES RESPONSÁVEIS

Editora-Chefe: Denise Maurano Mello

Editora: Joana Dark Silva Souza

CONSELHO EDITORIAL

Angela Coutinho (UNIV. SANTA ÚRSULA/RJ)

Carlos Eduardo Leal Vianna Soares (FAMATH)

Cristina Monteiro Barbosa (UFRJ)

Edson Luiz André de Souza (UFRGS)

Eliana Yunes (PUC/RJ)

Jean-Claude S. Soares (UFJF)

Júlio Cesar de Souza Tavares (UFF/RJ)

Luciano da Fonseca Elia (UERJ)

Marco Antônio Coutinho Jorge (UERJ)

Sérgio Paulo Rouanet (Academia Brasileira de Letras)

Rogério Lustosa Bastos (UFRJ)

Sérgio Nazar David (UERJ)

Sônia Alberti (UERJ)

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Petros (UNT/AR)

Betty Bernardo Fuks (PUC/RJ e CES/MG)

Jean-Michel Vivès (UCA/FR)

Luiz Eduardo Prado de Oliveira (UNIV. PARIS VII/FR)

Paola Mieli (SVANY)

Paolo Lollo (UNIV. PARIS XIII/FR)

EQUIPE TÉCNICA

Revisor(a) de normas técnicas de publicação: Julia Pontes Aguiard Fiad, Alexandre, Matheus Philipe S. Faria, Bruno Carvalho da Silva

Técnico de Informática: Bruno Carvalho da Silva

Revisor de Inglês: Bruno Carvalho da Silva

PARECERISTAS *Ad-Hoc*

Alinne Nogueira Silva Coppus (UFRJ)

Altair José dos Santos (UFG)

Andrea Bieri (UNIRIO)

Ana Petros (UNT/AR)

Ana Vicentini de Azevedo (UFSCAR)

Betty Bernardo Fuks (PUC/RJ e CES/MG)

Carlos Eduardo Leal Vianna Soares (FAMATH)

Cláudia Bodin (Universidade de Paris VII)

Cristina Monteiro Barbosa (UFRJ)

Daniela S. Chatelard (UNB)

Ecio Pisetta (UNIRIO)

Edson Luiz André de Souza (UFRGS)

Elizabeth Cristina Landi (UFG)

Felipe de Oliveira Castelo Branco (UFF)

Hélia Freitas (UERJ)

Jean-Michel Vivès (UCA/FR)

Josaida de Oliveira Gondar (UNIRIO)

Laéria Fontenele (UFC)

Lucia Maria de Freitas Perez (UERJ)

Luiz Alberto Pinheiro de Freitas (IBMR)

Luiz Eduardo Prado de Oliveira (UNIV. PARIS VII/FR)

Marcela Toledo França de Almeida (UFG e Wilfrid Laurier - Waterloo CA, Canadá)

Marlen de Martino (FURG)

Marlise Eugenie D Icarahy (TJ/RJ)

Mariângela Máximo Dias (UERJ)

Maria Das Graças Leite Villela Dias (UFSJ)

Maysa Puccinelli (Université Nice Sophia Antipoli)

Miguel Angel de Barrenechea (UNIRIO)

Nadiá de Paulo Ferreira (UERJ)

Orlando Cruxen (UFC)
Paola Mieli (SVA/NY)
Paolo Lollo
Rodolfo Petronio (UNIRIO)
Sandra Edler (SPID)
Sonia Leite (CPRJ)
Tereza Calomeni (UFF)
Valéria Wilke (UNIRIO)
Walter Kohan (UNIRIO)
Zinda Maria Carvalho de Vasconcellos
(UERJ)

© *Copyright* **Psicanálise & Barroco em revista**

**Endereço para correspondência / *Address for correspondence /
Adresse pour correspondance***

Psicanálise & Barroco em revista

Programa de Pós-Graduação em Memória Social, UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Avenida Pasteur, 458, 22290-240, Urca, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Secretaria — (21) 2542-2820 | Coordenação — (21) 2542-2708

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

Ano 16, Número 01: Edição julho de 2018,
Rio de Janeiro, RJ.

PSICANÁLISE & BARROCO EM REVISTA

(ISSN:1679-9887)

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

Ano 16, Número 01: Edição Julho de 2018.

SUMÁRIO

EDITORIAL – ENTRE HAVARD E UGANDA HÁ O SE(E)R ----- 7

ARTIGOS TEMÁTICOS

ENTRE DORES: JUDITH E FLORBELA ----- 11

POESIA E PSICANÁLISE: UM POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE MANOEL DE BARROS, FREUD E LACAN
----- 26

QUANDO EU PERDI VOCÊ, GANHEI A APOSTA: AMOR E DESEJO NA NOVELA A DÓCIL, DE
DOSTOIÉVSKI----- 48

VIOLÊNCIA CONJUGAL E CIÚME NUMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA A PARTIR DE ‘OTELO – O
Mouro de VENEZA’ ----- 79

Artigos Livres

CORPOS QUE CAEM: ADOLESCÊNCIA, PRISÃO E PSICANÁLISE----- 96

TOTEM E TABU: VIDA COTIDIANA ----- 113

UM ESTUDO SOBRE A MELANCOLIA: BREVE PERCURSO DA PSIQUIATRIA À PSICANÁLISE
FREUDIANA. ----- 126

A METAPSIKOLOGIA DO RECALQUE ----- 142

A PSICANÁLISE DE FREUD E A PSICANÁLISE DE HOJE: AS VICISSITUDES DO FEMININO NA ERA
DOS EXTREMOS----- 165

THE NUANCES OF DEMAND IN THE ANALYTIC DISCOURSE: A LACANIAN PERSPECTIVE---- 185

RESENHA

MÍSTICA E PSICANÁLISE: UMA INTRODUÇÃO, DE FREUD A LACAN ----- 213

CONTENTS----- 220

SOMMAIRE ----- 221

EDITORIAL

Denise Maurano

Joana Souza

ENTRE HARVARD E UGANDA HÁ O SE(E)R

Quinze anos se passaram desde que a primeira edição da *Psicanálise & Barroco* foi publicada na web. Idealizada pela Prof^a Denise Maurano durante sua passagem pela Universidade Federal de Juiz de Fora, a revista nasceu em 2003 pelo esforço conjunto da equipe que compunha o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura. Em 2010 passou a compor o quadro de periódicos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde se encontra vinculada à linha de pesquisa Memória, Subjetividade e Criação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social.

Recentemente, a *Psicanálise & Barroco* em revista migrou para o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), um software desenvolvido para a construção e gestão de uma publicação periódica eletrônica. Esta ferramenta contempla ações essenciais à automação das atividades de editoração de periódicos científicos. Recomendado pela CAPES, o processo editorial no SEER permite uma melhoria na avaliação da qualidade dos periódicos e uma maior rapidez no fluxo das informações. Esse sistema, além de garantir a autonomia da gestão das edições pela equipe, permite que a revista esteja em conexão com os principais indexadores da América Latina.

Há muito ansiávamos por essa migração, mas diversas questões de caráter estrutural adiaram esse projeto que agora então se concretiza. Certamente a ampliação de nossa equipe e a dedicação de seus membros foram cruciais para a realização desse intento. Em nosso país, sobretudo em tempos sombrios como os que vivemos agora, conseguir avançar projetos de natureza cultural, diante da difícil tarefa de atendermos a exigências que encontram-se no nível da Universidade de Harvard, com condições de trabalho, muitas vezes similares as de Uganda, é um exercício que nos testa diariamente. Por isso, vencer os obstáculos, conseguindo ainda melhorar nossa qualidade, é motivo de satisfação ainda mais especial. Nossos

valores humanos são nosso maior patrimônio, e nesse sentido a afinação de nossa equipe tem orquestrado essa nossa partitura. Assim, há muito que comemorar!

Na décima sexta edição da *Psicanálise & Barroco em revista*, apresentamos a nossos leitores uma seleção de artigos que foram agrupados em duas seções: uma de artigos temáticos, no caso, psicanálise e literatura, e outra de temas livres que contemplem os saberes que privilegiamos.

Na seção de artigos temáticos, a interlocução entre psicanálise e literatura é privilegiada por quatro autores. Em **“Entre dores: Judith e Florbela”**, a autora Eliana Luiza dos Santos Barros, munida de uma sensibilidade que lhe é peculiar, retoma a obra dessas poetisas portuguesas, para mostrar como a escrita literária é um canal possível para dizer sobre a dor que atravessa o universo das mulheres. A autora indica a existência de um encontro entre a escrita de Judith e Florbela e a psicanálise, na medida em que ambas constroem um saber sobre a dor de existir.

Esse caminho também foi seguido por Tiago Antonio Sampaio em **“Poesia e Psicanálise: um possível diálogo entre Manoel de Barros, Freud e Lacan”**. O autor, inspirado pelo texto freudiano “Escritores criativos e devaneios” e pelo conceito lacaniano de objeto *a*, lança um olhar sob a singularidade na poesia de Manoel de Barros, mostrando que seus poemas retratam o sujeito em sua simplicidade, incompletude, ao mesmo tempo que propõe o homem como funcional, mesmo quando ele perde seu lugar idealizado. Tiago também mostra que qualquer “conduta que idealize o homem, a vida e principalmente a felicidade”, encontra-se na contramão tanto da poesia manoesca quanto da psicanálise.

Em **“Quando eu perdi você, ganhei a aposta: amor e desejo na novela A Dócil de Dostoiévski”**, as autoras Caciana Linhares Pereira, Camila de Souza Ricarti e Roseane Torres de Madeiro mostram como uma obra literária pode retratar o modo de operar do psiquismo humano, antecipando descobertas feitas por Freud a partir da clínica. As autoras destacam como, na novela, a intrincada relação entre o desejo e o amor evidenciam detalhes relacionados à dinâmica da neurose obsessiva, indicando a presença de um impossível na experiência amorosa.

A literatura também serviu de balizamento para Camila de Freitas Moraes e Roseane Torres de Madeiro, na construção do artigo **“Violência conjugal e ciúme numa perspectiva psicanalítica a partir de Otelo – O mouro de Veneza”**. A obra shakespeariana que aborda o tema dos ciúmes a partir da história de Otelo e Desdemona foi retomada pelas autoras para pensar o problema da violência conjugal

pela perspectiva da psicanálise. Elas investigam como a subjetividade de cada sujeito se apresenta na relação amorosa, quando ocorre um ato de violência contra a mulher em decorrência do ciúme. A partir de um percurso em Freud, destacam como o ciúme se apresenta como um afeto intimamente vinculado à noção de desamparo primordial, um fato que é inerente à condição humana.

Na seção de artigos livres, destacamos o artigo **“Corpos que caem: adolescência, prisão e psicanálise”**, de autoria de Adriele Cardoso Sussuarana, Alba Caroline Tavares dos Santos e Aleson Hernan Morais dos Santos. Os autores retratam sua experiência com adolescentes cumpridores de medidas sócio-educativas que se encontram em situação de privação de liberdade na cidade de Macapá-AP. O relato destaca como um trabalho em que a intervenção com exercícios corporais, abriu caminhos para a instalação de um dispositivo clínico de escuta desses adolescentes. A ênfase do texto recai para a afirmação de que a psicanálise não pode ser reduzida ao espaço clínico do consultório, podendo balizar com seu referencial teórico práticas que evidenciam sua eficácia, sobretudo no campo social.

Bruno Wagner D’Almeida de Sousa Santana defende em seu texto **“Totem e Tabu: vida cotidiana”**, a ideia de Freud não se alia a uma gama de pensadores que defendem progresso da razão, da civilização e da humanidade, como afirma. Ao contrário, para o autor, Freud na verdade teve como foco um olhar sobre o mal-estar que surge como um preço a ser pago pelo homem pelo surgimento da civilização. Bruno Wagner ressalta que essa perspectiva resulta do fato de Freud ter vivido no período em que deflagraram as duas grandes guerras mundiais que assolaram a humanidade, colocando em xeque toda racionalidade humana, ao mesmo tempo que evidenciaram a linha tênue que separa a civilização da barbárie.

Ainda nessa edição, destacamos o texto **“Um estudo sobre a melancolia: breve percurso da psiquiatria à psicanálise freudiana”** de autoria de Gladson Henrique Silva, onde encontramos um breve histórico a respeito de como a melancolia era pensada pela psiquiatria, até o momento do surgimento da psicanálise quando uma nova maneira de enxergar essa patologia foi introduzida por Freud. O autor ressalta o percurso de teorização freudiana, quando inicialmente Freud pensava a melancolia como um quadro que compunha as neuroses narcísicas, para tempos depois, situá-la no contexto das psicoses.

Em **“A metapsicologia do recalque”**, Carlos Eduardo Rodrigues, Cassiano Carlos Antônio de Oliveira, Daniela Paula do Couto, Elizabeth Fátima Teodoro, Felipe

Alcides Gonçalves Ribeiro, Geane Moares Coelho, Mardem Leandro Silva e Roberto Lopes Mendonça, participantes de um grupo de pesquisa que investiga os conceitos fundamentais da psicanálise, retomam com rigor a temática do recalque, evidenciando sua importância para a regulação da pulsão e sua função na estruturação do psiquismo humano.

A seguir, Barbara Sinibaldi, Gabriel Pavani Brandino e Thassia Souza Emidio apresentam uma interessante exposição a respeito da temática do feminino em “**A psicanálise de Freud e a psicanálise de hoje: as vicissitudes do feminino na era dos extremos**”. O trabalho trás reflexões a respeito do que mudou na atualidade, em relação ao que foi formulado por Freud, na visão dos psicanalistas, acerca da abordagem do feminino, e da própria concepção de mulher. O objetivo dos autores é evidenciar como em cada época a realidade social interfere na construção de um saber sobre o feminino, muitas vezes relacionado de forma equivocada, a questão do gênero. Por fim, Joyce Bacelar Oliveira retoma o conceito psicanalítico de transferência em “**The nuances of demand in the analytic discourse: a lacanian perspective**”, para pensar a questão da entrada em análise a partir do momento em que o sujeito formula uma demanda de análise. A autora, a partir do ensino de Lacan, destaca alguns aspectos relevantes do manejo da demanda pelo analista na condução do tratamento.

Fechamos a edição com uma interessante resenha escrita por Bruno Albuquerque, do livro “**Experiência Mística e psicanálise**” de autoria de Ricardo Araújo, publicado pela editora Loyola em 2015. Bruno percorre a obra apontando como a consistência teórica do autor surpreende o leitor à medida em que distingue de forma particularmente clara o campo da mística do campo da psicose.

Uma excelente leitura!

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseenbarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

ENTRE DORES: JUDITH E FLORBELA

Eliana Luiza dos Santos Barros¹

RESUMO

Em Portugal, século XX, Judith Teixeira e Florbela Espanca foram contemporâneas e ambas tentaram romper com as amarras impostas pela sociedade daquela época, ressignificando o lugar da mulher e apresentando um saber sobre a dor. Ao debruçar sobre a escrita das poetisas percebe-se que o sofrimento atravessa suas produções poéticas, guardando as devidas diferenças. Neste trabalho pretende-se tecer algumas considerações em torno da dor, buscando uma articulação da psicanálise com a literatura a partir de fragmentos da vida e obra das escritoras.

PALAVRAS-CHAVE: Judith Teixeira. Florbela Espanca. Dor. Psicanálise. Literatura.

¹ Psicóloga Clínica. Mestre em Literatura Portuguesa/UERJ. Psicanalista membro do Corpo Freudiano - Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro. Integra o grupo de pesquisa do CNPq, intitulado "Figurações do Feminino: Florbela Espanca et Alii". elianaluiza@globo.com

“O poema é cura, não doença. Escrevo para ser feliz, para me libertar do sofrimento, não para sofrer. É a alquimia da dor em alegria estética. Mesmo quando a coisa é doída, amarga, naquele momento a transformo no ouro que é o poema... Discordo quando dizem que a arte revela a realidade. Na verdade a arte inventa a realidade... A poesia é uma dessas criações no terreno da fantasia, que existe porque a vida não basta. Eu escrevo para ser feliz, escrevo porque estou me inventando, para ser melhor do que sou”.²

Em Portugal, século XX, Judith Teixeira (1880-1959) e Florbela Espanca (1894-1930) foram contemporâneas e ambas tentaram romper com as amarras impostas pela sociedade daquela época, ressignificando o lugar da mulher experienciando poeticamente as sensações e expressões da dor. Judith e Florbela, portanto, enleiam-se na dor, comparecendo em ambas uma convergência de articulação poética nesta direção. O sofrimento atravessa suas escritas, guardando as devidas diferenças. Embora a história de vida e a trajetória de cada uma seja única, podemos observar uma multiplicidade de temáticas que atravessam seus textos, como, por exemplo, a angústia da solidão, a sensualidade, o erotismo, o desatino da paixão, o sofrimento e a “Negra Dor³ espavorida⁴”. Ressaltamos que a temática da dor será abordada neste trabalho pelo viés da psicanálise, se pautando em alguns momentos da obra freudiana.

A psicanálise sempre se reconheceu próxima às artes em geral, em especial à literatura. Com artifícios próprios, tanto a psicanálise quanto a literatura procuram desvendar a complexidade da existência humana revelando o que há de mais oculto, perturbador, obscuro, e conflituoso em cada um de nós. Freud utilizou-se da literatura para construir sua teoria do psiquismo. Poetas e romancistas, para Freud, são preciosos por anteciparem o que os psicanalistas acabam por revelar. Em seu texto “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen” afirma:

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (Freud, 1907: 18).

Nesse sentido o poeta torna-se um aliado na análise freudiana para entender os meandros do sujeito do inconsciente. Florbela enfatiza a dor experimentada pelo

² Fragmentos da entrevista do poeta brasileiro Ferreira Gullar, à revista Veja em 16/06/2010.

³ O lexema “dor” e seus derivados virão, durante várias passagens deste ensaio, mais especificamente nos poemas de Florbela e Judith, com grifo de nossa lavra.

⁴ “Onde vou”.

poeta no verso que segue: “Só quem embala no peito/Dores amargas e secretas/É que em noites de luar/Pode entender os poetas” (Espanca, 1996, p.16).

A dor de existir está associada ao vazio de ser do sujeito, a falta a ser. Para a psicanálise o não ser é condição radical de todo sujeito, e tanto Judith quanto Florbela buscam justamente produzir a partir deste vazio. As duas tiveram uma trajetória nevoenta, esbarrando no diapasão da dor e pela via da escrita aplainam a montanha da inquietude desassombrando os subsolos da alma.

Do ponto de vista da psicanálise não existe diferença entre a dor física e dor psíquica, pois é da ordem do impossível esta separação radical. Nesse caminho, a propósito da dor, revela Judith: “Rasgo nas mãos doloridas,/ escorrendo de luar,/as sombras espavoridas /que me assombram o olhar! Anda a loucura a desgrenhar-me –o corpo e o pensamento...”⁵ (Teixeira, 2015, p.75). Por seu turno, Florbela reconhece na pele os efeitos da dor: “Pelo meu rosto branco, sempre frio,/fazes passar o lúgubre arrepio/das sensações estranhas , dolorosas⁶... (Espanca, 1996, p.219).

No início de sua obra, no texto, “Projeto para uma psicologia científica” (1895), Freud entende a dor como consequência da ruptura de barreiras, ou seja, de um excesso de energia que rompe as resistências e deixa marcas permanentes que clamam por um direcionamento do aparelho psíquico. As poetisas nos remetem às teorias freudianas quando em seus poemas apontam esse descomedimento na dor, marcando um arrombamento psíquico, dito de outro modo, a dor é a manifestação do fracasso do aparelho psíquico. Vejamos como Florbela no poema “Sem remédio” fala do desencadeamento da dor:

Aqueles que me têm muito amor
Não sabem o que eu sinto e o que sou...
Não sabem que passou, um dia, a Dor,
À minha porta e, nesse dia, entrou.[...]

Sinto os passos da Dor, essa cadencia
Que é já tortura infinda, que é demência!
Que é já vontade doida e gritar! (Espanca,1996, p.158)

No poema “Insônias” Judith chega a se identificar com a própria dor, demarcando um eu ressentido exprimindo o espedaçamento de suas fantasias:

⁵ “O Meu Destino”.

⁶ “Mistério”.

Despedaçam-se ilusões
dolorosamente!
Rasgo o cetim que me veste,
Em convulsões,
perdidamente!

E o vento sempre a uivar...
Outro grito espavorido!
Sinto latejar a Dor...
É dentro do meu vestido!
Foi aqui que a dor gemeu...
É no meu ser, dentro de mim.
-Sou eu! Sou eu! (Teixeira, 2015, p.64).

Os poemas “Insônias” e “Sem remédio”, se aproximam no sentido de um turbilhão que não cessa culminando num profundo sofrimento. Vê-se também no texto um testemunho de aniquilamento pela dor.

Cerca de duas dé-cadas depois, em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud relaciona as experiências dolorosas ao interesse pela vida e ao desinvestimento libidinal: “É do conhecimento de todos, e eu o aceito como coisa natural, que uma pessoa atormentada por dor e mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito a seu sofrimento” (Freud, 1914, p. 98). Judith e Florbela, torturadas pela dor em determinados momentos, parecem perder o interesse pela vida: Judith no poema “Ansiedade” menciona: “ Fui até pela dor repudiada.../Mãe! Quero regressar- voltar ao nada-/ e perder me na grande escuridão! (Teixeira, 2015, p.88). Este trecho traduz a dimensão de um sujeito desamparado e que nem mesmo pela dor foi acolhido. Já Florbela quando diz: “... Minh’alma triste, dolorida e escura,/Minh’alma sem amor é cinza e pó,/Vaga roubada ao Mar da Desventura!”⁷ (Espanca, 1996, p.200), encarnando o próprio estandarte da dor, tomando-o para si.

Já em “Luto e melancolia” (1917), Freud compara explicitamente a dor ao luto. Qualifica de dolorosa a disposição para o luto e deixa entender que uma situação de perda promove intensa excitação dolorosa. No decorrer da vida todo sujeito confronta-se com perdas que provocam experiências de dor. Os sonetos abaixo ilustram a construção de um “eu” doloroso, arrastado a um estado permanente de luto:

⁷ “Hora que passa”.

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...⁸ (Espanca, 1996, p.133)

Judith chega a compor uma seleção que intitula “Sonetos da Minha dor” e no poema “Crepúsculo” ressalta a escrita de uma dor na saudade apontando uma desesperança:

Hora em que erguem maldições atrozés...
E em que os sinos, ao longe, são as vozes
Indefinidas de miséria e dor!...

Hora dos neurastênicos, dos tristes...
Hora em que eu sinto bem que ainda existes,
nesta saudade duma dor maior! (Teixeira, 2015, p.117).

A concepção da dor se refina em “Além do princípio do prazer” (1920), texto em que Freud afirma que a vida psíquica se caracteriza por uma mistura de prazer e um mais além, lido, posteriormente, por Jaques Lacan, como gozo⁹. A dor causa um desprazer sem impedir que daí se extraia um gozo, comparecendo um apego e uma

⁸ “Eu”.

⁹ Recorro ao meu livro que se intitula Florbela Espanca: Laços de amos e dor, para falar do conceito de gozo. Freud ensina que a dor se enlaça ao gozo e o sujeito consegue extrair disso uma sensação de satisfação, revelando que as pulsões de vida e de morte se intrincam e conduzem o sujeito em sua mais inefável existência. Recorrendo à mitologia grega, discorreu sobre o amor como Eros e a morte como Tântatos. Eros, como pulsão de vida, representa a criatividade, o desejo, e tem como função aplacar a tendência à destruição da vida, que conduz o homem em direção à morte. Além disso, pensou o amor e a morte atrelados um ao outro e presentes em todos os sujeitos, visto que as pulsões de vida e de morte estão sempre amalgamadas. Assim, muitas vezes não se percebe a presença silenciosa da pulsão de morte, subjacente aos processos ruidosos das pulsões de vida. Em “Além do princípio do prazer” (1920), ele definiu a pulsão de morte como tendência a reduzir toda e qualquer tensão ao ponto zero. A pulsão de morte, a um mesmo tempo primitiva e conservadora, caminha em direção à inércia. Já as pulsões de vida, formadas pelas pulsões sexuais e pelas pulsões de autoconservação, também são conservadoras, mas trabalham no sentido de reorganizar o que as pulsões destrutivas desatam. Sabe-se que, em sua obra, Freud não abordou o gozo como conceito. Foi Lacan quem avançou na reflexão sobre ele. Sabe-se também que a finalidade das pulsões é a satisfação sexual (gozo) e que o conceito lacaniano de gozo não significa que ocorra uma sensação consciente de prazer. Assim como inconscientemente encontra prazer na dor, o sujeito goza em seu próprio aniquilamento. O gozo, portanto, pode ser entendido como um excesso, um mais além do prazer, ou seja, uma manifestação do corpo próxima da dor e do sofrimento.

repetição do sofrimento, dinâmica essa que nos faz lembrar um poema de Teixeira “É sempre a mesma dor angustiada/em cada sensação realizada” (Teixeira, 2015, p.67), e outro de Florbela que alude a uma dor que a exaspera: “Nesta dor que me exalta e me alevanta” (Espanca, 1996, p.237).

Lembre-mo-nos também que a importância da dor na economia psíquica continua a ser desenvolvida por Freud no artigo “O problema econômico do masoquismo” (1924), no qual enfatiza a disposição masoquista própria à vida pulsional e defende que a dor e o desprazer podem ser mais do que um simples alarme, tornando-se fins em si mesmos. Ressalta ainda o caráter inconsciente do masoquismo. Judith e Florbela ilustram o que Freud ensinou sobre o masoquista presente em todos os homens, mesclando em seus textos o prazer e a dor. Judith menciona a dor prazerosa conforme sugere o poema “Liberta”: “Hoje, ergue-me a ânsia enorme/de outras horas viver! / Sensualizando a vida,/ descobrindo novas fontes, de dor e de prazer ...” (Teixeira, 2015, p. 77). E ainda realça uma dor enfeitada e santificada. Marca a presença dissimulada da expiação dizendo: “Bebo a dor latente; e sagrada”¹⁰ (Teixeira, 2015, p.150). Florbela padece de uma dor e aponta sua presença insidiosa no poema “A minha dor”: “A minha Dor é um convento ideal” [] A minha dor é um convento.há lírios/Dum roxo macerado de martírios, Tão belos como nunca os viu alguém! (Espanca, 1996, p.138). Em ambas comparece um prazer numa abordagem da dor como cárcere¹¹.

A dor, portanto, faz com que a homeostase do aparelho psíquico e o princípio de prazer sejam suprimidos, e se vivenciada intensamente pode ter um efeito de extrema desorganização psíquica, necessitando ser simbolizada. Nesse sentido Juan-David Nasio explica:

Sabemos que esse estado de dor extrema, mistura de esvaziamento do eu e de contração em uma imagem-lembrança, é a expressão de uma defesa, de um estremecimento de vida. Também sabemos que essa dor é a última muralha contra a loucura. No registro dos sentimentos humanos, a dor psíquica é efetivamente o derradeiro afeto, a última críspação do eu desesperado, que se retrai para não naufragar no nada (Nasio, 1996, p. 12).

Florbela viveu profundamente a dor e fez dela sua morada, como realça no poema “Castelã da tristeza”: “Vivo sozinha em meu castelo: a Dor” (Espanca,

¹⁰ “Domínio”.

¹¹ A respeito de Florbela, Fabio Mario Silva em seu texto: “A construção de uma autoridade poética através das sensações e expressões da Dor no Livro de Magoas” (2012), ilustra a questão do gozo quando se refere a um prazer na dor, considerando um tal masoquismo poético.

1996,p.134). Já Judith no poema “Tédio” deixa aflorar a dor, como bem mostra afirmando: “E a sombra no meu peito é tanta, tanta,/ tamanha a dor, que meu olhar quebranta,/que se olho o sol, começa a anoitecer!...” (Teixeira, 2015, p.119). É possível notar nas palavras das poetisas uma multiplicidade de revelações dolorosas inscrevendo seus dramas íntimos.

Nos respectivos sonetos abaixo, elas se reportam a um vazio, o que talvez possa ser entendido como uma forma de organização em torno dele. A dor clama por palavras que possam simbolizá-la por meio de um bem dizer¹². Para Judith a dor se torna terreno fértil para a criação e inspiração poética: “Desperto entre destroços e ruína,/ e a terra oscila ainda num rumor... /As árvores, fantasmas em neblina, rangem ao longe a sua estranha dor”¹³ (Teixeira, 2015, p.120). Florbela se coloca como a própria dor, traz consigo uma dor precoce, de origem (frequentemente relacionada a situações de abandono encarnadas na figura da mãe)¹⁴, que fundamenta sua escrita: “Eu tenho lido em mim, sei-me de cor, /Eu sei o nome ao meu estranho mal: /Eu sei que fui a renda dum vitral, /Que fui cipreste e caravela e dor!”¹⁵ (Espanca, 1996, p.178).

Lacan, em alguns momentos de seu ensino, utilizou a expressão “dor de existir”, deslocando-a de seu significado comum. A dor de existir não é prerrogativa peculiar da melancolia¹⁶; o campo do sofrimento humano é vasto e ela se apresenta em vários matizes, passando por diferentes gradações. A dor de existir, não se trata de uma doença e não precisa ser curada, portanto, está associada à falta a ser, relativa à própria existência como vazio. E é este vazio que não cessa de se presentificar nos versos das poetisas e que é pertinentemente expresso nos seus versos: Diz Judith “Ando na vida às escuras.../Se estendo as mãos doloridas,/abrasam-me mordeduras/de bocas encandescidas!”¹⁷ (Teixeira, 2015,

¹² É Lacan quem nos convida a bem- dizer, bem dizer o sintoma. Trata se de um bem que deve dar forma ao ato de dizer, ou seja, dizer da melhor forma possível, visando mudar a posição do sujeito.

¹³ “Cinzas”.

¹⁴ Maria Lúcia Dal Farra destaca em seu texto “A dor de existir em Florbela Espanca” que em alguns momentos de sua obra Florbela se remete a sua mãe, “precocemente morta em, em 1908, aos 29 anos, e, com muita ênfase, em um dos seus últimos poemas: justo naquele em que suplica a entronização definitiva no reino da Morte, entidade que ela clama para curar-lhe a dor de existir” (Dal Farra,2002, p.293).

¹⁵ “O meu mal”.

¹⁶ A melancolia para Freud foi classificada na categoria das “neuroses narcísicas”, e se instala sob a forma da incorporação do objeto perdido no seio do próprio sujeito. A perda do objeto se transforma numa perda do eu e o conflito entre o eu e a pessoa amada numa cisão entre a crítica do eu modificado por identificação. A partir das indicações freudianas a melancolia é um tipo de psicose. Para Lacan a melancolia, a esquizofrenia e a paranoia situam se no âmbito da estrutura psicótica.

¹⁷ “Delírios rubros”.

p.85). Enquanto Florbela lamenta: “Eu grito a minha dor, a minha dor intensa!/Esta saudade enorme, esta saudade imensa!/É só a voz do eco à minha voz responde...”¹⁸ (Espanca, 1996, p.91). Ambas reafirmam o terrível vazio e a solidão da existência.

Como um outro ponto de reflexão gostaríamos de aludir o texto de Lacan, “Kant com Sade”, que nos chama a atenção para a dor de existir de que fala o budismo, desvelada pelos melancólicos em seus “tormentos infernais” e aponta que, tal como o prazer, a dor tem “seu fim: é o esvaecimento do sujeito” (Lacan, 1963: 785). Encontramos nos versos de Judith traços daquilo que Lacan descreveu: “Uivou dentro de mim a dor.../Só lhe perco o som e a cor /em orgias de morfina!”¹⁹ (Teixeira, 2015, p.65), o mesmo acontece em alguns versos de Florbela: “Coveiros, sombrios, desgrenhados,/Fazei-me depressa a cova/Quero enterrar a minha dor/quero enterrar-me assim nova”²⁰ (Espanca, 1996, p.7). Judith e Florbela encontram-se no território da dor de existir, e estes sonetos refletem o desejo de desaparecimento, desejo de passagem da vida dolorosa para uma eternidade sem dor.

Outro poema judithiano inquietante se intitula “Ressurgimento” e menciona uma expurgação na dor, colocando em cena um sujeito que a partir do confronto com o sofrimento se purifica e ressuscita para o mundo. O significante dor exprime fantasias de desengano, mas ao mesmo tempo predispõe ao renascimento. A dor se torna necessária para abrandar as aflições.

Passei o dia triste meu amor...
Foi um domingo inteiro de agonia.
Tudo empalidecera em derredor,
ficou a latejar a dor sombria!

Que doloroso e cálido sabor,
nos lábios me abrasava todo o dia!
Sentia ter bebido a própria dor,
dor imprecisa, negra nostalgia... []

E agora, amor, a minha angustia acalma,
Purificada na dor, a minha alma,
Vai ressurgir de novo para a vida! (Teixeira, 2015, p.62).

¹⁸ “Aonde?...”

¹⁹ “Fim”.

²⁰ “As quadras dele (l)”.

Sabe-se que Jaques Lacan, em suas referências à estruturação do psiquismo, destacou três registros: simbólico, imaginário e real. O primeiro deles é o universo da palavra e da lei; o segundo, o campo do sentido e da imagem do próprio corpo, enquanto o último, pertencente ao registro do impossível, engloba a dimensão do desamparo, do sem sentido e do que resiste a todo processo de simbolização. O real sempre se presentifica de forma avassaladora, razão pela qual o encontro com ele tem valor de trauma. Na dor Judith e Florbela parecem respectivamente se deparar com o não representável, daí uma abrupta irrupção do real, desorganizando as leis do simbólico, arrombando o imaginário.

Não é difícil encontrar em Judith e Florbela indicativos que reafirmam o desamparo. Alguns de seus poemas são suplícios de quem vive uma eternidade infecunda. Judith no poema “Estranha Dor” aponta para uma familiaridade e ao mesmo tempo um estranhamento com a dor:

Olho os cravos garridos
Estridulando em cor...
e escuto a dor do meu destino,
cada vez mais candente,mais vivida,maior!-
A dor dos incompreendidos...
-Estranha dor! (Teixeira, 2015, p.101/102).

Florbela aparentando um desencanto absoluto, expõe uma dor desmedida, que não comporta seus versos: ²¹ Diz no poema “Impossível”:

²¹ De acordo com Maria Lúcia Dal Farra: “A dor é, nos escritos de Florbela Espanca, tanto em prosa quanto em verso, um dos ingredientes mais íntimos e, de certeza, uma recorrência muito poderosa, o leitmotiv mais tocante. Todavia, não insufla apenas a sua obra: é componente patético de sua própria vida...” (Dal Farra, 2002, p.11).

Disseram-me hoje, assim, ao ver-me triste:

“Parece Sexta-Feira de Paixão.

Sempre a cismar, cismar de olhos no chão,

Sempre a pensar na dor que não existe ... []

Os meus males ninguém mos adivinha ...

A minha Dor não fala, anda sozinha ...

Dissesse ela o que sente! Ai quem me dera! ...

Os males de Antó toda a gente os sabe!

Os meus ... ninguém ... A minha Dor não cabe

Nos cem milhões de versos que eu fizera! (Espanca, 1996, p.162)

Nascidas no final do século XIX, Judith e Florbela deixam suas marcas na literatura portuguesa, exprimindo um texto intimista, revelador e misterioso que tentam desvelar os abismos insondáveis subjacentes em todo sujeito. A produção poética de ambas é forte, tocante, apaixonada e dolorida. Apresentam uma literatura irreverente arriscando voos livres. Criam versos que dão voz à sensualidade feminina, inscrevendo seus dramas íntimos. Ousadas, perturbadoras, audaciosas e marginalizadas, adentram no domínio da transgressão e fogem do modelo de mulher social vigente. Viveram numa sociedade rígida e conservadora e ambas quebraram regras que aprisionam o sujeito e o encarcera na hipocrisia. Judith provocou escândalos pela referência à homossexualidade feminina, volúpia e prazer. Florbela primando pelos excessos sempre se opôs ao conservadorismo, casou-se três vezes se divorciando em duas delas, num época em que isso raramente acontecia. Foi também mensageira de uma poética plena de contornos eróticos e tinha em sua conta a desconfiança de um possível incesto com seu único irmão, Apeles Espanca²².

Tanto Judith quanto Florbela desafiaram preconceitos vigentes acerca da sexualidade feminina, foram escritoras rebeldes, tiveram um reconhecimento tardio e foram estigmatizadas por uma escrita amoral, onde imperava o erotismo²³. Gritaram em seus versos suas dores procurando uma reinvenção de seu viver. Frente à dor de existir discorrem sobre questões que tantos desejam e ao mesmo tempo temem. Uma poética que revela suas inquietações na tentativa de decifrar o enigma da existência

²² “Florbela Espanca e Judith Teixeira: o mito das femmes fatales na Literatura Portuguesa” de Fabio Mario da Silva, 2014.

²³ Claudia Pazos Alonzo em seu texto “Judith Teixeira: Um caso modernista insólito” (2015), convoca Florbela e Judith apontando uma proveitosa comparação entre as duas, deixando claro algumas semelhanças.

e aplacar o sofrimento. Neste sentido a escrita pode ser uma muralha de defesa, um escudo contra o que há de insuportável na vida.

Quanto de Judith ou de Florbela somos nós? Tanto uma como a outra oferece um espelho onde se pode vez ou outra nos reconhecer. Em cada um de nós habita um pouco dessas mulheres. O que ensinam? Essa foi uma orientação freudiana que devemos aprender com os artistas e escritores. Inclusive Freud afirma que os poetas se adiantam aos psicanalistas

Com sua poética Judith e Florbela sensibilizam o seu leitor, assim como nos apontam o bem dizer da dor de existir. Conseguem impregnar em seu texto uma densidade poética que ora expõem seu íntimo desvelando a dor que as atormentam, ora o amor que alcança seu expoente máximo.

As poetisas sabiam melhor do que ninguém a intensidade de sua dor, e na escrita realça seus relevos e contornos. É uma poética que traz uma dimensão de algo misterioso e insondável, apontando que cada ser humano será sempre enigmático, incompleto e singular em seu sofrimento.

Rematando, podemos dizer que Judith e Florbela apresentam em seus textos varias dimensões da dor; uma dor de origem, ora uma dor melancólica, ora uma dor masoquista... enfim, a dor de existir que se presentifica em cada um de nós. Seus versos refletem nitidamente os rasgos da existência impossibilitados de remendos, mas também apontam alguma chama que pulsa neste imenso vazio que é a vida.

REFERÊNCIAS

- ESPANCA, Florbela(1915-31) Poemas. Estudo introdutório, organização e notas de Maria Lúcia Dai Farra. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____ (1912-30) Afinado desconcerto (contos, cartas, diário). Organização de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- FREUD, Sigmund
- _____ (1859a) Projeto para uma psicologia científica. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1907) Delírios e sonhos na 'Gradiva' de Jensen. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- _____ (1908) Escritores criativos e devaneios. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1917) Luto e melancolia. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1920) Além do princípio do prazer: In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1924) O problema econômico do masoquismo. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, Jaques (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: Escritos.
- _____ (1957-8) O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____ (1958-9) O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação. Inédito. Versão da Associação Psicanalítica de Porto Alegre a partir do texto estabelecido pela Association Freudienne Internationale, 2002.
- _____ (1963) Kant com Sade In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- NASIO, Juan-David (1996). O livro da dor e do amor. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- TEIXEIRA, Judith (1923-27). Poesia e Prosa. Organização e estudos introdutórios: Claudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Portugal:Dom Quixote,2015.
- QUINET, Antonio (org.). (1999) Extravios do desejo: depressão e melancolia. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

BETWEEN PAIN: JUDITH AND FLORBELA

ABSTRACT

In Portugal, the twentieth century, Judith Teixeira and Florbela Espanca were contemporary and both tried to break the shackles imposed by the society of that time, giving a new meaning to the place of woman and featuring a know about the pain. To dwell on the writing of women poets realize that the suffering runs through their productions poetic, keeping the necessary differences. This work intends to weave some considerations about the pain, seeking an articulation of psychoanalysis with the literature from the fragments of the life and work of the writers.

KEYWORDS: Judith Teixeira. Florbela Espanca. Pain. Psychoanalysis. Literature.

ENTRE LA DOULEUR: JUDITH ET FLORBELA

RÉSUMÉ

Au Portugal, le vingtième siècle, Judith Teixeira et Florbela Espanca sont contemporains et les deux ont essayé de briser le carcan imposé par la société de l'époque, de donner un nouveau sens à la place de la femme et doté d'un savoir sur la douleur. De s'attarder sur l'écriture des femmes poètes rendre compte que la souffrance s'exécute par le biais de leurs productions poétiques, en gardant le nécessaire différences. Ce travail a l'intention de tisser quelques considérations sur la douleur, la recherche d'une articulation de la psychanalyse à la littérature à partir de fragments de la vie et le travail des femmes écrivains.

MOTS-CLÉS: Judith Teixeira. Florbela Espanca. Douleur. Psychanalyse. Littérature.

Entre Dores: Judith e Florbela

Recebido em: 12-04-2018

Aprovado em: 27-05-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

POESIA E PSICANÁLISE: UM POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE MANOEL DE BARROS, FREUD E LACAN

Tiago Antonio Sampaio¹

RESUMO

O presente artigo buscou apresentar características da poesia de Manoel de Barros em um possível diálogo com a psicanálise de Freud e Lacan. Os desdobramentos para este enlace se deram através da perspectiva psicanalítica do texto freudiano de Escritores Criativos e Devaneios, e o conceito de objeto a de Lacan, ambos articulados a lançar um olhar sob a singularidade na poesia de Manoel de Barros, em poemas que retratam o sujeito em sua simplicidade, incompletude, e mais, propõe o homem como funcional mesmo no lugar de des-idealizado.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Psicanálise. Manoel de Barros. Freud. Lacan. Objeto a.

¹ Psicanalista. Poeta. Músico. Psicólogo graduado em Psicologia pela Universidade Anhanguera de Santo André. Rua Antonio Pereira Machado, 279, PQ São Rafael, 08320-130, São Paulo, SP. 11 94741-9485. CRP 06/137501. tiago.a.sampaio@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Manoel de Barros elege ao longo de sua obra uma poesia que direciona um olhar ao desimportante, as coisas (aparentemente) desimportantes, e mais, faz com que sejam tratadas e retratadas como uma espécie da mais singela homenagem para com aquilo que se assemelha a identificação do poeta, ao tempo em que trata das coisas e situações mais mnêmicas e in-úteis do ser.

Através de uma sutileza peculiar Barros destina seu ponto de vista acerca do que o cerca, colidindo a notável complexidade da beleza com a profunda simplicidade das coisas, na medida em que resgata um mundo de simples absurdos que ha muito foi deixado pelo homem ao preço de um ideal (de sociedade) como testemunhamos nos dias atuais, onde o homem não possui escolha a não ser, se tornar o ideal de si mesmo (e do outro). O outro de Manoel de Barros é o avesso, as miudezas, as coisas rasteiras, o lixo e o que fora jogado fora. Olhando assim de viés, pode até parecer que o poeta prefira a decadência, mas vale lembrar que esse poeta compreende que o conceito das coisas uma vez globalizadas, não permite espaço para que possa oferecer o que há de singular nelas a partir do sujeito. Dito isso, pode se dizer que já não se trate de uma escolha sob a decadência, mas sim, de aceitar a capacidade de viver na incompletude, onde não se faz necessário a perfeição.

Desta forma ao observar na poesia de Manoel de Barros as características acima citadas, e de modo a acomodar a singularidade de sua escrita em uma possível interlocução com a psicanálise de Freud e Lacan, o presente artigo propõe um caminhar de modo a observar o ato criativo do poeta por uma perspectiva freudiana, ao tempo em que aponta na linguagem monoesca um estilo singular que assemelha-se ao sujeito da psicanálise. Para isso o conceito de objeto a de Lacan se fez pertinente para a realização deste exercício, de modo a apresentá-lo pela via da poesia, e esta, sendo manifesta através da angústia, seu meio possível.

Deste modo, apresento o caráter inicial de uma jornada como psicanalista de quem vos escreve... Um enunciado que agora enuncia. Quando o que se busca é, articular a psicanálise através da poesia é por assim dizer que, há poesia na psicanálise. Desta forma, assumo a responsabilidade com o que escrevo mesmo sabendo que são as palavras responsáveis por mim, por elas sou representado, e não quem as representa... E isso basta. Basta como a minha verdade, o meu não saber.

MANOEL DE BARROS, VIDA EM OBRA.

Manoel Wenceslau de Leite Barros ou simplesmente Manoel de Barros, foi um poeta pantaneiro que nasceu em Cuiabá (MT) em 19 de dezembro de 1916. Viveu parte de sua infância no Pantanal, onde pode sentir a terra em seus pés, e a possibilidade de conviver entre os bichos, coisas e objetos que chamavam a atenção do futuro poeta conforme aponta trecho da sua biografia no site da Fundação Manoel de Barros. No período escolar Barros fora para Campo Grande e posteriormente para um colégio interno no Rio de Janeiro, assim tendo contato pela primeira vez com os livros do Padre Antônio Vieira, com o qual se identificou e viu-se diante daquilo que viria a ser o seu mais ímpeto e verdadeiro ofício, ser poeta. E desta forma foi tomado pelo gosto da escrita e conseqüentemente da poesia.

Tinha 13 anos, no internato dos maristas. Era sozinho, não tinha parente, ficava lá no recreio, jogando futebol. Tinha um padre meu amigo que jogava futebol, e jogava de batina. Era talvez o mais desprezado do colégio, porque vivia sujo. Mas era também o mais inteligente mais culto. (...) Ele então me deu Padre Antônio Vieira. Fiquei deslumbrado com Vieira. E descobri que a importância da literatura é a harmonia da frase. Descobri a frase. (BARROS, 2009, O ESTADO).

E é no sentido primário da palavra descobrir, ou seja, de tirar o véu que até então encobria, por assim dizer uma habilidade de Manoel, que a escrita torna-se para o poeta como uma forma de encontrar um afeto, uma saída para lidar com o próprio deslocamento.

Manoel de Barros elege ao longo de sua obra uma poesia que direciona um olhar ao desimportante, as coisas (aparentemente) desimportantes, e mais, faz com que sejam tratadas e retratadas como uma espécie da mais singela homenagem para com aquilo que se assemelha a identificação do poeta, ao tempo em que trata das coisas e situações mais mnêmicas e in-úteis do ser.

Barros proporciona em sua poesia uma funcionalidade para o que não é idealizado, faz de um lugar onde não se pode planear, para um lugar onde tudo pode ser.... Um devir. Como pode ser observado no trecho a seguir, “Não é por me gavar, mas eu não tenho esplendor. Sou referente pra ferrugem, mais do que referente pra fulgor. Não serei mais um pobre-diabo que sofre de nobrezas, só as coisas rasteiras me celestam” (BARROS, [1993] 2015, p. 97).

Manoel de Barros através de uma sutileza peculiar destina seu ponto de vista acerca do que o cerca, colidindo a notável complexidade da beleza com a profunda simplicidade das coisas (que, por alguma razão, foram esquecidas e/ou desprovidas

de valor), na medida em que resgata um mundo de simples absurdos que ha muito foi deixado pelo homem ao preço de um ideal de sociedade como testemunhamos nos dias atuais, onde o homem não possui escolha a não ser, se tornar o ideal de si mesmo e do outro e conforme demonstra, através do poema Autorretrato falado:

Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios. Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos, fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz. (BARROS, [1993] 2015, p. 89).

E desta forma, ao direcionar o olhar não apenas para uma infância pantaneira, Barros também reivindica uma nova função, um novo olhar e uma possibilidade para as coisas e objetos a sua volta, fazendo do habitual, o extraordinário, como pode se observar, por exemplo, em Bernardo personagem presente em alguns dos poemas do autor, como em “Ele é quase árvore” (1993), Bernardo guarda em seu velho baú alguns itens e instrumentos de trabalho da invencionaria de Barros, como “um abridor de amanhecer”, “um prego que farfalha”, “um encolhedor de rios”, e “um esticador de horizontes”. (BARROS, 1993). Manoel de Barros está para a possibilidade tanto quanto a falta está para o desejo, ou seja, faz-se o possível onde quer que possa devir.

Houaiss (1992) refere-se à poesia de Manoel de Barros como uma invenção poética que possui personalidade própria, rara até entre os grandes poetas, e complementa que o tempo em que somos inspirados pelo divino, somos com a mesma destreza, capazes de praticar as maiores torpezas com os nossos semelhantes. Dito isso, torna-se encantador ver irradiar de maneira tão pertinente e harmoniosa na poesia de Manoel de Barros a certeza de que entre o homem e o caramujo há um nexó necessário que deveria nos tornar seres mais solidários com a vida. Barros convence com a doçura e adequação de suas palavras, que pode ser possível, um caminhar confortável através da vida, uma prece de harmonia na vida universal, um momento de bondade em que há algo de irônico, de lírico, de doce, de solitário e esperançoso. “A poesia de Manoel é um maravilhoso filtro contra a ignorância, a exploração, a estupidez, a cobiça, a burrice, não se propondo, ao mesmo tempo ensinar nada a ninguém, senão que a vida”. (HOUAISS, 1992 p. 6).

Barros quebra com a fragilidade do que é indubitável, não se deixa cercar pelas leis gramaticais e permite-se a inventar, a incorporar a imagem ao verbo, como um atrevimento de criança. Como figura a seguir “Em poesia que é voz de poeta, que é voz de fazer nascimento, o verbo tem que pegar delírio, (...) como quando a criança

diz: Eu escuto a cor do passarinho” (BARROS, 1994, p.17). É através da desconstrução acerca da habitualidade, que o poeta produz uma palavra imaginativa e assim mutua-mente, como evidencia nesta sequência poética, ao dizer que “imagens são palavras que nos faltaram – poesia é ocupação da palavra pela imagem – poesia é a ocupação da imagem pelo ser” (BARROS, 1956 p. 20).

Desta forma o poeta também desconstrói a própria identidade, pois busca o valor ao des-saber, busca em si e no mundo uma existência que não esteja fadada ao cumprimento do consuetudinário e que carrega consigo o ouro das inutilidades, aproxima-se assim com simplicidade a complexidade dos próprios abismos, e compreende a importância das pequenas coisas desimportantes:

A identidade do poeta é forjada no des-saber. A poesia está na altura da criança, “nas coisinhas do chão/ É um olhar para baixo que nasci tendo./ É um olhar para o ser menor, /para o insignificante que eu me criei tendo.³³ A infância em Barros é vivida na maturidade como recurso de resgate e possibilidade de brincar/ser/ desaprender no presente e como tal constitui um olhar especial, cheio porque vazio. Aparentemente uma desvalorização ou deboche, sugere um truque pela consciência do seu oposto – o que pressupõe a utilização consciente do des-saber como estratégia. Por isso o adulto precisa alcançar a ignorância das coisas, resgatar o momento anterior à conceituação, enfim, desaprender, porque ser bocó, ser simples é paradoxalmente a condição para ficar com a complexidade dos abismos. (RIBAS, 2011 pag. 147).

Se até o presente parágrafo a compreensão da poesia de Barros indica um grau elevado de complexidade, é por assim dizer, que o poeta aborda em si a própria complexidade. O objetivo da poesia de Manoel de Barros não está na categoria do explicável, mas sim na função de des-explicar e porque não? De des-idealizar? Castello (2015) ressalta que a poesia barroneana ultrapassa a razão e se apega à infância, momento da vida que os sentidos estão ainda para serem estruturados. O caráter infantil possui a liberdade de cultivar a visão indireta e enviesada sobre as coisas, um olhar volúvel e não reto. A razão ainda não pertence ao modo como contempla e enxerga o mundo, podendo assim trabalhar com inversões, descolamentos e deformações, como toda uma realidade que se inverte ao dizer que, “o córrego ficava a beira de um menino” (BARROS, 1998), ou “eu pendurei um bem-te-vi no sol” (BARROS, 1993), Manoel de Barros desconstrói a si próprio através da palavra. Barros desta forma cria uma maneira de tentar liberta-se da censura do bom senso, não apenas do próprio poeta, mas do valor célebre e da verdade absoluta que os adultos, em geral, atribuem às palavras. “Um primeiro ponto da poesia barroneana

que vale ser destacado é o criancamento da palavra, ao modo como figura à linguagem ao expor suas ignoranças poéticas”. (SILVA, 2009, p. 542).

Barros ao que parece é desobediente com a escrita e com a palavra, mais precisamente com o sentido da língua, porém, como mencionado anteriormente essa possível desobediência trata-se na verdade de uma desconstrução, e não a faz perder o sentido, mas sim encontrar outros sentidos possíveis, um olhar para aquilo que é e está, entretanto, foi negado ou deixado na categoria dos esquecidos. Esse olhar de tom aparentemente infantil, abusado e ao mesmo tempo reconciliador, é capaz de provocar e levar a uma possível reflexão acerca das coisas que estão ao redor, onde o homem se redescobre através desses novos sentidos. (GONÇALVES, 2012).

Ao observar o poeta fazendo com que a escrita apresente um caráter privilegiado, e por sua conduta singular, Barros propicia que uma linha possa ser traçada em direção com o trabalho da psicanálise, mais propriamente com o de Freud em “Escritores criativos e devaneios” (1908), quando aponta um elo entre a criança e o poeta através do ato criativo. Como uma forma de tornar a imaginação palpável num sentido de uma desconstrução não apenas estética, mas também da de um poeta que propõe uma travessia para além do que o sujeito tem como pragmático.

A PSICANÁLISE E O ATO CRIATIVO

Freud em seu texto “Escritores criativos e devaneios” ([1908] 2015) inicia com uma interessante e particular curiosidade em identificar no poeta/escritor meios que forneçam e/ou indiquem um ponto de acesso para o ato criativo, bem como de que maneira é permitido aos escritores que as palavras em seu domínio tornam-se capazes de provocar o mais relicário e profundo significado para aqueles que apreciam o seu feito. Dito isso, a curiosidade estende-se à medida que ao ser interrogado em qual fonte a água da poesia é tragada ou então de onde vem tal inspiração para o ato de sua criação artística, o poeta/escritor será de certa forma vago e não suficientemente claro, de maneira a indicar que não existe em si, ou em outra extensão, tal privilégio. De modo a assegurar que “no íntimo somos todos poetas, e só com o último homem morto morrerá o último poeta” (FREUD, [1908] 2015, p. 77), e se Freud em 1908 já indicaria essa imprecisão do poeta, Manoel de Barros, cem anos depois, em 2009, a ratificaria novamente ao dizer que “inspiração conheço só de nome” e ainda, “sempre que desejo contar alguma coisa não faço nada, mas sempre que não desejo contar nada, faço poesia” (BARROS, 1997, p.12).

Entretanto para tal pergunta, a imprecisão do poeta em sua resposta não se vincula ao resultado de um segredo a sete chaves, mas sim a uma questão que remete a sua criação por uma via tão natural quanto enigmática para o mesmo. “O artista mostra em sua obra o extrato de seu inconsciente, a sua verdade latente, ou ainda, uma representação indizível do desejo do inconsciente”. (GUZZO, 2007). Doravante, utilizou-se a nomenclatura poeta para representar a categoria dos escritores neste presente exercício, bem como há de ser justo para com quem o trabalho apresentado utilizou-se do material, ou no caso, a poesia de Manoel de Barros.

Em caráter investigativo, bem como pertencente ao da psicanálise, Freud em *Escritores criativos e devaneios* ([1908] 2015) busca uma implicação com o fenômeno que o poeta produz, levantando assim uma possível e interessante hipótese ao observar na infância os primeiros traços de atividade imaginativa. Explanando que a criança ao brincar se comporta da mesma maneira que o poeta, pois é na medida do brincar que a criança, reajusta os elementos da realidade socialmente compartilhada, de modo que possa dar conta melhor dela segundo os seus recursos de maneira que sejam mais prazerosas, ora, da mesma forma que o poeta através de seu ofício.

Será que deveríamos procurar na infância, já os primeiros traços de atividade imaginativa? A ocupação favorita da criança é o brinquedo ou os jogos. Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, ou melhor, reajusta elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade? (FREUD, [1908] 2015, p.82)

O pensamento freudiano aponta no artigo de 1908 algumas ressalvas. A primeira leva em conta que, ao contrário do que poderia supor, as crianças tomam a sério esse mundo na qual estão inseridas com suas fantasias e medos, uma vez que é reconhecido investimento de emoção para tal ação. E a segunda demonstra que a antítese do brincar não é o que é sério, mas sim o que é real. De fato, mesmo com a emoção dispensada para com o seu mundo imaginativo, a criança igualmente ao poeta, é capaz de distinguir perfeitamente entre este mundo inventado e a realidade, capaz até de utilizar-se disso para ligar seus objetos e situações imaginativas às situações da própria realidade. Essa conexão é tudo o que diferencia o brincar infantil do fantasiar:

O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasia que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade. (FREUD, [1908] 2015, p.86)

A necessidade de enfatizar entre o brincar e o fantasiar se dá pelo fato de que, como observa Freud ([1908] 2015), quando a fase da criança chega ao seu ciclo final e então dá lugar para a vida adulta, este adulto já não brinca mais (no dicionário de sinônimos, uma expressão de sentido aproximado a palavra brincar, é recrear-se, interessante pensar na relevância deste termo em sua sonoridade, e que talvez como adultos devêssemos nos recriar mais em nosso cotidiano). Não se permite estar em contato, ao menos a nível consciente, com a sua imaginação e infantilidade tão presente e dominante quanto na época com a qual isso é aceitável e permitido, ou seja, quando adulto o sujeito não se entrega aos seus desejos, ou melhor, a lidar com a sua falta de maneira tão honesta e franca quanto quando era uma criança, o que não quer dizer que não busque satisfação de alguma forma. Dito isso, “a criança em crescimento, quando para de brincar, só abdica do elo com objetos reais; em vez de brincar, ela agora fantasia. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de devaneios” (FREUD, [1908] 2015, p.92)

Essa é uma das notáveis similaridades que Freud ([1908] 2015) faz entre o poeta e a criança, de maneira a elucidar tal dificuldade do adulto em se haver com os seus desejos, uma vez que o adulto envergonha-se de algumas de suas fantasias, ora por serem consideradas infantis ou até mesmo proibidas, e como afirma Freud, “toda fantasia é a realização de um desejo” (FREUD [1908] 2015, pg. 94). O que torna o recriar algo de fácil consumação para a criança, seja diante da realização de um desejo ou diante da própria angústia, como pode concluir Freud ([1920] 2015) ao observar o neto Ernest recreando-se com o carretel de linha, fazendo com que o objeto desaparecesse e aparecesse na medida em que a criança o arremessava por entre a cortina e o puxava de volta para perto de si:

Para elaborar o afastamento da mãe, o pequenino transformava a ansiedade e separação vivida de forma passiva em algo ativo por meio de sua brincadeira. Simbolicamente o carretel representava a mãe, e ele tinha o “poder” de coloca-la longe ou perto dele, minimizando assim a sua angústia frente a separação por meio da capacidade simbólica. Esta criança não chora com a partida da mãe, ao contrário, transforma essa experiência em jogo. (CASTRO & STURMER, 2009, p. 29)

As fantasias das pessoas adultas, como aponta Freud ([1908] 2015) são menos fáceis de observar do que o recrear-se das crianças. A criança brinca sozinha ou estabelece de certa forma um sistema psíquico fechado com outras crianças, com olhar direcionado a este jogo, e mesmo que não brinque na presença dos adultos, não

lhes oculta seu brinquedo, seu brincar, seu intento. O adulto envergonha-se de suas fantasias, o encobre das outras pessoas. Afaga suas fantasias como seu bem mais precioso, e em geral optaria a confessar suas falhas do que confiar a outro suas fantasias, seus ensejos.

A busca para um possível esclarecimento acerca ato criativo do poeta em como se dá esse movimento por meio de uma estética encantadora, Freud ([1908] 2015) se debruça, e volta o olhar em uma possível comparação entre a criação do poeta ao do brincar infantil. Moraes (2006) acredita que nessa comparação possa aludir a uma esfera significativa acerca dessa fase da vida, se tornando então, não apenas uma comparação dinâmica, mas também de um ponto de vista altamente valioso:

Se a nossa infância nos fascina, é talvez por ser ela em si o tempo de fascinação, de estarmos fascinados com a fascinação materna, idade dourada, tabularasa das primeiras impressões, fadadas a reluzirem vida afora, claro brilho de uma época, fonte de todos os poderes de encantamento. Mesmo se um poeta estivesse encerrado numa prisão minúscula, tendo á sua frente apenas muros embolorados, ainda assim tiraria o seu material poético de recordações de sua infância. Ou dos desenhos do bolor esverdeado impregnando os muros, ou dos odores que impregnam o espaço. Tudo a ser escrito está dentro de nós, basta achá-lo. (MORAIS, 2006, p.22).

Notavelmente esta é observação pertinente capaz de acompanhar o raciocínio de Freud através do trajeto que percorre na exploração da criação artística, e mais, talvez respondendo a pergunta de Freud acerca do encanto que o poeta produz em quem aprecia a sua obra. Seja devido a certa cumplicidade que cria com o leitor que então toma aquela mensagem para si e a usufrui, e com ela se realiza para com seus próprios anseios. (MORAIS, 2006).

Em vias não apenas comparativas, mas de forma a complementar e elucidar de maneira significativa esta busca e olhar pela janela da psicanálise acerca do poeta e as possíveis articulações com ato de brincar infantil, conforme demonstra Freud em *Escritores criativos e devaneios* ([1908] 2015), visto que sua utilidade se fez presente até o quanto foi interessante para este trabalho, não necessariamente encerrando a questão da criança e o brincar, mas a acrescentar, em suma, um poeta que nos demonstra de forma única esta “comparação freudiana” entre a criança e o poeta, por isso acredita-se ser pertinente à escolha como representante da poesia, Manoel Barros.

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho, Por motivo de ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. E com esta senectez atual me voltou a criances. Acho que o que eu faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo de milho era boi. Eu era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (BARROS, [1993] 2015, p. 15)

Como demonstra Manoel de Barros ao tomar em sua poesia uma maneira de elucidar a infância como o núcleo de seu ato criativo, se aproxima muito do pensamento freudiano acerca desse movimento do poeta e da criança, não que esse fosse o objetivo para tal exercício, entretanto, Barros proporciona pela via poética o que Freud ([1908] 2015) propôs em seu trabalho ao buscar no poeta/escritor meios que indicassem o caminho por qual percorre o artista até a execução de sua arte. Certo de que Barros (2009) estivesse sendo honesto acerca de sua imprecisão no que compete à raiz da poesia, ao dizer sobre a inspiração e que a mesma a conhecia apenas por nome. É no cerne de seu trabalho que se pode compreender onde a inspiração emerge, e mais, aproxima a poesia e a psicanálise, ao menos por enquanto ao ponto em que a dinâmica criativa do artista “repete” um movimento infantil para dar vida ao seu trabalho.

No que contempla Barros ([1993] 2015) através de seu poema Manoel por Manoel, o que aproxima o poeta do mundo com tamanha compaixão e sensibilidade se deve ao fato de buscar um retorno na infância e assim representar com a sua atualidade, de uma maneira que recolhe no passado um afeto para com o qual ainda carrega as marcas e se utiliza deles para uma possível conciliação com o presente e

ainda lança um olhar para o futuro. Sobre esta relação entre passado, presente e futuro interligados pelo fio do desejo, “o poeta no presente busca em suas vivências passadas material para o seu escrito e o lança no futuro, a dizer o que não sabe e mais do que quis dizer, o poema sabe mais que quem o escreve” (MORAIS, 2006).

A ANGÚSTIA, A POESIA, O OBJETO A.

Na medida em que o enlace sobre uma possível interlocução entre a poesia de Manoel de Barros e a psicanálise se torna viável durante o percurso do presente artigo, sendo apresentada uma breve introdução acerca da vida e obra do poeta Manoel de Barros, e a partir de uma contemplação sobre o trabalho realizado por Freud em *Escritores criativos e devaneios* (1908), mediante a comparação do ato criativo do poeta ao brincar infantil da criança, sendo essa observação, apresentada apontada, aludida e posta em exercício apoiada aos estudos e pesquisas realizadas. Desta forma, chegamos ao ponto em que o artigo apresenta uma possível interlocução entre a poesia e a psicanálise. Acrescento então, uma interface para que este enlace seja capaz de ser fixado.

A abordar a angústia no Seminário, livro X, Lacan propicia a definição do status do objeto em sua teoria, não por menos, traz a angústia para a categoria dos afetos e ainda, a única maneira de falar sobre o objeto a seria através desta estrutura, ou seja, a angústia. “Se ele se inscreve no âmbito de um Seminário que intitulei de A angústia, é por ser essencialmente por esse meio que se pode falar dele, o que também quer dizer que a angústia é sua única tradução subjetiva”. (LACAN [1962-1963] 2005, p. 113).

O objeto a apresenta uma dimensão que ultrapassa qualquer tentativa de retrata-lo em sua íntegra no presente trabalho. Dessa forma limitou-se a apontar o que Lacan propõe ao enunciar as possibilidades estruturais da manifestação do objeto a, como, objeto causa do desejo e a angustia sendo o afeto fundamental que acomete o sujeito em sua falta, e na impossibilidade de nomear este objeto. Lacan adverte sobre a causa do desejo e não objeto do desejo.

O que se deseja? Não é o sapatinho, nem o seio, nem seja o que for em que vocês encanem o fetiche. O fetiche causa o desejo. O desejo, por sua vez, agarra-se onde puder. Não é absolutamente necessário que seja naquela que calça o sapatinho; este pode estar em suas imediações. Sequer é necessário que seja ela a portadora do seio; o seio pode estar na cabeça. Mas todo o mundo sabe que, para o feticheista,

é preciso que o fetiche esteja presente. O fetiche é a condição mediante a qual se sustenta o desejo. (LACAN, [1962-1963] 2005, p. 116)

Entretanto será de grande valia demonstrar como a produção do inconsciente literário na poesia de Manoel de Barros se revela através desta escrita que contempla os detalhes rasteiros do ser, a ponto de observar como o desejo se apresenta e se faz valer através de cada alusão ao nada, ao vazio e por assim dizer a falta. Conceito este que em seu íntimo apresenta tarefa desafiadora. Dizer algo sobre o objeto a não é uma proposta simples, pois não se trata de um objeto como os demais, pertencente ao mundo do especular, mas, ao contrário, trata-se de um que é extraído dos demais. “Sobre o objeto a no ensino de Lacan, teria de dizer que, no Seminário X, Lacan o enuncia pela primeira vez e, a partir daí, este objeto vai passar por transformações e especificações” (WOLODARSKY, 2006).

Da mesma forma em que Freud ([1908] 2015) busca por intermédio de um caráter investigativo acerca da funcionalidade criativa do poeta, Lacan ([1962-1963] 2005) insiste em averiguar a qualidade e posição a qual pertence ao objeto a, como em qual lugar poderia se localizar, e supondo que essa proposta fosse cabível, e nos lembra de que reconhecer-se como objeto do próprio desejo é sempre uma posição masoquista. Mas ainda, de masoquista só se faz no palco, e mais, demonstra o que acontece quando já não se pode mais sustentar essa atuação. “Quando não estamos em cena, quando ficamos aquém dela e procuramos ler no Outro qual é sua questão, só encontramos aí, em x, a falta” (LACAN, [1962-1963] 2005 p. 121).

De fato, o objeto liga-se a sua falta necessária ali onde o sujeito se constitui no lugar do Outro, isto é, o mais longe possível, no irreduzível do incógnito – não podemos dizer incognoscível, já que falamos dele, é aí que se estrutura e se situa o que, em nossa análise da transferência, produzi diante de vocês o termo ágalma. É na medida em que esse lugar vazio é visado como tal que se institui a dimensão sempre negligenciada, por razões evidentes, quando se trata da transferência. Esse lugar demilitado por algo que é materialização na imagem, uma borda, uma abertura, uma hiancia, onde a constituição da imagem especular mostra o seu limite, é o lugar da eleição da angústia. Esse fenômeno de borda, vocês encontraram por exemplo, em ocasiões privilegiadas, na janela que se abre, marcando o limite do mundo ilusório do reconhecimento, aquele que chamo de cena. (LACAN, [1962-1963] 2005, p. 121)

Jorge (2005) aponta que durante todo o percurso freudiano acerca da sexualidade, parte de uma premissa com qual Lacan buscou um retorno a Freud, de que, no núcleo da sexualidade humana estampa uma falta de objeto. Ao desenvolver o conceito de pulsão, Freud salienta que um dos quatro elementos que a compõem, é de que o objeto é indiferente, ou seja, dessa forma qualquer objeto pode ocupar o

lugar de objeto da pulsão, e ainda Lacan deu um nome a essa falta de objeto a. E o tomando em uma dimensão única afirmando assim, ser essa a sua única invenção teórica. “O objeto a é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importar que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido”. (JORGE, 2005, p. 139).

Desta forma Jorge (2014) esclarece que o objeto a é um objeto faltoso, ou ainda, perdido para qual o sujeito busca reencontrar, entretanto mesmo definindo como um objeto em in-existência é também definido como a causa do desejo, e na medida em que esteja ancorado a causa, mantém uma relação absolutamente presente com a falta.

Compreendendo esta possível definição do autor, e o intento deste exercício em acomodar a poesia e psicanálise na mesma direção, desta vez não em identificar o ato criativo apenas, mas a comunhão deste movimento do poeta através do que discorreremos sobre o objeto a, elenco abaixo o trecho do poema de Manoel de Barros, “Os deslimites da palavra” ([1993] 20015):

Ando muito completo de vazios.
Meu órgão de morrer me predomina.
Estou sem eternidades.
Não posso mais saber quando amanheço ontem.
Está rengo de mim o amanhecer.
Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.
Atrás do acaso fervem os insetos.
Enfieí o que pude dentro de um grilo o meu destino.
Essas coisas me mudam para cisco.
A minha independência tem algemas.
(BARROS, [1993] 2015, p. 43)

Como é possível de observar no poema de Barros, a primeira frase aponta um jogo de palavras. Ao dizer ando muito completo de vazios, nota-se nessa manifestação poética o que Lacan propõe ao conceituar acerca da angústia como estatuto da falta, neste caso a angústia como ausência da falta. A predominância do órgão de morrer, órgão este não elegível, muito menos seletivo, seria uma alusão a um objeto que não existe e ainda obtém o domínio sobre o poeta. O que põe no sujeito limites, tirando assim as suas eternidades, reduzindo ao acaso? Qual seria o tamanho de um destino ao ponto em que caberia em um grilo? In-existencia!

A angustia, ela não é sem objeto, e ainda que esse objeto não seja acessível pelo caminhos dos demais, não quer dizer que não exista, nem tampouco que se saiba ou que não saiba qual é, enfim, aqui encontramos a interpretação de que o objeto a não está no mundo do especularizável, mas ainda sim pode ser deduzido (a sua falta). “A angustia nos introduz, com a ênfase da comunicabilidade máxima, numa função que, para o nosso campo é radical – a função da falta” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 146).

Nesse percurso, o psicanalista demonstra que a angústia é um fenômeno de borda que sinaliza o último limite anterior ao real e ao campo do gozo, mais precisamente a angústia acomete o sujeito quando algum acontecimento o remete ao mais íntimo de si mesmo, ocasionando um corte que se abre momentaneamente, nesse momento de vacilação do sujeito, a um registro desprovido de simbolização. (TEIXEIRA & RESENDE, 2009).

De acordo com tal observação, o objeto a, está para o sujeito como aquilo que lhe escapa ao lidar com a falta, sendo aquilo para que o sujeito busca, ou ao menos tenta dar um sentido ao que escapa do real, o objeto a esse nó borromeano.

O objeto a é estabelecido como aquilo que escapa por esse corte, como algo do real que se apresenta em decorrência de alguma situação que podemos considerar traumática. Sabemos que o trauma tem relação com a fratura, com o corte. E é desse corte que se desprende o objeto a. (TEIXEIRA & RESENDE, 2009, p. 13)

Tendo em vista o que este conceito implica, o objeto a é algo de que o sujeito para se constituir, se separou como órgão (LACAN, [1962-1963] 2005, p. 101). A relação do sujeito com o que não lhe é idealizado, a relação do sujeito e os seus restos, traços e marcas. O sujeito, a falta e o desejo. “A causa do desejo é a, este objeto que está no exterior, anterior a qualquer interiorização, que pertence o objeto a, ideia de causa”. (LACAN, [1962-1963] 2005, p.116).

Ensinam-nos, com efeito, que não há nenhuma noese, nenhum pensamento, que não esteja voltado para alguma coisa. Esse é o único ponto, ao que parece, que permite ao idealismo encontrar seu caminho para o real. Mas, pode o objeto do desejo ser concebido dessa maneira? Será que é no que diz respeito ao desejo? (...) Será que o objeto do desejo está a frente? Esta é a miragem de que se trata. Para fixar nossa meta, direi que o objeto a não deve ser situado em coisa alguma que esteja análoga a intencionalidade de uma noese. Na intencionalidade do desejo, que deve ser distinguida dele, esse objeto deve ser concebido como a causa do desejo. O objeto está atrás do desejo. (LACAN, [1962-1963] 2005, p. 114-115)

Quinet (2002) propõe de maneira significativa uma possível compreensão do objeto a, observamos então. Em sua proposta ao apresentar o objeto a pela via escópica, ou seja, pelo olhar e não através dele (a visão), O objeto está naquilo que não vemos (ligado a falta), que não percebemos, está fora de uma compreensão empírica, e ainda assim não deixa de ser, aliás não deixa de existir, de nos fazer nele, como um número negativo, o fato de não estar confirma a sua existência, ou seja, a falta comprova a sua existência.

Ao elucidar a escrita do poeta Manoel de Barros (1993) em que ele diz ando muito completo de vazios, estou sem eternidades, não posso mais saber quando amanheço ontem, nota-se nesta expressão poética a função da escrita em não necessariamente buscar uma maneira de lidar com o que lhe falta, mas de se reconhecer através desta falta. “A poesia elege a falta não apenas como seu operador, mas como o seu tema, e diz invariavelmente de si mesma, mediante um retorno das línguas sobre si mesmas que sempre revela o vazio que tal percurso comporta”. (SOUZA, 2014, p. 13).

Como é possível de observar na característica do poeta, essa dimensão na escrita de Barros embarca uma maneira de elucidar e identificar através do discurso onde se encontra o EU, e nesse costume mental em encontrar o sujeito, a despeito do discurso que como lembra Lacan, sempre nos trai, onde imaginar nos situar como sujeito, situamos também “a”, de maneira a contemplar a falta e a busca pelo objeto de seu desejo. “Ali onde existe no discurso o que vocês articulam como sendo vocês, em suma, ali onde vocês dizem EU (JE), é propriamente aí que, no nível inconsciente, situa-se a” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 116).

Este objeto manterá uma duplicidade considerável, ao mesmo tempo em que será relacionado ao desejo, será apreendido também como objeto da angústia. O objeto a é o que lidamos no desejo e por outro lado na angústia (LACAN 1962-1963/2005, p. 179). Sendo assim as faces do objeto a seriam objeto causa-do-desejo e objeto causa-da-angústia E como afirma Lacan (1962-1963/2005), a angústia, não é sem objeto.

Poder-se-ia dizer então que a angústia está não apenas naquilo que por alguma razão ultrapassa o sujeito, mas também no que o atravessa e o põe através de algo, nesse objeto qualquer que seja e embora o esteja fora do sujeito vincula-se a ele de alguma forma, o instiga á algo ou aquém. E mesmo que vaguemos em prol do lúdico com a poesia manoesca, é por ser esta uma via que possibilita a

aproximação com o impossível, com o real, com o que está para o sujeito no seu mais íntimo e extimo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De paradoxos em paradoxos, Manoel enaltece o nada, ilumina o homem em sua complexa simplicidade, e também adverte sem intenção ao preço que se paga pela mirabolancia de sermos sempre mais, pagamos pelo que somos cobrados, e ainda agradecemos para aquilo ou aquele que nos impõe ao que é ser feliz.

Bauman em “A arte da vida” implica quanto ao suposto valor que o sujeito acredita empregar à felicidade, e a inocência crença de que a certeza na vida é o caminho para dias melhores - penso eu que lidar com a felicidade e a certeza pode ser a maneira mais cruel de adoecimento frente a uma demanda social e capitalista - . Pois vejamos bem, e que fique certo, "metade dos bens cruciais para a felicidade humana não tem preço de mercado nem pode ser adquirida em lojas" (BAUMAN, 2008 pag. 13).

A incerteza é o habitat natural da vida humana, ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compósitas de felicidade. É por isso que a felicidade “genuína, adequada e total” sempre parece residir em algum lugar à frente; tal como o horizonte, que recua quando se tenta chegar mais perto dele. (BAUMAN, 2009, pag. 15)

Ao que posso complementar para que prossiga o desenlace deste artigo, diria no que se refere acerca de um possível diálogo entre a poesia de Manoel de Barros e a psicanálise de Freud e Lacan, que não apenas se fez presente neste exercício como também, se mostram dispostas a um diálogo com outros campos que caminhem na contramão de qualquer discurso ou conduta que idealize o homem, a vida e principalmente a felicidade. Tampouco que determine o que é ser saudável, ou que torne socialmente saudável o que quer que seja diante da vida. A poesia de Barros e porque não, até mesmo a própria poesia bem como a psicanálise está para além de qualquer estereotipo que se preste a saudar o sol em domingos depressivos e selfs no facebook com frases humanistas. Deixemos de ser governados por um discurso que capitaliza o homem dentro de uma cartilha de normas técnicas de indivíduos roboticamente saudáveis ou infelizes bem sucedidos, guiados por personal coachings tais como, rabulas, endomingados e engravatados, sejamos menos para sermos maiores do que qualquer culpa que possa surgir diante de tempos cruéis, em que o

homem se torna escravo da “felicidade”. Creio que o amor esteja em pequenas coisas e em pequenas casas, voltemos à simplicidade e a coerência de nossos atos falhos. Voltemos, a saber, de que barro(s) somos feito e talvez não precisemos viver como se fossemos feito de ferro.

REFERÊNCIAS

- BARROCAS, Ricardo Lincoln Laranjeira; MARTINS, Osvaldo Costa. O fantasiar metapsicológico do psicanalista e aquele do escritor criativo: semelhanças e distinções. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 8, n. 3, p.50-53, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682012000300008>. Acesso em: 24 set. 2016.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfabeta / Objetiva, 1994. 120 p.
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Campo Grande: Alfabeta / Objetiva, 1996. 100 p.
- BARROS, Manoel de. *O fazedor de amanhecer*. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001. 42 p.
- BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. 2. ed. BRASIL: LEYA BRASIL, 2013. 480 p. v. 1.
- BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2015. 168 p.
- BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 233 p.
- CASTRO, Maria da Graça Kern; STÜRMER, Anie (Org.). *Crianças e Adolescentes em Psicoterapia: A abordagem psicanalítica*. Brasil: Artmed, 2009. 357 p.
- DOMINGOS, João (Org.). Cautela e poesia em entrevista inédita de Manoel de Barros. *O Estadão*. Brasília, p. 1-2. abr. 2001. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,cautela-e-poesia-em-entrevista-inedita-de-manoel-de-barros,1592199>>. Acesso em: 04 set. 2016.
- GONÇALVES, Wellington Bueno. *MANOEL DE BARROS: o poeta das coisas sem importância. Uma poesia sobre nada*. 2012. 21 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Ufpr, Curitiba, 2012. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1245/1/CT_LBHN_VII_2012_20.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2016.
- FREIRE, Giovana Guzzo (Org.). *Psicanálise e Arte*. *Boletim do Ágora Instituto Lacaniano*, Campo Grande, v. 2, n. 2, p.3-42, set. 2007.
- FREUD, Sigmund. *Um Caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1905. 400 p.
- FREUD, Sigmund. *"Gradiva" De Jensen e Outros Trabalhos 1906-1908 Vol. IX*. Rio de Janeiro: Imago, 1908. 243 p.
- FREUD, Sigmund. *Escritores criativos e devaneios*. Ed. Cidade. Editora, 1908.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Penguin e Companhia das Letras, 1929. 96 p.
- GUEDES, Denise de Fátima Pinto. Uma introdução ao conceito de objeto a. *Psicanálise & Barroco em Revista*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p.159-174, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/15/p&brev15guedes;.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2016.
- JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: As bases conceituais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 192 p.
- LACAN, Jacques. *O Seminário – Livro 10 – A Angústia*. 1. Ed. [S.I.]: Zahar, 2005. 368 p.

MANOEL de Barros - Documentário 'Só dez por cento é mentira'.. Direção de Pedro Cezar. Campo Grande: Estante de Vídeo & Áudio-livros, 2009. site, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QZLC8wNVtfs>>. Acesso em: 02 set. 2016.

MANOEL DE BARROS (Org.). Fundação Manoel de Barros. Disponível em: <<http://www.fmb.org.br/>>. Acesso em: 08 ago. 2016.

MORAIS, Marília Brandão Lemos. Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, p.18-39, set. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100008>. Acesso em: 30 out. 2016.

PUCHEU, Alberto. Manoel de Barros: em que acreditar senão no riso? Estudos Avançados, São Paulo, p.13-41, set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000300018&lang=pt>. Acesso em: 02 nov. 2016.

QUINET, Antonio. Um Olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 312 p.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Só dez por cento é mentira, a desbiografia poética de Manoel de Barros: Poesia, vida & documentário. 2011. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/235128-So-dez-por-cento-e-mentira-a-desbiografia-poetica-de-manoel-de-barros-poesia-vida-documentario-multiplos-eus-falando-de-si-documentarista-e-poeta.html>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

RINALDI, Doris. Escrita e Invenção. [S.l.: s.n.], 2007. 52 p.

ROCHA, Jeferson Mello. Freud e o Dichter, ou “Por que a literatura?” 2015. 37 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141701/000992177.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 08 set. 2016.

SILVA, Célia Sebastiana. Manoel de Barros: Sem margens com as palavras. 7. ed. Goiania: Fragmentos de Cultura, 2009. 550 p.

SOUZA JUNIOR, Paulo Sergio de. A poesia, o amor e o fracasso do inconsciente. Rio de Janeiro: Trivium, 2014. 15 p. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912014000200003>. Acesso em: 12 out. 2016.

STENNER, Andréia da Silva. A Identificação e a Constituição do Sujeito. 2. ed. Brasília: Psicologia: Ciência e Profissão, 2004. 59 p. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n2/v24n2a07.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra; VORCARO, Ângela Maria Resende. 2009. A formulação do objeto a a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300006>. Acesso em: 05 abr. 2016.

**SUBJECT, SPEECH AND IDEOLOGY: A PSYCHOANALYTICAL
POETRY AND PSYCHOANALYSIS: A POSSIBLE DIALOGUE BETWEEN
MANOEL DE BARROS, FREUD AND LACAN.**

Abstract

The present article sought to present characteristics of the poetry of Manoel de Barros in a possible dialogue with the psychoanalysis of Freud and Lacan. The developments for this link came through the psychoanalytic perspective of the Freudian text of *Creative Writers and Daydreams*, and Lacan's concept of object, both articulated to cast a glance under the singularity in the poetry of Manoel de Barros, in poems that depict the subject in its simplicity, incompleteness, and more, proposes man as functional even in the place of not idealized.

KEYWORDS: Poetry. Psychoanalysis. Manoel de Barros. Freud. Lacan. Object
a.

POÉSIE ET PSYCHANALYSE: UM DIALOGUE POSSIBLE ENTRE MANOEL DE BARROS, FREUD ET LACAN.

RÉSUMÉ

Le présent article a cherché à présenter les caractéristiques de la poésie de Manoel de Barros dans un éventuel dialogue avec la psychanalyse de Freud et de Lacan. Les développements pour ce lien sont venus de la perspective psychanalytique du texte freudien des écrivains créatifs et des rêveries, et du concept d'objet de Lacan, tous deux articulés pour jeter un coup d'œil sous la singularité de la poésie de Manoel de Barros, dans des poèmes sujet dans sa simplicité, l'incomplétude, et plus, propose l'homme comme fonctionnel même au lieu de dés idéalisé.

MOT-CLÉS: Poésie. Psychanalyse. Manoel de Barros. Freud. Lacan. Objet a.

Recebido em: 02-12-2018

Aprovado em: 25-04-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

QUANDO EU PERDI VOCÊ, GANHEI A APOSTA: AMOR E DESEJO NA NOVELA A DÓCIL, DE DOSTOIÉVSKI

*Caciana Linhares Pereira*¹

*Camila de Sousa Ricart*²

RESUMO

Este trabalho surgiu do desejo de, através da obra de Dostoiévski (1821-1881), fazer uso do laço fundado por Freud (1856-1939) entre a Psicanálise e a Literatura, seguindo o argumento que situa a Arte como produtora de testemunhos do inconsciente. Uma obra particular, *A Dócil* (1876), permitiu que apreendêssemos aspectos fundamentais do modo como desejo e amor podem se articular na neurose obsessiva. A contribuição que a Psicanálise aporta sobre o tema permitiu articular o texto literário à teoria e nesse percurso algo novo se produziu. O modo como a novela apresenta o desejo e o amor permite escutar um modo próprio que Freud já havia perscrutado na neurose obsessiva, mas, o que pareceu central foi perceber que o escritor segue uma ética que nos é familiar: aponta para a face negativa do desejo e ao impossível que atravessa a experiência amorosa.

PALAVRAS-CHAVE: Dostoiévski. Amor. Desejo. Neurose Obsessiva.

¹ Psicanalista. Professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.

² Psicanalista. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Fortaleza.

INTRODUÇÃO

A novela que aqui tomamos como objeto de investigação foi concebida no período maduro da escrita do russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881). Trata-se da narrativa de uma relação a partir da visão de um marido atormentado pela culpa. A história inicia ressaltando o irreparável da morte: após o suicídio da esposa, o marido passa a rever em pensamento os fatos que levaram tudo até ali. Tratava-se de reconhecer onde o sistema que criara, desde o momento em que travaram conhecimento, havia falhado. Os modos apresentados na narrativa, indicam-nos caminhos que confirmam o laço fundado por Freud entre a Literatura e a Psicanálise.

No período da escrita da novela *A Dócil* (1876), já em seus últimos anos de vida, literatura e jornalismo travam uma batalha no ofício de Dostoiévski, indicando a recusa em separar de forma estanque aquilo que podia recolher da vida mesma – o realismo aqui se justifica – e o trabalho que a escrita pode realizar nesta mesma vida. Aqui, o fantástico invade a escrita. “Intitulei-a “fantástica”, ainda que eu mesmo a considere realista ao extremo. Mas o fantástico aqui existe de fato, e mais precisamente na própria forma da narrativa...”. (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 13). O fantástico é o estenógrafo: a função de capturar a voz.

Pois a hipótese do estenógrafo que anotaria tudo (cujas anotações eu depois retrabalharia) é o que chamo de fantástico nesta narrativa. Em parte, porém, algo semelhante já foi admitido mais de uma vez, na arte: Victor Hugo, por exemplo, na sua obra-prima *O último dia de um condenado*, usou quase o mesmo procedimento e, embora não tenha concebido o estenógrafo, admitiu uma inverossimilhança ainda maior ao supor que um condenado à morte fosse capaz (e tivesse tempo) de escrever memórias não só no seu último dia como até na última hora e literalmente no último minuto. Mas, não admitisse ele essa fantasia, não existiria a própria obra – a obra mais realista e mais verdadeira de todas as que escreveu (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 14-15).

Fantasia aqui não equivale à invenção ou imaginação, e propomos esta leitura por sua posição homóloga ao pensamento, quando afirma ser este uma exigência. Para o escritor, o instante não pode comportar nenhum pensamento, mas é uma exigência supor sua existência, pois depois, é este pensamento que se reencontra. Aliás, este pensamento chega mesmo a assumir a forma daquilo que sempre vai estar lá. Sempre... com a condição de que seja... depois. O pensamento surge como produto de um trabalho, de uma extenuante captura da voz. Mas, aqui, como objeto a, ela não pode ser reunida formando um pensamento. Ela – a voz – só pode ser recolhida em pedaços que não se reúnem sem deixar resto. Daí a verdade surgir,

junto com o pensamento, ao final: a verdade, como causa da voz, só pode ser encontrada ao preço da morte, pois aparece na sua escala invertida. Não se trata, mais uma vez, de advogar uma verdade evanescente, relativa, mas de fabricar seu lugar e, num só ato, invertê-lo: a verdade, fruto de um trabalho com os pedaços da voz, pode ser encontrada... mas, estava, de repente, no começo. A verdade, como causa da voz, é encontrada ao final, mas sob a condição de resto.

Dostoiévski nos diz que transtornado, o narrador em *A Dócil* fala sozinho, tenta esclarecer para si mesmo o que aconteceu num instante. De uma fala onde compõem contradições, justificações, acusações, ele se aproxima cada vez mais da verdade. Ao lhe surgir a verdade, fruto deste trabalho árduo de esclarecimento, o que também lhe surge é a morte – expressão máxima da alteridade, expressão máxima de um impossível no cerne de toda experiência ou de todo amor possível. Esta morte no centro de tudo, esta alteridade radical é recolhida ao final, como resto. Não se trata, portanto, de advogar ou fazer apologia de um vazio, de um não dito com ares de evanescência que só presta contas com a gratuidade e a inconsequência. Trata-se, aqui, de levar muito a sério a queda de uma consciência transparente a si mesma, a queda de uma experiência que concordaria com aquilo que dela pode ser pensável. A história não se realiza no mesmo tempo do pensamento. O querer de um não é o oposto, sequer o complemento, do outro. E desta distância, aliás, pela fabricação mesma da distância, tudo que é possível de realização se realiza. O amor realiza-se, nesta novela, sob a forma do que seria impossível capturar: captura impossível do pensamento do outro, captura impossível do corpo do outro - captura impossível, no limite, da vida do outro. A forma desta batalha pode ser entrevista pelo cadáver e o sol:

Dizem que o sol anima o universo. O sol vai nascer e – olhem para ele, por acaso não é um cadáver? Tudo está morto, e há cadáveres por toda parte. Há somente os homens, e em volta deles o silêncio – essa é a terra! “Homens, amai-vos uns aos outros” - quem disse isso? de quem é esse mandamento? (Ibid, 2011, p. 87).

E se a escrita decanta, decompõe aquilo que da vida se dá num instante, a questão é que, justamente, em Dostoiévski travam-se outras batalhas: entre o tempo do instante e o tempo decomposto; entre o realismo e o fantástico; entre o não pensado e o pensamento como exigência brutal; entre a impossibilidade da comunicação e a experiência como realização entre os homens. Se o termo batalha nos parece justo por expressar uma tensão constante em sua escrita, só será justo se

lembrarmos que não se trata, aqui, de uma batalha de pares contrários onde um dos pólos ora é vencedor, ora perdedor. Esta batalha entre quem vence e quem se submete, que atravessa e sustenta toda a novela, coloca em xeque a independência das partes (assim como a possibilidade de sua junção num todo) e apresenta, de modo avassalador, uma experiência que só pode se realizar, pois esta é sua condição, como impossibilidade de sentido, como impossibilidade de comunicação. Quem vence e quem perde são as máscaras de uma impossibilidade radical de acesso ao outro, de acesso a um sentido que uniria os amantes num só corpo, num só pensamento. A máxima lacaniana da impossibilidade da relação sexual como impossibilidade de fazer par entre os amantes e impossibilidade de fazer sentido entre os significantes assume aqui plena expressão.

É neste cerco que, sob nossos olhos, passa-se esta história de amor que só pode sustentar-se numa impossibilidade radical de comunicação e de sentido entre os amantes. Cada um em sua mais absoluta solidão, tateando em direção ao outro num encontro jamais atingido, e então somos surpreendidos pela desconfiança de que o amor – esse amor jamais acontecido, jamais possível mesmo num futuro – esteve desde sempre lá. Desde sempre é um instante - e o que se revelou rápido demais, a escrita, vai decantar buscando a expressão de seus tempos. A repetição dos termos “de repente” e “então”, destacada pelo tradutor Vadim Nikitin (NIKITIN, 2011, p. 9), é a realização, na língua, deste instante – de repente – e do seu trabalho de decomposição – então... A decomposição do tempo, a decomposição do que só pode ser como instante, é também, em Dostoiévski, a decomposição do impensável: como apresentar o pensamento de um instante, que como instante não pode ser pensável? “Talvez não fosse nada disso, talvez eu nem tivesse pensado nisso então, mas tudo isso tem que ter acontecido, ainda que sem pensamento, porque depois não fiz outra coisa senão pensar nisso a cada hora da minha vida” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 57).

Uma interrogação: o amor, na novela *A dócil*, figuraria como um fracasso na experiência dos personagens? Ou, justamente, teria se realizado neste modo mesmo de não realizar-se? A neurose obsessiva estaria, também, sob o signo de um desejo que não conhece sua plenitude? Ou atestaria a forma negativa do desejo? A escrita de Dostoiévski, a nosso ver, testemunha uma posição que não se faz nostálgica de um desejo reconhecível. O que encontramos em sua escrita parece indicar que estamos, aqui, numa experiência linguística situada na contramão das concepções

que fazem coincidir enunciado e enunciação, sentido e linguagem, consciência e experiência subjetiva.

A SUBVERSÃO DO ESTATUTO DO REALISMO EM DOSTOIÉVSKI

Ao publicar seu primeiro romance, *Gente Pobre* (1840), Dostoiévski (1821-1881) insere-se em uma tradição literária representada pelo realismo de Púchkin (1799-1837) e, mais emblematicamente, por Gógol (1809-1852). Era característica da escola a ênfase no homem comum, denominado homem sem importância (BIANCHI, 2001). De início, a obra foi acolhida pelo próprio Gógol com deleite, pois “para ele, tudo neste romance, desde o nome, os heróis e o tema, estava de acordo com o espírito da escola: a ideia, o significado social da obra desvendavam o sentido da existência sob um novo ponto de vista” (BIANCHI, 2001, p. 86). Assinalando o que Dostoiévski carrega como novo em sua escrita, devemos atentar para o fato de que o autor passa de uma perspectiva que marcava como única a voz do narrador para uma perspectiva onde a narração divide-se, distribui-se entre as vozes dos personagens – mudança que levará Bakhtin a situar Dostoiévski como aquele que inaugura a escrita polifônica. Ao trazer Bakhtin como referência, Bernardini (2008) situa o romance dostoiévskiano numa posição singular diante do gênero, uma espécie de romance que teria subvertido o cânone na medida em que é construído por uma “não objetividade (objetualidade) da consciência dos protagonistas” (BERNARDINI, 2008, p. 303). Essa ausência de evidência da consciência dos personagens se relaciona com o que indicamos anteriormente ao observar que, aqui, o narrador perdeu a onisciência, perdeu seu lugar privilegiado de olhar, conferindo lugar à voz. É nessa direção que uma ruptura é caracterizada: uma mudança na posição do narrador que implica num novo modo de presença das vozes dos personagens. Para Bakhtin, no entanto, afirmar a polifonia não equivale a outorgar um estilo único à escrita do russo: “à polifonia das vozes só pode corresponder a multiplicidade de estilos, ou seja, a multiplicidade de linguagens” (Ibid, 2008, p. 303).

Nesta multiplicidade que não se define por um único estilo ou estratégia, Bakhtin destaca, dentre outros aspectos, que Dostoiévski cria o romance polifônico ao inserir em sua obra referências de outros escritores. O *Capote*, de Gógol, por exemplo, é citado em *Crime e Castigo* (BERNARDINI, 2008) e figura ainda em diversas outras obras. Mas a polifonia na obra do escritor, na sua interpretação, destacou-se não apenas como uma forma especial de organização do material, mas também como

uma posição estética que marca o surgimento de um herói cuja voz se estrutura do mesmo modo que se estrutura a voz do próprio autor no romance comum (BIANCHI, 2001, p.71). Não apenas são várias as vozes – vozes dos personagens – mas agora há um fosso, uma distância, entre a consciência do narrador (que no romance que narra e “sabe”) e a voz do herói. Essa voz não equivale a um saber que transparece a si mesmo.

De sua posição no realismo, a crítica observa que sua escrita - ainda que compartilhando de traços próprios da ruptura que definira a perspectiva realista - inovava em muitos aspectos e lhe singularizava frente a seus contemporâneos (BERNARDINI, 2008). Gostaríamos de problematizar essa leitura de que se trataria de inovação, porque nesta afirmação a perspectiva é de um acúmulo, de um acréscimo em relação à escola realista, e na leitura que ora propomos observamos que Dostoiévski interrogou de modo radical a noção de realismo, tal como era advogada por seus escritores e críticos. Por este motivo, e por esta direção crítica expressar-se em sua escrita, muitos de seus livros foram recebidos com decepção, pois não estariam à altura do projeto realista. Seriam, por assim dizer, obras realistas, mas, paradoxalmente, anti-realistas. Do que se trata nessa polêmica que até hoje reverbera na pena de tantos críticos? Ainda que, para a exposição visada neste artigo, não seja viável aprofundar os móbeis desta problemática do estatuto do realismo em sua obra, optamos por assinalar alguns de seus elementos por se relacionarem com a problemática do estatuto da realidade e do sentido, caros para a Psicanálise e para a leitura que empreendemos aqui, na medida em que nos interessa introduzir o fato de que, na apresentação brilhante de procedimentos obsessivos, não se trata aqui de aplicar certo diagnóstico a certa personagem, mas de devolver à Psicanálise, também, o que lhe é próprio: o diagnóstico, nesta perspectiva, não se refere a uma doença, nem mesmo a uma organização subjetiva que seria disfuncional e merecedora de adaptação. Indicar que, aqui, encontramos procedimentos próprios à neurose obsessiva é indicar, num mesmo ato, que para Freud o que estava em jogo era um modo de realização do sentido que só podia operar no confronto com o outro: o sentido, longe de se realizar de forma imanente à consciência, só pode se realizar como efeito de um embate onde o outro é tomado como seu pólo negativo.

A polêmica em torno da definição mesma do realismo assume, para nós, um lugar fundamental de análise, pois encontramos aí uma polêmica fundamental em torno do estatuto da linguagem, da consciência, do sentido e da realidade. Para

Dostoiévski, o realismo não deveria ser uma duplicação superficial da realidade, pois perseguir a verdade fotográfica até os limites do naturalismo seria perseguir uma mentira. O realismo teria criado estereótipos do homem sem importância, fechando um sentido nesta imagem e, assim, teria cultuado uma relação não histórica, imóvel, com a realidade. Mais ainda: a noção mesma de realidade, sendo assim equivalente a um quadro acabado, seria mesmo contrária ao que considera realidade. Dostoiévski, assim, assume uma posição contrária a uma concepção de representação como forma acabada. Vejamos, e isso nos importa diretamente, que uma crítica desta ordem recoloca a noção mesma de representação. Dostoiévski, não à toa, viria a afirmar em uma carta ao irmão, que a incompreensão de Gente pobre teria sido a incompreensão de uma experiência linguística (BIANCHI, 2001, p. 93).

Para Dostoiévski, a consciência é um efeito, um produto que, em sua apresentação acabada, em sua forma fechada, constitui-se, no entanto, a partir de um elemento negativo: aquilo que não se pode representar, aquilo que precisa ser subtraído do campo da representação como forma acabada para que a própria ideia de representação, consciente, se realize. O retratista, “sabe, na prática, que uma pessoa nem sempre se parece consigo mesma, e por isso mesmo procura a ideia principal de sua fisionomia, o momento em que o sujeito mais parece consigo mesmo” (BIANCHI, 2001, p. 84). Capturar esse momento seria a tarefa do artista, que, sem colar-se à crença numa realidade iminente, buscaria fabricar, a partir desta captura, um “ideal”, que exige ser precisado: a essência das coisas, não sendo acessível ao homem, e sendo a reprodução uma mentira, trata-se de agir com “um pouco mais de ousadia” e menos “medo de idealizar”. A realidade iminente de um realismo superficial e equivocado seria o contrário de um realismo que seria capaz de capturar uma “realidade real”. É interessante observar que, se Dostoiévski expõe a contradição das relações e a divisão do próprio sujeito, expõe também o semblante construído em torno de noções como a pobreza, a baixeza espiritual, a bondade...

Essa colocação em xeque do procedimento mesmo de construção destes lugares comuns do sentido – que contaminou o próprio realismo – parece ser um aspecto fundamental de sua arte e difícil de ser escutado ainda hoje. De seus tipos, ainda encontramos observações como a de que o homem que se encontra à beira da miséria, “nem por isso”, deixa de ser um ser extraordinário. (BIANCHI, 2001, p. 89). “Nem por isso” quer indicar que, apesar de miserável, o homem pode ser extraordinário, quando, a nosso ver, a interrogação de Dostoiévski atinge num golpe

radical a noção comum da miséria, do tipo miserável. Não se trataria de, “apesar” disso, ser extraordinário, mas de um extraordinário necessário à constituição mesma do sentido da miséria. A dócil, em nosso caso, não seria aquela que existe “apesar” de seu outro, mas, justamente, constitui-se como seu negativo. Também na figura do usurário, encontramos uma colocação em xeque da certeza do semblante desta figura: todos os homens, mesmo o mais magnânime, poderia se tornar um usurário “e daí que eu seja um usurário? Se o mais generoso dos homens tornou-se um usurário, quer dizer que havia motivos” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.44). Não consideramos que esta interrogação posta sobre o semblante seja equivalente de uma espécie de relativismo onde tudo pode ser tudo, mas de um questionamento que incide de modo fundamental sobre toda construção que não seja dialética. A consciência assume aqui um lugar importante: contrário à noção de que esta afirmaria a si mesma e por si mesma, em Dostoiévski a consciência se faz sobre, se faz mesmo contra, um outro tomado como seu negativo. O sentido, nesta direção, também é exposto como efeito, como construção imaginária que elide a impossibilidade estrutural da ausência de sentido.

Deste modo, o encontro impossível não estaria, em sua obra, posto como um problema ou fracasso a ser resolvido e, sim, como pedra de onde pode se erguer qualquer encontro possível. Há um impossível a realizar – impossível do sentido pleno, do encontro entre dois seres, do fato histórico acabado – e somente a assunção deste impossível tornaria possível qualquer experiência histórica, posto que não acabada. Deste modo, a ausência de futuro dos personagens, a tragicidade do suicídio, pode ser tomada de modo paradoxal, desvelando, por trás de um destino inexorável e do que seria um fim pessimista frente à realização dos ideais, a força que pode se desprender desta ruptura com o gesso do sentido e do semblante. A leitura que propomos, portanto, é a de que, longe de atestar uma falência do sentido em sua época, uma falência de projeto histórico em sua Rússia, Dostoiévski aposta na destruição desta posição nostálgica que nos colocaria diante de uma experiência plena perdida ou diante de um presente falho que caberia a um futuro sanar. Falha é a experiência, e por isso ela é histórica. O amor, na novela *A dócil*, figurando como inalcançável em sua plenitude, diria mais de sua estrutura e menos de sua não realização neste caso específico. O amor, aqui, não teria sido realizado? Ou, justamente, teria se realizado neste modo mesmo de não realizar-se? Esta pode ser a pergunta que podemos formular e que permite que, também da neurose obsessiva,

não façamos uma disfunção de qualquer ordem. Seguindo com Freud e Lacan, este impossível da neurose obsessiva constitui um dos modos de fabricar o desejo, e não de destruí-lo. Lachaud (2007), neste sentido, foi uma das autoras importantes nesta interlocução, pois faz um esforço de retirar da neurose obsessiva esse estereótipo de que, aqui, estaríamos no campo da recusa do desejo. Este estereótipo, de fato, não atinge apenas a neurose obsessiva com a cristalização de um sentido, mas atinge a própria psicanálise, que nunca se fez nostálgica de um desejo reconhecível. O desejo, este, só se faz em negativo.

A DÓCIL: UM TESTEMUNHO DA DINÂMICA DO AMOR NA NEUROSE OBSESSIVA?

A obra *A Dócil*, novela escrita em 1876, “que não se trata nem de narrativa nem de memórias” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 13), foi publicada no *Diário de um escritor*, revista editada pelo autor no período de 1876-1879. A ideia é justificada pelo aumento nos números de suicídios em São Petersburgo, dentre os quais o de uma camponesa chamou a atenção do autor: ela havia pulado do prédio em que morava abraçada a uma imagem religiosa e “a relação com o ícone obsedou Dostoiévski” (NIKITIN, 2011, p.8).

Nessa novela, Dostoiévski traz elementos que nos auxiliam a pensar alguns mecanismos de funcionamento da neurose obsessiva. A aproximação de tal neurose é feita a partir dos rodeios de um marido a “querer juntar as ideias num ponto” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.24) quanto aos motivos que levaram sua jovem esposa ao suicídio. A desorganização claudicante das elaborações que se seguem na narrativa nos coloca diante de aspectos da fantasia na neurose obsessiva, lembrando-nos, de imediato, da formulação freudiana sobre a figura do moralista, retomada por Lachaud: “sempre culpado... do que jamais cometeu” (LACHAUD, 2007, p. 197).

Ainda nas notas de apresentação feitas pelo autor, o marido é colocado como “um hipocondríaco inveterado, daqueles que falam sozinhos” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.13). Eis então a cena: o corpo da suicida sobre duas mesas unidas e o marido que há horas está posto diante dela a tomar para si os motivos que a levaram ao ato. Já aqui o marido, como Lachaud (2007) indica no neurótico obsessivo, surge como “uma formidável máquina de pensar” (LACHAUD, 2007, p.16). A trama, ou porque não usar (o) drama, se desenrola com as tentativas de inclusão do marido na causa mortis da jovem esposa: o suicídio seria, então, endereçado a ele.

De partida, já aparecem os imperativos de ordem e a necessidade de compreender o ocorrido, o que usualmente se destacam como fenômenos manifestos em tal neurose. Há, durante toda a narrativa, uma dança entre o saber e o não-saber, o marido oscilando entre a necessidade de ordenação dos fatos e o completo entendimento – “é aí que está todo meu horror, eu entendo tudo!” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.19). Horror e compreensão indicam, justamente, a relação entre saber e gozo. Se a compreensão é buscada, trata-se, paradoxalmente, de evitar seu fim. É daí que, embora inicie como uma máquina de pensar, o personagem segue um trajeto de fuga dessa mesma compreensão. Os desvios são muitos ao longo da narrativa e “tudo se passa como se o sujeito soubesse e não soubesse a causa de seus problemas” (LACHAUD, 2007, p. 134). Ordenadamente, para não perder nada do fio condutor da narração, o marido se põe a elencar os momentos que viveu com a esposa, desde o primeiro dia em que a viu até a data fatídica.

O marido é um penhorista, a quem a jovem recorre com frequência para trocar objetos sem grande valor material por uma quantia de dinheiro que utiliza para sustentar anúncios no jornal *A Voz*. Ela é órfã e se oferece, nessas súplicas semanais, como preceptora a famílias da cidade – emprego que a livraria de um acordo em andamento entre as tias com quem morava e que a entregariam a um casamento com um velho comerciante. Ao pagar por tais objetos, o então penhorista, e futuro marido, percebe dar mais do que os artigos penhorados valem. O momento em que observa que a trata de maneira distinta em relação aos outros clientes é o instante em que passa a ser, também, mais severo, “mas não era um sentimento ruim: eu tinha uma intenção, um propósito; queria colocá-la à prova, porque de repente começaram a me fermentar certos pensamentos a seu respeito” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.22). Logo nesses primeiros momentos, ele cria situações em que a coloca como inferior, mostrando a ela como deveria escrever seus anúncios. Aponta, então, em uma edição do jornal, um anúncio em que infere conotação sexual: “veja só, essa pôs anúncio hoje de manhã, e à noite provavelmente já arranjou emprego” (Ibid, 2011, p. 23). Indica-o para que ela aprendesse – “isso me agradou muito” (Ibid, 2011, p. 23), diz. Segue-se um diálogo, num outro dia, em que ele demonstra admiração por ela. Já de início, a ambivalência demarca a relação que estabelece com ela.

Passa, então, a investigar a vida da jovem e, ao descobrir que ela está para ser desposada por um senhor viúvo, se põe como salvador: “numa palavra: tudo estava na minha mão. Eu surgia como que de um mundo superior” (Ibid, 2011, p. 29). Estuda

a situação (Ibid, 2011, p. 31), e toma por decisão propô-la em casamento. Tendo avaliado as conjecturas, não havia possibilidade de resposta negativa:

Eu estava ali parado, mas na cabeça se remexia o seguinte: você é alto, esbelto, bem-educado – e, finalmente, para falar sem fanfarrice, você em si não é nada mau. Eis o que me brincava na veneta. Ela, é lógico, ali mesmo no portão, me disse sim. Mas... mas eu devo acrescentar: ali mesmo no portão, ela ficou muito tempo pensando antes de dizer sim (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.33).

Após esse tempo de espera, passa a se torturar com o absurdo para ele: que ela tivesse cogitado escolher o comerciante. O não entender aqui retorna como questão causadora de mal-estar, “mesmo agora não entendo nada! Acabei de dizer que ela poderia ter tido esse pensamento: entre as duas desgraças, escolher a pior, isto é, o comerciante? Então quem era para ela o pior – eu ou o comerciante?” (Ibid, 2011, p.34). Aqui parece se presentificar uma necessidade de garantias do outro, para só então guiar seu caminho e firmar sua decisão. A necessidade de entender, e de saber, uma verdade está ainda associada ao suicídio. Vale lembrar que o personagem se esforça para compreender, desde o início, os motivos do ato final, e se houve um culpado, numa dificuldade que é “encontrar no discurso uma garantia de verdade, uma lei segura que o oriente em seus atos. Em outras palavras, ele se engaja numa busca impossível para todo sujeito. Não há garantia de verdade, não há nenhum significante último no qual engancha a panóplia dos significantes inconscientes” (LACHAUD, 2007, p. 232).

Junto à questão do entendimento, surge a necessidade de ser reconhecido: “queria apreender tudo isso, toda essa lama. Ah, que lama! Ah, de que lama eu a arranquei então! Pois ela tinha que entender isso, reconhecer o valor do meu ato!” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.35). A questão talvez apareça como “qual a função do reconhecimento”, se a salvaria do suicídio, ou da culpa de achar-se responsável pelo ocorrido, buscando, “antes de mais nada, até mesmo arriscando perder sua vida, um reconhecimento do outro. Por via desse olhar do outro, sua imagem lhe é reenviada” (LACHAUD, 2007, p.54). Talvez a resposta seja afirmativa para as duas questões, ou negativa, já que o personagem tentaria, ao assumir a culpa, entrelaçar sua fantasia à da esposa, tomando para si algo que é dela. Talvez a resposta se apresente na relação entre as duas possibilidades, justamente pelo entrelaçamento que indicamos.

Há o casamento. Ele cria, então, um sistema para conduzir a vida a dois, de partida: a severidade e, depois, o silêncio. Assim se define: “é que sou mestre em falar calado e vivi comigo mesmo tragédias inteiras calado. Ah, pois eu também fui infeliz!

Fui abandonado por todos, abandonado e esquecido, ninguém, ninguém sabe disso!” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.37). Parece aqui haver um reviver daquilo que o sujeito vivencia com a mãe, quando esta o coloca em um lugar que não é dele por direito. Lachaud (2007) cita a esse respeito o ódio que um sujeito, seu analisando, sente por sua mãe ao não poder ocupar o lugar do qual ela tanto lhe falava. Ao ser desbancado, sente com intensidade: “a partir de então, seu ódio não teve limite e seu mutismo foi total” (LACHAUD, 2007, p. 175). A mãe, que o colocara em um lugar de todo para ela, de repente o retira do posto, e a traição não pode ser sofrida, senão, em silêncio.

Interessa-nos, também, observar nessa passagem algumas questões relativas ao silêncio e à solidão. O obsessivo seria aquele que nos estereótipos é o casmurro, na dele, e que se reserva à vida sozinho. Não só nesse momento tais reclamações aparecem, mas aqui o silêncio tem como função não deixar transparecer à esposa o que pensava sobre a vida, mas ao final o plano falha:

Vejam só: aqui há ironia, aqui se deu uma cruel ironia do destino e da natureza! (A minha, em particular!) Pois agora eu entendo que aqui devo ter cometido algum erro! Algo aqui não saiu como devia. Tudo era claro, o meu plano era claro como o céu: Severo, orgulhoso e não carece dos consolos morais de ninguém, sofre calado. E era assim mesmo, não menti, não menti! (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 45).

Ao estabelecer esse sistema, o personagem atrapalha-se em dar segmento à vida de casal, impondo-se as mais difíceis tarefas, mas sobre as quais não necessariamente falará. “Para conservar seus segredos, ele se atém a regras, deveres, prescrições, proscricões. Só vive por dever” (LACHAUD, 2007, p. 226). Desde o início a sua regra era manter-se calado para construir uma felicidade sólida (DOSTOIÉVSKI, 2011) – a aposta em seu sistema era alta. Esteve em silêncio e se perdeu em pensamentos, e assim a narrativa segue.

O silêncio, então, dá lugar às brigas. De início, por conta de interferências da esposa nas negociações da casa de penhores, e depois, porque a Dócil começa a passar os dias fora, quando não tinha permissão para sair sozinha. Para descobrir os motivos de tais saídas, ele entra em negociação com uma das tias da moça, chegando a gastar 300 rublos no intento. Do que se tratava em tais saídas? A coisa estava arranjada da seguinte maneira: para descobrir sobre o passado calado do marido, ela entra em contato com um dos antigos companheiros de regimento do qual ele fez parte. Um encontro é marcado entre os dois. Como procede o personagem com sua negociação? O dinheiro garantiria a ele uma vaga no quarto ao lado do que ocorreria o encontro: “assim, no dia seguinte eu me achava naquele quarto atrás da porta e

escutava de modo que se decidia o meu destino, sendo que no bolso trazia um revólver” (Ibid, 2011, p. 61). No momento em que escuta a discussão, aparece a divisão da Dócil na concepção do marido: “eis o que aconteceu. Fiquei escutando durante uma hora inteira e durante uma hora inteira presenciei o duelo entre a mais nobre e elevada das mulheres e uma besta mundana, pervertida e embotada com uma alma de réptil” (Ibid, 2011, p.51). Em seguida, passa a se questionar sobre os motivos que o levaram a casar com ela, no entanto, de modo ambivalente, “estava convencido também do quanto ela era pura” (Ibid, 2011, p.53). A cena se encerra nesse momento: de maneira abrupta, ele entra na sala e a resgata. É nesse dia em que dormem, pela primeira vez, separados.

Daí em diante, só decadência. No dia seguinte, quando acordou, ela apontava para ele um revólver, o mesmo carregado à cena anterior. Não há crime consumado, mas ele permite que toda a cena se desenrole, usando-a para se martirizar: “mas eu vou perguntar: de que me serviria a vida depois de ter um revólver levantado contra mim por uma criatura que eu adorava? Além do mais, eu sabia com toda força do meu ser que entre nós nesse preciso instante travava-se uma luta, um duelo terrível de vida ou morte” (Ibid, 2011, p. 57). Após tal episódio, o casamento é rompido.

Ela cai doente por 6 semanas. Esse é um período em que o saber entra em jogo novamente, e ele é assombrado pelo medo de que ela não soubesse de algo: “eu não podia conceber, nem sequer podia supor que ela morresse sem saber de tudo” (Ibid, 2011 p.62). Passa, então, a explicar as circunstâncias anteriores ao casamento. Elucida o episódio que o fez sair do regimento do qual fazia parte – período de grande dificuldade financeira –, e as circunstâncias que o levaram a abrir a caixa de penhores. Nesse momento, parece haver uma necessidade de punição: “pois bem – desonra é desonra, vergonha é vergonha, degradação é degradação, e quanto pior, melhor – eis a minha escolha” (Ibid, 2011, p.65). Aqui fica mais claro o masoquismo verbal e a função central da dor dessa neurose (LACHAUD, 2007) e é por esse sofrimento que ele se faz passar ao remoer o episódio, pois “nisso foram três anos de recordações tenebrosas” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.65). A questão era moral – “saí de cabeça erguida, mas o espírito estraçalhado” (Ibid, 2011, p.64). Abandona o regimento por achar que é o certo a fazer. Segue-se um período de extrema dificuldade financeira, no qual chega a ficar na rua, até ser salvo pela herança de uma madrinha. Traça, então, uma estratégia: abriria a caixa de penhores e, afastado das pessoas do passado, começaria uma nova vida. No entanto, fazia-se distante apenas

fisicamente, pois as ideias ainda o atormentavam – nesta neurose, “o masoquismo moral dá às compulsões sua coloração dolorosa” (LACHAUD, 2007, p. 165).

O período posterior ao adoecimento é marcado pela construção de fantasias quanto aos acontecimentos futuros, já que a situação era a seguinte: a Dócil fechara-se em si e o casamento estava rompido. “Aos meus olhos ela estava tão arrasada, tão humilhada, tão esmagada, que eu às vezes me torturava de pena dela, embora com tudo isso às vezes a ideia da sua humilhação decididamente me agradasse. Agradava-me a ideia dessa nossa desigualdade...” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.67). O rebaixamento da esposa é algo que aparece desde o início, desde o período das trocas na loja de penhores, num rebaixamento do objeto de amor que “nada mais é que um rebaixamento do objeto de gozo, a mãe, para poder substituí-la por uma mulher alcançável pelo desejo” (LACHAUD, 2007, p.159).

Um mês após a recuperação, uma nova pergunta o aflige: “Está cantando, e na minha presença! Será que esqueceu que eu existo?”. Após dar-se conta de que algo havia mudado na relação dos dois, sai atordoado. Ao retornar, a procura para uma conversa, e é ao perceber que a esposa estava perdida, que a apresenta às verdades sobre seus sentimentos, “eu entendia perfeitamente o meu desespero, ah, entendia!” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.73). Nesse momento, há um pedido de desculpas acalorado, ele promete levá-la em viagem para outra cidade, onde iniciariam uma vida nova (Cf: 2011, p.74). Novamente sai, para então comprar as passagens para o recomeço. Nesse tempo, acontece o suicídio: “mas para que fui sair ainda há pouco, só por duas horas... os nossos passaportes para a viagem... Ah meu Deus! Só cinco minutos, se eu tivesse voltado cinco minutos mais cedo? ... E agora essa turba diante da nossa porta, esses olhares sobre mim... ah Senhor!” (Ibid, 2011, p.81). O último capítulo é marcado pelo retorno da culpa, dessa vez mais ligada ao ato da esposa em si, pois “o sentimento de culpa se reanima a cada oportunidade” (LACHAUD, 2007, p. 167).

“Cheguei atrasado!!!” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.85) – é essa a temporalidade que marca suas reclamações quanto ao suicídio que, para e por ele, poderia ser evitado. E, ao falar deste ato, tudo se refere a ele:

Ah, acreditem, eu entendo; mas para que ela foi morrer – isso, apesar de tudo, ainda é uma questão. Assustou-se com meu amor, perguntou-se a sério: aceitar ou não aceitar, e não suportou a questão e achou melhor morrer. Eu sei, eu sei, não adianta ficar quebrando a cabeça: fez promessas demais, teve medo de que fosse impossível cumpri-las, é evidente. Aqui existem certas circunstâncias absolutamente terríveis (Ibid, 2011, p. 83).

O que para nós se apresenta aqui é a sustentação de algo da Dócil que permaneceria referido a ele, mesmo após a morte. Por isso assume a culpa, mesmo que uma carta não houvesse sido endereçada a ele: “julguem o seguinte: ela nem sequer deixou um bilhete, que dissesse assim, não culpem ninguém pela minha morte, como todos deixam” (Ibid, 2011, p. 85). Para ele, o seu jeito de tratá-la havia destruído tudo. Não parece haver o que fazer para dissuadi-lo de tal ideia, estava com os pensamentos voltados para tais elaborações. As últimas constatações a aparecerem na novela são sobre a realidade (das mais cruéis) e sobre a solidão na qual permaneceria e da qual era o culpado – o que nos lança mais questões a respeito desta neurose, sobre a lucidez das suas especulações e o vazio que o sujeito obsessivo faz ao seu redor. Como observa ainda Lachaud (2007), ao se colocar como um insensato, o obsessivo se pressupõe numa clarividência das mais cruéis. Quanto ao vazio, seria uma estratégia para lidar com os efeitos do supereu. Assim termina: “quando amanhã a levarem embora, o que é que vai ser de mim?” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 87).

MODOS DE APRESENTAÇÃO DO AMOR E DO DESEJO NA NEUROSE OBSESSIVA

A neurose obsessiva foi, por tempos, aproximada à psicose, numa relação ainda hoje estabelecida em muitos casos. Por vezes, espera-se que os comportamentos semelhantes sejam suficientes à relação e que casos irresolutos desemboquem em um surto psicótico propriamente dito: “é verdade que certos obsessivos dão completamente a impressão de serem psicóticos – ao passo que não o são, porque o Nome-do-Pai é neles o que definitivamente funcionou, e talvez mesmo, se possa dizer, um pouco demais!” (MELMAN, 1999, p. 55). A relação com a histeria também é estreita. Uma diferenciação, e melhor classificação, foram possíveis a partir de estudos quanto às especificidades desta companheira de neurose. Sobressaiu-se uma diferença na escuta. Haveria outra organização que diferiria da histérica. Ainda que se destaque a percepção dessa discrepância, a posição do sujeito frente ao recalque e a possibilidade de se histericizar o discurso como efeito da Estrutura, faz com que a neurose obsessiva seja, por muitos, considerada um dialeto da histeria. Sobre as especificidades da escolha da neurose, Melman (1999) demarca as relações de objeto como discrepantes: a histérica estaria empenhada em apontar “que há uma ferida no campo do Outro” (MELMAN, 1999, p. 54), estando o sujeito interessado em protestar contra esta falta. A outra possibilidade, a de uma neurose

obsessiva, consistiria “em tentar controlar ou arrumar aquilo que concerne a essa sexualidade, a fim de restaurar o que seria da ordem da integridade do Outro” (Ibid, 1999, p. 54). Estaríamos diante de um sujeito pronto a atuar sob a ordem de cobrir o que denunciasse a falta no outro.

No que concerne à confusão feita entre a psicose e a neurose obsessiva, as características referentes à peculiar relação com a linguagem podem ser apontadas como responsáveis. As ideias fixas, os imperativos de ordem, os atos compulsivos, pensamentos invasivos, podem gerar comportamentos estranhos ao olhar dos outros. No entanto, ali o obsessivo sabe haver sentido e, embora não aparente, “ele é assaltado por uma quantidade de pensamentos importunos e dolorosos; o observador vê apenas os efeitos desse conflito permanente” (LACHAUD, 2007, p.24). Tais efeitos podem ser irrupções desconcertantes e fazem o sujeito parecer um louco. O obsessivo, máquina de pensar, é refém da lucidez. Tais modos de agir podem tornar pobres as relações de tais sujeitos, tornando-as fechadas em si, o que colocaria o sujeito como um casmurro, turrão e obstinado, que se obstina em manter o outro à distância. Lachaud (2007) afirma que o obsessivo teria como fundamento em sua economia psíquica a homeostase, permaneceria em indagações e questões para as quais não esperaria resposta, manteria guarda para que nada que o capturasse e nada efetuassem uma prisão – aspectos que contribuiriam para o afastamento que mantém em sua relação com os outros.

Esses comportamentos - de estreita relação com a racionalidade, as recriminações e a culpa - seriam oriundos de uma falha na simbolização da experiência sexual precoce, que seria vivenciada, de modo paradoxal, como da ordem de um excesso de prazer. A experiência, marcada de satisfação e de letalidade (Lachaud, 2007), é do que o obsessivo fugirá na subsequente atualização da cena. A mãe guarda os traços da Coisa – “objeto perdido do desejo” (JORGE, 2008, p. 142) - e objetos que se assemelham não serão aceitos. É importante ressaltar que não se trata aqui de fazer uma colagem do objeto materno enquanto Coisa. A mãe - dona de grande influência e responsável pela satisfação - se torna, desse lugar, a “causa mais poderosa da angústia na neurose obsessiva” (LACHAUD, 2007, p. 42). Dessa experiência marcada pelo excesso é do que o sujeito passará a fugir: “a força primordial da neurose obsessiva não é uma tendência a reproduzir, mas a evitar o que foi” (Ibid, 2007, p.40) e uma série de estratégias serão criadas para tal intento.

Retomemos alguns aspectos desta dinâmica que será responsável por certas estratégias.

A criança entra na relação triangular em uma lógica de suplência “cuja visada seria a satisfação do desejo materno” (Ibid, 2007, p.47) – haveria, nas palavras da mãe, um resto de satisfação não suprida pelo pai. Ela, a criança, estaria pronta a apreender a demanda desse Outro, a mãe, e satisfazê-la. Cabe aqui dizer que o sujeito obsessivo toma a demanda do Outro enquanto desejo, onde, “na dialética entre desejo e demanda, o obsessivo nega o Outro e atribui à demanda um caráter de condição absoluta, caráter esse que é próprio do desejo” (ALCÂNTARA, 2011, p.43). O filho estaria a serviço da mãe, ao seu propósito de mostrar ao pai sua impotência. A colocação da criança nessa posição cabe à mãe, o filho só sendo convocado, “imaginariamente, a suprir a satisfação do desejo materno na medida em que esta parece faltar à mãe” (LACHAUD, 2007, p. 47). O elo estabelecido com o pai não visa destituí-lo, como o faz a histérica, mas para que esse intervenha na relação que mantém com a mãe, “tem necessidade de se assegurar de que o lugar não pode ser tomado de assalto” (Ibid, 2007 p.48). Os lugares que ocupa nessa tríade fundam outro traço da estrutura: esses sujeitos se apresentariam como tudo para o outro. Dão tudo, mas, como insiste Lachaud, não se trata de visar nenhuma completude (aspecto enfatizado por muitos autores), mas de evitar que o outro dele se aproprie como objeto (LACHAUD, 2007). O que Lachaud enfatiza é o paradoxo da posição do obsessivo, onde a auscultação permanente do desejo do outro com vistas a antecipá-lo não visa de modo estreito a tamponá-lo (como a tradição psicanalítica tantas vezes apontou), mas visa, antes de tudo, a sustentação do estatuto de sujeito, porquanto este visa não converter-se em objeto de uma satisfação perigosa, marcada pelo excesso e atualizada por Lacan como da ordem do gozo.

Freud (2013), ao separar as duas neuroses, aponta as diferenças no procedimento do recalque e afirma que a regra é que na histeria “os motivos recentes para a enfermidade sucumbam à amnésia” (FREUD, 2013, p. 57) - estes seriam esquecidos junto às vivências infantis que contribuíram para a formação dos sintomas. Na neurose obsessiva a amnésia seria falha; os componentes infantis do trauma poderiam ceder ao esquecimento, no entanto, as causas recentes seriam preservadas na memória. O recalque deve ser considerado, assim, sob constante ameaça de fracassar (FREUD, 2006a).

Tomemos agora alguns procedimentos peculiares à neurose obsessiva e apresentados por Freud no emblemático caso O Homem dos Ratos (1909). Este jovem procurara Freud por conta de ideias obsessivas que, embora o atormentassem desde a infância, intensificaram-se em quatro anos. Essas ideias circundavam um núcleo composto pelo temor diante da possibilidade de que algo acontecesse a duas pessoas que muito amava, assim como por impulsos obsessivos e proibições criadas em torno de questões insignificantes (FREUD, 2013, p. 17). De início, o jovem relata a curiosidade sexual infantil e cenas que envolviam a satisfação de alguns anseios por meio das governantas que passavam por sua casa. Relacionara com tais episódios o início de sua doença, pois com 6 anos “sofria de ereções” (Ibid, 2013, p.21) e, relutante, falara com sua mãe sobre isso. É desse período a ideia de que os pais tinham ciência daquilo que ele pensava: “a explicação que dava a mim mesmo é que os havia falado (os pensamentos) sem ouvi-los” (Ibid, 2013, p.21) Diante de um pensamento sexual, era tomado por ideias de que algo ruim aconteceria ao pai, como exemplifica: tomado pelo desejo de ver garotas que o agradavam nuas, o pai morreria. Empenhar-se-ia, então, em evitar a realização de tal desejo, num procedimento onde “o afeto penoso adquire claramente o matiz inquietante, do supersticioso, já dando origem a impulsos de fazer algo para prevenir a desgraça, impulsos que se afirmarão depois nas medidas protetoras” (Ibid, 2013, p. 23). Como observa Freud, desde cedo o inventário da neurose estava completo. O motivo que leva o Homem dos Ratos (HR) a procurar Freud (2013) é recheado por questões que irão lhe acompanhar durante a análise. Enquanto oficial militar partira em uma missão e, no deslocamento, perdera seu pincenê. Em um intervalo, ouvira de um Capitão o relato de particular castigo, no qual

o condenado é amarrado – (ele expressou-se de modo tão pouco claro, que não pude entender logo em qual posição) -, sobre o seu traseiro colocam um recipiente virado, contendo ratos que – ele novamente se ergueu e mostrava todos os sinais de horror e resistência – perfuravam. O ânus, completei (Ibid, 2013, p. 26).

Freud (2013) ressalta a expressão de prazer que aparecera em sua face durante o relato. As ideias que o tomaram, a partir dali, foram a de que o castigo seria aplicado às pessoas caras a si: o pai e a mulher amada. Recebera do mesmo Capitão a reposição de seu pincenê, o que rechearia de conteúdos a análise e o levaria a proferir: “o primeiro tenente A pagou o reembolso; você deve dar-lhe o dinheiro” (FREUD, 2013, p.28). Ao que o HR colaria à sanção: a de não dar o dinheiro. Caso

pagasse a dívida, o castigo seria aplicado ao pai e à mulher. Para combater a sanção formulada, elaborara o juramento “você tem que pagar as 3,80 coroas ao primeiro-tenente A.” (Ibid, 2013, p.28). Quando, enfim, encontrara o tenente A., percebera-se num engodo maior: o de não poder cumprir o juramento, pois o fundara sobre uma afirmação falsa. Não havia sido A. o responsável pelo pagamento. Saíra errante a fazer o trajeto à estação de onde o pincenê fora enviado. Ao tentar resolver o engano e conseguir cumprir a sanção, entregara a um amigo o problema, que o traz à razão, ao dizer-lhe “que não estava devendo a taxa de remessa a outra pessoa que não o funcionário do correio” (Ibid, 2013, p.32). São esses dois fatos - o relato do castigo e o pagamento dessa dívida - que o levariam a procurar por Freud.

Seus relatos seguem, marcados por conflitos envolvendo a morte do pai e a oposição entre amor e ódio endereçados à dama que amava. Só após algumas sessões, Freud (2013) descobre que o pai do HR estava morto há 9 anos e que a morte o cercava de recriminações. De início, não de uma maneira dolorosa, pois “apenas um ano e meio depois lhe veio a lembrança de sua negligência”, que então “(...) começou a torturá-lo horrivelmente, de modo que ele viu a si mesmo como um criminoso” (FREUD, 2013, p.35). As primeiras ideias sobre a morte do pai apareceram ainda na infância quando, por não ser correspondido em um empreendimento amoroso, desejara que o pai morresse, pois assim obteria a atenção da amada. E, depois, quando meses antes da morte do pai, já apaixonado por uma moça com quem, por conta de problemas econômicos, não poderia casar, desejara novamente, pois a herança o possibilitaria a união (FREUD, 2013).

Associa à amada uma série de atos obsessivos, iniciados durante uma viagem que ela fizera para acompanhar a recuperação da avó doente. Ele pensara que esta avó poderia morrer, já que o mantinha afastado de sua amada. Junto ao pensamento de morte aparecera o castigo, a ordem “mate a si mesmo, como punição por tais desejos raivosos e homicidas” (FREUD, 2013, p. 48). Depois, seguiram-se impulsos suicidas: “à beira de uma escarpa, surgiram os imperativos de que pulasse” (Ibid, 2013, p. 49). Formulara, então, a ideia de que nada poderia acontecer à ela, ao que Freud (2013) colocara como uma reação ao contrário, à hostilidade. Prossegue:

Em nosso apaixonado há uma luta entre o amor e o ódio que dizem respeito à mesma pessoa, e essa luta é representada plasticamente no ato obsessivo, também simbolicamente significativo, de tirar a pedra do caminho que ela irá percorrer e depois desfazer esse ato de amor, colocando a pedra novamente onde estava, para que o veículo nela esbarre e ela se machuque (FREUD, 2013, p. 52).

Esse conflito entre amor e ódio ele relatara quando, em sua juventude, empreendera orações duradouras, pois apareciam palavras que anulavam as intenções que queria formular na oração original, então tinha que recomeçar e assim perdia tempo em formular maneiras de que isso não ocorresse (FREUD, 2013). As desordens com a dama decorriam da impossibilidade que ele tinha de confiar no seu amor. Uma vez que recebera resposta negativa à corte feita anos antes, colocara em dúvida as manifestações amorosas que existissem por parte dela. Daí surgiram as claudicações quanto às inclinações e decisões feitas por ele no sentido de escolher o objeto de amor: “quando, no curso do tratamento, deveria dar um passo que o aproximaria do objetivo da corte, sua resistência manifestava-se primeiro, habitualmente na convicção de que não a amava tanto na realidade, convicção que logo desaparecia” (FREUD, 2013, p. 55).

Quando Freud (2013) passa a trazer o que considera como causa imediata dos conflitos do HR, ele diz que “ele se encontrava na situação pela qual, conforme sabia ou imaginava, o pai havia passado antes de seu próprio casamento, e pôde identificar-se com o pai” (FREUD, 2013, p. 61-62). Traz, assim, o que Lacan (1980) analisa posteriormente enquanto mito individual do neurótico - momento em que a história do pai perpassara a de HR e atualizara-se com elementos da fantasia do filho. Ressaltando a importância do mito construído pelo paciente a partir de sua história familiar, Lacan afirma:

a constelação originária que presidiu ao nascimento do sujeito, ao seu destino, e diria quase à sua pré-história, a saber as relações familiares fundamentais que estruturam a união dos seus pais, mostra ter uma relação muito precisa, e definível talvez por uma fórmula de transformação, com o que aparece como sendo o mais contingente, o mais fantasmático, o mais paradoxalmente mórbido do seu caso, a saber o último estado obsidante, o cenário imaginário ao qual chega como à solução da angústia ligada ao desencadear da crise (LACAN, 1980, p. 55-56).

Para Gazzola (2002), o que confere valor de mito ao histórico da constelação familiar é a inclinação do sujeito a reorganizar os elementos de maneira a corrigir as faltas que estão em sua origem. O tenente ouvira, da fala da mãe, os gracejos da inclinação amorosa do pai por uma moça que não escolhera por não ter condições econômicas - este teria então feito uma escolha visando à estabilidade financeira. Tinha também consciência da contrariedade do pai quanto à sua intenção de desposar a dama. Claramente, se fizera mais um conflito entre o seu amor e o que era a vontade do pai (FREUD, 2013). Aquilo que o sujeito ouviu dos relatos familiares e as

elaboraões que construiu se ressignificaram no presente. Os dizeres da mãe sobre sua insatisfação e sobre o desejo do pai, assim como os pedidos que o filho tomou como endereçados a si fizeram toda a diferença na organização proveniente dessa história. Como observou Lacan, foram ajustados como mito na atualização enquanto trama própria do sujeito. O conflito, que ele fantasiara ter sido vivido também pelo pai, estava posto para ele. A mãe, em negociação familiar, arranjara uma noiva abastada, atualizando o conflito: “conflito entre permanecer fiel à garota pobre que amava ou seguir as pegadas do pai e tomar como esposa a garota bela, rica e nobre que lhe destinavam” (FREUD, 2013, p. 60).

Outra situação tomada como parte do mito ali em jogo é a atualização da dívida do pai: “ele se achava, como sempre lhe ocorria no exército, numa inconsciente identificação com o pai, que servira durante muitos anos e contava histórias de seu tempo de soldado” (Ibid, 2013, p. 72). Dentre as histórias, a de que enquanto soldado o pai gastara o dinheiro de seu regimento em jogos; dinheiro que não pôde restituir. Fora salvo, certa vez, por um amigo que também não restituíra. A história do HR e de seu pincenê condensam as duas dívidas do pai, pois no lugar em que pagaria a primeira dívida, a da agência postal, haveria também uma bela moça que se demonstrara amável para com ele “de modo que ele podia lá retornar após o fim das manobras e tentar sua sorte com a moça” (Ibid, 2013, p.73). Colocara-se novamente identificado com o pai e poderia fazer do objeto de amor, dois objetos. Vacilaria entre as duas jovens. Quanto às reorganizaões que se montam das cenas, Gazzola (2002) depreende que é necessário ao sujeito

Continuar a desenvolver essa peça de teatro, acrescentando nela mais alguns atos. Ele não está confortável nesse cenário, nesse script. É preciso que ele tente se fazer autor ao mesmo tempo, para adicionar aí elementos corretivos, mesmo que esses últimos não estejam completamente ajustados à realidade (GAZZOLA, 2002, p. 44-45).

O HR buscava toda sorte de justificativas para fundamentar sua hesitação quanto à escolha do objeto de amor: “a mulher que ele adorava havia anos e que não pudera decidir a esposar estava condenada a não ter filhos devido a uma operação ginecológica, a remoção dos ovários” (FREUD, 2013, p. 78). Gostar muito de crianças e não poder com ela realizar o desejo de ser pai era o que ele colocara como maior empecilho. Freud (2013) retoma uma das ideias “prediletas e mais antigas (equivalentes a um aviso ou admoestação)” (Ibid, 2013, p. 87), observando que ele colara à decisão pelo casamento a morte do pai, mesmo este já estando morto. O que

nos interessa em especial no caso do Homem dos Ratos é esta dificuldade de escolha pelo objeto de amor, que envolve a necessidade de manter-se em dúvida no neurótico obsessivo, assim como outros procedimentos característicos dessa neurose: a preocupação em manter o contato com a racionalidade da escolha, a busca pela verdade, e um refazer encadeamentos na busca por erros.

Para Lachaud (2007) é fundamental, na estruturação de uma neurose obsessiva, o engodo causado pela satisfação do desejo da criança, fundado a partir do estratagema “solicitações do filho – constante insatisfação da mãe”. Como se faz a confusão entre demanda e desejo, toda demanda estará marcada pelo surgimento do desejo mortífero, o objeto de desejo se tornando, assim, um “substituto fantasístico da busca do ser, estando o sujeito condenado, por essa confusão, a ficar eternamente inacessível” (LACHAUD, 2007, p.54). A experiência satisfatória primária, que a criança obsessiva teve em sua relação com a mãe, fez com que ele se mantivesse separado de qualquer outro desejo e, em relação a esse desejo, em posição de perigo: “entre ele e o Outro, se instala um inultrapassável que ele tem como dever manter” (Ibid, 2007, p.56). À medida que o sujeito combina o que foi vivido, visto e ouvido - através dos relatos de outros - a fantasia é a grande condutora da do sujeito, o fio estruturante dos enredos (LACHAUD, 2007). É através dela que ele se ajusta, aqui ele é senhor: “em suas fantasias, o obsessivo é ativo” (LACHAUD, 2007, p. 141). O que a fantasia pontua nessa neurose é a “função essencial da Ebenbild do passado” (Ibid, 2007, p. 145), no sentido de que o que o sujeito busca é a recriação exata do vivido, a cena primeira que não cessa de reaparecer. No entanto, como indicamos (e observemos que este é o ponto que diferencia a neurose obsessiva da psicose) este é um reavivamento marcado pela interdição. O sujeito obsessivo foi colocado, portanto, numa posição fantasmática onde o que está em jogo é a possibilidade (mas nunca a realização) de ser o falo para a mãe:

Para o obsessivo, não tê-lo é a forma sob a qual ele pode se afirmar como ser – não o falo a que ele foi obrigado a se identificar -, mas ser, apenas. Ser sujeito desejante. O obsessivo criança é o falo de maneira consciente e fundamentalmente consentida. Depois ele o rejeitará violentamente (Ibid, 2007, p.182).

O lugar ocupado pelo sujeito é o “de alguém que tem o prestígio de ser mais que ele” (Ibid, 2007, p. 172), um representante em posição fálica. Ao assumir essa imagem, ele pode sustentar uma máscara de onipotência. Usando essa espécie de máscara é que pode enlaçar seus objetos (LACHAUD, 2007), enlace que muitas

vezes não sustenta. Nas relações estabelecidas com os seus objetos, segue a busca numa lógica que não deve apresentar furos. A linguagem ocupa aqui papel importante, onde comparecem de forma privilegiada as “interdições, mandamentos, ideias, fórmulas de exorcismo, interrogações infinitas, injúrias, exame de todos os tipos de raciocínios, retomadas revisões, raciocínios abstratos, elípticos, frequentemente de uma grande complexidade” (LACHAUD, 2007, p.32), tudo estruturado numa lógica própria e que deve seguir sem erro.

É o desejo da mãe que introduz enigmas para o obsessivo e o lança em seu problema com a verdade e essa inexistência de furos. “O obsessivo é o seu objeto de desejo e não o é. Ele o foi, não é mais. Poderia ser, mas não deve. Ela o amou? Sem saber lhe mentiu. O olhar mentiu mais do que as palavras que não diziam nada” (Ibid, p.58). Desses enigmas ele tenta se manter, de modo paradoxal, afastado, o desejo da mãe devendo ser banido. Na fórmula de sua fantasia, o mandamento: “tantos outros, tantos Outros possíveis” (Ibid, p.62). Assim o obsessivo percorre o seu caminho em busca do objeto perfeito a encaixar em sua cena fantasmática. “Seja qual for a neurose, a fantasia continua a ser a relação do sujeito com o que o barra: o objeto perdido” (LACHAUD, 2007, p. 144).

Sobre a necessidade de encontrar uma lógica sem furos, Melman (2004) relaciona a problemática obsessiva relativa ao falar com um apagamento do sujeito: “o obsessivo não fala. Quando ele fala, é como se ele lesse algo que estivesse escrito em algum lugar” (MELMAN, 2004, p. 45). Há dois modos de reconhecer o sentido das coisas ditas, ora pela garantia do sujeito que enuncia o crédito, ora pela consistência lógica do que foi pronunciado. Melman assinala que o que o obsessivo faz é esquecer o sujeito (MELMAN, 2004). Observe-se, aqui, a diferença conferida à problemática do desejo e do gozo, nesta neurose, entre autores como Melman e Lachaud. O escopo deste trabalho não nos permite aprofundar a questão, que ficará aguardando futuras elaborações, mas assinalemos aqui a ênfase de Melman no apagamento do sujeito, enquanto Lachaud insiste na preservação, justamente, do lugar de sujeito, quando na neurose obsessiva o sujeito se protege de ser convertido em objeto do gozo do outro. Lachaud inicia seu livro observando que, nas formulações sobre a neurose obsessiva, historicamente houve uma marca: a de que se trataria, nesta neurose, de fazer apagar o sujeito, numa estratégia onde o fechamento do circuito do desejo caminharia na direção da ausência de tensão. Para esta autora, ainda que esta lógica compareça na neurose obsessiva, sua valorização pouco dialética fez perder de vista que,

justamente tomado por um desejo que lhe foi por demais capturante (numa fronteira tênue entre desejo e gozo), o obsessivo trabalharia incessantemente para sustentar sua posição de desejo, ainda que sob a sombra fantasmática de um outro que o converteria em objeto de gozo.

Retomando agora as observações de Melman acerca da gramática obsessiva, veremos que os problemas surgem quando as sequências verdadeiras podem ser precedidas por falsas, e nessa busca o sujeito se perde:

Este é o tormento obsessivo bastante frequente e notável, quer dizer, ser obrigado a refazer toda a cadeia para verificar se não houve a introdução de uma proposição falsa em toda a sequência que formulou. E é isso que introduz a dúvida obsessiva nele pois ainda que haja uma proposta falsa na cadeia, o resultado pode ser verdadeiro. Então, ele não sabe mais o que é verdadeiro, o que é falso (MELMAN, 2004, p. 47).

Penso, então, que é a este ponto de ancoragem da dúvida quanto à escolha de objeto, no sentido de que a constante troca de objetos de desejo aparece também porque o sujeito não encontra a garantia de ser aquele o objeto verdadeiro a ser encaixado à cena primária - questão fundamental quando abordamos o amor. O obsessivo se manteria, assim, numa procura incansável pelo objeto passível de se adequar exatamente ao passado que ficou perdido (LACHAUD, 2007).

A relação do obsessivo com seu desejo é perpassada pelo controle do gozo do outro, no sentido de que, ao calar o outro nas manifestações de seu desejo, é a si também que garante o silêncio e assim pode permanecer estável, não perdendo nada (DÖR, 1996). É à perda que o desejo lança o obsessivo. Ali onde o outro deseja, o obsessivo sempre se lança ao lugar de obturador de uma falta, numa lógica onde “evitar ser confrontado com a dimensão da falta é, antes de tudo, tentar neutralizar o desejo, pois é precisamente a falta que o constitui e o relança como tal” (DÖR, 1996, p. 68). Os reclames demandantes dos objetos não podem existir, pois colocariam em questão a neutralização feita pelo sujeito obsessivo. No campo do Outro, o sujeito encontra apenas um objeto: sua demanda. Mas como o obsessivo poderá, em sua fantasia, encontrar o objeto de seu desejo quando destrói o objeto do desejo do Outro e, portanto, se destrói? A chave de leitura proposta por Lachaud é a de que a visada destrutiva diz respeito à imagem do Outro. O obsessivo o imaginariza numa tentativa de fazer dele um semelhante (LACHAUD, 2007, p. 142). “Embora haja, na dúvida obsessiva, uma pergunta sobre se o objeto que ele consegue apreender é o verdadeiro, o bom, por outro lado é certo que o objeto anal é a representação mesma do mais enojante objeto. E é possivelmente a esse título que o sujeito pode encontrar

a confirmação de que se trata do verdadeiro. Não um objeto metonímico”. (Ibid, 2007, p. 187)

Quanto às especificidades do objeto, segundo Lachaud (2007), o obsessivo lida com três mulheres: a do desejo, a para trepar e a do amor. A primeira é resguardada ao simbólico, a mulher para trepar é a que ele alcança enquanto possível de ser rebaixada e a do amor é guardada à impossibilidade, enquanto representante do falo. As estratégias do obsessivo para lidar com tais objetos caminham no sentido da manutenção de uma estabilidade relacionada ao desejo, para que não haja sinais de gozo no outro, “para que nada saia do lugar, nada deve gozar, o desejo deve estar morto” (DÖR, 1991, p. 110).

Os objetos de desejo do obsessivo são alcançados enquanto rebaixados, ou quando mantidos afastados, já que assim sustentam uma impossibilidade, a distância em relação ao objeto sendo “ineliminável do desejo como tal; (...) necessária para sua manutenção” (LACHAUD, 2007, p. 188). Afastar de si o objeto de desejo tem como função apagar também seu desejo, pois, “visto que o desejo é sempre desejo do desejo do outro, se o outro não deseja, o obsessivo fica, então, tranquilizado quanto a seu desejo, pois ele também não deseja” (DÖR, 1996, p.68) Aqui contornamos a questão do saber do obsessivo em sua relação com a relação de objeto, pois o seu objeto de desejo é colocado à distância para que esse não se defronte com o saber sobre seu desejo: “se ele torna a mulher desejada intocável, é essencialmente porque não quer reconhecer que deseja” (LACHAUD, 2007, p. 190). Do que o sujeito aqui se protege? “Para o sujeito, o parceiro pode ser proibido na medida em que ele mesmo deve se proibir de saber que o deseja, sob pena de se sentir comprometido” (Ibid, 2007, p.190). Mas a quem esse “se sentir comprometido” lança o sujeito?

Aparece ainda na neurose obsessiva a tendência a construir uma barreira e colocar o objeto em um encarceramento. Assim o sujeito obsessivo atinge seus fins de fazer entorpecer o objeto. O objeto, adormecido, pode ser venerado sem a perturbação causada por seu desejo. Para o obsessivo “é na asfixia do desejo do Outro que o sujeito consegue sustentar a lógica própria de seu desejo” (LACHAUD, 2007, p. 191). Nessa condição - em que o objeto veste a máscara do morto - é que o obsessivo pode considerar estabelecer relações com ele. O problema ressurgue quando da ressurreição do morto:

(...) assim como nada é mais tranquilizador e amável que um morto feminino, nada é mais inquietante e odioso que uma mulher viva, isto é, uma mulher que deseja, que demanda e que goza. O obsessivo pode suportar tudo, sem medida e sem limite, exceto uma única coisa: que o outro goze sem ele; mais exatamente, que o outro feminino possa ter o des pudor de gozar sem autorização, sem seu consentimento, quer dizer, sem que ele participe de alguma forma (DÖR, 1996, p.70).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que concerne à escrita de Dostoiévski (1821-1881), um levantamento sobre os traços que compuseram sua inserção na literatura nos permitiram reconhecer, como fundamental, a quebra com a escola literária anterior aos seus escritos. Ao transformar o romance russo, construindo-os junto com o narrador, e dando aos personagens voz (BIANCHI, 2001), é que podemos acompanhar os conflitos pelos quais os personagens passam no decorrer da narrativa. A ruptura com o narrador onisciente, a posta em cena de uma narrativa que opera de dentro da fala dos personagens, foi imprescindível para coadunar com o que Freud (2006b) já nos apontava quanto à importância dos testemunhos literários enquanto indicativos do inconsciente, o que atesta a grandiosa contribuição da obra deste russo.

Os personagens, carregados de conflitos, figuram, depois de sua escrita, dentre os mais emblematicamente conhecidos: o Marido e a Dócil. O enredo surge marcado por uma atmosfera envolvente e angustiante, criada por um sujeito dividido, arrebatado pela culpa e por dúvidas. Através do que foi-nos indicado pelo discurso do herói, penetramos em seus monólogos atordoantes. Foi essa marca que nos interessou enquanto elemento constituinte dos ditos de seus personagens – a marca do escritor, que, sem a intenção de fazer nova escola, nos permitiu ter acesso ao que antes não era possível. Foi possível, então, a partir da transmissão de Freud, encontrar elementos que nos apontaram aspectos relevantes da fantasia obsessiva quanto à escolha de objeto. No livro, encontra-se desnudada a posição angustiante na qual o sujeito se joga quando elege o objeto de amor, pois que no sujeito obsessivo há a tendência a colocar a amada no lugar do impossível, e empreender desvios dos caminhos que o levam ao encontro do objeto que deseja (LACHAUD, 2007). O que nos leva a crer que o sujeito tende a deslizar pelos objetos de desejo, a escolher aqueles que menos apontem em si a falta, sob a pena de sempre tropeçar na impossibilidade com a qual está habituado. Nesta dança em que se coloca, a de permanecer em dúvida, o sujeito se põe, como vimos anteriormente, a gozar.

Considerando, como vimos, que a escrita de Dostoiévski opera numa tensão fundamental - entre o tempo do instante e o tempo decomposto, entre o realismo e o fantástico, entre o não pensado e o pensamento como exigência brutal, entre a impossibilidade da comunicação e a experiência como realização entre os homens - observamos que esta tensão compõe uma experiência de ruptura que contribui para a Psicanálise na medida em que sustenta e amplia sua forma de abordar o desejo, o amor e a noção mesma de neurose. Isto implica afirmar que a neurose obsessiva não figura, nesta novela, sob o signo de um desejo que não conhece sua plenitude, mas o apresenta, justamente, em sua forma – negativa - expondo um modo de metabolizar um impossível que sustenta a matéria mesma do amor.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, H. Desejo e neurose obsessiva. 2011. 53 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, UniCEUB, Brasília, 2011.
- BERNARDINI, A. F. Dostoiévski: criação, poesia e crítica. Caderno de literatura e cultura russa. São Paulo, n.2, p. 301-324, 2008.
- BIANCHI, M. de F. Os caminhos da razão e as tramas secretas do coração: a representação da realidade em A dócil, de Dostoiévski. 2001. 152 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2001.
- DOR, Joël. Clínica Psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- _____. Estruturas e clínica Psicanalítica. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1991.
- DOSTOIÉVSKI, F. A Dócil In: Duas Narrativas Fantásticas: A dócil e O sonho do homem ridículo. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.
- FREUD, Sigmund. Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896) In: _____. Primeiras publicações psicanalíticas. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. p. 159-186. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).
- _____. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen, 1907 [1906]. In: _____. “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. p. 15-90. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).
- _____. Observações sobre um caso de neurose obsessiva [O Homem dos Ratos], 1909. In: _____. Obras completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [O Homem dos Ratos], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). São Paulo: Cia das Letras, 2013. p. 13-112.
- GAZZOLA, Luiz Renato. Estratégias na neurose obsessiva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- JORGE, M. A. C. Objeto perdido do desejo. In: Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: volume I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- LACAN, Jacques. O mito individual do neurótico. Lisboa: Cooperativa Editora, 1980.
- LACHAUD, Denise. O inferno do dever: o discurso do obsessivo. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007.
- MELMAN, Charles. A neurose obsessiva. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- _____, C. A racionalidade como sintoma. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, v. 17, p. 52-62.
- NIKITIN, V. Notas do Subtexto. In: DOSTOIÉVSKI, F. Duas Narrativas Fantásticas: A dócil e O sonho do homem ridículo. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

WHEN I LOST YOU, I WON THE BET: LOVE AND DESIRE IN THE NOVEL A GENTLE CREATURE, BY DOSTOYEVSKY

ABSTRACT

This work emerges as a willing effort, through the work of Dostoyevsky (1821-1881), to exploit the relationship between psychoanalysis and literature, previously established by Freud (1856-1939). We based our study in the argument that places Art as the producer of witnesses to the unconscious. An analysis of a particular masterpiece, A gentle creature (1876), allows us to learn fundamental aspects of the way desire and love can occur in obsessive neurosis. The Psychoanalysis approach to this masterpiece allowed us to integrate literature to theory and, in this way, we made some conclusions. The way as this Novel presents desire and love allows to see a Freudian way of understanding obsessive neurosis. However, the central idea was to realize that Dostoyevsky follows an ethic familiar to us: he points to the negative face of desire and the impossibility that pervades a love experience.

KEYWORDS: Dostoyevsky. Love. Desire. Obsessive Neurosis.

QUAND JE T'AI PERDU, J'AI GAGNÉ LE PARI: AMOUR ET DÉSIR DANS LA NOUVELLE LA DOUCE, DE DOSTOIEVSK

RÉSUMÉ

Le présent document a surgi du désir de tout au long de l'oeuvre de Dostoïevski (1821-1881), faire usage du lien fondé par Freud (1856-1939) entre la Psychanalyse et la Littérature, en suivant l'argument qui situe l'Art en tant que productrice de témoignages de l'inconscient. Une oeuvre particulière, *La Douce* (1876), nous a permis d'apprendre des aspects fondamentaux de la façon dont le désir et l'amour peuvent s'articuler dans la névrose obsessionnelle. La contribution que la Psychanalyse apporte sur ce sujet a permis d'articuler le texte littéraire avec la théorie et dans ce parcours quelque chose de nouveau s'est produite. La manière dont la nouvelle présente le désir et l'amour permet d'entendre une manière particulière dans la névrose obsessionnelle, mais, ce qui paraît central a été percevoir que l'écrivain suit une éthique que nous est familière: elle pointe sur la face négative du désir de et de l'impossible qui traverse l'expérience amoureuse.

MOTS-CLÉS: Dostoïevski. Amour. Désir. Névrose Obsessionnelle.

Quando Eu Perdi Você, Ganhei a Aposto: Amor e Desejo Na Novela a Dócil, de Dostoiévski

Recebido em: 02-02-2018

Aprovado em: 28-04-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

VIOLÊNCIA CONJUGAL E CIÚME NUMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA A PARTIR DE ‘OTELO – O MOURO DE VENEZA’

Camila de Freitas Moraes¹

Roseane Torres de Madeiro²

RESUMO

Pretende-se, no presente estudo, analisar as questões que permeiam a violência conjugal, a partir da obra shakespeariana, em especial, no que tange à temática dos ciúmes de Otelo por sua esposa Desdêmona, e sua interface com a obra freudiana. É a partir desse prisma que se busca conceituar a violência conjugal em articulação com os conceitos psicanalíticos, para que, então, se possa investigar os aspectos subjetivos que se entrelaçam na relação amorosa em que a mulher é agredida por seu companheiro em função de um afeto como o ciúme. Ao fim, nota-se que Otelo passa a crer na suposta infidelidade de sua esposa. Seu ciúme consome-lhe a sanidade, fazendo-o construir um processo delirante que o leva a matar seu objeto de amor.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Literatura. Ciúme. Violência Conjugal. Mulher.

¹ Psicóloga Clínica e Especializanda em Saúde Mental. Centro Universitário da Serra Gaúcha – FSG. Dr. Henrique Fracasso, 1169, Nossa Senhora de Fátima, 95043-220, Caxias do Sul, RS. (54) 9 9700-9233. camilapsi.moraes@yahoo.com.br.

² Psicanalista. Psicóloga. Doutoranda em Psicologia e Graduanda em Filosofia pela UFPA. BR 316, 5010, Águas Lindas, 67020000, Ananindeua, PA. (91) 9 9192-2023, rose_madeiro@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, os atos de violência já são descritos a exemplo de Totem e Tabu (1912-1913), quando Freud inaugura seu pensamento de que o ato fundador da sociedade humana foi o assassinato do pai da horda, pelos próprios filhos. Sendo esse o prelúdio não só da fundação da cultura, mas, assim como, o da própria violência.

Nesse contexto, Freud aponta que a hostilidade, o ódio e os ciúmes são inerentes à condição humana e a forma ruidosa que o sujeito encontra para se salvar na cultura. Somente em 1930 no texto "O mal-estar na cultura", é que Freud vai além, ao expor que todo ser humano traz consigo um desejo de felicidade plena, buscando de todo modo a excluir tudo aquilo que lhe traga sofrimento. Nesse momento, Freud chama atenção para o mal-estar que se encontra em toda a civilização e que se dá pelo sentimento de desamparo, já que esse afeto faz com que o sujeito vá sempre em busca de algo ou alguém que o complete, que o satisfaça, a fim de tamponar essa angústia sentida pelo desamparo da proteção paterna. Isto é, a questão do desamparo associa-se à necessidade da proteção paterna, presentificada na mais tenra infância e revivida no adulto.

Tomemos como a exemplo, o desamparo pela perda do pai da horda em Totem e Tabu (1912-1913). Aqui se entende por Tabu tudo aquilo que toca ao místico, ao enigmático e, portanto, ao proibido; já o Totem pode ser compreendido como um escondedouro, uma proteção que haveria de evitar que o tabu viesse a ser quebrado. Somente a partir desse ponto, é que se pode supor que o sentimento de desamparo seja um dos aspectos que faz com que o sujeito consiga se entrelaçar frente às demandas da cultura. (FREUD, 1930)

Prestando grande contribuição, Lebrun (2004, p.313), ainda afirma que: "A psicanálise revela que o fundo do desejo de cada um é incestuoso e assassino, mas, que a humanização impõe a renúncia a esses gozos ilícitos". Ou seja, é preciso renunciar os desejos incestuosos e hostis para se viver em coletividade, caso contrário, estaríamos fadados à inumanidade.

Diante disso, nota-se de maneira geral, a violência ainda está no cerne da sociedade enquanto comportamento intimidatório, agressivo, hostil, opressor, entre outros, em especial, a violência que se presentifica nas relações conjugais e/ou violência doméstica. Para Alves (2010), todos os comportamentos dentro de uma

relação íntima que cause sofrimento psíquico, dano patrimonial, dano moral, agressões físicas, coação sexual ou quaisquer outras formas de abuso que restrinjam o sujeito aos seus direitos de liberdade e integridade pode ser entendido como violência doméstica.

Ainda comunicando sobre a temática, Cheron e Severo (2010) afirmam que as diferenças entre os sexos, que confere ao homem o poder e a força física; enquanto, a mulher a fragilidade, a docilidade e a submissão; são noções que desde muito cedo são apreendidas em nosso seio social e que fertilizam o imaginário daqueles que encontram o ciúme como recurso simbólico de se manter numa relação.

Logo, é frequente um enredamento de valores socioculturais que marcam e reafirmam constantemente o papel da mulher na sociedade, tornando-as, muitas vezes, vulneráveis às mais variadas agressões como expõem os autores.

A violência constitui um componente fundamental do adestramento das mulheres à ordem social patriarcal. A garantia de sobrevivência e de manutenção da família tem na obediência dos filhos e na submissão e dependência das mulheres a metodologia operativa da dominação patriarcal, terreno fértil para a ocorrência de abusos. (Rede Nacional Feminista de Saúde, 2005, CHERON e SEVERO, 2010, p.2).

O que em nada difere na obra de Shakespeare³, ao trazer à tona as características de Otelo e Desdêmona. O primeiro é caracterizado como viril, forte e rudimentar, enquanto Desdêmona é descrita como frágil, doce e delicada. É a partir desses desdobramentos e tendo como anteparo o saber psicanalítico é que se pretende dialogar entre a obra de Shakespeare, perpassando pelos ciúmes de Otelo à tragédia que culmina na morte de Desdêmona. Nota-se o quão frutífero pode ser a interface entre a Psicanálise e a Literatura, visto que na obra freudiana tem sua travessia nos textos de Homero, Fiódor Dostoiévski, Goethe, Shakespeare, entre outros. Cabe destacar que a descoberta da tragédia grega de Sófocles, a grande influência de Freud na criação do Complexo de Édipo, a saber, é um dos conceitos fundamentais da teoria psicanalítica.

Freitas (2001, p. 33) corrobora que o cerne da psicanálise encontra-se atravessado pela literatura quando afirma: “Ele aproveitava as falas dos personagens

³ Considera-se seu nascimento no dia 23 de abril de 1564, em Stratford-upon-Avon, embora não haja registros dessa data e sua morte no dia 23 de abril de 1616. Suas produções mais célebres e consagradas foram geradas entre 1590 e 1613. Dentre suas obras, destaca-se: “Romeu e Julieta”, “Rei Lear”, “Macbeth”, “O Mercador de Veneza”, “Sonho de uma Noite de Verão”, “A Megera Domada”, “Otelo, o Mouro de Veneza”. <https://www.infoescola.com/biografias/william-shakespeare/> Acesso em: 03 fev.2017

para exemplificar suas ideias, porque já havia percebido que todo grande escritor, em suas obras, fazia de seu personagem um porta-voz do desejo inconsciente.”

Assim, nesse trabalho de pesquisa a proposta metodológica é análise bibliográfica. Por ser uma pesquisa teórica com base psicanalítica, tem por objetivo submeter a uma análise conceitual sobre as questões da violência e do ciúme. Também se propõe a uma reconstrução dos conceitos freudianos e de seus comentadores, visto que eles se relacionam formando uma tessitura sobre tal concepção; já os conceitos tornam-se subsídios para sustentar a hipótese levantada nesse estudo. (COUTO, 2010)

ANÁLISE DA OBRA

A história ocorre por volta de 1622, ano de sua publicação. Shakespeare se serve de Otelo, o general do exército de Veneza, para trabalhar questões como o ciúme e a inveja.

É na obra shakespeariana que se busca compreender acerca da história de Otelo e Desdêmona que tem como pano de fundo o drama passional na qual a cólera, a traição, o sentimento de posse e o ciúme fazem-se presentes na relação amorosa. Portanto, são esses os afetos que também se presentificam na violência conjugal. Nesse ínterim que a Psicanálise e a Literatura se assemelham, pois ambas trazem o discurso do sujeito do inconsciente, o poeta o faz sem saber, porquanto o psicanalista utiliza-se de tais discursos, como disse Lacan (1959-1960, p. 25): “à dignidade do indizível”, isto é, naquilo que emerge a partir dos ditos e não ditos do sujeito em processo analítico. É nesse processo que faz com que analista, pela via da repetição, possa escutá-lo, de sobremaneira, fazendo com que o sujeito consiga elaborar os traumas e ressignifique novos sentidos as suas angústias. (LACAN, 1959-1960; 1992)

Nesse contexto, tendo por fundamento a obra freudiana e as interpretações psicanalíticas, é que se busca apreender - por meio dos personagens shakespearianos, em especial, Otelo e Desdêmona - aquilo que Freud já supunha quando escreveu “Escritores criativos e devaneio” (1908 -1907), que nas obras literárias há uma abertura para se ter acesso aos desejos inconscientes, como relata: “muito provável que os mitos, por exemplo, sejam vestígios distorcidos de fantasias plenas de desejos de nações inteiras, os sonhos seculares da humanidade jovem (FREUD, 1908-1907, p.7).

OTELO – ‘O MOURO DE VENEZA’

Na obra de Shakespeare, Otelo é general do exército de Veneza, sendo este detentor de uma aparência rudimentar, porém com atitudes nobres e bastante estimado pelo Estado. Este, por sua vez, se apaixona por Desdêmona, possuidora de uma beleza descomunal, delicada, leal, abastada e filha de Brabâncio, o então, senador de Veneza. A trama se dá a partir da não aceitação do alferes Iago, que pela via da inveja e do ciúme busca se vingar de Otelo, por não ter sido convocado para o cargo hierárquico de tenente. Ficando a ocupar-se de tal cargo Micael Cássio, um jovem soldado sem experiência e que até então, nunca houvera comandado algum soldado, e que a posteriori, viria a ser o tenente de confiança de Otelo. (SHAKESPEARE, 1622)

Alferes Iago, ávido de ódio, de ciúme e de inveja vai à casa de Brabâncio e comunica-o sobre o romance entre sua filha Desdêmona e Otelo; este ao perceber que a filha havia fugido com o general, vai em busca de matá-lo com a alegação de que Otelo havia seduzido Desdêmona por meio de feitiçaria. Como o general Otelo possuía bastante prestígio e estima do Estado, ao se encontrar com Brabâncio, em defesa própria, afirma: “[...] - Ela me amou à vista dos perigos que passei, e muito amor lhe tive, por ter revelado compassiva. Foi essa toda a minha bruxaria.” (SHAKESPEARE, 1622, p.31) Ou seja, a partir dessa fala de Otelo, pode-se inferir que na íntegra este não crê que Desdêmona o ame, mas apenas tenha se enamorado por suas conquistas na guerra, parece haver nos ditos de Otelo a certeza inconsciente da traição iminente, pois aparenta ser indigno de ser amado por sua esposa.

Para confirmar tal suposição Arreguy, Garcia (2002) et al Racamier (1968) expõem que há no sujeito ciumento uma inclinação a passividade diante do outro, que gera uma perda ou uma baixa estima de si. Isto é, no ciúme melancólico o sujeito sempre se vê indigno de ser amado e talvez por isso, haja um excesso de desconfiança e a constatação da fantasia de traição, como nos ditos do autor:

Então, no ciúme melancólico estão em jogo dois processos psíquicos que resultam no intenso desinvestimento do eu, mascarado por um autocentrismo exagerado, e na ausência de autoconfiança: uma identificação com o rival, e uma perda da capacidade de amar. É assim que nesse tipo de ciúme, embora também exista, como no delirante, a possibilidade de fantasiar imaginariamente a traição, não há uma busca ativa por “solucionar esse problema”, já que o objeto é dado inequivocamente como perdido. Fato ou imaginação, a infidelidade do companheiro amoroso é “aceita” e vivida como um sofrimento passivo pelo ciumento depressivo, pois ao contrário de tentar recuperar aquilo que crê ter perdido, ele, numa espécie de autodestruição indireta, atrai seu infortúnio (ARREGUY; GARCIA, 2002 et al, p. 7, RACAMIER, 1968).

É como se, para o ciumento fosse insuportável a possibilidade de um terceiro nessa relação, sentindo-se excluído em detrimento do amor de outra pessoa e remetendo-se a uma reatualização do Complexo de Édipo, uma vez que este se vê traído por sua mãe em detrimento de escolher seu pai como objeto de amor. (ARREGUY; GARCIA, 2002)

Ainda sobre a fala de Otelo, pode-se perceber que este também não se deixa enamorar por Desdêmona, mas por sua comiseração sentida por suas histórias de guerra. Isso pode ser evidenciado quando Otelo profere: “[...] e muito amor lhe tive, por ter revelado compassiva [...]” (SHAKESPEARE, 1622, p. 31). Nota-se, nesse momento, que há algo da constituição narcísica em voga, pois é preciso que Otelo seja reafirmado não só pelo Estado de Veneza, como alguém de prestígio e de poderio militar, mas sobretudo esse precisa ser deificado por sua esposa. Pode-se conjecturar que Otelo ama aquilo que lhe é faltoso, pois apresenta manter para com Desdêmona uma relação de escolha objetual narcísica. Em outras palavras, Freud ao retratar o narcisismo define-o como enamoramento do sujeito por si mesmo, tendo como ideal o seu próprio ego que aspira reencontrar no amor materno a onipotência infantil, escolhendo assim um parceiro que viesse a se assemelhar ao seu próprio ego. (FREUD, 1914)

No que se segue, Otelo é enviado para Chipre a fim de conduzir o exército de Veneza a uma guerra contra os turcos e Desdêmona o acompanha, porém eles partem em embarcações separadas e devido a uma tormenta a embarcação de Desdêmona chega antes a Chipre. Ao chegar à ilha, vendo que seu plano havia falhado, o alferes Iago ainda mais vingativo e com intuito de arruinar Otelo, insinua que Desdêmona estava a trair o esposo com Micael Cássio, o então tenente de confiança de Otelo. Micael Cássio era possuidor tanto de beleza, quanto de eloquência, despertando nas mulheres da época, grandes paixões. Por esses

motivos, Otelo se deixa encolerizar e a passa a ter ciúmes de sua amada. (SHAKESPEARE, 1622)

Continuamente, alferes Iago permanece a insinuar sobre a infidelidade de Desdêmona e as rumações ciumentas se intensificam. É quando Otelo encontra nos aposentos de Micael Cássio, o lenço de sua esposa, que por sinal fora o primeiro presente de Otelo dado a Desdêmona. Como o lenço é uma simbologia para Otelo - havia herdado de sua mãe - acreditava que ele era mítico, e enquanto Desdêmona o tivesse sob sua posse, nada de mal lhes aconteceriam, pois o amor entre eles estaria protegido. (SHAKESPEARE, 1622)

Contudo, o alferes Iago sabendo da origem da história do lenço, coloca-o nos aposentos de Micael Cássio e mais uma vez insinua acerca da infidelidade de Desdêmona. É nesse momento que Otelo questiona a esposa sobre o lenço que lhe presenteara e Desdêmona, por sua vez, não sabe explicar a perda (SHAKESPEARE, 1622). Nesse fragmento é pertinente dizer que a simbologia do lenço pode ser pensada a partir da metáfora do objeto perdido, por assim dizer, a própria Castração, como a perda fundamental do sujeito, quando a criança se sente incompleta diante daquilo que acreditara, ou seja, a completude ante a figura materna. (FREUD, 1924; 2011)

Freud (1937-1939), em seu texto “Um exemplo de trabalho psicanalítico”, afirma que nos primeiros cuidados do corpo do infante, a mãe se torna seu primeiro objeto de amor pela via da sedução e é essa relação dual (mãe e bebê) ao que servirá de modelo para as demais relações na vida adulta do sujeito, como explica Soares, 2007 apud Lachaud, 2001:

O objeto primeiro para a criança é um objeto de necessidade. Progressivamente, ele se torna, com a ajuda da mãe, um objeto de desejo que a criança vai poder, progressivamente também, transferir para outro objeto. No ciúme patológico, o objeto permanece no registro da necessidade e sua ausência não garante mais a autoconservação. [...] O estatuto do objeto, que é função do momento traumático ligado à fixação do pequeno, é primordial quanto à forma que tomará a expressão do ciúme. (SOARES, 2007, apud LACHAUD, 2001, p.40)

Logo são os resquícios dessa fixação erótica do infante para com a mãe que comumente subsistem pela via da sujeição excedente por ela, persistindo como uma forma de servidão às quaisquer outras figuras femininas. Isto é, o infante não pode desposar a mãe, mas também não pode correr o risco de vir a ser odiado por seu pai. No entanto, este se vê na iminência de ser traído por sua mãe e entregue ao pai para

os fins de castração, uma vez que é o medo da perda real do pênis que está em volta nessa relação entre pai e filho. Visto que, se por um lado ele deseja se enamorar pela mãe, por outro, se vê amedrontado diante da castração.

Por conseguinte, Otelo vai até os aposentos de Micael Cássio e se esconde para escutar uma conversa entre Cássio e Bianca, a saber, Bianca era enamorada de Cássio. Nesse momento, Otelo ouve quando Bianca, enciumada, fala sobre o lenço que encontrara no quarto de Micael Cássio. E isso é que o faz ter certeza das traições de Desdêmona. Convencido da infidelidade da esposa, mata-a asfixiada. (SHAKESPEARE, 1622)

Após, ceifar a vida de sua amada, este descobre pela esposa de Iago, que Desdêmona nunca lhe fora infiel, que tudo não passara de um plano de Iago a fim de se vingar, por ter tido Otelo, nomeado tenente, Micael Cássio. Otelo, movido por sua culpa, apunhala-se, caindo sobre o corpo de sua amada. (SHAKESPEARE, 1622)

Nesse trecho final pode-se inferir o discurso de que o ciúme é sinônimo de amor e ele foi introjetado no sujeito desde a mais tênue infância e (re)afirmado culturalmente na sociedade. O que, por conseguinte, traz para aquele que experiencia tal sentimento uma carga excessiva de sofrimentos, entre eles, o psíquico. Este, por sua vez, diante de uma ameaça de perda real ou imaginária de alguém tão valorizado, é induzido a praticar as mais variadas condutas agressivas. Cavalcante (1997, p. 24) sentencia:

Essa insegurança que o ciúme gera teria por base os processos de idealização. O amoroso criaria uma imagem do amado, nem sempre fundamentada no real. Se começa a não existir uma correspondência dessa idealização, a desconfiança e o ciúme se instalam. (CAVALCANTE, 1997, p.24)

Busca-se nesse momento ter o apoio da literatura para expor sobre a dinâmica do ciúme presente no caso em tela e para isso, primeiramente, é preciso se conceituar acerca da violência conjugal. Para Alves (2010), é a violência que se apresenta pela via das agressões físicas, psicológicas e/ou patrimoniais entre os conjugues no âmbito doméstico, tendo suas motivações mais comuns o ciúme, o desprezo e a perda do controle sobre o 'objeto amado' – no caso, a mulher.

Chauí (2003, p.42) ratifica ao expor que:

A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, tratá-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade é tratá-lo não como humano, e sim como coisa.

VIOLÊNCIA: UM BREVE COMENTÁRIO

O ponto nodal desse comentário se faz importante devido ao esclarecimento do termo violência, ao qual tem sido pouco discutido no âmbito psicanalítico, sendo por vezes, utilizado por Freud (1919) como sintoma que reduz o sujeito ao gozo⁴. Em 'Bate-se numa criança', Freud (1919) supõe que haja nas relações sadomasoquistas, presentes em homens e mulheres, uma fantasia na qual o sujeito se expresse de modo erótico, quando o gozo e a satisfação sexual se apresentam por intermédio da violência psíquica ou física.

Nesse sentido, percebe-se que o conceito de violência no pensamento psicanalítico ainda é impreciso. No mais, a violência, enquanto conceito, tem sido difundida por autores da Psicologia Jurídica, como a ação de violentar e causar danos físicos, morais, psicológicos e patrimoniais através da força ou da coação de modo a invadir liberdade e integridade de outrem. (AMORETTI, 1992)

VIOLÊNCIA CONJUGAL E O CIÚME: UMA VISÃO PSICANALÍTICA

Tomando como referência Otelo, percebe-se que o laço amoroso com Desdêmona, assim como aquele presente em outras relações conjugais e/ou relações amorosas abusivas são cercados de sentimentos que eclodem excessivamente pela via do domínio do objeto amado. É como se houvesse sempre um terceiro elemento, um rival, ao qual é ameaçador. E para não se perder o objeto de amor, comumente o enciumado tende a se sentir inseguro, hostil, angustiado e intolerante, o que, por conseguinte, tende a interferir na dinâmica da relação conjugal. (LEVY; GOMES, 2011)

A obra freudiana ensina que todos os sujeitos estão propensos ao ciúme, justamente, por este ser inerente à condição humana tal qual os estados emocionais do luto. Porém, alerta sobre o ciúme excessivo e/ou patológico que pode vir a propulsar num ato de violência e sobre esse último Freud afirma que os ciúmes anormais se constituem de três modos: competitivo ou normal; projetado e delirante (FREUD, 1922).

E para tanto, Freud expõe que o ciúme tem sua origem inconsciente, presente nas primeiras manifestações emocionais do infante, oriundos do Complexo de Édipo.

⁴ É relativo a uma tensão, seja ela prazerosa, no caso da excitação sexual, seja ela desprazerosa, sendo o caso do gozo associado à pulsão de morte que se encontra nos sintomas. O gozo tem a ver com a repetição, com o excesso e conseqüentemente com as pulsões (NICOLAU, 2001, p.84).

Essas atitudes são comumente revividas todas as vezes em que o sujeito se vê diante da perda, desamparo ou do abandono, uma vez que ambos os sexos (homens e mulheres) presumem sempre haver um dado alguém que seja mais certo, bem-sucedido ou mais satisfatório para seu parceiro, sendo este um ciúme normal, constituído fundamentalmente do luto e da hostilidade para com o rival na relação amorosa. Já o ciúme projetado é o desejo de trair o objeto de amor, mas que fora transferido para o outro, como confirma o autor:

Certamente eles o fazem, mas não projetam no vazio, ali onde não se acha nada semelhante; são guiados por seu conhecimento do inconsciente, isto sim, e deslocam para o inconsciente do outro a atenção que desviam do seu próprio inconsciente (FREUD, 1920-1923).

E por último, o ciúme delirante, no qual o objeto de amor torna-se perseguido, odiado. Percebe-se que aqui, o amor fora substituído por seu oposto, a cólera. Sendo sobre este que o texto tratará em seguida. (DUNKER, 1996)

CIÚME DELIRANTE

O ciúme delirante tem sua gênese no recalçamento dos impulsos acerca da infidelidade, tendo como objeto o sujeito do mesmo sexo. Isto é, o ciúme delirante é aquilo que fica de fora da homossexualidade, portanto, o enciumado inconscientemente toma o rival no conflito amoroso tanto quanto objeto de hostilidade e ódio, porquanto, de amor e desejo. Portanto, sobre isso, é crucial explicar o dito por Mallmann, 2015 apud Freud, [1922] 1976, p. 273): o homem se defende do impulso homossexual com esta fórmula: “Eu não o amo, é ela que o ama! - aqui pode se supor que a suspeita de infidelidade da parceira, por parte do enciumado nada mais é, a maneira que ele busca de escapar de seus próprios desejos homossexuais, projetando para a parceira o interesse desta por outro homem. (MALLMANN, 2015 apud FREUD, [1922] 1976)

Tomando como referência Otelo, percebe-se que o laço amoroso com Desdêmona, assim como aquele presente em outras relações conjugais, em que se nota o ciúme, são cercados de sentimentos que eclodem excessivamente pela via do domínio do objeto amado; é como se houvesse sempre um terceiro elemento, um rival, ao qual é ameaçador. E para não se perder o objeto de amor, comumente o enciumado tende a se sentir inseguro, hostil, angustiado e intolerante, o que, por conseguinte, tende a interferir na dinâmica da relação conjugal. (LEVY; GOMES, 2011)

No entanto, o discurso de que o ciúme é sinônimo de amor, introjetado no sujeito desde a mais tênue infância e (re) afirmado culturalmente em nossa sociedade, traz para aquele que experimenta um sentimento uma carga excessiva de sofrimentos. Entre eles, o psíquico e esse, por sua vez, diante de uma ameaça de perda real ou imaginária de alguém tão valorizado induz o sujeito as mais variadas condutas agressivas. Cavalcante (1997, p.24) esclarece que:

Essa insegurança que o ciúme gera teria por base os processos de idealização. O amoroso criaria uma imagem do amado, nem sempre fundamentada no real. Se começa a não existir uma correspondência dessa idealização, a desconfiança e o ciúme se instalam.

Dunker (1996), em conformidade com Cavalcante (1997), vai além ao expor que o ciumento busca reter, dominar, dispor o objeto de amor, no caso em tela, Desdêmona. De modo, a garantir que ele - Otelo, seja o único endereçado ao amor de sua esposa. Nota-se que aqui não há de se ter um terceiro na relação; caso haja a suspeita de um terceiro se está às voltas de uma ideia fixa em que a cena fantasmática da traição se inaugura, fazendo com que o ciumento passe a acreditar veemente acerca da infidelidade de seu objeto de amor, uma vez que o amor do ciumento já não é mais a equivalência daquilo que lhe completa, já não mais é o objeto que unifica os seres que se amam, mas sim o contrário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer desse estudo apresentou-se a discussão sobre o ciúme nas relações amorosas, sendo aqui apresentada na obra shakespeariana de “Otelo: o mouro de Veneza”, trazendo a suposição de que a realidade acompanha a ficção na medida em que o ciúme é bastante circular nas relações de violência conjugal. Privilegiou-se, ainda, dar notoriedade ao assassinato de Desdêmona como se observa em alguns dos fragmentos da obra, destacando-se os aspectos subjetivos que se enlaçam nas relações amorosas em função do ciúme. Em especial, na cena final, que explica não tão somente os ciúmes delirantes de Otelo para com sua amada, mas também as consequências últimas desse afeto.

Diante desse painel, na revisão bibliográfica foram utilizados textos freudianos, lacanianos e comentadores, assim como alguns autores da psicologia jurídica e o próprio arcabouço literário de Shakespeare para se analisar e fundamentar a temática em questão. Ao estabelecer esse diálogo, da psicanálise com a literatura, emerge, a

partir desses, um recurso a mais a ser explorado, a fim de compreender as manifestações do inconsciente acerca do ciúme delirante.

A partir de então, pôde-se conjecturar que nas relações primevas entre mãe e bebê é que se inaugura as primeiras manifestações do ciúme, pois nessa o infante se vê diante de uma dicotomia: se enamorar pela mãe e perder o pênis, ou tomar o pai como rival, e renunciar a relação, pretensamente, incestuosa com a mãe. Logo se percebe que o ciúme na obra freudiana tem sua angústia central na Castração, sendo a partir daí que todo sujeito se vê confrontado a um dado limite, metaforicamente expressa pela perda do pênis no real do corpo.

Percebe-se, assim, que no ciumento parece ter sido atravessado por uma não aceitação da perda do amor primordial, sendo insuportável para ele este terceiro na relação. E em consonância faz com que o sujeito na vida adulta reviva tais situações edípicas nas suas relações amorosas, sendo assim, este tenderá ir em busca de relações em que o parceiro possa vir a se assemelhar com seu próprio ego, na ânsia de reviver a onipotência narcísica, a saber, o enlace entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais.

Após estudar mais profundamente acerca do ciúme, Freud (1922) cita algumas formas da manifestação desse afeto, sendo exposto de maneira breve no transcórre do texto, evidenciando nesse trabalho o ciúme delirante, como aquele manifestado por Otelo na obra literária, e por fim, se utiliza dos escritos: "O mal-estar na cultura" (1930), no qual o autor afirma que para além, do ciúme primordial há também um desamparo que é inerente à condição humana e que faz com que o sujeito busque incessantemente ir em busca da felicidade plena com intuito de afastar de si quaisquer sofrimentos. Utilizando-se desse artifício para tamponar a angústia sentida pelo desamparo das primeiras relações amorosas.

Conclui-se que, no transcórre desse estudo, se privilegiou expor sobre a temática do ciúme, amparados pelo saber psicanalítico e literário e buscou-se compreender que as relações humanas na realidade não se diferem daquilo que os poetas expressam em suas obras. Portanto, os estudos psicanalíticos são cabíveis também nas interpretações e nas produções artísticas. Faz-se crer, inclusive, que tais interpretações literárias dão vazão ao inconsciente no processo da criação artística.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Cristiane da Silva Vieira. 2010. Violência doméstica contra as mulheres e suas configurações. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. CURSO DE PSICOLOGIA. Criciúma. Santa Catarina. 28 de junho de 2010. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000044/0000441D.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- ARREGUY, Marília Etienne; GARCIA, Claudia Amorim. 2008. Algumas aproximações entre o ciúme, a melancolia e o masoquismo. *Psicologia em Revista*, v. 8, n. 11, p. 111-122, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/viewFile/142/136>>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- AMORETTI, R. 1992. Bases para a leitura da violência. In: AMORETTI R. (Org.). *Psicanálise e Violência*. Petrópolis: Vozes.
- CAVALCANTE, Antônio. Mourão. 1997. *O ciúme patológico*. Rio de Janeiro: Record. Rosa Tempos, 1997.
- COUTO, L. F. S. Quatro modalidades de pesquisa em psicanálise. 2010. In: NETO, F. K., MOREIRA, J. O. (Orgs.). *Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade*. Barbacena MG: EdUEMG, p. 59-76, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. 2003. Ética, política e violência. In: T. Camacho (Ed.), *Ensaio sobre violência* (pp. 39-59). Vitória: Edufes.
- CHERON, Cibele. & SEVERO. Elena. Erling. 2010. Apanhar ou Passar Fome? A difícil relação entre Dependência Financeira e Violência em Porto Alegre, RS. Em: *Anais eletrônicos [recurso eletrônico] [do] Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Fazendo Gênero 9*. Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.fazendogenero.ufsc.br>>. Acesso em: 02 fev. 2017.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. 1996. *O Ciúme e as Formas Paranóicas do Amor: consumidos pelos ciúmes*. Viver Psicologia. São Paulo, v.36, 1996.
- FREITAS, Luiz A. Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura. 2004. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2004.
- FREUD, Sigmund. 1912-1913. Totem e tabu. In: _____. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 15-155. (Obras completas, 11).
- _____. 1905. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Edição Standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII.
- _____. 1922. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo. In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 269-281. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- _____. 1920-1923. Psicologia das massas e análise do eu. In: _____. *Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade (1923)*. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 209-224. (Obras completas, 15).

Violência Conjugal e Ciúme Numa Perspectiva Psicanalítica a Partir De ‘Otelo – O Mouro de Veneza’

_____. 1914-1916. Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 14-50. (Obras completas, 12).

_____. 1908. Escritores criativos e devaneio. In: _____. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. IX.

_____. 1924. O Problema econômico do masoquismo. In: _____. O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 184-202. (Obras completas, 16).

_____. 1939. Um exemplo de trabalho psicanalítico. In: _____. Obras completas, v.23: Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939). Vol. 23. Rio de Janeiro: Imago, 2011. Cap. 7. p.123-131.

LACAN, J., citado por BRASIL, Hórus Vital. 1992. Dois ensaios entre psicanálise e literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 25.

LEBRUN, Jean Pierre. Incidências da mutação do laço social sobre a educação. 2004. p. 313. In: Gediel, José Antônio e Mercer, Vânia Regina (Org.) Violência, paixão & discursos. Tradução: Germaine Mandel. Porto Alegre, CMC, 2008.

LEVY, Lidia; GOMES, Isabel Cristina. 2011. Relações amorosas: rupturas e elaborações. Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 45-57, jun. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

MALLMANN, Cleo José. 2015. Ciúmes: do normal ao patológico. Estud. Psicanal. n.43, p. 43-49. ISSN 0100-3437. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo>>. Acesso em: 09 fev.2017.

NICOLAU, Roseane Freitas. 2001. Corpo e gozo: a linha. Revista de Psicanálise do entreato, Fortaleza, v. 2, 2001.

OLIVEIRA, Anna Paula Garcia; Cavalcanti, Vanessa Ribeiro Simon. 2007. Violência doméstica na perspectiva de gênero e políticas públicas. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum. v.17 n.1. São Paulo. abril de 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000100005>. Acesso em: 12 fev.2017.

SANTANA, Ana Lucia. William Shakespeare. <https://www.infoescola.com/biografias/william-shakespeare/> Acesso em: 03 fev.2017.

SHAKESPEARE, William. Otelo: o mouro de Veneza. Edição: Ridendo Castigat Mores. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/otelo.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

SOARES, Thiago Damascena de Oliveira Pereira. 2007. Ciúme na Psicanálise e na Literatura. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Faculdade de Ciências da Saúde – FACS. Curso de Psicologia. Brasília. Dezembro de 2007. p.14. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/3028/2/20311598.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

CONJUGAL VIOLENCE AND SCIENCE IN A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE FROM ‘OTELLO – THE MOURO OF VENICE’

ABSTRACT

In the present study, we intend to analyze the issues that permeate marital violence, based on the Shakespearean work, especially regarding the theme of the jealousy of Othello by his wife Desdemona, and its interface with the Freudian work. And it is from this point of view that one seeks to conceptualize conjugal violence in articulation with psychoanalytic concepts, so that one can then investigate the subjective aspects that are intertwined in the amorous relationship in which the woman is attacked by her partner in function of a affection like jealousy. At the end, it is noted that Othello believes in the alleged infidelity of his wife. His jealousy consumes his sanity, making him build a delirious process that leads him to kill his object of love.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Literature. Jealousy. Conjugal violence. Woman.

LA VIOLENCE CONJUGALE ET LA SCIENCE DANS UNE PERSPECTIVE PSYCHANALYTIQUE DE 'OTELLO – O MOURO DE VENEZA'

RÉSUMÉ

Dans la présente étude, nous avons l'intention d'analyser les problèmes qui imprègnent la violence conjugale, basés sur le travail shakespearien, en particulier sur le thème de la jalousie d'Othello par son épouse Desdemona et son interface avec l'œuvre freudienne. Et c'est de ce point de vue que l'on cherche à conceptualiser la violence conjugale en articulation avec les concepts psychanalytiques, afin de pouvoir étudier les aspects subjectifs qui s'entremêlent dans la relation amoureuse où la femme est attaquée par son partenaire en fonction d'une affection comme la jalousie. À la fin, il est noté que Othello croit en l'infidélité alléguée de sa femme. Sa jalousie consume sa santé mentale, lui faisant construire un processus délirant qui le conduit à tuer son objet d'amour.

MOTS-CLÉS: Psychanalyse. Littérature La jalousie. Violence conjugale Femmes.

Recebido em: 15-01-2018

Aprovado em: 28-02-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

CORPOS QUE CAEM: ADOLESCÊNCIA, PRISÃO E PSICANÁLISE

Adriele Cardoso Sussuarana¹

Alba Caroline Tavares dos Santos²

Aleson Hernan Moraes dos Santos³

RESUMO

Objetiva-se através desse trabalho expor de forma breve o relato de experiência de uma intervenção grupal realizada durante dois meses em 2017 com adolescentes que cumprem medidas socioeducativas e se encontram em situação de privação de liberdade na cidade de Macapá-AP. Indica-se que tais adolescentes não se adequavam com facilidade as atividades propostas pela instituição. No espaço destinado à palavra, era o espaço-tempo do corpo que os protagoniza. A partir desse endereçamento específico, agitação corporal, elaborou-se uma intervenção através de exercícios de expressão corporal com o objetivo de possibilitar um dispositivo clínico de escuta. Enfatiza-se que não reduzir a psicanálise ao espaço clínico do consultório pressupõe elaborar ações que a utilizem como referencial ético e teórico no campo social. Além de histórias fragmentadas por vivências traumáticas, foi possível observar a manifestação do circuito da compulsão à repetição e da pulsão de morte na condição de encarceramento e aprisionamento social que atravessam os adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Pulsão de morte. Prisão. Adolescência. Corpo.

¹ Psicóloga na Secretaria de Saúde do Estado do Amapá (2013-2018). Psicanalista em formação pelo CPPA, Círculo Psicanalítico do Pará filiado ao CBP, Círculo Brasileiro de Psicanálise (2013). Av. Piauí, 525, Pacoval, Macapá, Brasil. adrielesussuarana@gmail.com

² Psicóloga voluntária na Secretaria de Saúde do Estado do Amapá (2015-2017). Estuda psicanálise no Fórum do Campo Lacaniano FCL-SP (2018). Rua São Vitório, 286, Vila Nhocuné, São Paulo, Brasil. albacaroline09@gmail.com.

³ Psicólogo voluntário na Secretaria de Saúde do Estado do Amapá (2015-2017). Av. Desidério Antônio Coelho, 701, Centro, Macapá, Brasil. alesonhernan@live.com

INTRODUÇÃO

Figura 01: Alojamento.



Fonte: Site jornalístico Seles Nafes (Disponível em: <https://selesnafes.com/2018/02/>). Foto: Tribunal de Justiça do Amapá

[...] E em breve tinha dentro da sala uma gaiola com os ossos de um sagui devorado por si mesmo. Um pequeno estômago repleto de si mesmo (ABREU, 1977, p. 88)

Esse trabalho pretende analisar a partir da perspectiva psicanalítica uma breve intervenção grupal realizada com adolescentes que cumprem medidas socioeducativas¹ e se encontram institucionalizados em situação de privação de liberdade. Tais adolescentes não se adequam com facilidade as atividades propostas pela instituição, mesmo em contextos grupais há momentos em que apresentam agitação psicomotora, não toleram o tempo de espera da fala do outro para se manifestar, se contorcem na cadeira, levantam, saem e entram várias vezes da sala de grupo. De acordo com a equipe técnica: “Eles são muito agitados, não são colaborativos e tentam sabotar todas as iniciativas de grupos de apoio, dificilmente participam de uma atividade do início ao fim”.

No espaço destinado à palavra, era o espaço-tempo do corpo que os protagonizava. A partir desse endereçamento específico - a agitação corporal - elaborou-se uma intervenção que iniciava através de exercícios de sensibilização dos órgãos do sentido (olhar, tato, audição, olfato), bem como exercícios de expressão corporal propostos por Boal (1979), Spolin (1963) e Lowen e Lowen (1985). As atividades finalizavam em um segundo momento, no espaço destinado para falar sobre tais experiências.

Maurano (2006) enfatiza a necessidade de não reduzir a psicanálise ao espaço clínico do consultório, mas utilizá-la para contribuir com um referencial ético e teórico nas diversas ações que podem ser articuladas no campo social. Se os modos através dos quais esses sujeitos se relacionam com o mundo e estabelecem laços sociais não são convencionais, como pressupor que a escuta convencional e individual do exercício da clínica psicanalítica os alcançaria de forma efetiva nesses contextos? Foi necessário articular um método diferenciado para possibilitar um dispositivo clínico de escuta.

Os encontros foram realizados durante dois meses, duas vezes na semana durante duas horas. Participaram da intervenção dez adolescentes da instituição. O instrumento que garantiu o registro das atividades, dos diálogos e atravessamentos dos facilitadores foi o diário de campo. Utilizou-se ainda o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o Termo de Autorização Institucional (TAI), bem como os princípios e normas inerentes à pesquisa com seres humanos em conformidade com a Resolução nº 4.66/12, Conselho Nacional de Saúde.

Inicia-se ainda sem música, até que um dos adolescentes solicita: “Põe a música antes de começar”. Ritmos fortes, tambores e percussão. A música vibra, os corpos também. Todos rodam com velocidade. Vinte mãos apertadas. Um único círculo. As mãos esticam, seguram com tanta força que machucam os dedos, os punhos. Alguns caem no chão ainda com os braços e o círculo esticado. Risos. Levantam em velocidade, retornam ao círculo, giram. Caem no chão. Risos. Braços esticados, dedos machucados. A cena se repete uma, duas, três, várias vezes.

Lacan (1964, p. 163) sobre a pulsão assevera [...] É, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante”. Freud (1915, p. 148) define a pulsão como “o conceito-limite entre o psíquico e o somático”. Lacan (1964) e Garcia-roza (1995) indicam ainda que, por ser parcial, o percurso pulsional possui um caráter circular. O vaivém, retorno em circuito (Verkehrung), torna-se alvo da pulsão por consequência de sua impossibilidade de satisfação definitiva.

Reencontramos aqui o que já lhes indiquei, isto é, que o inconsciente é o discurso do Outro [...] O discurso do circuito no qual estou integrado. Sou um dos seus elos. É o discurso do meu pai, por exemplo, na medida em que meu pai cometeu faltas as quais estou absolutamente condenado a reproduzir [...]. Estou condenado a reproduzi-las porque é preciso que eu retome o discurso que ele me legou, não só porque sou o filho dele, mas porque não se para a cadeia do discurso, e porque estou justamente encarregado de transmiti-lo em sua forma aberrante a outrem. Tenho de colocar a outrem o problema de uma situação vital onde existem todas as probabilidades que ele também venha a tropeçar, de forma que este discurso efetua um pequeno circuito no qual se acham presos uma família inteira, um bando inteiro, uma facção inteira, uma nação inteira ou a metade do globo. Forma circular de uma fala, que está justo no limite do sentido e do não sentido, que é problemática (Lacan, 1954-55, P. 127).

A impossibilidade de satisfação definitiva da pulsão coloca em relevo o vai e vêm pulsional, tendo em vista que a pulsão nunca deixa de ser uma força constante. A pulsão desenha e aprisiona em circuito os tropeços da satisfação emoldurando as vicissitudes da vida psíquica do sujeito. O esboço dessa forma circular pode ser observado em várias cenas das intervenções aqui descritas.

A ESCUTA DO ABISMO

Os adolescentes apresentavam corpos enrijecidos com movimentos repetitivos sem nenhum tipo de deslizamento entre corpo-música. Nos momentos iniciais as formações circulares não perduravam por muito tempo, era comum um, depois outro, escorrer para as bordas, os extremos da sala de grupo. Tratava-se de uma posição para a qual eles sempre retornavam: a borda, o extremo, o limite, quando não estavam para além do círculo, fora. A sensação era a de escuta de um abismo.

Realizou-se um exercício para estimular a confiança grupal. Faz-se um círculo e o sujeito que está no centro precisa deixar o corpo à deriva de modo que os que estão ao seu entorno não o deixem cair no chão. Nesse primeiro momento, os que ficavam no centro, caíam. Uma, duas, três, várias vezes. Os corpos não se seguravam, os contornos não se sustentavam.

Que resto cai senão o objeto a? Para Lacan (1964), longe de configurar a origem, o objeto a é o objeto eternamente faltante, o único modo de satisfazer a pulsão é contornando-o. Trata-se da presença de um cavo, de um vazio ocupável por não importa que objeto e o conhecemos a partir da instância de objeto perdido, a minúsculo. Brandão Carreira (2014) indica que a inserção do sujeito na dimensão falante através do recalque originário produz um resto, um lastro que possui secreta afinidade com a repetição, o objeto a. Em sua vertente de lixo, dejetivo, trata-se de um resto que sugere algo do real como um marco da origem do sujeito.

Sem rede de apoio ou contorno simbólico, os adolescentes eram encapsulados por corpos que se deixavam cair, identificações que se construíram a partir de um possível resto que cai. Registrou-se tal enunciação. Em momentos posteriores era recorrente a verbalização de variados relatos que remetiam ao mesmo exercício de queda sem contorno. Seja quando retratavam o picho, ato de ser marcado pela polícia e posteriormente assassinado, seja quando retratavam o mofo, que significava a deterioração e inadequação das instalações em que se encontravam alojados, bem como o tempo de espera para finalmente sair da instituição.

O exercício seguinte foi realizado novamente a partir de divisão de duplas. Cada adolescente deveria sentar em frente a sua dupla e tentar segurar o olhar do outro. Exercício simples e difícil. Enfatiza-se a expressão de ameaça de um dos jovens para o outro participante. Com uma das sobrelhas arqueadas e o pescoço levemente flexionado, ele olhava fixamente para o outro à sua frente. Uma facilitadora tocou o seu rosto e solicitou que ele relaxasse. Ele perguntou: “Qual é a tua fita?”. Em outro momento: “É tu que é a líder?”. De novo: “Por onde tu mora? Já te vi por aí, moro naquelas bandas, cuidado!”.

No final do encontro seguinte, um deles pediu sorrindo para que a facilitadora o levasse para casa. Que “cuidado” afinal situa-se aqui? Risco, perigo ou afeto, acolhimento? Pode-se pressupor o amor e o ódio desenhando-se na “fita” transferencial. Freud (1920) relata que a mesma oposição existente entre pulsão de vida e pulsão de morte compreende a polaridade entre amor e ódio ou ternura e agressão. São tão opostas que ao relacionar ambas, desvela-se, no entanto, que uma deriva da outra.

Fez-se um círculo no silêncio, todos se colocaram muito próximos. Receio em encostar os joelhos e os braços no outro. Indicou-se: “Podem fechar mais o círculo, não tem problema nos encostarmos”. Desconforto. Poucos seguravam o olhar. Além da dificuldade no manejo do grupo, os encontros iniciais eram permeados pela falta de um repertório de fala espontâneo. As falas com frequência apresentavam-se monossilábicas e padronizadas. Assim como os cortes de cabelo, a forma como se sentavam e os olhos baixos.

O TRAÇO DO PICHO NO CORPO

Figura 2: Alojamentos.



Fonte: Site jornalístico Seles Nafes (Disponível em: <https://selesnafes.com/2018/02/>). Foto: Tribunal de Justiça do Amapá

Duplas se espalham pela sala. O comando é simples: enquanto um corpo deita-se de peito para o chão, o outro o toca e tenta aliviar as possíveis tensões das costas. Diversas reações ao exercício proposto: corpo que não aceita o toque do outro, possivelmente também por se tratar do toque de outro homem. Corpo enrijecido, mas que relaxa e aceita ser tocado pelo outro. Corpo que não sabe como tocar o outro e seu toque precisa ser conduzido pelas mãos de uma das facilitadoras. Aos poucos, os que estão deitados no chão são colocados no colo de sua dupla, aquele que exerceu o toque, devendo ali permanecer por algum tempo. Sobre esse exercício G. que o realizou em dupla com J. diz: “Lembrei de como eu ficava no colo da minha velha”.

Em dado momento, os adolescentes discorrem sobre os amigos que já foram assassinados pela polícia e sobre o cuidado que precisam ter para não serem capturados, para não ficarem pichados. J. ri e diz: “Não pode ficar pichado. Ficou pichado, já era”. Ficar “pichado” é sinônimo de ser identificado/marcado e posteriormente assassinado pela polícia. Denota-se aqui um sujeito que precisa correr para não ser morto, que é facilmente capturado, inscrito pelo traço do picho, inscrição não apenas da instituição polícia, mas da sociedade.

Abriu-se espaço para falar de forma aberta sobre drogas, tendo em vista que um dos participantes estava visivelmente sob efeito de substâncias psicoativas. No entanto, a abertura oportunizou também falar sobre outras questões acerca da realidade que enfrentavam. N. fala sobre a superlotação, em celas que deveriam ficar dois adolescentes, encontram-se cinco ou mais. As paredes e os colchões mofados, a comida sempre em péssimas condições.

R. Indicou: "Os educadores abrem o portão para o BOPE bater na gente. Já apanhei durante duas horas e depois me deixaram ajoelhado por mais duas horas com o A. Geralmente eles batem onde não aparece muito, cotovelo, cabeça, joelho. Depois disso os educadores nos deixam no cantinho da reflexão até que cicatrize". O cantinho da reflexão é a cela de isolamento onde o adolescente fica suspenso de atividades e visitas.

J. falou sobre serem levados ao banheiro para receberem choque no pescoço pois, que só sentiam dor quando estavam molhados. G., o mais novo do grupo, 16 anos, testemunha: "Eu tenho marca de tiro, levei no abdômen de um policial e por pouco não fico sem andar". R. Mostra o maxilar deslocado devido agressões e relata: "Meu pai morreu uma semana depois que conheci ele". Depois desse evento, começou a praticar pequenos furtos e a utilizar drogas.

Denota-se ainda, a forma como os adolescentes ironizam as diversas fugas planejadas e realizadas por eles em plantões de educadores específicos com o intuito de prejudicá-los. O que nos chama a atenção é o fato de que as fugas acabam revelando algo que se repete na história desses sujeitos, pois eles, além acabar retornando para o mesmo lugar, são obrigados a cumprir por determinação judicial até o dobro do tempo estipulado a priori. Repetições que remetem a um retorno em circuito às mesmas celas mofadas e superlotadas daquela instituição.

Lacan (1954-55) refere que a repetição é introduzida pelo registro da linguagem a partir da função do símbolo. Trata-se da problemática da pergunta na ordem humana. Lacan (1964, P. 55) assevera ainda que nada pode ser pego, nem destruído, nem queimado, senão de maneira, como se diz, simbólica, in effigie, in absentia. Existiam muitos conteúdos a serem desvendados no ato repetitivo dos adolescentes de fugir e retornar àquela instituição e àquelas vivências destrutivas e autodestrutivas.

Freud, (1930), afirma que além da pulsão de conservação da vitalidade, que aproxima substâncias vivas, unificando-as em grupos cada vez maiores, agrupando sujeitos distantes, famílias, etnias, povos e nações numa grande unidade humana –

ato civilizatório – existe algo antagônico, contrário, no qual se busca a dissolução desses grupos, a hostilidade de um contra todos e de todos contra um, e ainda uma espécie de retorno a um primórdio “inorgânico”. O movimento da vida, bem como o da própria civilização se configura pela ação contraditória dessas forças.

Para possibilitar a construção da civilização, Freud (1930) refere que o ser humano abre mão de suas pulsões de destruição, mas a hostilidade primária não sucumbe por completo, assim a civilização é intermitentemente colocada em perigo diante de uma possível desintegração.

Lacan, (1960), questiona: o que afinal poderia ser a pulsão de destruição senão uma vontade de destruição direta? O autor (1954-55, p. 123) afirma: “No homem é a má forma que é prevalente. É na medida em que uma tarefa está inacabada que o sujeito volta a ela. É na medida em que um fracasso foi acerbo que o sujeito se lembra melhor dele”. Freud no seu texto “Além do princípio do prazer” (1920) indica:

[...] Se o objetivo da vida fosse chegar a um estado nunca alcançado anteriormente, isso estaria em frontal contradição com a natureza conservadora das pulsões. Portanto, esse objetivo deve ser muito mais o de alcançar um estado antigo, um estado inicial, o qual algum dia o ser vivo deixou para trás e ao qual deseja retornar mesmo tendo de passar por todos os desvios tortuosos do desenvolvimento. Se pudermos admitir como um fato sem exceção que todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões internas, então podemos dizer que: O objetivo de toda vida é a morte, e remontando ao passado: O inanimado já existia antes do vivo (Freud, 1920, P. 161)

A pulsão de morte remete aqui a uma pulsão sem representação, a uma força que não possui contorno simbólico para escoar aos poucos, por pedaços, sem machucar de forma intensa o sujeito. Como nos lembra Clarice Lispector em “A paixão segundo G.H” (2009):

Uma forma contorna o caos, uma forma dá construção à substância amorfa – a visão de uma carne infinita é a visão dos loucos, mas se eu cortar a carne em pedaços e distribuí-los pelos dias e pelas fomes – então ela não será mais a perdição e a loucura: será de novo a vida humanizada (LISPECTOR , 2009, p. 12).

Aos poucos, percebeu-se que os adolescentes carregavam na carne as marcas e o preço pelos fragmentos de suas histórias. A dinamização das pulsões através das mediações simbólicas é importante para que o sujeito não passe ao ato. Para que ele não escoe a pulsão pelas vias da destruição e da autodestruição.

O possível funcionamento desses adolescentes pressupõe um tipo de escoamento como resto, dejetivo, dispondo exclusivamente da posição de objeto. Sem

braços para segurar, como os corpos no exercício que estimulava a confiança grupal. Um corpo/sujeito que cai sem uma rede de apoio que seja concreta e visível o suficiente para carregar, sustentar ou minimizar os prejuízos da queda. Trata-se do recorte de um objeto que cumpre com a função de dejetivo e que de forma circular, através da compulsão à repetição, não cessa em tentar se inscrever.

O CORPO DA INSTITUIÇÃO

Além das dificuldades de manejo no grupo, a instituição realizou pequenos cortes à nossa intervenção. Além de suspender as atividades por duas semanas, a equipe técnica demonstrou insatisfação com a necessidade que o grupo colocou de facilitar a oficina sem a presença dos educadores (função semelhante à do agente penitenciário, vigilância e manutenção da ordem). No primeiro encontro, um educador aguardou a entrada de cada adolescente na sala e os empurrou com um tapa no pescoço. Um por um. Eles riram. O educador indicou: “Se comporta praí!”, e riu.

Em ocasião de espera da retirada dos adolescentes das celas para iniciar as atividades, uma técnica aguardava conosco a chegada de todos os adolescentes na sala de grupo, alguns já se encontravam sentados no chão quando ela solicitou: “J., começa aí a flexão”. Sem hesitar, J. começou a fazer exercícios de flexão com os braços no chão. Ela riu. A partir disso, entendeu-se porque era comum os adolescentes distraírem-se realizando exercícios de flexão. Seja nos intervalos entre um exercício e outro ou antes de iniciar a própria atividade. Goffman (1961, p. 21) identifica a institucionalização como um lento processo de mortificação do eu:

O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar, é imediatamente despido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata de algumas de nossas mais antigas instituições totais, começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente mortificado.

Corpos de 15, 17 anos com inscrições de tiro, facada, tortura e entre um intervalo ou outro, a exigência de contínuos exercícios de flexão pelos membros da instituição. R. fala:

“Tenho certeza que vocês enlouqueceriam se fossem lá pra baixo, se passassem um dia lá”.

Foucault (2005, p. 132) afirma: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. De forma irônica, os

técnicos nomearam o nosso grupo como “aqueles que dançam”. E as atividades continuaram sob vigilância constante dos educadores. Eles não estavam na sala, mas era recorrente abrirem e fecharem a porta pelo menos três vezes à cada encontro para observarem ou prezarem pela manutenção da segurança. Quando a música ressoava mais alto ou quando estávamos em silêncio, com frequência eles abriam, observavam pela fresta e em seguida fechavam a porta.

Na instituição, esses corpos eram destinados à flexões, opressões e agressões. Aparentemente não havia espaço para a palavra espontânea. Éramos, portanto, naquele corpo institucional, aqueles que dançavam. E aqueles que os convidavam a dançar. Eles ensaiavam ali versos para além das frases monossilábicas. O corpo é convidado aqui a também ser verbo, a conjugar movimentos, gestos, encontros e palavras.

A ABERTURA DOS CADEADOS

Eles dançaram até a exaustão, ritmos diferentes, tambores e percussão. Concluiu-se a atividade e nos sentamos, ficamos próximos, apenas olhando um para o outro. Os olhares já se encontravam e se demoravam. Abriu-se o espaço para a fala: C. indicou: “Eu estava viajando, não estava preso, quando estou aqui é como se não estivesse preso, parece que a gente esquece que depois vai voltar para a cela”.

O abismo, aos poucos, começou a contornar um chão. No último encontro, eles foram os facilitadores e escolheram alguns exercícios que realizamos no decorrer da intervenção. Eles pegaram os óculos de grau de uma das facilitadoras e colocaram no novo facilitador, disseram: “Agora tu é a doutora!”.

A primeira atividade se prolongou por mais de uma hora, de corpos rígidos e engessados, observou-se leveza, danças singulares, movimentos atemporais. O mais novo facilitador pegou uma fita que estava jogada na sala e explorou os movimentos do grupo. De uma fita que inicialmente soava de forma ameaçadora: “Qual é a tua fita?”, passaram para outro tipo de fita, aquela que desliza entre os corpos e também dança, faz laço. Verifica-se aqui a torção da fita como o estabelecimento do laço transferencial.

Freud, (1916), nos lembra que é impossível ceder às exigências do paciente quando essas decorrem da transferência. Suportar sem indignação os hostis conteúdos transferenciais do paciente direcionados ao analista, permite mostrar que eles não se originam da situação atual, mas que o sujeito repete algo que lhe

aconteceu anteriormente. A transferência, hostil ou amorosa, que parece representar ameaça ao tratamento, pode configurar-se, portanto, um de seus melhores instrumentos. Através dela, vários cadeados internos podem ser abertos.

Ao finalizar, todos deitam no chão. Olhos fechados. Aos poucos, abre-se espaço para as palavras, W. nos diz “Agora entendi o que é sentir, se permitir sentir” R. diz: “A cada oficina era como se um cadeado diferente fosse se abrindo no meu corpo, dentro de mim”. R. diz: “Meu corpo tá preso, mas aqui a minha cabeça tá livre”.

C. diz: “Antes havia uma mochila que pesava nas minhas costas e com as oficinas é como se ela fosse ficando mais leve”. Interrogado sobre o que havia nessa mochila, ele nos disse: “vingança, ódio, tristeza”, repetiu: “vingança, ódio, tristeza”. N. indicou: “Eu não brigo mais na cela como antes, tem coisas que agora eu deixo pra lá. Só deixo pra lá”. Os encontros aliviaram tensões e segundo eles, os conflitos nos alojamentos diminuíram, eles comentaram que relevavam muitas coisas que antes dos encontros não relevavam.

Freud, (1920), afirma que se nos detivermos nas forças que atuam na morfologia da matéria viva, podemos distinguir duas espécies de pulsões, as que visam conduzir a vida à morte e as que almejam a renovação de vida. A partir da cadeia significativa, Lacan (1960) destaca que a cadeia de acontecimentos naturais está submetida, de forma implícita a uma pulsão dita de morte:

A pulsão de destruição põe em causa tudo o que existe, ela é também vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeço. A vida só está presa ao simbólico de maneira despedaçada, decomposta. O próprio ser humano se acha, em parte, fora da vida, ele participa do instinto de morte. E só daí que ele pode abordar o registro de vida (Lacan, 1954-55, p. 127).

Por colocar em causa tudo o que existe, a pulsão de morte, despedaçada, decomposta está presa ao simbólico e é também vontade de criação a partir do nada. Os cadeados que aprisionam e deterioram também pode abrir-se para o registro da vida, com a mesma forma e na mesma intensidade.

R. finalizou o último encontro nos dizendo: “Isso aqui nos ajudou a tirar o mofo”. Mofo era a expressão utilizada pelos adolescentes para falar sobre a superlotação, a comida inadequada, os colchões e as paredes inóspitas da instituição. Mas mofo também era o termo utilizado por eles para falar sobre o tempo de espera na prisão. Que tempo eles nos enunciam, afinal?

O tempo que nos é dado difere do tempo do sujeito. O tempo a que se propõe a psicanálise não é o tempo que conta, mensura ou calcula, conforme nos lembra

Lacan em 1966 no texto “Tempo Lógico e a asserção da certeza antecipada”. Trata-se de um tempo que compõe um sujeito e o seu lugar na linguagem.

Mostrar que a instância do tempo se apresenta de um modo diferente em cada um desses momentos é preservar-lhes a hierarquia, revelando neles uma descontinuidade tonal, essencial para seu valor. Mas, captar na modulação do tempo a própria função pela qual cada um desses momentos, na passagem para o seguinte, é reabsorvido, subsistindo apenas o último que os absorve, é restabelecer a sucessão real deles e compreender verdadeiramente sua gênese no movimento lógico. (LACAN, 1966, p. 204)

A partir da proposta de Lacan, indica-se que o tempo, além de linguagem, é espaço. Novarina (2003) refere que é na escuridão que a fala se produz, e pela linguagem que se dá o lugar do nascimento no espaço. É no tempo da música que o dançarino faz nascer o movimento e ocupa o espaço. “O tempo é indissociável do espaço” (Nominé, 2009, p. 51).

No fundo das celas, transborda a escuridão. Silêncio, abismo! A vida por uma fresta seja nas paredes, nas grades, no envelope, na música, no tempo. Eis o espaço que nos foi apresentado, corpos presos não apenas por celas e cadeados, mas pelas prisões alienantes de um tempo de espera.

O repertório padronizado compreende apenas o movimento da cabeça e dos olhos baixos, corpos retilíneos. O que se enuncia é um único e homogêneo corte de cabelo presente em todos: “Trata-se de um sofisma que nos dá pistas a respeito do que significa ter a vida decidida a partir de uma posição relativa aos outros” (Brandão Carreira, 2014, p. 252). Uma vida na repetição de seus cortes, de mofar em um único espaço e tempo diante da espera. O tempo de espera que se apresenta não é o tempo marcado pelo juiz, pela idade, o tempo em reclusão, mas o tempo inconsciente, o tempo é de outra ordem.

Portanto, essa temporalidade que se trata no acontecimento não tem nada a ver, nem com o tempo que passa, nem com o tempo da história; essa temporalidade diz respeito ao sujeito. Ela tem uma relação tão estreita com o sujeito, que poderíamos dizer que participa dos atributos do sujeito, no sentido gramatical do termo, porque esses acontecimentos aos quais o sujeito se esforça para voltar em seus sonhos são momentos que determinam aquilo que o sujeito foi, aquilo que ele se tornou, o que terá sido quando..., o que teria podido ser se... em resumo, trata-se de tentar simbolizar, de abarcar, da maneira mais próxima possível, esse momento, esse lapso de tempo, esse instante em que tudo se precipitou para tornar o sujeito aquilo que ele é (Nominé, 2009, p. 53).

O tempo é o tempo da linguagem, com suas pausas e continuidade. A linguagem tem ritmo, tem movimento. Como relata Julien (2001 apud Nominé, 2009), falar é o bastante para sustentar a existência do tempo. “O tempo é produzido pelo

sujeito que fala. Este não deixa de ter relação com a língua que conjuga” (Nominé, 2009, p. 54).

Qual a temporalidade do mofo, colônia de fungos que cresce em objetos inertes, matéria orgânica e úmida que causa decomposição, destruição? Até que ponto o tempo desses adolescentes que convivem diariamente com o mofo de cada cela não pode ser deteriorado pelo tempo da espera? E o que cada um deles pode para além do abismo? Entre aqueles que estão marcados com a inscrição do picho, que possuem um corpo recortado como objeto de espancamento, esquecimento. Um grupo marcado para matar ou morrer. Como sair dessa inscrição?

Do fundo das gavetas de dentro de pastas e envelopes do fundo do silêncio encardido (...) esperam por um corpo de homem em que de novo se façam vivos” (GULLAR, 205, p. 594).

Figura 3: Banheiro.



Fonte: Site jornalístico Seles Nafes (Disponível em: <https://selesnafes.com/2018/02/>). Foto: Tribunal de Justiça do Amapá

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. (1977). Pedras de Calcutá: contos. São Paulo: Alfa Omega, 1977.
- BOAL, A. (1979). 200 exercícios para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro. 2 Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.
- BRANDÃO CARREIRA, L. (2014). Os tempos da escrita na obra de Clarice Lispector: No litoral entre literatura e psicanálise. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2014
- FREUD, S. (1915) Pulsões e destinos da pulsão. In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente, vol. 1. Trad. Luiz A. Hanns, L. A. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- FREUD, S. (1916) Conferência XXVII “Transferência”. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FOUCAULT, M. (1975). Vigiar e punir: nascimento da prisão. 30 Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GARCIA-ROZA, L. (1995). Introdução à metapsicologia freudiana; v. 3: Artigos da metapsicologia – narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- GOFFMAN, E. (1961). Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 1961.
- GULLAR, F. (1976). Toda poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015
- LACAN, J. (1954-1955). O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1960). O seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, J. (1962). Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1964). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LISPECTOR, C. (1964). A Paixão Segundo G.H. 15. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- LOWEN, A.; LOWEN, L. (1985) Exercícios de bioenergética: O caminho para uma saúde vibrante. 8 Ed. São Paulo: Ágora, 1985.
- MAURANO, D. (2006). Para que serve a psicanálise? 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- NOMINÉ, B. (2009). O tempo: um objeto lógico. Stylus, Rio de Janeiro, n. 18, p. 51-59, 2009.
- NOVARINA, V. (1999). Diante da palavra. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003
- SPOLIN, Viola (1963). Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 1963.

FALLING BODIES: ADOLESCENCE, PRISON AND PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT

The objective of this work is to briefly present the experience report of a group intervention carried out during two months in 2017 with adolescents who comply with socio-educational measures and are in situations of deprivation of liberty in the city of Macapá-AP. It is indicated that such adolescents did not adapt easily to the activities proposed by the institution. In the space destined to the word, it was the space-time of the body that it stars them. From this specific address, body agitation, an intervention was elaborated through exercises of corporal expression with the objective of enabling a clinical device of listening. It is emphasized that not reducing psychoanalysis to the clinical space of the practice presupposes elaborating actions that use it as an ethical and theoretical reference in the social field. In addition to stories fragmented by traumatic experiences, it was possible to observe the manifestation of the circuit of compulsion to repetition and the death drive in the condition of imprisonment and social imprisonment that cross adolescents.

KEYWORDS: Death drive. Prison. Adolescence. Body.

CORPS DE CHUTE: ADOLESCENCE, PRISON ET PSYCHANALYSE

RÉSUMÉ

L'objectif est de travailler à travers cet exposé brièvement le rapport d'expérience d'une intervention de groupe détenu pendant deux mois en 2017 avec des adolescents qui rencontrent des mesures éducatives et sont dans une situation de privation de liberté dans la ville de Macapa-AP. Il est indiqué que ces adolescents ne s'adaptent pas facilement aux activités proposées par l'établissement. Dans l'espace destiné au mot, c'était l'espace-temps du corps qu'il les étoile. A partir de cette adresse spécifique, le corps tremblant, a été élaboré une intervention à travers des exercices de langage corporel afin de permettre un dispositif d'écoute du clinicien. Il est souligné que ne pas réduire la psychanalyse à l'espace clinique de la pratique suppose d'élaborer des actions qui l'utilisent comme référence éthique et théorique dans le champ social. En plus des histoires fragmentées par des expériences traumatiques, il était possible d'observer la manifestation du circuit de la contrainte à la répétition et la pulsion de mort dans la condition d'emprisonnement et d'emprisonnement social qui traversent les adolescents.

MOTS-CLÉS: Pulsion de mort. Emprisonnement. L'adolescence corps.

Recebido em: 02-04-2018

Aprovado em: 22-04-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

TOTEM E TABU: VIDA COTIDIANA

Bruno Wagner D'Almeida de Sousa Santana¹

RESUMO

No presente artigo o autor procura fazer um breve estudo do texto Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida anímica dos selvagens e a dos neuróticos, escrito por Freud em 1913. Destacando os principais pontos discutidos por Freud em cada capítulo da obra, o principal intento do autor é mostrar que ao contrário da interpretação que se costuma fazer, Freud não escreve esse texto para distanciar “primitivo” e “civilização”, como se fossem etapas maturacionais do processo do desenvolvimento humano, linearmente em ascensão evolutiva. A temporalidade que orienta Freud em Totem e tabu não busca distanciar “primitivo” e “civilizado”, busca antes aproximá-los, busca mostrar o que há neles de concordância, como fica explícito no próprio subtítulo da obra: algumas concordâncias entre a vida anímica dos selvagens e a dos neuróticos.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Totem. Temporalidade. Índios. Civilização.

¹ Psicanalista e filósofo. Doutor em Filosofia pela PUC-RJ. Mestre em Filosofia também pela PUC-RJ. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e em Filosofia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF). Praça Almirante Jaceguai, 72, apto.602, 20240-000, Bairro de Fátima, Rio de Janeiro, RJ. 21-999919051. brunowagnersou@yahoo.com.br

TOTEM E TABU: VIDA COTIDIANA

Venho ouvindo da parte de pessoas que se colocam como psicanalistas formulações que dizem que os índios não têm simbólico, que “não são nem capazes de amar”, que eles vivem se devorando uns aos outros enquanto “nós fazemos nossas comunhões com doces”, que a ascensão do simbólico se deu através da cruz cristã, que a cultura indígena “é uma cultura que não se desenvolve porque eles matam os chefes deles a facadas”, e por aí vai. Não estaria falando disso aqui se não fosse pela proximidade de onde venho ouvindo essas atrocidades, me assusta muito ouvir coisas assim e vindo de onde vêm. Por conta disso — como se já não bastasse a enorme influência que o texto de Lévi-Strauss, intitulado *A eficácia simbólica*, teve sobre Lacan — mas também pela relevância do próprio texto, resolvi tentar fazer uma breve apresentação da maneira como interpreto a obra *Totem e Tabu*: algumas concordâncias na vida anímica dos selvagens e dos neuróticos (1913), de Freud, a fim de mostrar que Freud não se interessou pelo tema do totemismo para traçar o que seria uma antipsicanalítica e equivocada teoria da evolução mental, equívoco no qual, segundo Lacan, os analistas parecem por vezes recair (LACAN, 1986, p.131), mas por conta da semelhança que encontrou entre a maneira de operar do pensamento neurótico e a do pensamento dos “chamados” (FREUD, 2014, p.11) primitivos.

Como próprio subtítulo do texto de Freud diz — “algumas concordâncias na vida anímica dos selvagens e dos neuróticos” —, mais do que distanciar e distinguir, o que Freud faz nessa obra consiste, sobretudo, em aproximar o funcionamento do neurótico e o funcionamento do primitivo, em se debruçar sobre o funcionamento primitivo do neurótico. E o viés para essa aproximação é o viés pulsional. Freud não está ocupado com o mérito intelectual (FREUD, 2014, p.96) da questão; como em todas as suas obras, não está ocupado com o que seria uma apreensão intelectualmente correta e adequada da realidade, até porque o que as neuroses apresentam é que nenhuma apreensão da realidade consegue elidir a dimensão conflituosa e ambivalente dos fluxos pulsionais, dimensão essa que o sintoma, em sua natureza bi-escindida (FREUD, 2014, p.68), busca recobrir, na medida em que surge como formação que salta e se produz entre duas intensidades contrapostas, — por exemplo, de sentimentos ternos, por um lado, e hostis, por outro — buscando então conciliar essas duas intensidades, malgrado essa conciliação, no entanto, nunca se efetive por completo, de modo que a almejada integridade do eu e do

indivíduo dá sempre lugar à uma ineliminável divisão do sujeito, no que este se encontra permanentemente dividido entre intensidades contrapostas, entre direções pulsionais divergentes e contrapostas.

Totem e tabu está dividido em quatro partes: a primeira trata do horror ao incesto; a segunda trata do tabu e da ambivalência de sentimentos; a terceira trata do animismo e da onipotência dos pensamentos; e a quarta trata do retorno do totemismo na infância. Em todas essas quatro partes, nos seus quatro eixos de investigação — o incesto, o tabu, o totemismo e a criança — Freud faz uma aproximação, traça concordâncias entre o neurótico e os chamados primitivos. Já era de se esperar o desconforto que isso geraria em meio àqueles que se sentem ocupando o cume do desenvolvimento humano, o suposto máximo grau da evolução da consciência jamais alcançado em todos os tempos. No entanto, como se já não bastasse o que ouvia na sua clínica, Freud viveu no período em que as populações que se consideravam as mais evoluídas e civilizadas se viram em meio à uma barbárie de proporções nunca antes vista, Freud viveu o período das duas maiores guerras mundiais, guerras que contaram com um número de mortos jamais visto antes; as ditas culturas simbolicamente mais evoluídas mostravam assim a sua outra face, a produção de morte em massa, aonde populações inteiras se viram dizimadas em nome de um Império.

O que Freud retira daí? Que nenhuma moral foi capaz de eliminar as moções hostis; lidar com o conflito é algo que não se consegue erradicar, assim como para Lacan o Real é algo que o Simbólico não consegue recobrir por inteiro (LACAN, 2008, p.40).

Sabendo das críticas que iria receber por conta de fazer uma aproximação entre o modo de operar dos neuróticos e o modo de operar dos povos “chamados” primitivos (sobre os quais vemos ainda hoje um genocídio em curso), Freud escreve:

Não nos escapa que com esses intentos de explicação nos expomos a um reproche: atribuiríamos aos selvagens contemporâneos uma fineza de atividades anímicas que excede o verossímil. Mas, opino, facilmente poderia suceder-nos com a psicologia desses povos que permaneceram no estágio animista o que ocorre com a vida anímica da criança: nós, os adultos, já não a compreendemos, e isso se deve a que tenhamos subestimado tanto a sua riqueza e sutileza. (FREUD, 2014, p.103)

Uma boa definição para um hospital-maternidade seria: casa onde se encontram seres primitivos? Na inquisição se dizia que o índio não tinha “alma”, em extensão a isso, hoje há quem diga que o índio não tem “simbólico”. Mas nem Lacan

nem Freud vão por aí: dizer que o índio não tem “simbólico”, essa é já uma interpretação selvagem da psicanálise. Muito pelo contrário, o que Lacan toma das culturas indígenas para o seu ensino é justamente, por meio da antropologia de Lévi-Strauss, a operação da “eficácia simbólica”, que por sua vez o motivará (LACAN, 2005, p.89) a elaborar a teoria dos três registros (o Real, o Simbólico e o Imaginário).

A primeira parte do livro, onde trata do horror ao incesto, é a parte onde Freud usa os piores termos para se referir aos “primitivos”, o que soa às vezes um tanto irônico tendo em vista que Freud não cessa de apontar as características atribuídas aos ditos primitivos como estando presentes também nos ditos civilizados. Há que se levar em conta aí também que Freud está se utilizando de anotações de antropólogos que, como o próprio Freud afirma, não escapam à crítica de estarem centrados nos seus próprios pontos de vista (FREUD, 2014, p.111) (o que em antropologia é chamado de “etnocentrismo”), que vêem a partir de suas próprias lentes, que não dominam a língua dos povos observados e que muitas vezes descrevem acontecimentos que foram compilados por terceiros, e não por eles próprios, sendo assim difícil comprovar algo nesse campo (FREUD, 2014, p.105).

A fim de verificar se a sua premissa é correta, isto é, a de que os povos chamados selvagens são “em certo sentido nossos contemporâneos” (FREUD, 2014, p.11), Freud escolhe as tribos que os etnógrafos (sobretudo Frazer) descreveram como sendo as mais atrasadas, que no caso seriam os primeiros povos da Austrália (FREUD, 2014, p.11). Todavia, o que Freud vai mostrar é que “estes selvagens que, segundo nossos padrões, careceriam de toda norma ética” (FREUD, 2014, p.14), “se impuseram um alto grau de restrição às suas pulsões sexuais, [e] não obstante, nos inteiramos de que fixaram como meta, com o maior cuidado e a severidade a mais penosa, evitar relações sexuais incestuosas” (FREUD, 2014, p.12); a organização social dessas populações estão centradas e divididas a partir da evitação do incesto. Segundo Freud, a proibição do incesto faz a eleição do objeto de amor deslizar da imagem da mãe, ou até mesmo da irmã, até parar em pessoas alheias que encarnam a imagem especular daquelas (FREUD, 2014, p.25). O horror ao incesto figura aí para Freud como um traço infantil e como uma concordância com a vida psíquica do neurótico (FREUD, 2014, p.26), e assim como nos “selvagens” a organização familiar se divide em duas metades matrilineares, cada uma com dois clãs totêmicos, organizadas dessa maneira para evitar as relações incestuosas (FREUD, 2014, p.17), também nos povos “civilizados” a organização familiar está centrada na evitação do

incesto, estendendo a proibição da relação sexual entre pais e filhos à relação sexual entre primos, entre padrinhos e afilhados (FREUD, 2014, p.19), entre o genro e a sobrinha (FREUD, 2014, p.23), entre o genro e sogra, a nora e sogro, por exemplo.

Na segunda parte, Freud examina o tabu, palavra polinésia de difícil tradução e que possui significados contrapostos: “sagrado” assim como “proibido” (FREUD, 2014, p.27). Freud diz que aparentemente esse seria um problema longínquo de nós, aparentemente seria uma característica específica das culturas primitivas, movidas pela crença em espíritos (FREUD, 2014, p.31). Todavia, vai ele adiante e considera esse um problema psicológico que merece uma tentativa de solução: “Aguçaremos então os ouvidos” (FREUD, 2014, p.31), diz ele,

Vislumbramos que o tabu dos selvagens da Polinésia poderia não ser algo tão remoto para nós como suporíamos à primeira vista, que as proibições a que nós mesmos obedecemos, instituídas pela moral e os costumes, possivelmente têm um parentesco essencial com este tabu primitivo, e que se esclarecermos o tabu talvez lancemos luz sobre a obscura origem do nosso próprio “imperativo categórico” (FREUD, 2014, p.31).²

A primeira concordância que Freud vê entre as proibições obsessivas nos neuróticos e o tabu é que elas não se ligam à ameaças externas, mas à uma consciência moral aparentemente imotivada que, no entanto, gera ao mesmo tempo uma angústia irrefreável. Nesse sentido, o máximo que os obsessivos às vezes conseguem dizer é que alguém do seu entorno sofreria algum dano caso ele próprio violasse a proibição que o obceca. A segunda concordância é que a proibição nuclear da neurose, assim como no tabu, diz respeito ao “contato”, à angústia do contato (seja corporalmente ou pelo pensamento), diz respeito ao “delírio de tocar”. A terceira concordância diz respeito ao “deslocamento” das proibições; elas se propagam de um objeto [substitutivo] a outro a partir de conexões quaisquer (FREUD, 2014, p.35); e como no tabu, no obsessivo a violação pode ser compensada por um cerimonial compulsivo (FREUD, 2014, p.36).

Segundo Freud, o tabu talvez seja a forma mais antiga da consciência moral, e a sua violação gera um grande sentimento de culpa, ainda que essa violação tenha se dado sem que o sujeito quisesse violar algo conscientemente, como no caso da tragédia de Édipo (FREUD, 2014, p.73), em quem o fato de ter ultrapassado a lei da pólis sem saber que o estava fazendo não anula seu sentimento de culpa. O tabu e a consciência moral não são portanto supérfluos, mas justificáveis por conta da

² Embora Freud não o diga, faz aí alusão à expressão referente à consciência moral em Kant.

ambivalência de sentimentos (FREUD, 2014, p.75) que cada homem porta consigo. Na base da proibição figurada pelo tabu age uma corrente positiva (FREUD, 2014, p.74), de valor positivo, isto é, de intensidade mais, corrente positiva que por sua vez é inconsciente (FREUD, 2014, p.75) e desde aí exerce pressão no aparelho psíquico. A consciência moral é “um sintoma reativo frente à tentação ocultada no inconsciente” (FREUD, 2014, p.74): “a proibição é expressa e consciente; por outro lado, o prazer do contato, que perdura, é inconsciente: a pessoa nada sabe dele” (FREUD, 2014, p.37), embora a atividade pulsional em busca do prazer esteja agindo constantemente, se deslocando continuamente a fim de escapar dos obstáculos interpostos pela consciência (FREUD, 2014, p.38). O fundamento do tabu, na sua dimensão proibitiva, se encontra paradoxalmente assim na inclinação contrária manifesta pelo inconsciente, na sua “intensa inclinação” para agir contra a proibição (FREUD, 2014, p.40), para além da lei. Tudo aquilo que assim viola o tabu e atija a ambivalência se torna um novo tabu, pois na medida em que acena para um gozo (FREUD, 2014, p.40) além da proibição da lei, ameaça com o que seria a dissolução da sociedade (FREUD, 2014, p.41) — caso por contágio todas as pessoas do grupo resolvessem ir na mesma direção que o transgressor. Segundo Freud, na base da obediência ao tabu há, portanto, uma renúncia (FREUD, 2014, p.42), o que no entanto não elimina a ambivalência de sentimentos. E o alto grau que essa ambivalência de sentimentos pode atingir forma, por sua vez, a predisposição à neurose (FREUD, 2014, p.66). A diferença aqui com relação ao tabu é que, para Freud, o tabu não é uma neurose, mas uma formação social, uma criação cultural (FREUD, 2014, p.76), e não se restringe a um processo particular e subjetivo.

Na terceira parte Freud se dedica “à concepção em extremo assombrosa que sobre a natureza e o universo têm os povos primitivos por nós conhecidos, (...) [que] atribuem a (...) espíritos e demônios a causação dos processos naturais, e consideram que não só os animais e plantas, como também as coisas inertes do universo, estão animadas por eles” (FREUD, 2014, p.79-80). Mais a frente ele acrescenta: mas “nós não estamos todavia bastante distanciados dela [da “filosofia da natureza” primitiva]” (FREUD, 2006, p.80). Segundo Freud, “o princípio que rege a magia, a técnica do pensar animista (para Freud, “o animismo é um sistema de pensamento”) (FREUD, 2014, p.81) é a da ‘onipotência dos pensamentos’” (FREUD, 2014, p.89), sendo que essa expressão — “onipotência dos pensamentos”— segundo o próprio Freud o diz, foi cunhada por um paciente que padecia de representações obsessivas, “o homem

dos ratos” (FREUD, 2014, p.89), técnica essa que Freud constata também em outras neuroses: “em todas elas, o decisivo para a formação do sintoma não é a realidade objetiva do vivenciar, mas a do pensar” (FREUD, 2014, p.90). Sendo assim, podemos dizer que a onipotência dos pensamentos que caracteriza para Freud o pensamento primitivo não é visto por ele como uma fase superada pela civilização, não é visto por Freud como um passado longínquo em relação à civilização, pois ele o vê vivamente operando no pensamento dos seus próprios pacientes; o sistema de pensamentos do homem dos ratos é para Freud um exemplo do modo de operar do pensamento primitivo; a neurose, para Freud, opera tal qual os pensamentos ditos primitivo, e o homem dos ratos constitui para Freud um exemplo dessa estratégia do pensar. Talvez possamos também apontar nessa direção, e nisso a responsabilidade é nossa, e não de Freud, ao lembrarmos que a religião dos povos autodenominados civilizados também possui seu quinhão de animismo, embora proclamem ter expurgado esse tipo de pensar “pagão”: no panteão dos rituais cristãos figura a presença de uma divindade animista – os anjos, seres antropomórficos, alados, misto de humano e ave, não possuem sexo, isto é, não são masculinos nem femininos, e são considerados seres enviados por Deus, estariam portanto mais próximos a Deus do que os seres humanos, já que estes teriam decaído pelo “pecado”, pela força que neles exerceu as paixões carnis e a atração do “mal”.

Por último, na quarta parte de Totem e tabu, Freud se ocupa com a questão do totemismo, assim definido por ele: “o totemismo é um sistema que entre certos povos primitivos da Austrália, América e África funciona às vezes como uma religião e proporciona a base da organização social” (FREUD, 2014, p.103). A introdução de classes matrilineares na organização dessas sociedades limitou a liberdade sexual e preveniu contra o incesto; mas, pergunta Freud: “De onde provém (...) o horror ao incesto, que deve discernir-se como sendo a raiz da exogamia? [E acrescenta:] (...) o incesto (...) não é um evento raro ainda em nossa sociedade de hoje” (FREUD, 2014, p.124). Com o que irá concordar Lévi-Strauss, para Freud a interdição do incesto não é exclusividade dos povos ditos primitivos, pois é também estruturante nas famílias constituintes dos povos autodenominados civilizados. Eis, portanto, outra concordância entre a vida anímica dos neuróticos e a dos “primitivos”: o horror ao incesto.

Para responder essa questão, Freud se apóia na “hipótese de Charles Darwin sobre o estado primordial do ser humano [a horda primordial]” (FREUD, 2014, p.127-

128), inferida por Darwin não a partir da observação feita sobre uma comunidade humana (o que nunca foi visto), mas da observação de grupos de gorilas, aonde só se vê um macho adulto por cada grupo (FREUD, 2014, p.128). Para responder a essa pergunta Freud se apóia também na idéia do “banquete totêmico”, termo criado pelo filólogo William Robertson Smith, físico e investigador da Antiguidade, da Bíblia, como suposição explicativa da origem da religião dos povos semitas (FREUD, 2014, p.135). É por conta dessa dimensão criacionista – pois que a “horda primitiva” e o “banquete totêmico” nunca foram vistos em lugar nenhum, constituindo antes, portanto, termos criados, suposições elaboradas com o fito de fornecer estruturas de inteligibilidade para o real das relações humanas – que Lacan dirá que tal obra de Freud, Totem e tabu, é ela própria um mito (LACAN, 1997, p.221), o que por sua vez parece muito incomodar aqueles que ainda hoje fazem uma interpretação colonial da psicanálise.

Com o mesmo estilo dos capítulos anteriores, Freud vai traçar uma aproximação entre as hipóteses de funcionamento da horda primordial de Darwin e do banquete totêmico ao modo de funcionamento característico da neurose vigente no seio da “civilização”, ou melhor, talvez devêssemos dizer assim, no seio do mal-estar da civilização. Assim, ao canibalismo totêmico Freud compara a dieta da mulher em estado de gravidez, que evita “comer a carne de certos animais porque as suas indesejadas propriedades, a covardia por exemplo, poderiam ser transmitidas à criança que ela nutre” (FREUD, 2014, p.85) (esse também é um pensamento muito comum em meio aos adeptos do vegetarianismo). Com relação à identificação com o totem, Freud irá afirmar que a “conduta da criança em relação ao animal é muito parecida com a do primitivo. A criança não mostra nenhuma marca dessa arrogância que logo moverá o homem adulto da cultura a recusar com uma fronteira taxativa sua própria natureza frente à do animal” (FREUD, 2014, p.129), e como exemplo disso fará então referência ao caso observado por Ferenczi, o caso do pequeno Arpád, de dois anos, quando este disse: “Meu pai é o galo” (FREUD, 2014, p.133).

Por fim, em vista de concluir, gostaria de lembrar que Freud não é um autor civilizatório, nem tampouco de ordem moral e cívica; ao contrário de Augusto Comte e Marquês de Pombal, Freud não é um propalador do progresso da razão, da civilização e da humanidade; ao invés da “civilização”, Freud é antes o autor do mal-estar na civilização. E relembando seu texto de 1915, O inconsciente, a temporalidade de Freud não é a temporalidade do evolucionismo – malgrado Freud tenha sido influenciado pelo evolucionismo, dele reteve somente o que aí desferiu um

golpe à presunção narcísica do homem, e não o que dele deu margem a uma apologia do progresso (das luzes, da consciência, da razão, e assim por diante) – nem é tampouco a temporalidade de Hegel, isto é, do progresso linear de uma consciência sensível e em permanente ascensão que por fim chegaria ao seu grau mais abstrato: a consciência absoluta. A temporalidade de Freud não é também a temporalidade do cristianismo, que parte do decaimento do homem e ruma na direção da sua salvação.

Ao contrário dessas posições, no texto *O inconsciente* Freud dirá que uma das principais características do inconsciente não é a suposta temporalidade progressiva da civilização, nem tampouco do simbólico, mas justamente a sua atemporalidade (FREUD, 2006, p.37). O “tempo lógico” do qual falará Lacan não é o tempo do progresso da civilização, nem tampouco do simbólico, mas seu modo de expressar uma ruptura com a concepção cronológica e linear do tempo, como era o caso dos quarenta minutos de sessão preconizados pela IPA (“Institutional Psychoanalytical Association”), para que então o analista pudesse se fiar na lógica do inconsciente do próprio sujeito, isto é, o “tempo lógico” foi seu modo de fazer eco à atemporalidade da qual falava Freud. E para isso contribuiu não apenas o que Freud ouvia em sua clínica, mas também o fato de ter vivido no período em que se deflagraram as duas maiores guerras mundiais, onde os povos tidos até então como sendo os mais civilizados, os mais racionais, se viram protagonizando uma barbárie com proporções nunca antes vista.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. O inconsciente, in “Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente”, vol.2. Tradução de Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2006.
- FREUD, S. Tótem y tabú: algunas concordancias en la vida anímica de los selvajes y de los neuróticos. Buenos Aires: Amorrortu, 2014.
- LACAN, J. O mito individual do neurótico ou Poesia e verdade na neurose. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, J. O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1986.
- LACAN, J. O seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1997.
- LACAN, J. Nomes-do-Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

TOTEM AND TABOO: DAILY LIFE

ABSTRACT

In this article the author tries to do a brief study above Totem und tabu: Einige Übereinstimmungen im Seelenleben der Wilden und der Neurotiker, a text written by Freud on 1913. Highlighting the key points discussed by Freud in each chapter, the main goal of the writer it's to show that in contrast to a kind of interpretation done, Freud did not write this text to distance "primitive" and "civilization", as if they were steps of maturation in a development process of the human being, linearly in evolutionary ascension. The temporality that guide Freud in Totem und Tabu don't try to distance "primitive" and "civilized", but to make them closer to each other, try to show what there are of concordance, as showed in the subtitle of the work: Einige Übereinstimmungen im Seelenleben der Wilden und der Neurotiker.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Totem. Temporality. Indians. Civilization.

TOTEM ET TABOO: VIE QUOTIDIENNE

RÉSUMÉ

Dans cet article l'auteur essaye de faire un bref étude sur Totem und tabu: Einige Übereinstimmungen im Seelenleben der Wilden und der Neurotiker, texte écrit par Freud em 1913. En train de détacher les principaux points abordés par Freud dans chaque chapitre de l'oeuvre, le principal objectif de l'auteur est de présenter que contrairement à l'interprétation qui habituellement est faite par quelques-uns, Freud n'a pas écrit ce texte pour éloigner le "primitif" et la "civilisation", comme s'il s'agissait d'étapes de maturation du processus de développement de l'humain, linéairement en expansion évolutive. La temporalité qui guide Freud dans Totem und Tabu n'essaye pas d'éloigner "primitif" et "civilisé", mais les rapprocher l'un de l'autre, essaye de présenter ce qu'il y a de concordance, comme montre le soutitre de l'oeuvre.

MOTS-CLÉS: Psychanalyse. Totem. Temporalité. Indiens. Civilisation.

Recebido em: 02-03-2018

Aprovado em: 15-04-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

UM ESTUDO SOBRE A MELANCOLIA: BREVE PERCURSO DA PSIQUIATRIA À PSICANÁLISE FREUDIANA.

Gladson Henrique Silva¹

RESUMO

O presente artigo é resultado de pesquisa descritiva, em forma sucinta, de como era vista a melancolia no decorrer dos tempos, passando-se pela primeira psiquiatria, psiquiatria clássica e psicanálise. O método utilizado para a realização deste estudo foi de análise teórica e pesquisa bibliográfica. Os resultados mostram que a psiquiatria e a psicanálise, propõem conceitualizar a melancolia de modo amplamente diferente, apontando inclusive, que na primeira, através dos chamados manuais psiquiátricos ocorre a extinção nosográfica do termo melancolia.

PALAVRAS-CHAVE: Diagnóstico. Melancolia. Psicanálise. Psiquiatria.

¹ Formado em Psicologia (2008) tendo atuado em Saúde Mental (Coordenador e Psicólogo em CAPS 1); Saúde da Família (Psicólogo PSF); Docência pela Faculdade de Patos de Minas (matérias lecionadas: Psicossomática e TEP 1); Psicologia Clínica nas cidades de Belo Horizonte/MG, Arcos/MG, São Gotardo/MG e, atualmente, em Divinópolis/MG. Rua Eldorado, 248, Santa Clara, 35501-846, Divinópolis, MG. (34) 9 88040767. gladsonhenrique150@gmail.com

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a melancolia é um tema já abordado e estudado desde tempos remotos. Da Grécia antiga até a contemporaneidade vários estudiosos têm se debruçado sobre a temática na tentativa de responder questões acerca da mesma. Tanto na psiquiatria quanto na Psicanálise o conceito de melancolia é construído, questionado e reconstruído por diversos autores durante todo um percurso histórico.

Atualmente o que se vê é uma “confusão” terminológica sobre o que seria a melancolia, ou seja, esta coloca-se de modo extremamente diferenciado tanto no discurso psiquiátrico quanto no discurso psicanalítico. A partir desta constatação o presente trabalho se propôs a investigar esta trajetória da melancolia nestas duas abordagens, e para tanto, se fez necessário um recorte temporal, visto que, a presente pesquisa se mostra como um breve estudo.

Sendo assim, teve-se como objetivos descrever como era abordada a melancolia na primeira psiquiatria e na psiquiatria clássica, e ainda, como Sigmund Freud teoriza este conceito em psicanálise.

Usou-se como método de pesquisa a Análise Teórica, esta, “evidencia uma simples organização coerente de idéias, originadas de bibliografia de autores consagrados que escreveram sobre o tema escolhido pelo aluno” (TACHAJZAWA; MENDES, 2006, p.46).

Os critérios de inclusão de autores para confecção foi levantado a partir das obras completas de Sigmund Freud como o Rascunho B (1893), In: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos, bem como estudiosos contemporâneos e publicações de escolas de psicanálise que contemplam a nosologia e nosografia de estudiosos da psiquiatria como Emil Kraepelin (1883 a 1913), Jules Cotard (1892), Pinel citado por Paul Bercherie (1989) dentre outros.

Pode-se verificar no decorrer do respectivo artigo que tais estudiosos contemporâneos têm significativa ressonância temática e elucidatória como Antonio Quinet (1996-2007) e publicações da Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro (1997).

MELANCOLIA E PSIQUIATRIA

Inicialmente, tratar-se-á do modo como foi contemplada a melancolia pela chamada “primeira psiquiatria”, e, posteriormente, as construções teóricas dos autores da psiquiatria clássica sobre o tema em questão.

A MELANCOLIA NA “PRIMEIRA” PSIQUIATRIA

Para se compreender a melancolia na primeira psiquiatria, há de se remeter necessariamente a Pinel, um dos nomes fundamentais para se caminhar ao encontro do modo de psiquiatria atual.

De acordo com Paul Bercherie (1989), o modo com qual Pinel se debruçou sobre os fenômenos psicopatológicos, desbancou a teoria dos humores que antes era sustentada na Grécia Antiga.

Pinel considerava a alienação mental num sentido de patologia orgânica como distúrbio das funções superiores do sistema nervoso, sem inflamação nem lesão estrutural, e assim não entrava na classe das hemorragias ou das lesões orgânicas (BERCHERIE, 1989).

Os estudos de Pinel o levaram a uma descrição nosográfica, onde primeiramente fez a classificação e distribuição das grandes classes de manifestações mórbidas; a mania propriamente dita; a demência ou abolição do pensamento; o idiotismo, e ao se referir especificamente sobre a melancolia, ele a classificava da seguinte forma segundo Bercherie (1989):

Melancolia, em que o delírio se limitava a um objeto ou a uma série particular de objetos, permanecendo intactas as faculdades mentais fora desse núcleo delirante, e continuando o comportamento coerente e compreensível, se levadas em conta as idéias delirantes. O estado afetivo e o tema do delírio podiam ser de natureza triste ou de natureza alegre e exaltada (BERCHERIE, 1989, p. 36).

Segundo Castro (2002), Esquirol, que era discípulo de Pinel e fez um aprofundamento dos estudos do mesmo, especifica o termo melancolia, cuja características são: a recusa da vida manifestada através do não falar, não mover e não se alimentar. Diz ainda que tais pacientes podem apresentar idéias de perseguição e acreditam não merecerem nenhuma demonstração afetiva ou algo semelhante, pelo contrário, eram merecedores de punições. Esquirol “Propõe retirar a melancolia dos quadros de loucura e associá-la ao conjunto das monomanias designando, a partir dela, as formas de paixão triste”. (CASTRO, 2002, p. 17).

Em suma, a dialética destes estudiosos da “primeira” psiquiatria em torno da melancolia se deu de forma perspicaz, e certamente, trouxe contribuições para a construção do tema em questão. Assim, observa-se que a psiquiatria clássica ao que concerne ao tema da melancolia, de certa forma estará influenciada por esses primeiros estudiosos.

A MELANCOLIA NA PSIQUIATRIA CLÁSSICA

Já na psiquiatria clássica Griesinger foi o responsável por levar a revolução “Pineliana” até a Alemanha. Ele foi o autor do primeiro verdadeiro tratado de Psiquiatria, visto que a obra de Esquirol se estabeleceu somente como uma coleção de verbetes. (BERCHERIE, 1989).

Segundo Castro (2002), de acordo com a classificação de Griesinger, pode-se dividir a melancolia em três principais tipos: melancolia centrada em si mesmo, melancolia com exteriorização de pulsões de destruição e também melancolia com superexcitação, que coincide com a mania.

Tudo se torna penoso e sofrido para o melancólico, qualquer acontecimento transforma-se em motivo de dor, em uma contrariedade generalizada:

Os melancólicos alternam um sentimento de insatisfação com tudo, acham tudo ruim e defeituoso, com um sentimento de indiferença absoluta. Neste caso, estão tão absorvidos pelo sentimento de sua própria infelicidade e sofrimento, que o mundo exterior não interessa mais (GRIESINGER, 1865, p.43).

Griesinger (1865) ainda diz que dentre várias manifestações o melancólico poderá apresentar anomalias da sensibilidade e do movimento (sensações de vazio, mortificação da cabeça, etc), alucinações olfativas e gustativas, diminuição ou perda de sono e sensações dolorosas na cabeça. Também pode acontecer a transformação da melancolia em mania, na qual a doença então é representada por um círculo onde essas duas formas mentais se alternam, dando-se o nome de loucura circular (Folie circulaire).

Ainda na Psiquiatria clássica, destaca-se outro imperativo nome em torno da melancolia, Jules Cotard. Ele descreve a melancolia em três formas: melancolia simples, melancolia com estupor e melancolia ansiosa (COTARD, 1892). O autor irá elucidar principalmente acerca do que ele irá chamar de delírio de negações, bastante comum como citado por Griesinger nos melancólicos. Segundo Cotard, em alguns

melancólicos, este estado de negação é geral, nada mais existe, eles mesmos não são mais nada.

Por fim, é indispensável dentro da psiquiatria clássica, a apresentação de Emil Kraepelin, uma vez que este autor através de seu tratado de psiquiatria -reeditado e reformulado diversas vezes de 1883 a 1913- contribuiu de forma ímpar neste contexto.

Kraepelin (1905) relata que nas primeiras manifestações da melancolia, não se observa propriamente ilusões sensoriais ou alucinatórias, mas sim, que o doente só tem “aquela sensação de que” e “de que ocorreu uma mudança em sua vida”. Diz também que neste quadro a evolução está relacionada com a mudança de humor angustiante, e ressalta que, em sua maioria estas idéias são de cunho religioso relacionadas com pecados e ao abandono de Deus. O autor ainda diz: “Em consequência da inquietação interna e das representações importunas, desenvolve-se de forma bastante regular o desejo de não mais viver, de maneira que os doentes lançam mão do suicídio”. (KRAEPELIN, 1905, p. 99).

É fundamental dizer da importância histórica de Kraepelin no conceito de depressão. Sua principal inovação foi o conceito de loucura maníaco-depressiva onde faz a junção de melancolia e mania como uma só entidade. A partir de então, vê-se que a melancolia designada como entidade mórbida passa a ser excluída da nosografia psiquiátrica, dando assim lugar à nova formulação e ligação entre mania e depressão. (SOLOMOM, 2001).

MELANCOLIA NA PSICANÁLISE FREUDIANA

No segundo momento deste trabalho, falar-se-á sobre o conceito de melancolia dentro da teoria psicanalítica e, mais especificamente, na obra freudiana.

MELANCOLIA E PSICOSE

A teoria freudiana, segundo Quinet (1997), inicialmente aponta a melancolia como um estado depressivo que pode estar situado seja na neurose ou na psicose. Entretanto, no decorrer da leitura dos textos freudianos, os mesmos começam a indicar a melancolia do ponto de vista de uma psicose especificamente.

Vê-se que o termo melancolia por si só, dentro da teoria de Freud coloca-se como algo bastante complexo e um tanto quanto inespecífico. Freud em Luto e melancolia -seu texto mais conhecido sobre o tema-, inicia-o dizendo da complexidade de se definir a melancolia.

(...) devemos começar por fazer uma confissão, como advertência contra qualquer superestimação do valor de nossas conclusões. A melancolia, cuja definição varia inclusive na psiquiatria descritiva, assume várias formas clínicas, cujo agrupamento numa única unidade não parece ter sido estabelecido com certeza (FREUD, 1917 [1915], p.249).

Segundo Castro (2002) é nas cartas enviadas a Wilhelm Fliess que Freud começa seus primeiros escritos acerca do tema da melancolia, através de observações feitas com pacientes melancólicos.

No ano de 1893, em seu Rascunho B, Freud propõe-se a estudar sobre a etiologia das neuroses, e usa o termo depressão periódica para falar de um estado de angústia com duração de semanas ou meses, mas diferenciando tal estado do que chama de melancolia propriamente dita. “Essa depressão periódica não é acompanhada por anestesia [sexual] psíquica, que é característica da melancolia” (FREUD, 1893, p.228).

Em seu Rascunho D, Freud (1894) escreve sobre a etiologia e a teoria das principais neuroses. Neste texto vem diferenciar as neuroses em duas classes: A- Morfologia das neuroses e B – Etiologia das neuroses. Contudo, sua indefinição sobre a melancolia aparece claramente neste texto, pois coloca a melancolia situada nas duas classes citadas. Ainda em 1894 em seu Rascunho E, estará preocupado em descrever como se origina a angústia. Neste texto, ele irá tentar descrever os mecanismos da neurose de angústia, da neurastenia e da melancolia, a qual, neste momento ainda se situa ao lado dos quadros neuróticos.

Vê-se então, que é em suas pesquisas sobre as neuroses que Freud aborda a melancolia, mas é relevante dizer, que a todo momento busca maneiras de fazer uma certa diferenciação entre a melancolia e os outros tipos de neurose. (CASTRO, 2002).

Em janeiro de 1899, Freud envia uma carta a Fliess relatando suas observações com pacientes histéricas. Nesta carta Freud diz estar certo sobre determinados quadros de melancolia histérica. Freud (1897) inicia seu Rascunho N relatando que existe um fator integrante nas neuroses. Tal fator seria impulsos hostis de todo sujeito em relação aos pais. Postula que a diferença entre a histeria e a melancolia é o modo amplamente diferenciado que encaram a perda do objeto. Na histeria, há uma identificação do sujeito com os sintomas do objeto que foi perdido, já na melancolia existe uma autoacusação por parte do sujeito pelo objeto perdido.

Em seu tão comentado texto Luto e Melancolia de 1917, Freud explica essa então chamada por ele condição patológica através da perda do objeto, mas ainda

parece não se posicionar de modo claro sobre o lugar da melancolia em sua teoria. Ele a caracteriza da seguinte forma:

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição (FREUD, 1917 [1915], p.249).

De acordo com Castro (2002), o texto em questão é construído por Freud através de seu contato com Karl Abraham, seu famoso discípulo. Abraham ao contrário de Freud enfatiza a melancolia como da ordem de uma psicose.

Contudo em sua conferência XXVI (1917 [1916-17]), Freud vem falar sobre a teoria da libido e o narcisismo, e certamente, tal conferência irá se mostrar como um novo panorama sobre o entendimento de Freud no que concerne à melancolia. É importante ressaltar, que neste momento o texto Sobre o narcisismo: Uma introdução (1914) – no qual o autor vem explanar sua teoria sobre o narcisismo primário e secundário - já havia sido escrito pelo autor. Freud comenta sobre a declaração de seu amigo Karl Abraham de que a demência precoce tem como principal característica à ausência de catexia libidinal nos objetos. Afirmando sua concordância com Abraham no que diz respeito à demência precoce e as psicoses em geral, ele vem falar de sua familiaridade com o fato de que, a libido que para obtenção de satisfação se junta aos objetos, pode também se desligar desses e investir no próprio ego da pessoa.

Para Freud (1917 [1916-17]), o fato de que a libido objetal possa se transformar em libido do ego, pode de certa forma resolver alguns impasses no que concerne a estados que ele antes havia chamado de neuroses narcísicas, como por exemplo, a demência precoce, mostrando assim sua real concordância com Abraham, lembrando, porém, que este já a denominava como uma psicose. Caminhando para a finalização de sua conferência, Freud se remete a algo que parece imprescindível em relação à melancolia, ou seja, faz uma aproximação da melancolia com o modo de funcionamento da demência precoce. Ainda, diz perceber que, no momento em que os melancólicos fazem as autocensuras e atormentam a si mesmos sem a menor piedade, eles na verdade estão dirigindo essa agressividade a outrem, a um objeto sexual que eles perderam.

A partir desta conferência, vemos que quando Freud de certa forma emparelha os modos de funcionamento da demência precoce e da melancolia a partir da teoria

de libido do ego, ele parece demonstrar agora uma aproximação da melancolia para o campo da psicose.

No texto *Luto e Melancolia* (1917[1915]), Freud reafirma seu modo de pensar a melancolia enquanto um desinvestimento da libido no objeto, de tal forma que a agressividade que o melancólico dirige a si próprio seria um deslocamento da libido do objeto para o ego do próprio sujeito. O autor faz ainda uma exemplificação do surgimento do quadro da melancolia. Relata que inicialmente, a pessoa dirige seu investimento libidinal para alguém específico, posteriormente, por algum motivo essa relação objetal antes investida foi aniquilada. O processo normal conseqüente de tais fatos seria a retirada da libido de tal objeto e um deslocamento para uma nova relação objetal, entretanto, o que aconteceu não foi um investimento em outro objeto, mas sim, um deslocamento libidinal para o ego da própria pessoa. Houve então, uma identificação do ego com o próprio objeto perdido (Freud, 1917[1915]). De acordo com Castro (2002), o percurso freudiano sobre o tema da melancolia, cada vez mais vai colocando-a em um estatuto de psicose. Freud em 1919 no texto *A Psicanálise e as Neuroses de Guerra* ao afirmar a dificuldade de utilizar a teoria da libido para as neuroses narcísicas, ao contrário das neuroses de transferência, coloca a melancolia no campo das neuroses narcísicas, demonstrando a inconsistência da melancolia como uma neurose.

Neste texto então, a melancolia aparece como neurose narcísica juntamente com a demência precoce e a paranóia (CASTRO, 2002).

Ainda, no texto de 1924 *Neurose e Psicose* Freud irá propor uma nova classificação, onde então colocará a melancolia junto ao grupo das psiconeuroses narcísicas. Em uma de suas falas, deixa enfaticamente relatado seu posicionamento ao fato de que a melancolia se dá de modo extremamente similar com as outras psicoses: “tampouco colidirá com nossas impressões se encontrarmos razões para separar estados como a melancolia das outras psicoses” (FREUD, 1924[1923], p170).

Percebe-se contudo, que no texto de 1924 “Freud finalmente parece ter se posicionado, colocando a melancolia no grupo das psicoses” (CASTRO, 2002, p.36).

Por fim, é muito importante ressaltar que existe uma diferenciação em psicanálise entre o que se designa como melancolia e depressão, ou seja, estes conceitos não são sinônimos.

De acordo com Quinet (2006), a psicanálise não considera a depressão como um sintoma, mas como estado de tristeza, dor e cessação da vontade. Assim, vê-se

então na literatura freudiana que este estado depressivo pode estar presente tanto na neurose quanto na psicose, estando aí mostradas diferentes formas de se expressar o sofrimento.

A diferença mais relevante entre estes termos em psicanálise, é que a depressão está associada ao que se pode chamar de “depressão neurótica”, ou seja, em estados neuróticos, já a melancolia de certa forma está definida na obra freudiana dentro do campo da psicose. O estado depressivo neurótico é em psicanálise, a resposta do sujeito diante de uma constatação insuportável, sendo esta, o encontro com a castração que a perda de um objeto antes investido de libido causa em uma pessoa.

Já na melancolia acontece algo análogo, mas a resposta do sujeito será ainda mais severa. Por estar no campo da psicose, o melancólico possui um “furo no psiquismo”, essa falha, que em Lacan equivale ao Nome-do-Pai, que antes estava tamponada por algo ou alguém, no momento em que o indivíduo perde o seu objeto, novamente é desmascarada e colocada em aberto. Sem essa “tampa” antes representada pelo objeto investido, esse furo se coloca como algo insuportável para o sujeito, causando um retraimento da libido para o ego, e conseqüentemente, o desencadeamento da melancolia (Quinet, 2006).

MELANCOLIA NA ATUALIDADE

Há de se relatar que a psiquiatria clássica teve papel positivo no que concerne aos conhecimentos obtidos sobre a melancolia, visto que, forneceu uma descrição tão detalhada de seus fenômenos que o próprio Freud fez uso do conhecimento produzido por essa classe para posteriormente vir a falar dos melancólicos a partir da teoria psicanalítica.

Contudo, há de se notar que, a partir de 1899, época de publicação da sexta edição do Manual de Psiquiatria do célebre estudioso Emil Kraepelin, o termo melancolia parece ser excluído da nosografia psiquiátrica (BERCHERIE, 1989). Ao fazer uma associação entre melancolia e mania, Kraepelin introduz o conceito de loucura maníaco-depressiva, abandonando o termo melancolia.

Atualmente o que se vê, é que o termo melancolia foi totalmente erradicado dentro dos enquadres da psiquiatria contemporânea. Ao se buscar pelo termo no CID-

10², a melancolia estará inserida como um dos vários fenômenos da patologia descrita como depressão e nos quadros de transtorno de humor.

Percebe-se na CID-10 que a melancolia está associada ao que se denomina como transtorno depressivo recorrente. “As formas mais graves do transtorno depressivo recorrente (F33.2 e F33.3) apresenta numerosos pontos comuns com os conceitos anteriores de depressão maníaco-depressiva, melancolia, depressão vital”. (CID-10, 2003, p.329).

Para a teoria psicanalítica a depressão como está disposta na literatura psiquiátrica não se coloca como algo relevante, ao contrário, tal classificação não tem valor (CASTRO, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente percebe-se que a concepção de depressão está um tanto quanto banalizada, ou seja, este termo parece se colocar como um nomeador de qualquer tipo de tristeza manifestada pelas pessoas. É extremamente comum se deparar hoje em dia com sujeitos que se autodiagnosticam como depressivos.

Há de se estranhar abordar o termo depressão pontuando-o neste momento de considerações finais, visto que, o tema desta pesquisa se deu em torno da melancolia, e como já fora afirmado, esta não se faz sinônimo da depressão. Entretanto, nos parece relevante fazê-lo, uma vez que de certa forma, este trabalho se propôs a perguntar dentre outras questões se o conceito de depressão equivale ao conceito de melancolia, visto que há uma confusão terminológica.

Constatou-se que a chamada “Primeira Psiquiatria”, à qual podemos atribuir o status de matriz da psiquiatria contemporânea, é onde se pode localizar o começo do estudo da melancolia a partir de um cunho empírico, ao contrário dos modos de estudo da antiguidade, onde a observação dos fenômenos é que irão definir o quadro melancólico. Percebeu-se ainda que Pinel foi o precursor desse novo entendimento sobre a melancolia. Dentre os vários estudiosos da psiquiatria, Emil Kraepelin se destaca ao elaborar seu Tratado de Psiquiatria, é imprescindível dizer de sua importância para o atual termo “depressão” uma vez que fez a junção de mania e melancolia dando origem ao termo loucura maníaco-depressiva, marco de erradicação da melancolia na nosografia psiquiátrica.

² CID – 10 Classificação de Transtornos Mentais e de comportamento da CID-10. Organização Mundial de Saúde Genebra. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 2003.

Ao se fazer esse percurso histórico foi mostrado nos capítulos anteriores que a psicanálise aborda, de modo completamente diferente da psiquiatria, o que se refere à melancolia.

Assim como a maioria dos conceitos psicanalíticos, percebeu-se que à medida que se passava o tempo, Freud prosseguia reformulando seu entendimento sobre o sujeito melancólico. É relevante salientar que o próprio Freud adverte sobre a dificuldade de se trabalhar com o tema da melancolia. Desde seus rascunhos com Fliess até seu texto mais conhecido sobre o tema intitulado Luto e Melancolia, a todo momento, são feitas reformulações onde se pode perceber a transição que Freud efetua, antes localizando a melancolia no terreno das neuroses e posteriormente situando-a nos campo das psicoses.

É imprescindível ressaltar que, este trabalho, se propôs a verificar as reformulações históricas acerca da melancolia, e como constatado, o conceito em questão a todo percurso passou por várias modificações diferenciando-se do termo depressão. Portanto, ao se chegar ao final desta pesquisa, percebeu-se que para além do exposto neste trabalho, Freud introduziu novos conceitos ampliando o modo de pensar a melancolia, modos estes, que poderão ser abordados em discussões futuras.

REFERÊNCIAS

- BERCHERIE, Paul. Os fundamentos da Clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1989.
- CASTRO, Mara Viana de. A nova cultura do mal estar ou a melancolia no campo da clínica diferencial. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Instituto de Psicologia Pós-Graduação em Psicanálise. Rio de Janeiro: Abril de 2002, 109 páginas.
- CID-10 / Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - Organização Mundial da Saúde; tradução Centro Colaborador da OMS para a classificação de Doenças em Português. 9. ed. Ver.-São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- COTARD, J. Do delírio das negações. In: A dor de existir e suas formas clínicas: tristeza, depressão, melancolia. Ed. Kalimeros. Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro. Consuelo Pereira de Almeida (Orgs). Rio de Janeiro: Contracapa Livraria. 1997. p. 45-56.
- FREUD, S. (1893) Rascunho B. In: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1894) Neuropsicoses de Defesa. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1894) Rascunho D. In: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1894) Rascunho E. In: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1895) Introdução a Psicanálise e as Neuroses de Guerra. In: Uma neurose infantil e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1897) Rascunho N. In: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1917) Conferência XXVI. In: Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III). Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1917) Luto e Melancolia. In: A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1924) Neurose e Psicose. In: O Ego e o id e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol.XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GRIESINGER, W. Melancolia no sentido mais estrito. In: A dor de existir e suas formas clínicas: tristeza, depressão, melancolia. Ed. Kalimeros. Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro. Consuelo Pereira de Almeida (Orgs). Rio de Janeiro: Contracapa Livraria. 1997. p.39-76.

Um Estudo Sobre a Melancolia: Breve Percurso da Psiquiatria à Psicanálise Freudiana.

KRAEPELIN, E. Introdução: Melancolia. In: A dor de existir e suas formas clínicas: tristeza, depressão, melancolia. Ed. Kalimeros. Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro. Consuelo Pereira de Almeida (Orgs). Rio de Janeiro: Contracapa Livraria. 1997. p. 105-118.

QUINET, A. A Clínica do Sujeito na Depressão – Freud e a Melancolia. In: A dor de existir e suas formas clínicas: tristeza, depressão, melancolia. Ed. Kalimeros. Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro. Consuelo Pereira de Almeida (Orgs). Rio de Janeiro: Contracapa Livraria. 1997. p. 119-156.

QUINET, A. Psicose e Laço Social: esquizofrenia, Paranóia e Melancolia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

SOLOMON, Andrew. O demônio do meio-dia. Uma anatomia da depressão. Tradução Myrian Campello. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2002.

TACHAJZAWA, Takeshy; MENDES, Gildázio. Como fazer monografia na prática. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

A STUDY ON MELANCHOLY: PSYCHIATRY TO FREUDIAN PSYCHOANALYSIS.

ABSTRACT

The present article is the result of descriptive research, succinctly, of how melancholy was viewed in the course of time, passing through the first psychiatry, classical psychiatry and psychoanalysis. The method used for this study was theoretical analysis and bibliographic research. The results show that psychiatry and psychoanalysis propose to conceptualize the melancholy in a widely different way, even pointing out that in the first, through the so-called psychiatric manuals, the nosographic extinction of the term melancholy occurs.

KEYWORDS: Diagnosis. Melancholy. Psychoanalysis. Psychiatry.

UNE ÉTUDE SUR LA MÉLANCOLIE: PSYCHIATRIE À LA PSYCHANALYSE FREUDIENNE

RÉSUMÉ

Le présent article est le résultat d'une recherche descriptive, succincte, de la façon dont la mélancolie a été perçue au cours du temps, en passant par la première psychiatrie, la psychiatrie classique et la psychanalyse. La méthode utilisée pour cette étude était l'analyse théorique et la recherche bibliographique. Les résultats montrent que la psychiatrie et la psychanalyse proposent de conceptualiser la mélancolie d'une manière très différente, soulignant même que dans la première, à travers les manuels dits psychiatriques, l'extinction nosographique du terme mélancolie se produit.

MOTS-CLÉS: Diagnostic. Mélancolie. Psychanalyse. Psychiatrie.

Recebido em: 27-01-2018

Aprovado em: 21-03-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

A METAPSIKOLOGIA DO RECALQUE

Roberto Lopes Mendonça¹
Mardem Leandro Silva²
Daniela Paula do Couto³
Cassiano Carlos Antônio de Oliveira⁴
Felipe Alcides Gonçalves Ribeiro⁵
Geane Moares Coelho⁶
Elizabeth Fátima Teodoro⁷
Carlos Eduardo Rodrigues⁸

RESUMO

O presente artigo objetiva retomar o conceito de recalque em suas perspectivas tópica, econômica e dinâmica por meio de uma pesquisa das obras freudianas. Para tal discussão, utilizou-se a investigação teórica e a leitura comparada de diversas traduções da obra freudiana. A partir desse retorno investigativo foi possível verificar que o recalque é um processo que afeta as representações na fronteira entre os sistemas Ics. e Pcs-Cs. O processo como um todo é complexo e necessita das três

¹ Psicólogo graduado pela UEMG/Divinópolis. Mestre em Psicologia pela UFSJ. Doutorando em Psicologia, na linha de pesquisa “Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultura”, pela UFMG. Rua Alberto Soraggi, 204, Santa Luzia, 3557000, Formiga, MG. (37) 988080889. robertomendoncapsi@gmail.com

² Psicólogo graduado pela PUC Minas. Mestre em Psicologia pela UFSJ. Doutorando em Psicologia, na linha de pesquisa “Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultura”, pela UFMG. Rua Prata, 126, Vila Castro, 35570-000, Formiga, MG. (37) 991293492. mardemls@yahoo.com.br

³ Psicóloga graduada pela PUC Minas. Mestre em Psicologia pela UFSJ. Doutoranda em Psicologia, na linha de pesquisa “Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultura”, pela UFMG. Rua Shirley Faria de Oliveira, 301, Quartéis, 35570-000, Formiga, MG. (37) 999486772. dp.couto@yahoo.com.br

⁴ Psicólogo graduado pela UEMG/Divinópolis. Pós-graduando em Filosofia. Pós-graduando em Psicologia Clínica/Psicanálise. Avenida 12 de dezembro, 120, Centro, 35545 000, Perdígão, MG. (37) 991869762. cassianooliveirapsi@gmail.com

⁵ Psicólogo graduado pela UEMG/Divinópolis. Psicólogo Clínico. Rua Augusto Pedro Alcântara, 38, Itaunense, 35681-096, Itaúna, MG. (37) 998026544. feliperibeiroopsic@gmail.com

⁶ Psicóloga graduada pela UEMG/Divinópolis. Extensionista em Psicanálise na Unicamp. Rua Sandra Costa Coghi, 681, Loteamento Mont Blanc Residencial, 13098549, Campinas, SP. (19) 971546052. geanemc@live.com

⁷ Enfermeira graduada pelo UNIFOR/MG. Graduanda em Psicologia, pela UEMG/Divinópolis. Mestranda em Psicologia, na linha de pesquisa “Conceitos Fundamentais e Clínica Psicanalítica: Articulações”, pela UFSJ. Rua Shirley Faria de Oliveira, 317, Quartéis, 35570-000, Formiga, MG. (37) 991027749. elektraliz@yahoo.com.br

⁸ Psicólogo graduado pela UEMG/Divinópolis. Especialista em Gestão de RH pela FATECH/UNINTER. Mestre em Psicologia, na linha de pesquisa “Conceitos Fundamentais e Clínica Psicanalítica: Articulações”, pela UFSJ. Rua Ascendino Campos, 634, João Antônio Gonçalves, 35501-490, Divinópolis, MG. (37) 999678050. kadurz@yahoo.com.br

perspectivas para seu entendimento. Nesse sentido, o conceito de recalque se constitui como um dos mais importantes, pois ele estrutura o psiquismo e organiza o circuito dos conflitos pulsionais no interior do aparelho psíquico.

PALAVRAS-CHAVE: Recalque. Tópica. Econômica. Dinâmica.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa em desenvolvimento na Universidade do Estado de Minas Gérias (UEMG, unidade de Divinópolis), que discute, ano após ano, os conceitos fundamentais da Psicanálise, escolhendo um conceito por ano e buscando, através de uma leitura comparativa e rigorosa, as nuances do texto freudiano que se perderam, seja em função da tradução ou da passagem do tempo. Essa leitura baseada em diversas traduções busca o radical da construção freudiana, tendo em vista seu caráter subversivo e o aspecto de criação conceitual inerente aos precursores de uma dada ciência. Tal pesquisa é apoiada pelo programa de iniciação científica da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) e pelo PROINPE (Programa Interno de Incentivo à Pesquisa e à Extensão) da própria UEMG.

De forma geral, a presente pesquisa se justifica pela larga influência perpetrada pela Psicanálise no interior da dinâmica cultural. Nesse sentido, a Psicanálise proposta por Freud marca o espaço por meio do qual se elaborou parte da identidade do homem moderno. De forma que o modelo de homem sustentado pela modernidade não prescinde de conceitos como Inconsciente⁹, neurose e fantasia.

Convém ainda destacar a importância da Psicanálise centrada na figura de Freud. Seu contexto de produção, pós-iluminista, foi fortemente marcado pela difusão do darwinismo em meio à intelectualidade e ao ambiente científico pós-newtoniano. A ciência do século XIX (Koyré, 1991), positivista e determinista, centrava-se no primado dos processos da consciência. Assim, o principal desafio de Freud foi inaugurar um novo discurso, com decisivo contorno científico, mas sem se enquadrar ao positivismo e ao determinismo pura e simplesmente, de tal forma que seu gesto teórico permitiu, ao mesmo tempo, a formulação de um sujeito e de uma cena na qual ele protagoniza seu desejo. Para tanto, Freud formulou um método próprio de investigação do sofrimento psíquico, do qual em articulação com o saber de sua época derivou os conceitos de sua prática.

⁹ Grafamos Inconsciente (assim como Consciente e Pré-consciente), com letra maiúscula, quando nos referimos à instância do aparelho psíquico freudiano (o Inconsciente); grafamos com letra minúscula, inconsciente, para nos referirmos ao adjetivo (por exemplo, estados inconscientes). Esperamos com isso concordar com a proposta freudiana que, ao criar a Psicanálise, eleva o Inconsciente a um conceito (substantivo), não apenas a uma qualidade (adjetivo). A exceção a isso serão as citações diretas do texto freudiano, nas quais o tradutor brasileiro não se preocupou com tal questão.

Esses conceitos, no entanto, têm seu fundamento no que Freud denomina de “o pilar fundamental [Grundpfeiler] sobre o qual repousa o edifício [Gebäude] da Psicanálise” (Freud, 1914/1996, p. 26), a saber, sua teoria do recalque. Assim, pesquisar sobre o conceito de recalque implica estudar o argumento axial que sustenta todo o edifício analítico e, nessa perspectiva, é importante precisar suas consequências no âmbito semântico, ou seja, se a Psicanálise é, de saída, uma prática de linguagem, uma cura pela fala, ela deve ser regulada nesse mesmo sentido.

Sendo assim, se a Psicanálise freudiana se propõe como um método clínico e teórico de investigação do sofrimento humano, então sua eficácia deve implicar rigor científico para com suas noções, termos, conceitos e proposições, dessa forma, a proposta psicanalítica de uma cura pela palavra deve impor igual rigor para com o uso clínico e teórico do que seria admissível advogar como cura. Em resumo: a investigação em Psicanálise deve considerar o valor semântico preciso de seu uso dos conceitos tornando-os claros e distintos para sua consecução científica e cultural, permitindo uma comparação rigorosa entre o que se propõe como Psicanálise freudiana e os contrapontos de sua leitura.

Diante de todo o seu trabalho na construção do edifício psicanalítico, Freud manteve o rigor científico aliado ao trabalho conceitual do qual se depreende a coerência de suas formulações a respeito da análise do Inconsciente. No tocante a essas afirmações, temos como resultado a proposição de seu método metapsicológico, que decorre de uma tentativa de síntese teórica de suas propostas. Na altura dos anos de 1915, Freud reformula algumas ideias presentes nas cartas trocadas com Wilhelm Fliess – médico alemão – e ideias presentes no texto O Projeto para uma psicologia científica de 1895, propondo uma leitura metapsicológica dos fenômenos psíquicos. Essa leitura se resumia a explicar dado fenômeno por um triplo viés: tópico, econômico e dinâmico.

Assim, a metapsicologia se propõe como um método “para qualificar o conjunto de sua concepção teórica e distingui-la da psicologia clássica” (Roudinesco; Plon, 1998a, p. 511). Desta feita, os modelos teóricos elaborados a partir da metapsicologia “não estão diretamente ligados a uma experiência prática ou a uma observação clínica” (Roudinesco; Plon, 1998a, p. 511) – como é típico nas ciências tradicionais – mas a modelos próprios à Psicanálise como “a ficção de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo do recalque” (Laplanche; Pontalis, 1997, p. 284).

De acordo com Roudinesco e Plon (1998a), a primeira vez em que Freud mencionou o termo metapsicologia foi em uma carta de 13 de fevereiro de 1896 endereçada a Fliess: “tenho-me ocupado muito com a psicologia – na verdade, com a metapsicologia” (Masson, 1986, p. 173, grifos do autor). Como vemos, inicialmente, ele não forneceu maiores explicações sobre o termo, somente denominou um modo de investigação da Psicanálise de metapsicologia, numa tentativa de diferenciá-la da psicologia clássica. Já na carta de 2 de abril de 1896, Freud admite: “quando jovem, eu não conhecia nenhum outro anseio senão o de conhecimentos filosóficos, e agora estou prestes a realizá-lo, à medida que vou passando da medicina para a psicologia” (Masson, 1986, p. 181). Reconhecido o interesse filosófico de Freud, é notória a aproximação de sentido entre a metafísica e a metapsicologia, visto que ele pensava em uma psicologia para além dos limites impostos pela investigação concernente à consciência.

Isso fica explícito no texto *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, em que Freud (1901/1996, p. 254) fala em “transformar a metafísica em metapsicologia”, ou seja, possibilitar à metapsicologia esclarecer o que há de obscuro por trás “dos fatores psíquicos e das relações do Inconsciente”. Evidentemente, assim como a metafísica se propôs como investigação das causas primeiras, a metapsicologia seria igualmente um fundamento proposicional sobre os princípios de funcionamento do psíquico.

Mas a definição do que é metapsicologia só será fornecida por Freud (1915/1996b) no artigo *O Inconsciente*, quando ele propõe tomar por descrição metapsicológica toda exposição de um processo psíquico que envolva os pontos de vista dinâmico, tópico e econômico, explicados a seguir por Fulgêncio (2003, p. 144-145):

Ao ponto de vista dinâmico corresponde a suposição de pulsões (forças psíquicas) básicas em conflito, como causas motoras originárias, e primeiras, do funcionamento da vida psíquica; ao econômico, a suposição de uma energia psíquica de natureza sexual (a libido) – que funciona e pode ser avaliada segundo um fator quantitativo –, que impulsiona as pulsões e caracteriza os investimentos afetivos nos objetos de desejo; e, ao ponto de vista tópico, a proposição de tomar o psiquismo como se fosse um aparelho, passível de ser visualizado e figurado espacialmente, [...] tornando, assim, possível diferenciar as instâncias psíquicas que compõem as partes desse aparelho, jamais correspondendo a alguma localização anatômica e tendo, pois, a natureza de uma ficção teórica.

Nessa mesma linha, a ideia de que a metapsicologia diz respeito a uma exposição dos processos psíquicos que leve em conta os pontos de vista dinâmico, tópico e econômico é reafirmada em Além do princípio de prazer. Nesse texto, Freud (1920/1996, p. 17) se refere a tal modo de exposição dos processos psíquicos como “a mais completa descrição que poderemos atualmente conceber”. Em resumo, temos nas palavras de Garcia-Roza (2009, p. 114) que “a metapsicologia pretende, portanto, apresentar uma descrição minuciosa de qualquer processo psíquico quando focado sob os pontos de vista de sua localização em instâncias (ponto de vista tópico), da distribuição dos investimentos (ponto de vista econômico) e do conflito das forças pulsionais (ponto de vista dinâmico).

Em consonância com o trabalho freudiano, propomo-nos, neste artigo, investigar metapsicologicamente o conceito de recalque, ou seja, apresentá-lo desde os pontos de vista tópico, econômico e dinâmico. Podemos assim compreender como Freud usou em diversos textos esse conceito a partir da metapsicologia.

Para investigarmos com precisão e com amplo escopo o conceito de recalque, foram utilizadas várias versões do texto freudiano: duas edições diferentes da Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – 1987¹⁰ e 1996, ambas da Editora Imago com direção de tradução por conta de Jaime Salomão; a tradução de Luiz Hanns incluída nas Obras psicológicas de Sigmund Freud, também da Imago; a edição da Companhia das Letras traduzida por Paulo César de Souza: Sigmund Freud – Obras completas; a versão traduzida direta do alemão ao espanhol de Luis López Ballesteros y de Torres, intitulada Sigmund Freud – Obras Completas, da editora Biblioteca Nueva; a versão alemã dos Gesammelte Werke de Freud, publicado pela Fischer Taschenbuch Verlag; e uma edição comemorativa de 100 anos de A interpretação dos sonhos com a tradução de Walderedo Ismael de Oliveira, publicada pela Imago. Os textos estudados foram O recalque de 1915, A negação de 1925 e, por fim, o item E do capítulo VII de A interpretação dos sonhos de 1900.

A METAPSILOGIA

Ao tratarmos a metapsicologia, adentramos na discussão de uma importante parte da técnica psicanalítica freudiana. A palavra Metapsicologia é empregada por Freud, baseada no conceito filosófico de metafísica, no qual se discute as questões

¹⁰ Essa edição contém livros que foram editados em datas diferentes, por isso nas referências encontraremos textos com a edição brasileira de 1974, 1976 e 1987.

relativas ao Ser, à substância, à verdade, o uno e o múltiplo, etc. Na metapsicologia, estão os conceitos básicos da Psicanálise (Grundbegriffe), e ela se diferencia da metafísica por ser um saber aberto à experiência, aberto a revisões sistemáticas e decorrente do uso da referência permanente a esses conceitos no que eles dizem respeito à experiência clínica.

A metapsicologia como a essência das disposições teóricas requer um trabalho mais detalhado com o texto, com a tradução, com os conceitos e seus desenvolvimentos. Nesse ínterim, o entendimento da metapsicologia freudiana se apresenta também como um trabalho árduo de decifração e desmistificação da tradução brasileira e seus erros, que comprometem a compreensão do real sentido do texto freudiano.

Sempre que nos referimos a uma apresentação metapsicológica dos conceitos freudianos não podemos deixar de ter em alta conta as relações tópicas, econômicas e dinâmicas. Sobre o ponto de vista dinâmico, trata-se da suposição de pulsões (forças psíquicas) em conflito, como causas motoras originárias e primeiras do funcionamento do psiquismo. Quanto ao econômico, a libido que funciona e pode ser avaliada segundo um fator quantitativo, impulsiona as pulsões e caracteriza os investimentos afetivos nos objetos de desejo. No ponto de vista tópico, a proposição de tomar o psiquismo como se fosse um aparelho, passível de ser visualizado e espacialmente apresentado.

O PONTO DE VISTA DINÂMICO

Em 1913, Freud (1913[1911]/1996), em seu artigo Sobre a Psicanálise, traça um percurso histórico e teórico sobre sua concepção de clínica, proposição que abarca também as linhas de diferenças com seus contemporâneos, delimitando os pontos desde os quais sua Psicanálise poderia ser distinta de outras propostas de modelo médico. Um ponto a se destacar é justamente o que recai por sobre uma explicação metapsicológica: “uma explicação dinâmica baseada na ação recíproca das forças psíquicas” (Freud, 1913[1911]/1996, p. 225).

Mais adiante nesse mesmo artigo, Freud fala sobre os sintomas histéricos e da forma como o que é inconsciente pode vir a se tornar consciente, condição que o permite dizer que “esta visão é dinâmica, na medida em que encara os processos psíquicos como deslocamentos de energia psíquica que podem ser medidos pelo valor de seu efeito sobre os elementos afetivos” (Freud, 1913[1911]/1996, p. 225-226).

Fulgêncio (2003) explicita que não é possível dizer que dentro da metapsicologia freudiana o ponto de vista dinâmico seria mais importante que os demais, mas que ele teria “precedência ao tópico e ao econômico” (p. 142). O autor prossegue e diz que, de uma forma ou de outra, essa posição teórica autoriza Freud a propor algo que não fosse possível de se provar empiricamente. Dessa maneira, percebe-se que Freud (1913[1911]/1996) trabalha de forma bem intensa com o ponto de vista dinâmico, e que esse jogo de forças entre Inconsciente e Consciente faz com que os conteúdos psíquicos estejam dispostos em instâncias inconscientes ou conscientes.

Esse ponto por si só concorda com a proposta de Freud (1914/1996) para o recalque que, como afirma, é o pilar de toda sua teoria. A palavra alemã que traduzimos por recalque é *Verdrängung*. Em seu Dicionário comentado do alemão de Freud, Hanns (1996) trará a etimologia dessa palavra. Segundo ele, o prefixo “ver” diz das consequências de se ir muito adiante, seja prolongando-se no tempo, seja geograficamente. No caso específico da palavra *Verdrängung*, Hanns traz o significado de uma força que se mantém enquanto o sujeito de tal força estiver agindo. Assim, ele apresenta o exemplo de um navio que desloca, por exemplo, 2.000 toneladas de água, mas essa água continua pressionando o navio, tentando voltar ao seu local de origem ininterruptamente. Apenas com a retirada do navio a água poderia voltar novamente ao seu local original. Fato similar ocorre no Inconsciente com os conteúdos que foram recalcados. Eles se mantêm permanentemente forçando a barreira do recalque na tentativa de voltar ao Consciente. É desse conflito constante de forças que Freud (1915/1996a) trata ao dizer do recalque: forças atrativas vindas do Inconsciente juntamente com outras repulsivas oriundas do Consciente. Essas duas em oposição à força própria dos conteúdos latentes que insistem em se tornar conscientes.

Na quarta de suas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, Freud discorrerá sobre a importância da visão dinâmica, no sentido de que ela vai além de explicar os fenômenos da maneira como eles nos aparecem:

Buscamos não apenas descrever e classificar fenômenos, mas entendê-los como sinais de uma ação recíproca de forças na alma (Seele)¹¹, como manifestação de intenções com finalidade, trabalhando concorrentemente ou em oposição recíproca. Interessa-nos uma visão dinâmica dos fenômenos anímicos (seelischen). (Freud, 1916-17[1915-17]/1996, p. 73).

Assim, torna-se claro que a visão dinâmica nos indica um jogo de forças que, segundo Fulgêncio (2003), é nada menos do que forças pulsionais que, em conflito, vão de uma forma ou de outra, agir no psiquismo.

No início do texto O recalque, Freud (1915/1996a) elucida que em determinadas circunstâncias uma representação pode sofrer o recalque e que conseqüentemente isso deveria ocasionar desprazer, posto que o movimento de tal representação do Consciente ao Inconsciente poderia não ser agradável no nível pulsional. Mas o que ele percebeu é que nem sempre isso acontece, isto é, esse movimento nem sempre proporciona desprazer, podendo também ocasionar prazer. Então, uma representação que é insuportável ao Consciente, e que por isso foi recalçada porque causava desprazer, pode, no Inconsciente causar prazer.

Nessa hipótese, o que proporcionaria prazer no Inconsciente seriam os elementos que lá existiriam e que se ligariam a essa representação. Segundo Freud (1915/1996a, p. 152), o objetivo do recalque consiste em “recusar (Abweisung¹²) determinada coisa do consciente, mantendo-a a distância”, e isso só é possível quando há uma separação entre o Inconsciente e o Consciente.

Para sermos mais específicos quando falamos em prazer e desprazer, vejamos o que Freud apresenta em Além do princípio do prazer:

Decidimos relacionar o prazer e o desprazer à quantidade de excitação, presente na vida anímica (Seelenleben), mas que não se encontra de maneira alguma ‘vinculada’, e relacioná-los de tal modo, que o desprazer corresponda a um aumento na quantidade de excitação, e o prazer, a uma diminuição (Freud, 1920/1996, p. 17-18, grifos do autor).

Assim podemos compreender que o recalque acontece quando uma representação tem uma quantidade de excitação muito elevada, ficando insuportável, pois, “o motivo e o propósito do recalque nada mais eram do que a fuga do desprazer” (Freud, 1915/1996a, p. 158).

¹¹ Para maior clareza da leitura dos textos freudianos, faremos a modificação da tradução e apresentaremos entre parênteses o termo original sempre que houver alguma discrepância com a tradução brasileira.

¹² Preferimos a tradução por recusar, evitando conflitos com rejeitar, para o qual tomamos o verbo alemão *werfen*. A palavra *Abweisung* é usada em alemão, corriqueiramente, para tratar de alguém que foi deportado, ou seja, estava em um país e foi-lhe imputada a pena de deixar tal país.

Em síntese, o psiquismo sempre trabalha a fim de evitar o desprazer, o acúmulo de energia psíquica. O recalque funciona sob essa mesma ótica. Quando existe uma representação que está consciente e causa desprazer (acúmulo de energia), ela é recalçada. Nesse momento, há um apaziguamento, uma satisfação parcial, e tal representação se torna inconsciente, conseqüentemente causando prazer (descarga ou diminuição da energia).

Apesar de o recalque ter ocorrido com sucesso em primeira instância, por razões diversas, esse conteúdo recalçado pode novamente exercer força para que a representação se torne novamente consciente, resultando no retorno daquilo que foi recalçado. O contra-investimento, que será tratado mais adiante no ponto de vista econômico, fará com que o recalque se mantenha, retirando o investimento necessário do sistema pré-consciente (Freud, 1915/1996a). Assim, esse movimento, essa força exercida para que o recalque permaneça, gera desprazer até o ponto em que ele seja superado, gerando prazer.

No ponto de vista dinâmico do recalque, Freud (1915/1996b, p. 192), ao falar dos processos inconscientes, diz que eles “estão sujeitos ao princípio do prazer; seu destino depende apenas do grau de sua força e do atendimento às exigências da regulação prazer-desprazer” evidenciando assim a forma dinâmica com que os processos inconscientes ocorrem no psiquismo.

O PONTO DE VISTA ECONÔMICO

Sabemos que os três pontos de vista (dinâmico, econômico e tópico) estão intimamente inter-relacionados, mas como o ponto de vista econômico também trata das cargas de energia, decidimos por abordá-lo em seguida ao ponto de vista dinâmico, lembrando que isso não sugere uma hierarquia entre os três.

Freud (1915/1996a) redefine no artigo O recalque uma ideia que já estava presente no item E do capítulo VII de A Interpretação de Sonhos (Freud, 1900/1996) sobre os investimentos, e que se tornaria posteriormente a perspectiva econômica. Assim, por meio da perspectiva econômica podemos avançar um pouco mais rumo ao entendimento da teoria freudiana do recalque.

A perspectiva econômica destaca o investimento (*Besetzung*), o desinvestimento (*unbesetzt*¹³) e o contra-investimento (*Gegenbesetzung*), na

¹³ Freud não utiliza desinvestimento como um substantivo, mas como um verbo (desinvestir). No caso em questão, no participio, desinvestido.

manutenção e suspensão do recalque, ou seja, na perspectiva econômica, os processos psíquicos são estudados considerando a distribuição e a transição de energia. Freud retira do linguajar bélico sua metáfora, propondo que determinados conteúdos são investidos, ocupados, por uma energia. Essa proposta surge desde o texto d'O Projeto para uma psicologia científica (Freud, 1950[1895]/1996), ali em uma terminologia neurológica, e perpassa posteriormente a obra freudiana em um outro linguajar, o psicológico (ou metapsicológico).

Destaquemos cada um desses termos para melhor compreensão. Em uma ordenação lógica é necessário primeiramente abordar o contra-investimento (*Gegenbesetzung*)¹⁴. Segundo Garcia-Roza (2000), o contra-investimento está ligado a um momento inicial do psiquismo, quando ainda nem mesmo podemos falar de aparelho psíquico, pois não houve uma divisão entre Inconsciente e Consciente. Somente a partir do momento fundador do aparelho psíquico, o recalque original (*Urverdrängung*)¹⁵, é que podemos falar em investimentos. Antes disso, apenas existe o contra-investimento.

Esse contra-investimento acontece então como uma força de atração para o núcleo do recalcado, aquilo que foi originalmente recalcado. Mesmo depois da diferenciação do aparelho psíquico essa força continua constante. Podemos ver nas palavras de Garcia-Roza (2009, p. 161) que “a noção de contra-investimento está sendo utilizada para designar uma defesa contra um excesso de excitação proveniente do exterior, capaz de romper o escudo protetor contra os estímulos”.

Quanto ao investimento e desinvestimento, eles só podem ocorrer depois dessa diferenciação inicial do aparelho psíquico. Podemos pensar, por exemplo, que quando uma representação ganha energia, ou seja, quando é investida, ocupada, ela ganha força e pode romper a barreira do recalque, passando do Inconsciente para o Consciente. O inverso também pode ocorrer, pois a retirada de energia de uma determinada representação pode novamente enviá-la do Consciente ao Inconsciente.

¹⁴ O prefixo *gegen*, aqui traduzido por *contra*, traz na palavra *Gegenbesetzung* a ideia de um investimento ao contrário, o que nos permite entender melhor sua concepção no texto freudiano. Normalmente, ao investirmos uma representação, ela ganha força e pode alcançar o Consciente; ao contrário (*gegen*) disso, o núcleo do recalcado original, com seu contra-investimento, promove a atração dos conteúdos inconscientes para o próprio Inconsciente.

¹⁵ O prefixo *Ur* acrescentado ao substantivo *Verdrängung* nos traz uma nova concepção: algo ancestral, primevo, original; sempre lembrando que esse tempo ancestral não é cronológico, apenas lógico. O mesmo prefixo é utilizado em palavras alemãs como *Urmensch* transformando a palavra *Mensch* – *homem*, em *homem primitivo*. Freud também utiliza esse prefixo em outros contextos como a cena primária (*Urszene*) e o pai primevo (*Urvater*) da horda.

Nesse processo, Freud (1950[1895]/1996) trabalha com a retirada de investimento, deixando tal representação desinvestida¹⁶ e, conseqüentemente, sem força, não pode exercer a ação de retornar ao Consciente.

Podemos dizer então sobre o movimento econômico no processo do recalque que, quando uma representação é recalçada, aconteceu um desinvestimento de tal representação. Essa perda de energia faz com que ela mude de lugar no aparelho psíquico. Juntamente com essa perda de investimento, encontramos o núcleo do recalcado que age como um polo gravitacional, atraindo tais representações desinvestidas para o Inconsciente – o contra-investimento – que impede que as representações inconscientes passem para a consciência. Para que as representações inconscientes se tornem novamente conscientes elas devem ser reinvestidas. Esse movimento da energia libidinal, o investimento, desinvestimento e contra-investimento, é o que caracteriza o modelo econômico.

No artigo O recalque, Freud (1915/1996a) apresenta a importância do investimento para que a representação tenha acesso ao Consciente: “ocorre aqui um delicado equilíbrio, cujo jogo não nos é revelado; no entanto, sua modalidade de atuação nos permite inferir que se trata de pôr um paradeiro ao investimento do inconsciente quando este alcança certa intensidade – intensidade além da qual o inconsciente venceria as resistências, chegando à satisfação” (p. 155).

Nesse sentido, podemos pensar com Garcia-Roza (2009) que, no processo do recalque, a tríade investimento/desinvestimento/contra-investimento de um conteúdo inconsciente são os mecanismos responsáveis pelo que Freud designa de economia do recalque.

Assim, em termos econômicos, Freud (1915/1996a, p. 156) nos mostra que o recalque “exige um dispêndio persistente de força, e se esta viesse a cessar, o êxito do recalque correria perigo, tornando necessário um novo ato de recalque”. É o dispêndio de força constante que mantém o recalque ativo. Para que as representações se mantenham no Inconsciente há um gasto de energia. Essa constância de força é típica do modelo econômico, mas podemos notar como há uma grande proximidade com o modelo dinâmico.

É evidente que o recalcado exerce uma incessante pressão para se manifestar no Consciente, mas a tríade investimento/desinvestimento/contra-investimento,

¹⁶ Como apontamos acima, o termo utilizado por Freud para tal processo é *unbesetzt*. Esse termo tem o sentido de um lugar vago, desocupado.

impede que a representação volte para o Consciente, impedindo a geração de desprazer. Apesar do intenso gasto de energia envolvido no processo como um todo, Freud (1915/1996a) destaca que nosso aparelho psíquico sempre tende a trabalhar com uma economia (aqui no sentido de poupança) de energia, afinal, manter as representações onde elas estão, é menos dispendioso que acionar o mecanismo do recalque a todo momento.

O PONTO DE VISTA TÓPICO

Esse ponto de vista, ainda que o tenhamos colocado por último em nossa apresentação, é o que, de certa forma, evidencia o percurso dos conteúdos recalcados, localizando-os a partir de sua origem e destino, configurando o que Freud (1915/1996b) chamava de trânsito ou comunicação entre os sistemas.

O desenvolvimento de uma concepção tópica do aparelho psíquico ocorreu desde O Projeto para uma psicologia científica (Freud, 1950[1895]/1996), em que temos as cadeias de neurônios que se organizam, passando pelos estudos de Freud sobre a histeria, até ganhar uma formulação psicológica mais elaborada no capítulo VII de A interpretação dos sonhos (Freud, 1900/1996), sobretudo no item E – Os processos primário e secundário – o recalque. Nesse item, Freud descreve um psiquismo composto pelos sistemas Ics. e Pcs-Cs.¹⁷ além de tratar das relações entre os conteúdos que circulam em tais sistemas.

Para situarmos melhor as propostas de localização freudianas, faz-se necessário partirmos de um primeiro momento de formação do aparelho psíquico – o recalque original. Na versão brasileira da Edição Standard encontramos a expressão repressão primeva, que corresponderia ao termo alemão *Urverdrängung*, para o qual propomos a tradução por recalque original ou primário. Freud (1900/1996) propõe a discussão desse recalque original que, segundo ele, é a primeira etapa do recalque, que cria o núcleo do recalcado no Inconsciente e divide o psiquismo em dois grandes sistemas: Ics. e Pcs-Cs.

Pensando com Garcia-Roza (2000), podemos dizer que “enquanto o primeiro sistema tem sua atividade voltada para o livre escoamento das quantidades de

¹⁷ Note-se que, ao tratar de sistemas, Freud utiliza siglas ao invés de palavras. Portanto, quando utilizarmos siglas (Ics., Pcs-Cs.) estaremos tratando dos sistemas (*System*, no sentido de um conjunto de elementos entre os quais há algum tipo de relação), e não das instâncias (*Instanzen*, aqui no sentido de foro, jurisdição, conseqüentemente, lugares) Inconsciente, Pré-consciente e Consciente, ainda que haja uma grande correlação entre elas.

excitação, o segundo sistema tem por função inibir essa livre descarga a fim de tornar possível a ação adequada” (p. 172).

Podemos dizer que duas fases estão envolvidas no funcionamento da tópica psíquica: a primeira “o ato psíquico é inconsciente e pertence ao sistema Ics; se, no teste, for rejeitado pela censura, não terá permissão para passar à segunda fase” (Freud, 1915/1996b, p. 178), denominamos então como recalçado e seu conteúdo permanecerá no inconsciente. Na segunda fase o conteúdo passa no teste (censura) e tem sua passagem liberada para o sistema Pcs-Cs. Esse conteúdo pode “sob certas condições tornar-se um objeto da consciência sem qualquer resistência especial” (Freud, 1915/1996b, p. 178). Assim, o que determinará se o conteúdo permanecerá no Ics. ou irá para o Pcs-Cs. será o grau de censura a que será submetido.

O recalque operaria então através do movimento de repulsão do material recalçado, a partir do sistema Pcs-Cs., em conjunto com um movimento de atração do mesmo material por parte do núcleo originalmente recalçado¹⁸. Nesse sentido, uma representação (*Vorstellung*), para ter acesso ao Consciente, deve se modificar, ficando longe (enquanto significação) de sua forma inicial – o recalçado original. Essa representação pode se ligar ou transferir sua energia e/ou significação a outras representações, a fim de que se transforme, tornando-se muito diferente daquela originalmente recalçada. A proximidade de significação tornaria impossível o acesso de tal representação ao Consciente, pois poderia causar muito desprazer. Finalmente muito modificada, a representação consegue ter acesso ao Consciente, posto que com o distanciamento se tornaria suportável (Freud, 1915/1996a).

O processo se daria da seguinte maneira: inicialmente temos uma emergência da pulsão, da qual não podemos falar, pois nos faltariam palavras. Tal brotamento se daria próximo ao núcleo do recalçado. Essa pulsão se liga a uma representação (*Vorstellung*) que, por sua proximidade com a pulsão, não pode também ser diretamente enviada ao Consciente, pois sofreria necessariamente um recalque. Dessa forma, cabe enviar algo em seu lugar – um representante (*Repräsentanz*) dessa representação.

Notemos que aqui são utilizadas duas palavras – representação e representante – tal qual Freud distingue, para fazermos uma importante diferenciação: a representação (*Vorstellung*) é aquela que se liga à pulsão (uma ideia, um conceito),

¹⁸ Esses dois movimentos foram abordados anteriormente em termos econômicos, como investimento, desinvestimento e contra-investimento.

nomeando-a; já o representante (Repräsentanz) é aquele que vai no lugar de tal representação (como o advogado representa seu cliente em uma audiência). O representante é então um substituto da representação. O representante pulsional [representante da representação – Vorstellungrepräsentanz] continua atuando no sistema Inconsciente sem sofrer perturbações. O único sistema psíquico que sofre perturbações pelo recalque é o sistema Pcs-Cs. (Freud, 1915/1996a).

Em seu texto sobre O Inconsciente, Freud (1915/1996b) amplia a compreensão a respeito do conceito de recalque, analisando a cadeia de pensamentos que está ligada por meio de associações ao núcleo originalmente fixado, recalcado. Dessa forma, quanto mais longe a nova representação dessa cadeia se encontra (distante enquanto significação da representação originalmente recalçada), menos estará submetida à força desse núcleo do recalcado e, conseqüentemente, o seu acesso ao Consciente se torna muito mais fácil. Temos então um núcleo que se encontra fixado num ponto estabelecido do aparelho psíquico, e também os representantes derivados desse recalque que estão em um movimento constante, sendo modificados pelos processos de condensação e deslocamento, buscando maneiras de escapar à força do recalque.

Freud (1915/1996b), em O Inconsciente, diz que mesmo que comuniquemos a um paciente uma representação recalçada, tornando-a consciente, ou seja, tentando forçar que ela mude de sistema, ela não provocará de início qualquer mudança na condição psíquica do analisando. A única diferença é que agora o analisando tem a mesma representação sob duas formas: a lembrança consciente do traço auditivo da representação e a lembrança inconsciente da sua experiência. Apenas após vencer as resistências e essa experiência inconsciente começar a emergir é que se pode lograr algum êxito terapêutico. O importante a se perceber aqui é que a mesma representação em lugares (topos) diferentes (Inconsciente e Consciente) tem relações com a dinâmica da análise de forma diferente. Isso porque como esclarece Garcia-Roza (2000, p. 219):

Há uma diferença fundamental entre a representação que é inconsciente (no sentido descritivo) e aquela que é inconsciente porque pertence ao sistema lcs.. No primeiro caso, ela em nada difere das representações conscientes e não há qualquer impedimento a que se torne consciente, enquanto que no segundo caso ela está submetida a uma outra ordem e há uma resistência, por parte do sistema Pcs/Cs, a que ela tenha acesso à consciência. Essa resistência é exercida em nome da censura que opera no limite entre os sistemas lcs e Pcs/Cs.

Ainda no que concerne à dimensão tópica, Freud (1900/1996) nos elucidava que uma cadeia de pensamentos no Pré-consciente pode desaparecer ou persistir. A energia ligada à cadeia de pensamentos entra em contato com as vias associativas que partem dela. Essa rede de pensamentos entra num estado de excitação que se mantém por algum tempo, depois decai. É importante lembrar que no Inconsciente existem outras representações com metas (*Zielvorstellungen*) derivadas ligadas a desejos que estão sempre em estado de alerta. Elas podem se associar à cadeia de pensamentos pré-conscientes e transferir a sua energia a fim de persistir em um esforço que permitirá o acesso à consciência.

Abordamos anteriormente a forma como algo derivado da pulsão, enquanto representação (*Vorstellung*) precisa de um representante (*Repräsentanz*) para tentar o acesso ao Consciente. Tomemos agora outro ponto, a divisão desse representante psíquico (*psychischen Repräsentanz*), em duas partes – uma representação (*Vorstellung*), a parte qualitativa do representante; e um afeto (*Affekt*), a parte quantitativa do representante. O objetivo do recalque está em separar essas duas partes, dando às duas diferentes destinos.

Ainda que possamos diferenciar os destinos do par representação/afeto nos três tipos clínicos da neurose, tomaremos aqui apenas a maneira mais geral, como é abordado por Freud (1915/1996a) para a fobia. Quando um representante psíquico adentra o Consciente e gera desprazer, ocorre o processo do recalque, que separa as duas partes do representante psíquico recalcando apenas a representação, sua parte qualitativa. A parte quantitativa, o afeto, fica livre e se transforma em medo (*Angst*). Faz-se necessário que uma nova representação venha substituir a antiga, produzindo a fobia. É dessa maneira que o pai de Hanns se torna, por deslocamento, o cavalo, objeto fóbico do menino.

Notamos que há então três tempos para o recalque: o recalque original (*Urverdrängung*); o recalque propriamente dito (*eigentliche Verdrängung*), também chamado de recalque secundário ou pós-calcado (*Verdrängung* ou *Nachdrängung*) e o retorno do recalcado (*wiederkehr des Verdrängten*). O primeiro deles, o recalque original, trabalha com uma suposição de que tenha havido um mecanismo de contra-investimento de carga “que joga com a energia decorrente diretamente da fonte pulsional” (Garcia-Roza, 2000, p. 225), em outras palavras, estabeleceu-se “uma fixação resultante de uma recusa inicial do inconsciente a se encarregar do representante de uma pulsão” (Roudinesco; Plon, 1998b, p. 649). Tal movimento, cria

o núcleo do Inconsciente e divide o aparelho psíquico em lugares (topos), os sistemas lcs. e Pcs-Cs.. Somente após essa divisão é que podemos pensar nos outros dois tempos: o do recalque, que funciona como dissemos anteriormente separando o par representação/afeto e enviando a representação ao Inconsciente; e o retorno do recalado, que traz uma representação substituta para se unir ao afeto livre, tornando esse novo par, representação-substituta/afeto, consciente.

Todo esse trânsito só é possível a partir dos investimentos, desinvestimentos e contra-investimentos que buscam aumentar ou diminuir a carga de energia das representações, recalcando algumas (e conseqüentemente levando-as ao Inconsciente) e permitindo que outras superem a barreira do recalque (trazendo substitutos ao Consciente). Essas mudanças de lugares no aparelho psíquico compõem o que Freud denominava de ponto de vista tópico dentro da sua metapsicologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interação dos modelos tópico, dinâmico e econômico contribuem para eficácia do mecanismo do recalque. Esses movimentos dos modelos fazem com que as representações circulem nos registros dos sistemas lcs. e Pcs-Cs.. Somente com o entendimento desses três modos em conjunto podemos realmente descrever todo o mecanismo que envolve o processo do recalque.

Dentro da dimensão tópica, foi possível compreender como acontecem as passagens, trocas e demais mudanças de lugares (topos) quando o recalque opera. Percebemos assim que dentro da movimentação do psiquismo proposta por Freud há uma dimensão tópica, nos permite considerar como o seu modelo para se pensar os fenômenos psíquicos vão além dos modelos de sua época.

Já sobre a dimensão dinâmica, foi igualmente possível perceber e destacar o peculiar funcionamento da dinâmica psíquica proposta por Freud, modelo que foi sensível aos desdobramentos científicos de sua época, levando adiante um conjunto de investigações que tornou possível avançar na pesquisa sobre o funcionamento do Inconsciente. Nesse sentido, para além da simples formulação de uma possibilidade de adaptação biológica do organismo, Freud desenvolve dentro da dimensão dinâmica uma possibilidade de pensar a relação do sujeito e suas viabilidades referentes às condições de sua estrutura psíquica.

Na dimensão econômica, foi possível perceber como as forças, ou como são denominadas na Psicanálise, as pulsões, emergem e traçam sua trama particular sobre o tecido do psiquismo humano. Freud nos mostra como a pulsão busca sempre o alívio de sua tensão, em uma tentativa incessante de evitar o desprazer.

O que finalmente podemos observar é como a interpenetração dos três modelos incluídos na metapsicologia (tópico, dinâmico e econômico) agem de maneira complementar, movimentando cargas de energia e fazendo com que determinados conteúdos se mantenham no Inconsciente, ou possam ter acesso ao Consciente. De forma bastante abreviada podemos dizer que a mudança de lugares (visão tópica) depende do quanto conseguimos investir ou desinvestir energia em determinada representação (visão econômica) para que ela possa vencer o jogo de forças já presente entre os sistemas (visão dinâmica).

Se o método psicanalítico se dá pelo incessante revezamento entre teoria e clínica, em constante retroalimentação, e o recalque é o pilar fundamental [Grundpfeiler] sobre o qual repousa o edifício [Gebäude] da Psicanálise, o entendimento do processo do recalque como um todo é de fundamental importância tanto para as pesquisas que entrelaçam o campo clínico e investigativo quanto para o ensino e transmissão da Psicanálise.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 4 e 5).
- FREUD, S. (1901). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 6).
- FREUD, S. (1913[1911]). Sobre a psicanálise. In: FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 12, p. 221-229).
- FREUD, S. (1914). A história do movimento psicanalítico. In: FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 14, p. 13-73).
- FREUD, S. (1915). A repressão. In: FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a. (Vol. 14, p. 145-162).
- FREUD, S. (1915). O inconsciente. In: FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b. (Vol. 14, p. 163-222).
- FREUD, S. (1916-17[1915-17]). Conferência IV – Parapraxias (conclusão). In: FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 15, p. 67-85).
- FREUD, S. (1920). Além do princípio de prazer. In: FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 18, p.11-75).
- FREUD, S. (1950[1895]). O Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. (Vol. 1, p. 333-454).
- FULGÊNCIO, L. (2003). As especulações metapsicológicas de Freud. *Natureza humana*, São Paulo, v. 5, n. 1, p.129-173, jun. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302003000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 mar. 2017.
- GARCIA-ROZA, L. A. (2000). Introdução à metapsicologia freudiana: Artigos de metapsicologia – narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Vol. 3).
- GARCIA-ROZA, L. A. (2009). Freud e o Inconsciente. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- HANNS, L. A. (1996). Recalque. In: HANNS, L. A. Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago. (p. 355-367).
- KOYRÉ, A. (1991). Estudos de História do Pensamento Científico. São Paulo: Forense Universitária.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1997). Metapsicologia. In: LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes. (p. 284-285).

MASSON, J. M. (1986). A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904. Rio de Janeiro: Imago.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (1998a). Metapsicologia. In: ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (p. 511-513).

ROUDINESCO, E.; PLON, M. (1998b). Recalque. In: ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar. (p. 647-649).

THE REPRESSION METAPSYCHOLOGY

ABSTRACT

The present article aims to retake the concept of repression in its topical, economic and dynamic perspectives by means of a research of the Freudian works. For this discussion, the theoretical investigation and the comparative reading of several translations of the Freudian work were used. From this investigative return it was possible to verify that the repression is a process that affects the representations in the border between the Ucs. systems and Pcs-Cs. The process as a whole is complex and needs the three perspectives for its understanding. In this sense, the concept of repression constitutes one of the most important, since it structures the psyche and organizes the circuit of the pulsional conflicts within the psychic apparatus.

KEYWORDS: Repression. Topic. Economic. Dynamic.

LA MÉTAPSYCHOLOGIE REFOULEMENT

RÉSUMÉ

Le présent article vise à reprendre le concept de répression dans ses perspectives d'actualité, économiques et dynamiques au moyen d'une recherche sur les travaux freudiens. Pour cette discussion, l'investigation théorique et la lecture comparative de plusieurs traductions de l'ouvrage freudien ont été utilisées. A partir de ce retour d'investigation, il a été possible de vérifier que la répression est un processus qui affecte les représentations à la frontière entre les systèmes lcs. et Pcs-Cs. Le processus dans son ensemble est complexe et nécessite les trois perspectives pour sa compréhension. En ce sens, le concept de répression constitue l'un des plus importants, puisqu'il structure la psyché et organise le circuit des conflits pulsionnels au sein de l'appareil psychique.

MOTS-CLÉS: Refoulement. Topique. Économique. Dynamique.

Recebido em: 02-03-2018

Aprovado em: 26-03-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

A PSICANÁLISE DE FREUD E A PSICANÁLISE DE HOJE: AS VICISSITUDES DO FEMININO NA ERA DOS EXTREMOS

Gabriel Pavani Brandino¹

Thassia Souza Emidio²

Barbara Sinibaldi³

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a fazer uma análise comparativa da questão do feminino no campo da psicanálise entre as formulações de Freud a respeito da feminilidade e as reflexões trazidas por psicanalistas inseridos no contexto atual da sociedade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa pensando na questão do feminino nas teorizações freudianas e atuais e verificando dentro da bibliografia quais mudanças ocorreram na concepção da mulher dentro desta ciência, atrelando estas mudanças às transformações ocorridas na sociedade. Propõe-se realizar uma reflexão, não apenas o levantamento bibliográfico, mas também um exercício de pensamento trazendo um diálogo entre as obras de Freud, as teorizações atuais e a sociedade enquanto instrumento subjetivador para que as transformações no campo psicanalítico se concretizem.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Feminino. Freud. Século XX. Sociedade.

¹ Psicólogo. Bolsista EXPC-CNPq da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, Assis. Av. Dom Antônio, 2100, Parque Universitário, 19806-900, Assis, SP. (18) 3302-5800. gabrandino@gmail.com

² Professora Doutora em Psicologia do Departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, Assis. Av. Dom Antônio, 2100, Parque Universitário, 19806-900, Assis, SP. (18) 3302-5884. thassia@assis.unesp.br

³ Mestra em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, Assis. Av. Dom Antônio, 2100, Parque Universitário, 19806-900, Assis, SP. (18) 3302-5800. sinibarbara@gmail.com

INTRODUÇÃO

Deve-se ser cauteloso ao falar de feminino e masculino no campo da psicanálise, principalmente no que tange a obra de Freud. Em uma nota de rodapé, acrescentada em 1915 aos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud apresenta essa problemática afirmando que “os conceitos de ‘masculino’ e ‘feminino’, cujo conteúdo parece tão inambíguo à opinião corriqueira, figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõem em pelo menos três sentidos” (FREUD, 1905, p. 207, grifos do autor). Freud afirma que ora “masculino” e “feminino” são empregados no sentido da atividade e da passividade, ora no sentido biológico, onde a diferença é localizada no campo anatômico, ora no sentido sociológico. Freud afirma ainda que a expressão destas características não se dá em sua pureza nos homens, mas o que ocorre é uma mescla de características dos sexos opostos na vida cotidiana dos sujeitos.

O sentido que interessa a Freud no tange à questão do feminino e do masculino é o sentido psicanalítico, cujos conceitos estão atrelados à atividade e passividade da libido, ou seja, ao caráter ativo da pulsão sexual que está ligado à característica masculina do desejo, enquanto que a posição passiva da libido está atrelada à expressão feminina do desejo. Freud afirma que a libido é essencialmente masculina, por que “a pulsão é sempre ativa”. (FREUD, 1905 [1996] p. 205).

Outro ponto que devemos nos deter antes de pensar o feminino em Freud é a perspectiva sócio-antropológica que este autor imprimiu em suas obras. Desde o momento em que Freud traz à luz sua teoria da sexualidade, ele carrega consigo uma questão que perpassará suas teorias durante todo seu percurso, o antagonismo entre a civilização e a vida pulsional do sujeito. Claramente este antagonismo trouxe diversas contribuições para o estudo da sexualidade humana e as pulsões libidinais, tendo em vista que Freud em seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), indica que haveria uma relação inversa entre a civilização e o livre desenvolvimento sexual, pois a civilização imporá renúncias ao sujeito. Logo, vemos aqui a necessidade de pensarmos não a mulher teorizada por Freud, mas sim como era essa mulher em seu contexto social, a qual Freud se dedicou em seus trabalhos, quais renúncias esta mulher do início do século XX fez para que pudesse “civilizar-se”.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa pensando na questão do feminino nas teorizações freudianas e atuais e verificando dentro da bibliografia quais mudanças ocorreram na concepção da mulher dentro deste campo, atrelando estas mudanças às transformações ocorridas na sociedade.

Esta pesquisa se utiliza da psicanálise como referencial teórico, de cunho bibliográfico, propõe-se para análise de dados uma reflexão crítica da bibliografia levantada no desenvolvimento do projeto, cujo objetivo geral é refletir sobre as transformações no olhar da psicanálise para o feminino no século XX e XXI, com base a partir das mudanças do papel da mulher na sociedade.

FREUD, A SEXUALIDADE E A SOCIEDADE DE VIENA.

Estudar o feminino não é uma tarefa simples. Freud afirma diversas vezes como o estudo do feminino é difícil e obscuro. Em seus primeiros trabalhos sobre a sexualidade, o impasse que o feminino coloca e que dificulta sua compreensão é apresentado no texto “Três Ensaios sobre a Sexualidade” (1905), onde afirma que “o desenvolvimento sexual [...] do homem é o mais consequente e o mais facilmente acessível a nossa compreensão, enquanto o da mulher representa até mesmo uma espécie de involução” (FREUD, 1905 [1996] p. 196). Esta incompreensão do feminino levou à suposição de que o desenvolvimento sexual das meninas se dava da mesma forma que nos meninos (FREUD, 1925), mas com o tempo a ideia de que possa haver um paralelismo no desenvolvimento sexual de ambos os sexos (FREUD, 1931) foi abandonada pelo próprio Freud.

É sabido que Freud morou em Viena durante grande parte de sua vida e foi lá que atendeu suas primeiras históricas e formulou sua teoria do inconsciente, ou seja, quando Freud fala sobre o feminino ou quando pensamos sobre o que ele falou sobre o feminino devemos nos lembrar que ele falava de um feminino enclausurado na moral vienense, “em Viena, mais do que em qualquer outro lugar, elas [as mulheres] foram submetidas a uma clausura social que as manteve num isolamento que não possibilitava pensar em sua situação de opressão: tudo era natural para elas” (MOLINA, 2012, p. 50).

A vida social em Viena era extremamente regulatória e castradora, “a servidão em que vivem as vienenses cria um terreno particularmente favorável ao desenvolvimento das neuroses. Não é por acaso que os suicídios ocorrem em tão grande número na capital da Áustria-Hungria” (BERTIN, 1990, apud MOLINA, 2012),

mas não apenas a vida social era castradora, a civilidade da mulher no começo deste século também envolvia grandes renúncias às pulsões libidinais, ou como Freud (1908) escreve “supressão dos chamados elementos pervertidos da excitação sexual” (p. 175, grifos do autor).

Freud, em sua teoria da sexualidade, problematiza a questão da sexualidade infantil e nos mostra ao longo de todo o seu trabalho que este ponto da sexualidade, tão primitivo e longínquo aos que procuram a análise, é parte fundamental da construção subjetiva. A renúncia ao destino das pulsões sexuais, ou seja, a renúncia ao objeto do desejo, durante o período de latência na criança faz parte do processo de civilizatório. Esta mudança no destino da pulsão é, na verdade, uma forma do aparelho psíquico negar a realização de um desejo ligado a um objeto específico, essa renúncia se caracteriza por um processo chamado sublimação, que nas palavras de Freud (1908) é “a capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro” (p. 174) este novo destino da pulsão relaciona-se com a cultura. Para Freud, a sublimação é um dos destinos da pulsão.

O movimento de sublimatório faz parte da constituição do sujeito e é de fundamental importância, mas não dá conta de todas as pulsões sexuais, “o sujeito consegue realmente, sob a influência da educação, e das exigências sociais, suprimir suas pulsões pervertidas, mas essa supressão é falsa, ou melhor, frustrada” (FREUD, 1908, [1996] p. 176), esta frustração provém de uma questão que Freud exemplifica da seguinte forma, “não é possível ampliar indefinidamente esse processo de deslocamento, da mesma forma que em nossas máquinas não é possível transformar todo o calor em energia mecânica” (FREUD, 1908 [1996] p. 174).

Tento em vista a economia pulsional, o desejo do sujeito na impossibilidade de investir outro objeto, e mediante a ação do recalque que se afigura como outro destino da pulsão sexual responsável pelo pacto civilizatório, o aparelho psíquico diante vê-se diante de duas opções: tentar realizar o desejo ou descarregar a pulsão pela via do sintoma, como afirma Freud (1908)

Se deixarmos de lado as modalidades mais leves de ‘nervosismo’ e nos atermos às doenças nervosas propriamente ditas, veremos que a influência prejudicial da civilização reduz-se principalmente à repressão nociva da vida sexual dos povos (ou classes) civilizados através da moral sexual ‘civilizada’ que os rege (p. 172).

A repressão exercida pela sociedade pode ser percebida através do puritanismo presente na criação das meninas, exemplificado a partir do diário atribuído a Grete Lainer, um diário que mais tarde foi prefaciado por Freud, que no início do primeiro parágrafo já destaca a importância dessa obra: “isto é uma preciosidade. Nunca antes, creio eu, nada foi escrito que tenha nos permitido enxergar tão bem dentro da alma de uma jovem menina, pertencente a nosso estrato cultural e social, durante os anos da puberdade” (A YOUNG, 1952, p. 5, tradução nossa). Assim como vemos a ação da repressão social exemplificada nos escritos de Stefan Zweig, que afirma que “Para proteger as moças, [...] controlavam-se todos os livros que liam e, antes de mais nada, ocupava-se-as constantemente a fim de distraí-las dos pensamentos perigosos que poderiam lhes ocorrer’ (ZWEIG apud BERTIN, 1990, p. 115 – 116, grifo próprio).

A partir deste relato verídico da vida vienense de uma garota podemos perceber o quão tabu a questão da sexualidade era dentro daquele enquadramento social, assim como Freud (1929) afirma. De acordo com ele “os tabus, as leis e os costumes impõem novas restrições, que influenciam tanto homens quanto mulheres” (FREUD, 1929, p. 110). Desta forma, Freud faz uma análise do social, afirmando que é característico da civilização reprimir a sexualidade, principalmente infantil (momento mais importante do desenvolvimento sexual). A repressão repercute sobre as mais variadas formas de expressão sexual, até mesmo sobre a vida genital heterossexual, que também deve seguir uma lei.

A civilização atual deixa claro que só permite os relacionamentos sexuais na base de um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher, e que não é de seu agrado a sexualidade como fonte de prazer por si própria, só se achando preparada para tolerá-la porque, até o presente, para ela não existe substituto como meio de propagação da raça humana (FREUD, 1929, [1996] p. 111).

Retomando os conceitos psicanalíticos, Freud afirma que, assim como nos meninos, a primeira escolha objetual feminina é a mãe – que no caso das meninas é uma escolha pré-edipiniana, esta escolha que nos meninos se mantém, nas meninas sofre uma mudança e seu objeto agora se torna o pai.

Esta escolha objetual não é necessariamente anterior ao complexo de Édipo, Freud (1931) afirma que este tipo de escolha objetual já caracteriza uma entrada no complexo de Édipo, o que ocorre, segundo ele, nas meninas é a entrada no complexo de Édipo negativo, o qual pode tornar-se positivo ao passar do tempo.

O complexo de Édipo positivo é trazido por Freud (1923a) como o complexo de Édipo esperado, na qual a criança do sexo masculino, que tem a mãe como objeto de desejo sexual, o abandona e passa a ter maior identificação com o pai, surgindo assim o caráter da masculinidade na criança. O complexo de Édipo negativo e invertido seria portanto o que acontece com as meninas, pois, como foi trazido em *Sexualidade Feminina* (1931), a menina inicia a fase do complexo de Édipo com a mãe como objeto de desejo, após, este desejo é recatexizado para a figura paterna, a qual, enfim, manterá uma situação triangular.

De acordo com Freud (1931), a dissolução do complexo de Édipo ocorre quando a mulher “reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade” (FREUD, 1931 [1996] p. 243), este fato reconhecido engendraria três caminhos às mulheres, a primeira sendo uma repulsão geral à sexualidade, a segundo a autoafirmação da masculinidade e por terceiro, sendo este o viés considerado normal, a tomada do pai como objeto de desejo para o encerramento completo do complexo e a dedicação à maternagem futura.

Entretanto, o abandono ao objeto original de seu desejo sexual não é o único no desenvolvimento sexual da menina. A chegada à puberdade torna-se também uma questão no formato da divisão das zonas erógenas, trazido por Freud como “qualquer [...] ponto da pele ou mucosa pode tomar ao seu encargo as funções de uma zona erógena, devendo, portanto, ter certa aptidão para isso. Assim, a qualidade do estímulo, mais do que a natureza da parte do corpo, é que tem a ver com a produção da sensação prazerosa” (FREUD, 1905 [1996] p. 173).

Assim, a ideia de substituição do clitóris pela vagina é de certa forma explicado, pois, uma vez o clitóris representando o não-pênis, ou seja, a não existência de um pênis, ou a existência de um pênis cortado, dá margem à supressão do estímulo sexual no clitóris, assim a mulher e seu papel de feminino “[encampam os fatores de] objeto e passividade. A vagina agora é valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa [a menina] na herança do útero” (FREUD, 1923b [1996] p. 163).

Quando a criança descobre que há uma diferença na anatomia da genitália é quando surge a problemática da castração, pois, uma vez que o menino vê os órgãos sexuais de uma menina ele percebe que há alguma coisa faltando, enquanto a menina, ao ver o pênis do menino se dá conta que lá há um pedaço de carne a mais.

O complexo de castração é um fenômeno que ocorre em ambos os sexos porém, geram reações diferentes em cada gênero específico. Quando o menino se dá conta da falta do pênis na menina, este reage, assim como afirma Freud (1923b) que o menino rejeita o fato da menina não possuir o pênis e cria em seu imaginário a ideia de que ainda pode crescer. Os meninos “encobrem a contradição entre a observação e preconceção dizendo-se que o pênis ainda é pequeno e ficará maior com o tempo” (FREUD, 1923b [1996] p. 161), paulatinamente, os meninos percebem que não crescerá o pênis, chegando a conclusão que “o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois” (FREUD, 1923 [1996] p. 161).

A reação da castração nas meninas é imediata, “dessa ocasião em diante [as mulheres] caem vítimas da inveja do pênis” (FREUD, 1925, [1996] p. 285). A inveja do pênis caracteriza-se pela vontade, que perdura durante certo tempo, da mulher de obter um pênis para si. A falta anatômica pode causar um sentimento de inferioridade na mulher, gerando um desprezo por seu próprio gênero ao ver-se cortada.

Estes três pontos da sexualidade que foram discutidos nesta pesquisa representam como a sexualidade ao se falar no campo do feminino é vaga e sem muitas conclusões concretas no campo psicanalítico. As investigações freudianas não são suficientes para explorar todos os aspectos da vida feminina, mas pode-se notar aqui como a sociedade e a expressão da sexualidade caminham de mãos dadas, tanto na repressão de atos sexuais quanto em sua legitimação.

PSICANÁLISE E SOCIEDADE PÓS-FREUD: SÉCULO XX E AS PRODUÇÕES ATUAIS

Avaliando o estudo feito anteriormente acerca da sociedade vienense do início do século XX, pode-se dizer que essa sociedade, assim como todo o mundo ocidental, sofreu uma metamorfose durante o passar do século XX, ou como nomeou Hobsbawm, a “Era dos Extremos”. No período de escrita das teorias, poucas coisas transformaram a sociedade como no período pós-escrita, uma vez que Freud morreu em 1939, sua produção não foi atravessada pelo levante fascista europeu, o genocídio judeu, a queda das bombas atômicas, a separação da Europa e do mundo em ideologias econômicas, a revolução sexual e as guerras no extremo oriente, a queda do muro de Berlim e a queda do imperialismo na África, o fracasso comunista e o intenso processo de globalização.

Logo, quando pensamos na produção social-psicanalítica atual, já tratamos de um sujeito completamente diferente do sujeito que Freud um dia tratara, sendo assim,

podemos concluir de forma lógica que o papel da mulher, assim como a forma que o mundo a olha, se transformou também. Desta forma, procuraremos demonstrar como diferentes momentos do século dos extremos afetaram diretamente as mulheres, como sua entrada no mundo do trabalho, o desenvolvimento de métodos contraceptivos, a revolução sexual e a conquista de direitos, transformou a forma de subjetivação da mulher e conseqüentemente a produção psicanalítica sobre elas.

Assim como o século XX foi um século de diferentes acontecimentos, exigindo diferentes demandas, diferentes momentos de lutas das mulheres surgiram durante este período. As chamadas ondas do feminismo “ocorreram em épocas distintas, historicamente construídas conforme as necessidades políticas, o contexto material e social e as possibilidades pré-discursivas de cada tempo” (NARVAZ, KOLLER, 2006, p. 649).

A primeira fase ou onda do feminismo surge entre os anos de 1920 e 1930, levantando uma ideia de igualdade nos direitos civis, políticos e educativos, direitos estes que se reservavam principalmente aos homens. Durante este momento a psicanálise ainda está se fundando como teoria e surgem duras críticas à determinação psíquica que é apresentada por Freud no campo do feminino.

Uma das principais teóricas deste período é a francesa Simone de Beauvoir, que em seu principal livro, *O Segundo Sexo*, há um capítulo especialmente reservado para a revisão da psicanálise sobre as mulheres, cujos conceitos analisados seguem um mesmo movimento que esta pesquisa seguiu no capítulo anterior.

O primeiro momento do feminismo no século XX é acompanhado do pós I Guerra, da reestruturação do sistema de governo da Rússia e de outros países da Europa, devido à queda de monarquias e ao surgimento de novos Estados. Juntamente a este contexto político, o mundo cultural também sofre com grandes transformações, com o firmamento do modernismo, a implantação de ideias fascistas em produtos de mercado e a grave crise da bolsa de Nova York de 1929.

A segunda onda do feminismo ressurge nas décadas de 1960 e 1970, com maior força na França e nos Estados Unidos. Esta geração do feminismo toma cena após a sucessão de diversos acontecimentos importantes do século XX. Entre a primeira e a segunda onda do feminismo existe um salto histórico importante a ser lembrado. Esta geração do feminismo surge após a II Guerra Mundial, a separação do mundo por ideologias econômicas, pela criação – e dissolução – do Estado de Bem-Estar Social, a ascensão do neoliberalismo, a guerra do Vietnã, a guerra das

Coreias, a primavera de 1968 e suas revoluções ideológicas, o movimento hippie, a criação da Organização das Nações Unidas, os julgamentos dos crimes de guerra, a corrida espacial, a instauração de ditaduras na América Latina, o apartheid e a luta do movimento negro na África do Sul e nos Estados Unidos, e o mundo experimenta, nesta época, o começo do que hoje chamamos de globalização.

O cenário mundial na época em que ressurgiu o feminismo não é o melhor momento do século, mas foi durante esta época que surgiram (e também morreram) diferentes líderes que abalaram a estrutura do mundo ocidental que estava posta. Martin Luther King Jr., Nelson Mandela, Winnie Mandela e outros lutaram frente ao movimento negro, batalhando pela igualdade de direitos entre negros e brancos.

Ainda neste período, no que interessa a esta pesquisa, o movimento feminista também fez muito barulho, com a queima do sutiã, o uso da minissaia e a luta pela liberdade sexual trouxeram novos paradigmas com os quais o mundo ocidental-capitalista teve que lidar, juntamente com a invenção da pílula anticoncepcional, que tira a função de reprodução do sexo e coloca o prazer sexual em outro patamar, proporcionando uma nova vivência da sexualidade, uma vez que a maternagem pode ser evitada.

Como falado anteriormente, este período do feminismo toma maior força nos Estados Unidos e na França, compreensível através dos dados históricos levantados, uma vez que a maioria destes acontecimentos ocorreram ou iniciaram em terras estadunidenses ou francesas. A teoria estadunidense que surge durante este período tem como base “a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade”, enquanto as francesas “postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à especificidade da experiência feminina, geralmente negligenciada” (NARVAZ, KOLLER, 2006, p. 649).

Durante este período, a visibilidade da luta feminina se intensifica; a ONU declarou que 1975 seria o Ano Internacional da Mulher, o que “favoreceu a criação de uma fachada para um movimento social que ainda atuava nos bastidores da clandestinidade, abrindo espaço para a formação de grupos políticos de mulheres que passaram a existir abertamente” (SARTI, 2004, p. 39).

Durante a década de 1960, no cenário da psicologia, mais especificamente no campo da psicanálise, Lacan se torna um grande nome das teorias psicanalíticas, fazendo uma releitura das obras freudianas com um olhar estruturalista, ele ressurgiu

com questões sobre a teoria do inconsciente que abriu novas vertentes psicanalíticas, novas leituras e novos olhares.

Todavia, a problemática da subjogação da mulher ainda se fazia (e se faz) muito presente, apesar das conquistas do feminismo que vimos anteriormente, a mulher ainda ocupa um papel secundário. Vemos isso na teoria lacaniana, que segue o mesmo caminho de Freud e toma o fenômeno masculino e o adapta ao feminino. Podemos interpretar o fato de que não há nada que defina macho ou fêmea como um ponto interessante na discussão da determinação do sexo-gênero, todos são tomados como meninos. Uma vez que “la femme n’existe pas”⁴, somente o homem, e sua estrutura inconsciente existem e são passíveis de estudo, a mulher adaptar-se-ia às estruturas uma vez postas, por mais além do falo que ela esteja.

Podemos entender esta proposição lacaniana através de uma visão sociológica da construção social, pois nos deparamos com teorias que “tem como paradigma o desejo masculino em uma sociedade que se estrutura a partir de relações de dominação entre os gêneros, onde a mulher não é considerada como sujeito” (ARÁN, 2009, p. 662), o que na visão de Tort se torna “a versão formal do assujeitamento das mulheres ao fantasma de castração dos homens” (TORT apud ARÁN, 2009, p. 662).

É sob esta perspectiva do feminino que a psicanálise da metade do século XX se norteia, entretanto, como veremos a partir de agora, outras teorias vêm discutir o gênero, agora através de novas perspectivas e de novos paradigmas.

Após essa década abaladora, estamos então há duas décadas para a virada do século e para a virada do milênio. O movimento feminista se vê, de repente, assim como todo o mundo, em outro momento social, dentro de outra conjuntura econômica e cada vez mais inserido dentro do que chamamos de processo de globalização.

Os anos de 1980 e 1990 compõem a época de surgimento da terceira onda do feminismo. Muitas coisas mudaram nestes vinte anos, pensando em escala mundial. A queda das ditaduras latino-americanas, a queda do muro de Berlim, a dissolução da União Soviética, a mundialização do capital, as guerras europeias dos anos 1990, o boom da tecnologia, o grande avanço da medicina, o aumento da circulação e veiculação de notícias, o vírus da AIDS, os movimentos de visibilidade LGBTTTT e o surgimento da internet são fatores que transformaram a maneira como se vivia nas décadas anteriores.

⁴ “A mulher não existe” (LACAN, 1985).

Consequentemente as demandas de luta e as formas de luta mudam; neste período, principalmente na década de 1990, surgem os primeiros livros e debates acadêmicos sobre estudos de gênero, de sexualidade e o nascimento da teoria queer, abrindo espaço para a psicologia se inserir neste meio. A terceira onda traz em suas pautas uma “análise das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade” e se propõe a “enfatizar a questão da diferença, da subjetividade e da singularidade das experiências, concebendo que as subjetividades são construídas pelos discursos, em um campo que é sempre dialógico e intersubjetivo” (NAVAZ, KOLLER, 2006, p. 649).

Neste contexto da terceira onda que estamos inseridos, hoje não se fala mais de estudos sobre o feminino, mas tratamos agora de estudos de gênero, o gênero se tornou um marcador social da diferença, sua expressão e seus desdobramentos trazem à psicologia, à psicanálise e à sociedade uma visibilidade da minoria, através agora dos meios de comunicação expressa, que anteriormente não existia.

Os estudos de gênero e a teoria queer surgem acompanhando um movimento pós-estruturalista de Foucault e Derrida, debatendo as questões de universalidade oriundas das teorias lacanianas e das estruturalistas de Lévi-Strauss e partindo para uma discussão da singularidade do sujeito; questões acerca do controle sobre os corpos invade a área das ciências humanas, esbarrando na psicologia. Sob esta perspectiva pós-estruturalista, surgem duras críticas à psicanálise, assim como surgem algumas aproximações. Um dos novos caminhos que é apresentado à psicanálise é que esta “deve dialogar com movimentos sociais mais amplos, políticas culturais e questões relativas a gays, lésbicas, bi, trans, intersexo” (PORCHAT, 2013, p. 76).

Arraigada a esta ideia, nos passos da filosofia foucaultiana, uma problemática da binaridade se instala nas discussões filosóficas, psicológicas e psicanalíticas, principalmente quando estamos no campo do sexo/gênero/desejo. Ou seja, pensar toda identidade a partir de um conceito universalista (masculino) em contraposição com aquilo que não é masculino (do gênero feminino), como nos traz Butler, em *Problemas de Gênero* (2015) “a heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e masculino” (p. 44). Butler ainda afirma, citando Wittig, que a redução da binaridade é um efeito da reprodução da heterossexualidade compulsória, que pode ser compreendido o fator que “tomaria meramente o lugar do falocentrismo como causa monolítica da opressão

de gênero” (p. 45). Logo, podemos encarar a binaridade como o formato hegemônico do sexo/gênero/desejo, nesta óptica existiriam apenas dois formatos de expressão que devem se atrair pela lei da heteronormatividade compulsória.

A binaridade carrega consigo um problema que é discutido na teoria queer, apresentada acima, o posicionamento político dos corpos e de seus desejos e a livre expressão do gênero, ou seja, a binaridade exclui tudo aquilo que não faz parte da gama heteronormativa e marginaliza outras formas de desejo que não as hegemônicas.

Outra forma que a psicanálise passa a enxergar a sociedade e o sujeito neste contexto pós-estruturalista não universalista é a recusa de “uma concepção rígida do modelo edípico. O complexo de Édipo pode assumir várias formas culturais e pode, ainda, não ser considerado condição normativa da cultura” (PORCHAT, 2013, p. 79).

Desta forma, a psicanálise toma outra forma aos olhos dos novos teóricos que se atrevem a estudar as aproximações do pós-estruturalismo com a ciência do inconsciente, se comprometendo agora “com a tarefa de não permitir que os comportamentos sexuais, o que envolve corpos e identidades sexuais, sejam objetos de práticas de controle e normalização por parte da sociedade” (PORCHAT, 2013, p.80).

O gênero agora toma um caráter político, pois, ainda que ele seja um elemento que constrói as relações sociais a partir de diferenças anátomo-sexuais, ele ainda é “uma forma primeira de significar as relações de poder” (SOIHET, 1997, p. 103). Desta maneira, o gênero torna-se uma ferramenta para pensar as relações sociais e institucionais, principalmente quando pensamos nas relações de poder envolvidas. Podemos pensar o gênero, portanto, como um “meio de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SOIHET, 1997, p. 104).

O termo gênero foi introduzido na psicanálise por Robert Stoller, psicanalista americano, que estudava as questões transexuais. Ele se utiliza do gênero a fim de delinear os aspectos da psicosexualidade que são tomados como independentes do biológico (CECCARELLI, 2010). Não é apenas no campo da psicanálise que o gênero e a posição da mulher na sociedade incomodam, Boudieu, cientista social francês, mostra quase a razão pelo qual o gênero está sendo posto em discussão ultimamente, ele afirma que

as diferenças visíveis entre o corpo feminino e corpo masculino que, sendo percebidas e construídas segundo os esquemas práticos da visão androcêntrica, tornam-se o penhor mais perfeitamente indiscutível de significações de valores que estão de acordo com esta visão: não é o falo (ou a falta de) que é o fundamento desta visão de mundo, e sim é essa visão de mundo que, estando organizada segundo a divisão em gêneros relacionais, masculino e feminino, pode instituir o falo [...] e instituir a diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gênero construídos como duas essências sociais hierarquizadas (BOURDIEU, 2002, 43).

A questão de gênero na psicanálise, normalmente resulta do discurso falocêntrico e androcêntrico que se instalou nesta ciência – aqui devemos culpar a sociedade pela criação do estigma da mulher, não cabe culparmos Freud ou qualquer outro teórico pelo reflexo que a sociedade causou. Desta forma, vemos a psicanálise do gênero como uma luta, como uma saída para a apropriação dos novos saberes, novos comportamentos e novas formas de subjetivação que surgiram na Era do Extremos.

Afirmando que a mulher, socialmente, luta todos os dias para reconhecimento de seus direitos, Kon (2010) trata desta questão trazendo o diálogo psicanálise e sociedade, ao se remeter ao discurso falocêntrico conduzindo à ideia da incompletude da mulher,

o golpe do discurso falocêntrico recai prioritariamente sobre as mulheres. São elas aquelas especialmente subjugadas pela violência – por vezes silenciosa, mas não menos mortífera –, pela ideologia do falo que impera em nossa sociedade. [Nem] mesmo Freud, o grande libertador da fala da mulher no final do século XIX, não foi capaz de encontrar um destino que não o patológico – inibição neurótica, masculinização e investimento libidinal no pai, na tentativa de reverter a castração (...) num discurso de consenso, à mulher falta o pênis. Impossível imaginar que o homem seria nomeado aquele a quem falta uma xoxota! Pois ao homem (o detentor do poder por sua própria natureza), é óbvio, nada falta! Não pode faltar! Alguém precisa ser completo! (KON, 2010, p. 19).

Aqui, podemos então pensar em uma nova forma de fazer psicanálise, “uma visão de como os homens e as mulheres são formados através do sistema de gênero, que discriminam uns e privilegiam outros” (LO BIANCO; ALMEIDA, 1997, p 134), ou seja, uma psicanálise que ultrapasse os preconceitos em relação ao gênero.

Nesta luta contra a misoginia, o machismo, o androcentrismo e o falocentrismo, pode-se ver a transformação do feminino na psicanálise, e podemos perceber uma constante luta pela dissolução da ideia falocêntrica psicanalítica, pois “acreditar-se portador de um poder de superioridade por ter o pênis como atributo do falo seria a crença maior da arrogância masculina em relação às mulheres” (BIRMAN, 1999, p. 11) e acreditar nesta superioridade dada pela psicanálise é acreditar numa falácia da

hegemonia do homem; falácia, pois sem a mulher nunca despontar-se-ia a ciência do inconsciente.

Logo, podemos concluir que pensar o gênero em psicanálise não é apenas ter um novo olhar a respeito do desenvolvimento e da expressão psicosexual da mulher, mas também compreender, no sentido lato, as demandas que essas mulheres (sejam biologicamente mulheres, sejam socialmente mulheres) trazem à clínica tendo em vista o gênero feminino como um marcador social que promove e interrompe diferentes vontades e desejos, que limita a expressão do feminino, cuja clínica psicanalítica deve se debruçar para abarcar “as experiências e as angústias que sofrem as mulheres ou em que sentido o fato de ser mulher afeta esse processo terapêutico” (LO BIANCO; ALMEIDA, p. 133).

Pensar o gênero, agora, dentro da psicanálise, nos parece pensar no outro e “considerar a humanidade de qualquer ser” e dessa forma “lutar a favor de normas e convenções que permitem às pessoas respirar, desejar, amar e viver, e distingui-las das normas e convenções que restringem as próprias condições da vida” (PORCHAT, 2012).

Apesar de ainda percebermos que o machismo está presente através da “violência doméstica, sexual, familiar, a pouca presença das mulheres nos espaços públicos de poder institucional, a responsabilidade feminina pelo espaço privado, o machismo manifesto e o dissimulado, e o assédio sexual e moral no trabalho” (SCAVONE, 2008), o feminismo surge como uma luta que incomoda e que nos apresenta todas as relações de poder implicadas nos elos homem-mulher. A psicanálise envolvida com o feminismo tem essa responsabilidade, de entender na clínica o sofrimento dessas relações de poder e promover um empoderamento dos seres – especialmente os que se tornaram mulheres – frente à essas lutas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freud (1921) afirma que embora a psicanálise individual trate das demandas do inconsciente do sujeito, é praticamente impossível separar este sujeito de suas relações com outrem. Essa relação está invariavelmente relacionada à vida psíquica do indivíduo, o que dá espaço para que Freud afirme que “a psicanálise individual [...] é, ao mesmo tempo, também psicologia social” (FREUD, 1921, p. 77)

Logo tomamos essa premissa para podermos afirmar que o homem, enquanto ser social é invariavelmente atravessado por questões e marcações sociais. Ou seja,

a partir de um contexto social, econômico e político podemos traçar um perfil psicanalítico-social para entendermos melhor as demandas dos sujeitos.

A partir desta afirmação, podemos pensar as formulações que Freud trouxe sobre o feminino no começo do século XX e podemos pensar nas críticas feitas a ele no restante do século como um reflexo cultural. Foram apresentadas, no começo desta pesquisa, as vicissitudes envolvidas na sociedade vienense e as mudanças que ocorreram no mundo social a partir de então; assim podemos nos perguntar se o que Freud trouxe, ele enquanto pai da psicanálise é realmente machista em essência ou se, assim como qualquer outro sujeito, ele foi atravessado por questões e marcações culturais, o que se refletiu então sobre sua obra a respeito do feminino.

Tomamos, depois do exercício de pesquisa realizado, a conclusão de que a obra de Freud, no que tange o social, é um reflexo do momento vivido, assim podemos explicar o porquê da psicanálise do feminino ter se transformado e hoje não tratar apenas da mulher, mas de todas as formas de expressão de gênero, uma vez que a sociedade, hoje, não lida mais com a binaridade do sexo de forma tão corriqueira, hoje pode-se ver, ainda que pouco mas de maneira menos velada, diferentes formas de expressão dos gêneros e de suas sexualidades.

Visto desta forma, podemos voltar ao Freud e seu relacionamento teórico sobre o feminino. Como apresentado no primeiro capítulo, para ele a sexualidade da mulher ainda era confusa e de difícil compreensão. Entretanto, foram as mulheres de Freud que deram abertura e iluminaram a teoria do inconsciente que ele propôs.

Foi graças às históricas do século XIX que Freud pode desenvolver uma teoria da psique humana que mudou o rumo da história. Freud foi o primeiro cientista que deu voz às mulheres e que as escudou, que deu voz à repressão e ao sofrimento psíquico. Não é a toa que vemos a evolução social ocorrer em tão pouco tempo, não é a toa que percebemos o empoderamento da mulher durante estes cem anos de recorte da pesquisa.

Pudemos confirmar nossa hipótese, que a sociedade implica veementemente no saber e no produzir psicanalítico, pois esta, enquanto ciência humana e social, não poderia estar a parte do contexto da realidade em sua teoria e em sua técnica. É dessa forma que podemos, então, construir uma psicanálise que abarque cada vez mais as necessidades da atualidade, que pense nesta nova formatação que vemos surgir agora neste novo milênio.

REFERÊNCIAS

- A YOUNG Girl's Diary. Londres: George Allen & Unwin LTD, 1952.
- ARÁN, M. A Psicanálise e o Dispositivo diferença sexual. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 17, n. 3, 2009.
- BERTIN, C. A mulher em Viena nos tempos de Freud. Campinas: Papyrus, 1990.
- BIRMAN, J. Cartografias do Feminino. São Paulo: Editora 34, 1999.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2002.
- BUTLER, J. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade, 8ª edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CECCARELLI, P. R. Psicanálise, Sexo e Gênero: Algumas Reflexões. In: RIAL, C. PEDRO, J. ARENDE, S. (org.) Diversidade, dimensões de gênero e sexualidade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.
- FREUD, S. (1905) Três Ensaio sobre a Sexualidade. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Iamgo, 1996, v. VII.
- _____. (1908) Moral Sexual 'Civilizada' e Doença Nervosa Moderna. Ibidem, v. IX.
- _____. (1921) Psicologia de grupo e análise do Ego. Ibidem, v. XVIII.
- _____. (1923a) O Ego e o Id. Ibidem, v. XIX
- _____. (1923b) A Organização Genital Infantil (Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade). Ibidem, ibidem.
- _____. (1925) Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos. Ibidem, ibidem.
- _____. (1929) O Mal-Estar na Civilização. Ibidem, v. XXI.
- _____. (1931) Sexualidade Feminina. Ibidem, ibidem.
- KON, N. M. "Ele não tem xoxota!": a lógica do falo ou a lógica da diferença? São Paulo: Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental, v. 13, n. 3, p. 517-521, setembro 2010.
- LACAN, J. O Seminário – XX: Mais, Ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LO BIANCO, A. C. ALMEIDA, M. M. M. Articulações Psicanálise/Feminismo: Dificuldades de Novas Perspectivas. In: AGUIAR, N. (org.) Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 1997.
- MOLINA, J. A. O que Freud dizia sobre as mulheres. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- NAVAZ, M. G., KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. Maringá: Psicologia e Estudo, v. 11, n. 3, p. 647- 654, 2006.
- PORCHAT, P. Tópicos e desafios para uma psicanálise queer. In: TEIXEIRA FILHO, F. S. et. al. (org.) Queering: problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea. Cuiabá: EdUFMT, 2013, 232 p.
- _____. Gênero, psicanálise e teoria queer. In: LEMOS DE SOUZA, L., et. al. (org.) Gênero, Corpo e @tivismos. Cuiabá: EdUFMT, 2012, 236 p.
- SARTI, C. N. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. Florianópolis: Estudos Feministas, v. 12, n. 2, 2004.

SCAVONE, L. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? Florianópolis: Estudos Feministas, v. 16, n. 1, p. 173 – 186, 2008.

SOIHET, R. História, Mulheres, Gênero: Contribuições para um Debate. In: AGUIAR, N. (org.) Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 1997.

FREUD'S PSYCHOANALYSIS AND TODAY'S PSYCHOANALYSIS: THE VICISSITUDES OF THE FEMININE ALONG THE AGE OF EXTREMES

ABSTRACT

This research proposes to do a comparative analysis of the feminine problem in the psychoanalysis field, between Freud's works about femininity and the reflections brought by psychoanalysts who are inside our current social context. It is a qualitative research, thinking over the feminine on Freudians' theories and current psychoanalysis theories; it is proposed to verify bibliographically which changes occurred in the concept of women inside this science; hitching those changes to the social transformations that occurred on the 20th century. It proposes to do a reflection, not only the bibliographic making, but also a thought exercise bringing a dialog between Freud's work, current psychoanalysis theories and the society as a subjectivity device for the transformations on the psychoanalytic field materialize itself.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Feminine. Freud. 20th Century. Society.

LA PSYCHANALYSE DE FREUD ET LA PSYCHANALYSE D'AUJOURD'HUI: LES VICISSITUDES DU FÉMININ DANS L'ÂGE DES EXTRÊMES

RÉSUMÉ

Cette recherche se propose à faire une analyse comparative de la question du féminin au domaine de la psychanalyse entre les formulations de Freud sur la féminité et les réflexions apportées par les analystes qui ont intégré dans le contexte actuel de la société. Cette est une recherche qualitative, qui pense sur la question du féminin aux théorisations freudienne et actuelle, et vérifie dans la bibliographie quels changements ont eu lieu à l'égard du concept de femme dans cette science, en attribuant ces changements aux transformations qui ont eu lieu dans la société. Il propose de faire une réflexion, pas seulement un relevé bibliographique, mais aussi un exercice de pensée, qui amène un dialogue entre les œuvres de Freud, les théories actuelles, et la société comment un instrument de subjectivation pour que les transformations au domaine psychanalytique se concrétisent.

MOT-CLÉS: Psychanalyse. Féminin. Freud. 20^e Siècle. Société.

Recebido em: 15-01-2018

Aprovado em: 26-03-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseenbarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

THE NUANCES OF DEMAND IN THE ANALYTIC DISCOURSE: A LACANIAN PERSPECTIVE

“Transference places the subject, with regard to his demand, in a position he occupies only because of his desire” (Lacan, 1958a, p. 531).

Joyce Bacelar Oliveira¹

ABSTRACT

This paper examines the establishment of the analysand's demand in the analytic experience, taking into account his position of desiring subject in the wake of castration. It aims to look into the place of demand in the transference by considering aspects that are relevant to the clinical work, such as the maneuvers of the analyst in the development of one's analysis. On that basis, the author investigates the trajectory of Lacan's elaborations on the concept of transference and its applicability in the psychoanalytic clinic.

KEYWORDS: Demand. Desiring Subject. Transference. Lacan. Psychoanalytic Clinic.

¹ Psicanalista. Graduada em Psicologia e em Letras. Mestre em teoria psicanalítica pela UCL (University of London – UK). Membro do Colégio de Psicanálise da Bahia. joycebacelar@gmail.com

INTRODUCTION

I focus my research on the place of demand in the transference to investigate the nuances of the demand in the analytic discourse based on the neurotic psychic structure. This is because there is only demand² in neurosis. The neurotic structure is a result of the process of castration. The subject has to undergo castration for the establishment of demand and subsequent desire. Otherwise, demands are reduced to needs only without being affected by the symbolic realm. For instance, psychotics do not experience the process of castration due to the kind of attachment they have with their mothers. In the case of perversion, castration occurs but there is a denegation of it. This means that the establishment of demand does not involve the structure of desire as an effect as well. With this in mind, I would like at this stage to investigate the neurotic structure.

To examine the nuances of demand in the transference is fundamental for understanding the path of desire. However, it is critical to note that it is not really what is demanded that is in question, i.e., the object of the demand. Once the fundamental demand is repressed through the process of castration, what is demanded is simply not what is desired. Rather, demand presents itself through representatives. Lacan defined these representatives as signifiers that correspond to what has undergone repression. That is, demand is represented in a symbolic manner through the chain of the discourse. Thus, it is always demand for something else in a metonymic way in which one signifier of the demand slides to the next one giving a sense of varied possibilities. On that basis, it is crucial to investigate the subject in relation to his demand, bearing in mind that the primal demand is repressed, disguised. The signifiers, which represent this demand, allow the subject to articulate the repressed signifiers in the analytic situation as long as there is access to the unconscious. Nevertheless, what is also of great importance to consider regarding demand is its sexual element in the Oedipus complex. The existence of discourse, through which the subject posits himself, is with respect to his instinctual demand towards his mother and subsequent castration. This involves the subject's effacement by the work of the first repression as a consequence of the Oedipal wishes. Therefore, in the wake of

² Demand for Lacan is what goes beyond a request, in a sense that it is what symbolically is behind a request. For instance, when a patient demands analysis, he is also unconsciously demanding care and love.

castration, there is also the sexual reality of the subject of the unconscious³, which is the repressed form of his instinctual wishes towards his mother. Furthermore, there is always something that is left out in the process of repression of those instinctual wishes, remaining unsymbolized, which plays an important role with regards to the drives. Hence, the subject in renouncing his incestuous object in the name of his desire becomes a desiring speaking subject. As a desiring speaking subject, he positions himself with respect to discourse, but there is still something unsymbolized that interferes in the subject's functioning, which is the action of the drives. Therefore, it is essential for the development of one's analysis to situate the subject of the unconscious in relation to his demand and sexual reality, and, in addition, to the manifestation of drives in order to track down his desire.

The analysand displays various kinds of demand in an analysis. The different forms that demand takes throughout the analysis is the tool in the analyst's hands to keep track of the path of desire. Initially, demand presents itself as a request for analysis by the patient. This request is important to get analysis started and delineate what is behind this demand. In other words, what the patient's position is in relation to his desire. However, the crucial move is the establishment of the place of demand in the transference. In what follows, I demonstrate how demand presents itself in the transference, or the engagement of the subject in the analytic discourse, and the importance of the establishment of demand in the course of analysis.

THE CONCEPT OF TRANSFERENCE IN LACAN

At this point, I think it is important to explore the concept of transference in Lacan. Lacan gave a different approach to it through his clinical and theoretical elaborations on the topic. He used much of Freud's formulations on the concept of transference (Freud, 1911/1913), such as resistances, which are mechanisms of defense unconsciously used by the patient against the development of the treatment, the analyst's position in the session like an opaque mirror, not letting his emotions get involved in the analytic session, and the concept of repetition, in which the patient repeats infantile experiences and feelings through his relationship with the analyst. These are fundamental points to be considered in approaching the theme of

³ Lacan uses in his seminars and writings the terms subject of the unconscious or subject of the signifier to define the structure of the castrated subject. Hence, the formation of unconscious is due to the process of castration. Besides that, the unconscious is formed of signifiers.

transference, and Lacan made good use of them in his elaborations. In the seminar “Transference” (1961), Lacan stated that transference was the automatism of repetition where the patient repeats himself with respect to others in the analytic situation. In doing so, Lacan was willing to introduce transference in a way that he could develop the notion of transferential love. However, the analyst is only an empty mirror, as reflective as possible, in a sense that the subject sees himself in his relationship with others, but the subject should not confuse himself with the place of what is reflected. This is possible owing to the withdrawal of the analyst’s ego from the dyadic relationship through his act of silence. In other words, the analyst makes himself invisible for the subject in a sense that his feelings are not part of the analytic setting. Moreover, in his attentive silence, he keeps quiet instead of responding, in a way that he supports the subject’s speech rather than allowing the patient to form a new “alienation”⁴ in relation to the figure of the psychoanalyst. That is, the analysand should not become identified with the analyst. Hence, silence presupposes interpretation as well as interpretation presupposes presence. Lacan then said:

The point on which there can be centred the question of the function of the analyst as a mirror – it is not the mirror of specular assumption that is in question – I mean as regards the place that he, the analyst, has to hold, even if it is in this mirror that there must be produced the virtual specular image. This virtual image which is here at i prime o , $i'(o)$, here it is and it is indeed in effect what the subject sees in the other, but he only sees it there in so far as he is in a place which is not confused with the place of what is reflected (Lacan, 1961, p. 3).

In the seminar “Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis” (1964), Lacan further developed the concept of transference giving it a new approach according to his clinical findings. In this seminar, Lacan elaborated that the automatic repetition was no longer related to transference. Transference is essentially resistant, in a sense that the communication of the unconscious is interrupted by the emergence of transferential feelings. Thus, transference is seen as an obstacle for the automatic repetition and results in the closure of the unconscious. Hence, the concept of the automatic repetition developed in the seminar “Transference” (1961), in which Lacan stated that transference was the automatism of repetition where the patient repeats himself with respect to others in the analytic situation, no longer held. This is how Lacan put it:

⁴ The term alienation in Lacan is used to describe the condition of the subject to recognize himself through the Other. In other words, it is a way to infer the condition of identification of the subject with someone.

“What Freud shows us, from the outset, is that the transference is essentially resistant, *Übertragungswiderstand*. The transference is the means by which the communication of the unconscious is interrupted, by which the unconscious closes up again. Far from being the handing over of the powers to the unconscious, the transference is, on the contrary, its closing up” (Lacan, 1977, p. 130).

Here, the concept of the automatic repetition concerns the definition of the unconscious insofar as the subject manifests himself as a stumbling, a fading away, a discontinuity, a vacillation in this repetition through the signifiers. This appears not to be enacted by the transference anymore. However, paradoxically, transference was formulated as an enactment of the sexual reality of the unconscious through *tuché* of repetition. Lacan borrowed the concept of *Tuché* from Aristotle⁵ and translated it as the encounter with the real. *Tuché* of repetition is the encounter with the real because in the symbolic repetition of the unconscious’ sexual reality, there is an appeal in the subject’s psychic life to an encounter with the initial real. The initial real is the drive, the sexual portion not assimilated by the signifier, left unsymbolized, unrepressed, needing signification. Hence, transference was established on the basis of the sexual real in repetition, instead of the automatic repetition of signifiers. In articulating the sexual real with respect to repetition, Lacan is using Freud’s concepts of death drive and repetition formulated in “Beyond the Pleasure Principle” (1920). In these concepts, Freud gave emphasis to the destructive repetition of unbearable past experiences, which caused enjoyment at some point in life, but for a threatening reason related to the Oedipus complex, were suppressed in earlier stages of life. Lacan used Freud’s elaborations on the death drive and repetition by also giving attention to the portion of the unconscious’ sexual reality and the action of the drives, the unsymbolized part, around it. In the seminar “The Ethics of Psychoanalysis” (1960b), Lacan constructed the concept of *jouissance* as a symbolic repetition determined by the manifestation of the drives, which is of the real register⁶. Therefore, in the same way as the death drive, *jouissance* is what goes against life, in a sense that the subject in his symbolic repetition finds satisfaction in displeasure. Lacan then stated:

⁵ Aristotle uses the concept of *Tuché* in his search for causes to the question “why?”

⁶ The real is a Lacanian concept characterized as what escapes the symbolic, that is, it is what the signifier failed to represent. The drive is situated in relation to the real register because it was left unsymbolized by the action of the signifiers.

The correct concept of repetition must be obtained in another direction, which we cannot confuse with the effects of the transference taken as a whole. Our next problem, when we approach the function of transference, will be to grasp how the transference may lead us to the heart of repetition. That is why it is necessary to ground repetition first of all in the very split that occurs in the subject in relation to the encounter. The split constitutes the characteristic dimension of analytic discovery and experience; it enables us to apprehend the real, in its dialectical effects, as originally unwelcome. It is precisely through this that the real finds itself, in the subject, to a very great degree the accomplice of the drive – which we shall come to last, because only by following this way will we be able to conceive from what it returns (Lacan, 1964a, p. 69).

Still, the concept of transference further developed by Lacan in the seminar “Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis” (1964a) appears to be paradoxical. This is due to the fact that transference can at the same time be responsible for setting up resistances - meaning the closure of the unconscious - and be important for its opening. Thus, the role of the psychoanalyst in the transference deserves special attention in the course of one’s analysis. I further elaborate on that below.

HOW DEMAND IS INSTITUTED IN THE TRANSFERENCE

The establishment of demand in the transference takes place when the desire of the analyst to lead one’s analysis is operating. For Lacan, the desire of the analyst is crucial for demand to be instituted, that is, for the engagement of the analysand in the analytic discourse. Once the analysand attributes knowledge to the psychoanalyst and ascribes him as “subject supposed to know”⁷ about his sufferings, the analyst occupies the place of the Other⁸ for the analysand. Besides, when the analysand places the analyst as the Other, he is also creating hypotheses regarding the position that the analyst occupies, leading the patient to idealize his analyst. Therefore, the analyst initially is idealized by the analysand, creating a tension in the analysis, an impasse due to the establishment of the patient’s subordination to the analyst. This results in impediment for the flow of free associations and development of the analytic discourse. It is worth highlighting that the very first demand that is instituted in the transference is fundamental for the structuring and establishment of the analysis. However, this demand needs to be transformed during the analysis, otherwise the analyst will always be the Other for the patient, not allowing the progress of the analytic

⁷ Subject Supposed to Know is a Lacanian concept used to designate the place that the analyst occupies at the beginning of one’s analysis.

⁸ The big Other is a concept that Lacan developed to represent the place designated by a subjective authority in the subject’s life.

experience. This means, the subject will get stuck on a new alienation in relation to the analyst, which is to become identified with the analyst as it has already happened with the Other as a consequence of castration. In doing so, the patient will unconsciously find ways to boycott his analysis, such as censuring his speech and, consequently, not permitting the unconscious material to come up during the analytic sessions, making up stories, being late or cancelling the sessions. The important step to be taken by the analyst is to assume the reverse place of the one he has been designated by the analysand.

In the seminar "The Other Side of Psychoanalysis" (1970), Lacan formulated the place of "make-believe object a cause of desire" within the analyst's discourse to function as the reversal to the role of idealization. The "object a cause of desire" is equivalent to the "lost object" from the process of castration. The "lost object" is what became of the "imaginary phallus" ("object a of desire") that the child tried to be for his mother in the Oedipus complex. Besides that, the "object a cause of desire" has a metonymic function with respect to desire. This sets desire in motion once the "object a of desire" is lost. In occupying symbolically the place of "make-believe object a cause of desire", the analyst presents the "lost object" in order to cause the patient's desire, instead of being the figure to be identified with. It is important to bear in mind that if the object is forever lost, what can be obtained from its reappearance in the analyst's discourse is the lack itself. Thus, the place of "object a cause of desire" has the same function as that of the lack of the subject due to the castration: the one that determines the division of the subject. This division, which is also represented by a lack, takes place when the subject goes through castration. That is, the subject becomes a divided subject and no longer the object of the mother's desire. The lack or division from the process of castration is essential for the constitution of the desiring subject. Therefore, the analyst presents symbolically the lack of his being to the analysand in order to give way to the analysand's speech. In this way, the analyst confronts the divided subject with his own desire, making him realize that he is the one, not the analyst, who is supposed to know about himself as Lacan (1964a) stated: "what I have depicted here by means of the rim comes back on to the plane constituted by the locus of the Other, from the place where the subject, realizing himself in his speech, is instituted at the level of the subject who is supposed to know" (LACAN, 1970 p. 271).

To examine further the status of the place of demand in the transference is crucial to look closely at the analyst's discourse. The discourse of the analyst is the

discourse that provokes the patient's discourse once the analyst disinvests himself of the place of the Other. This means, as an effect of the analyst's discourse, the truth of the subject emerges in the sessions as he tries to work through the unconscious material around the manifestation of the drives, the unsymbolized part. Lacan (1970) then remarked on the importance of the analyst's discourse in the development of one's analysis: "It's another question to ask what the analyst is taking the place of when he unleashes the movement that invests the subject supposed to know – a subject who, by being recognized as such, is, with regard to the analyst, ready in advance for what is called transference... The analyst makes himself the cause of the analysand's desire" (LACAN, 1970 p. 38).

In occupying the place of "object a cause of desire", the analyst is maneuvering the transference and, consequently, situating the analysand in his own division. Hence, instead of the analyst being in the place of the master for the patient, he removes himself from this place of power to cause the desire of the subject. As a result of this operation, the demand of the analysand towards the analyst modifies in the transference relationship, permitting the opening of the unconscious. This implies a subsequent connection between the patient's demands and his sexual reality linked to the manifestation of the drives. It is a fundamental modification that should take place in analysis in order to give way to the analysand's subjectivity, thus desiring subject, instead of letting the analysand remain attached to his rationality.

DEMANDS OF THE ANALYSAND

Demand takes up diverse forms in the course of analysis. The very first demand is for cure even if the analysand is not aware of it. For instance, the analysand may want to be in analysis due to his analytic training. However, the analysand still seeks analysis because he is not well despite the fact that he may not be conscious of it. Thus, the analysis is for the analysand a way out of his pain and he sees the analyst as the one who knows about his difficulties and can resolve them. On the other hand, the analysand is not aware that satisfaction does not always involve happiness, or pain may unconsciously bring satisfaction of some sort. Neither does he know the extent to which he really desires to get rid of the suffering as he has become attached to it as part of his life. "The first ambivalence proper to every demand is that in every demand there is also implied that the subject does not want it to be satisfied, aims in itself at

the safeguarding of desire, testifies to the blind presence of the unnamed, blind desire” (LACAN, 1961, p. 6).

Once the analysand places the analyst in the position of “subject supposed to know”, which is the place of the Other who has a subjective authority over the subject, demand begins to take the form of demand for love. The subject wants to be loved, keeping the place of the analyst as the one who knows about him and can take care of him. However, this idealized place makes room for all resistances that the patient unconsciously sets up in the transference, not allowing the opening of the unconscious and access to the truth of the subject. Lacan (1964a) then said:

What emerges in the transference effect is opposed to revelation. Love intervenes in its function, revealed here as essential, in its function as deception. Love, no doubt, is a transference effect, but it is its resistance side. We are linked together in awaiting this transference effect in order to be able to interpret, and at the same time, we know that it closes the subject off from the effect of our interpretation. The alienation effect, in which is articulated, in the relation of the subject to the Other, the effect that we are, is here absolutely manifest (p. 253).

The only way out is to change the form of demand through a maneuver of the analyst. It is from this idealization that the analyst has to fall as mentioned above. The analyst has to remove himself from this idealized position in order to occupy the place of “object a cause of desire”. In this way, he gives space for the analysand to utter his demands around his sexual reality. In doing so, the analysand makes a connection between his demands and sexual reality, bringing out the unconscious material linked to the action of the drives. Otherwise, the analysand gets arrested in his censorship towards the Other, not permitting himself to work through the unconscious material and symbolize the manifestation of the drives.

Yet, the analyst should handle all demands that take form in the discourse of the patient throughout the analysis. Lacan stated that as the analysis goes on, the analyst copes with all articulations of the subject’s demand, especially those ones associated with the sexual reality. However, the psychoanalyst must deal with them only from his place in the transference, which is, according to Lacan, that of the dummy. That is, the analyst conducts the analysis in such an impassive way that he is dispossessed of his own feelings, playing the dead in his relationship with the analysand. In doing so, the analyst plays the “game” in order to activate the analytic discourse, but he does not play with his own feelings. That is, “what is certain is that the analyst’s feelings have only one possible place in the game, that of the dummy;

and that if the dummy is revived the game will proceed without anyone knowing who is leading it" (LACAN, 1958a, p. 493).

DEMAND, THE SIGNIFIER

Lacan borrowed the concept of signifier from the linguist Ferdinand Saussure (1911) and related it to a concept that Freud had formulated and used in his writings: "ideational representatives"⁹. For Freud, ideational representatives are the unconscious expressions of the instinctual demand of the child towards his mother. Thus, Lacan used the concept of signifier in the same way Freud did with the concept of the ideational representatives.

The instinctual demand of the child towards his mother (Other) is an effect of the demand of the child's mother. This deserves special attention in understanding the appearance of the signifier that has been repressed and represents the instinctual demand of the child. "Here the subject designates himself in the evacuated object as such. Here is, as I might say, the zero point of desire. It reposes entirely on the effect of the demand of the Other. The Other decides about it, and indeed it is here that we find the root of this dependency of the neurotic" (LACAN, 1961, p. 7).

The very first demand in one's life is towards the mother. This demand initially takes the shape of needs to be fulfilled in the course of one's development. But these needs soon become proper demands once they are affected by the symbols that surround the subject in the environment. For instance, once the child seeks food not only as a fulfillment of his needs but also as an assurance that he is cared and loved, he starts to symbolize presences and absences of the mother as well. Since the mother first occupies the place of the Other in the relationship with the child, the child is willing to be the sole object of the mother's desire. It is important to bear in mind that the child's demand is established by the mother's position in their relationship. This means that the child's demand is caused by the mother's demand with regards to the child. Hence, the mother actively participates in this symbiotic relationship with the child, displaying demands towards him and permitting this enjoyment (*jouissance*) to take place. In the seminar "Identification" (1962), Lacan stated that it is through the dependency on the demand of the Other that the child tries to found his desire. That is, it is through the dependency on the demand of the mother, which is an unconscious

⁹ Ideational representatives are also known as the representations of the ideas of things, or even symbolic representation along Freud's work.

demand to be supplemented as she is “not-whole”¹⁰, that the child constitutes the “object a of desire”, the imaginary phallus, for his mother. However, this jouissance between the mother and the child has to be interdicted by the law that governs the rules in society. The Paternal Metaphor also known as The Name of The Father¹¹ might be substantiated by the father as well as other means that symbolically provide the functioning of society, such as the work of the mother, an older sibling, the mother’s partner. The Paternal Metaphor is going to mediate the law, interdicting the jouissance between the child and the mother. Once the child is not allowed to be the object of the mother’s desire, the signifier that represents the paternal metaphor is going to substitute the signifier of the mother’s desire, the imaginary phallus. Thus, the signifier of the primal demand, which is the demand to be the mother’s object of desire, is also going to be repressed. Let us note that Lacan called attention to the position of demand in the unconscious as an effect of castration:

We can reconstitute it, rediscover what I will call the labyrinthic pathways on which are marked the essential fact of the position that the subject has taken in this reference, in this relationship which is structural for him, between desire and demand. And if the maintaining of the incestuous position in the unconscious is something which has a meaning, and which effectively has consequences, which are destructive in different ways of manifestations of desire, of the accomplishment of desire of the subject, it is precisely for no other reason than the following: it is that what the so-called incestuous position preserves somewhere in the unconscious, is precisely this position of demand (LACAN, 1959, p. 107).

That is to say that the repression of the primal demand gives rise to the signifier that will represent this demand. That is, the signifier will be articulated in different ways through the form of demand for love. Demand for love is how the subject conceives of his demand because he is willing to be loved. In other words, demand for love masks the presence of the sexual reality since it is kept apart as if it is a menace for the subject. This happens due to the censorship the subject suffers in the wake of castration. Nevertheless, the result of repression is the subject’s disjunction and conjunction with the “lost object”. Hence, the divided subject in a hesitant way wants

¹⁰ Lacan elaborated the concept of woman as a “not-whole” in his seminar *On Feminine Sexuality: The Limits of Love and Knowledge, Encore* (1973), in order to explain the woman’s incompleteness as a subject who is deprived of the sexual male organ. Hence, according to Lacan, woman is “not-whole” insofar as she has the choice of positing herself in the phallic function or not being part of it, whereas man as a “whole” acquires his inscription through the phallic function. That is to say that the phallic function does not depend entirely on the erectile organ, it can also be obtained through the subject’s different ways of pursuing jouissance.

¹¹ The Paternal Metaphor or The Name of The Father are Lacanian concepts that represent the rules of society.

to keep the place of object of the Other's desire that was experienced through the effects of the demand of the mother in the Oedipus complex. According to Lacan, these effects are at the crux of the power of the treatment because they delineate the path of desire, which is the path taken by the desiring subject after castration. In his article "The Direction of the Treatment and the Principles of Its Power" (*Écrits*, 1958), Lacan explains the importance to examine the place of desire in relation to the effects of demand as the only way to keep track of one's desire.

THE IMPORTANCE OF THE PLACE OF DEMAND IN THE TRANSFERENCE AND THE ACCESS TO THE UNCONSCIOUS

The subject's demand is fundamental for the development of the analysis. If there is no demand, the work of psychoanalysis will be restricted to the analysis and strength of the analysand's ego as it happens in the analysis of psychotics. In psychoses there is no way for demand to be established once psychotics have not gone through the process of castration. As mentioned earlier, for the establishment of demand and subsequent desire, the subject has to undergo castration, without which, demands are reduced to needs only, without being affected by the symbolic realm. Moreover, as a consequence, the individual does not become a desiring subject, that is, he refuses subjectivity. It means that psychotics did not renounce the place of object of the mother's desire in the name of his desire, which is not dependent on the mother's demand. "The subject at a moment, it is said, and this is how Mr. Jones expresses it, has to choose between his incestuous object and his sex. If he wants to preserve one he must renounce the other. I would say that what he has to choose at this initial moment is between his demand and his desire" (LACAN, 1959, p. 108).

That is to say that the access to one's desire is possible in the analytic situation because of the unconscious formation. This involves the repression of the signifiers of demand and its sexual reality as a result of castration.

Nevertheless, the process of castration is responsible for the subject of the unconscious split into the signifiers of demand and sexual reality. This is due to the subject's separation and alienation in relation to the "lost object". Hence, the paradox presented above regarding the closure and opening of the unconscious in the transference is going to be elucidated from the understanding of the division of the unconscious into the automatic repetition of signifiers and the presentation of sexual

reality. This division is shown in the matheme for the fantasy of Lacan ($\$ \leftrightarrow a$).¹² The matheme for the fantasy, which is further elucidated in Lacan's seminar "The Object of Psychoanalysis" (1966a), demonstrates the separation and alienation of the barred or divided subject in relation to the "lost object". To recapitulate, the barred or divided subject is a consequence of castration, which in psychoanalysis consists in the operation of interdiction that the child suffers, preventing him to be the object of his mother's desire. Whereas, the "lost object" represents the object of the mother's desire, the imaginary phallus that the child tried to be for his mother. Hence, the matheme for the fantasy presents the subject of the unconscious in relation to the "lost object", "object a", trying to keep the place experienced through the effects of the demand of the mother. But, the divided subject is in disjunction and conjunction with his sexual reality without coming to terms with his desire.

To further unfold the psychic life of the subject, it is important to return to the concept of repetition in the transference, which Lacan elaborated as the concept of *Tuché* of repetition in his seminar "Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis" (1964a). Lacan refers the concept of *tuché* of repetition to the concept of traumatism in Freud, which appears at the level of the sexual as it is shown in the primal scene in the "Wolf Man" (FREUD, 1918). That is, it is a model of trauma as a deferred effect of a sexual memory trace from childhood. Besides that, the place of the real, the unsymbolized that was not assimilated by the action of the signifier, goes from trauma to fantasy. Lacan stated that the fantasy acts as a screen that conceals what is determinant in the function of repetition. However, the signifying repetition appears to be determined by the traumatism as real due to the fact that there is a psychic appeal to an encounter with the initial real, the real of traumatism. Thus, the work of analysis needs to unravel the traumatic scene or event in the repetition of the fantasy of the subject in order to relate it to the unconscious material.

That is to say that Lacan's investigations based on Freud's findings on the concept of transference and repetition, led Lacan to formulate that transference is the enactment of the sexual reality of the unconscious through *tuché* of repetition. This is possible due to the opening of the unconscious when the analyst occupies the place of "object a cause of desire" for the analysand, allowing the patient to tear down the walls of censorship, enact his fantasies and repeat himself in the analytic discourse. In

¹² Matheme is the symbolism that Lacan constructed for thinking the psychoanalytic experience.

doing so, the sexual reality of the unconscious becomes accessible, permitting its relation to the demand. This connection between demand and sexual reality confronts the unconscious material, the repressed signifiers. In addition, it becomes possible to relate the repressed signifiers to the real as traumatism, the action of the drives, in order to translate them into the path of desire. Therefore, there is another split besides the division of the unconscious into the automatic repetition of signifiers and the presentation of sexual reality. It is the split in the repetition into *automaton* and *tuché*. That is, repetition is divided into the automatic repetition of signifiers that are the unconscious part and the signifying repetition determined by the action of the drives, which is of the real register. Hence, instead of separating the unconscious from drives: the subject, as he appears in the field of the Other, which is the subject of the signifier, from the subject, in the field of the drive, the real of traumatism - *automaton* from *tuché* - the analytic discourse will bring them together, making the access to desire possible. This is how Lacan put it:

If I have spoken to you of the unconscious as of something that opens and closes, it is because its essence is to mark that time by which, from the fact of being born with the signifier, the subject is born divided. The subject is this emergence which, just before, as subject, was nothing, but which, having scarcely appeared, solidifies into a signifier.

On this conjunction between the subject in the field of the drive and the subject as he appears in the field of the Other, on this effort to join oneself together, depends the fact that there is a support for the *ganze sexualstrebung*. There is no other. Only there is the relation of the sexes represented at the level of the unconscious (LACAN, 1964a, p. 199).

Hence, the unconscious is split into *automaton*, automatic repetition of signifiers, and the presentation of the sexual reality. Transference is conceived as a means that gives access to the unconscious, connecting the signifiers of demand with the signifiers of sexual reality. Besides that, transference brings together the repetition of the repressed signifiers and the symbolic repetition determined by the manifestation of the drives to the forefront in order to confront the reality of the unconscious. "The experience of the subject is thus brought back to the plane at which, from the reality of the unconscious, the drive may be made present" (LACAN, 1964a, p. 274).

TRANSFERENCE IN THE IMAGINARY, SYMBOLIC AND REAL ORDERS, AND THE PARTICULARIZATION OF DEMAND

“Transference tends to be exercised in the direction of the closing up of the unconscious. I have already explained to you how it works, by referring to it the narcissistic relation by which the subject becomes an object worthy of love” (LACAN, 1964a, p. 267). That is to say that transference initially presents itself in the imaginary dimension, which is the realm of the sensorial perceptions. It is through the imaginary register that the analysand establishes a narcissistic relationship with the analyst. The analysand posits himself in the analytic sessions around his own ego and its perfections. That is, the subject makes his way to become an object worthy of love according to Lacan. Moreover, what comes to the forefront in the analysis is the ego of the analysand. This is deception and impediment for the work of analysis.

Dealing with the ego of the analysand does not imply analysis, it only means that the analysis has been reduced to ego psychology¹³. In his article “Presentation on Transference” (Écrits, 1951), Lacan defined transference in the imaginary order as a moment of stagnation in the analytic experience. This is because the access to the unconscious material is censored by the ego of the analysand in the form of rationalizations. These rationalizations appear in the way the patient perceives himself as a victim of the circumstances. That is, a “fiction” that the analysand creates from his neurosis as it is shown in the “Family Romances” (FREUD, 1909), in which the patient tries to place himself in a plot to form the basis of his history. Hence, the imaginary convictions of the neurotic should be destabilized in the analytic experience in order to give place to the subjectivity of the analysand.

Once the analyst occupies the place of the Other, or the place of “subject supposed to know” ascribed by the analysand, some signifiers will come to the fore through the free associations as a manifestation of the unconscious in the symbolic realm. Furthermore, demand will be for love and the symbolic relationship will be established. However, the signifiers by themselves will only be underneath the signifying articulation of the patient’s discourse without any access to the unconscious’ sexual reality. This is due to the idealized place the analyst occupies in the transference. Besides, the manifestation of the unconscious only occurs in intervals as

¹³ Ego psychology is the school that deals with the ego developments and its interactions with the external world.

the subject manifests himself through dreams, slips of tongues, witticisms and symptoms in this repetition through the signifiers. This makes the unconscious appearance discontinued without being enacted by the transference. In other words, the unconscious closes itself as the effect of transference, because the analyst has become idealized by the analysand when he was ascribed the place of “subject supposed to know”. The psychoanalyst has to maneuver the transference analytically in order to allow the opening of the unconscious, access to the signifiers of demand together with the signifiers of sexual reality, and the relation to the manifestation of drives. Lacan then remarked on how the subject should see himself caused as a lack by the manipulation of the transference: “I mean that the operation and manipulation of the transference are to be regulated in a way that maintains a distance between the point at which the subject sees himself as lovable – and that other point at which the subject sees himself caused as a lack by a, and where a fills the gap constituted by the inaugural division of the subject” (LACAN, 1964a, p. 270).

For this to happen, the analyst needs to abandon the place of idealization and become symbolically the “object a cause of desire” of the analysand, in order to confront the subject with his own desire. In doing so, the manifestation of the real in the symbolic repetition will be related to the emergence of signifiers. Hence, the demand of the subject will be particularized when his unconscious opens as an effect of the analyst’s discourse, permitting the associations of the signifiers of demand with the signifiers of the sexual reality coupled with the action of the drives of the real register. This maneuver taken by the analyst is important to bring the signifiers of the unconscious, which represent demand and sexual reality, together with the manifestation of the drives of the real dimension. That is,

In order to give you formulae-reference points, I will say if transference is that which separates demand from drive, the analyst’s desire is that which brings it back. And in this way, it isolates the a, places it at the greatest possible distance from the I that he, the analyst, is called upon by the subject to embody. It is from this idealization that the analyst has to fall in order to be the support of the separating a, in so far as his desire allows him, in an upside-down hypnosis, to embody the hypnotized patient (Lacan, 1964a, p. 273).

THE DESIRE OF THE ANALYST

To understand the place of demand in the transference is also important to examine the desire of the analyst. The concept of the analyst’s desire is crucial in the work of analysis and has been theorized by Lacan in different times. In the seminar

“Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis” (1964a), Lacan stated that the analyst’s desire is a desire to obtain absolute difference. Lacan meant that it is a desire that makes the patient confront with his primary signifier, in which he is subjected as a consequence of castration. That is, the analysand is subjected to the primary signifier, which is the signifier of the phallus that the “lost object” became as a result of castration. Since the subject unconsciously wants to keep the place of object of the Other’s desire experienced in the Oedipus complex, he is, in this way, subjected to the primary signifier. Hence, the analyst’s desire is to confront the subject in this place of subjection that he is embodied in relation to the “lost object” in order to bring out his own desire: “The analyst’s desire is not a pure desire. It is a desire to obtain absolute difference, a desire which intervenes when, confronted with the primary signifier, the subject is, for the first time, in a position to subject himself to it. There only may the signification of limitless love emerge, because it is outside the limits of the law, where alone it may live” (LACAN, 1964a, p. 276).

In the seminar “The Other Side of Psychoanalysis” (1970), the analyst’s desire is defined as desire to know. The desire to know of the analyst is with regards to the master signifiers of the subject that come from the Other. Master signifiers correspond to single traits or specific characteristics of the Other, the one responsible to mediate the rules of society to the subject, and from whom the subject became identified with. Hence, in this seminar Lacan used a *matheme* to demonstrate the dynamics of the signifiers in the analyst’s discourse and how the analyst operates with respect to the patient. Thus, the analyst symbolically occupies the place of “object a cause of desire” in his discourse. This place concerns the position through which the analyst supports the speech of the analysand in a way that the analysand is able to produce master signifiers. Hence, the master signifiers of the subject should come to the fore in the analytic discourse through the articulations of the demands of the patient in the transference. Besides that, the psychoanalyst, through his interpretations, gives sense to the unconscious content and action of the drives that come up in the sessions in the signifying chain of discourse of the analysand in order to track down the subject’s desire. This is how Lacan formulated the position of the analyst:

Concerning the position called that of the analyst - in cases that are moreover improbable, for is there even a single analyst? Who knows? But one can raise it theoretically - it is the object a itself that comes to the place of the command. It's as identical with the object a, that is to say with what presents itself for the subject as cause of desire, that the psychoanalyst offers himself as the end point for this insane operation, a psychoanalysis, insofar as it sets out on the trace left by the desire to know (LACAN, 1970, p. 106).

Hence, the place of the “object a cause of desire” is part of the analyst’s discourse that was elaborated by Lacan in 1970. This discourse consists of four elements:¹⁴ a, object cause of desire; S2, knowledge; \$, the barred or divided subject and S1, the master signifier. Their positions above and below the bar on either side of the diagram represent four different functions: the agent, the truth, the other and the production respectively. In this discourse, the analyst is the agent and accepts to be, symbolically, the “object a cause of desire” of the analysand in order to situate the analysand’s in his own division while subject, pushing the analysand to produce master signifiers. The function of truth, which is beneath the analyst in the diagram, is fed through the analysand’s production of master signifiers. This function of production is under the function of the other, which is the analysand in the diagram. Thus, this discourse is the maneuver that Lacan elaborated aiming at the removal of the analyst from the place of identification, permitting the opening of the unconscious of the analysand, access to the signifiers and subsequent relation to the action of the drives.

I believe that the concept of desire of the analyst that Lacan developed in 1964 as well as the other one he elaborated in 1970 complement one another. In a sense that the subject should be confronted in his place of subjection to the primary signifier, the “lost object”, as well as in his place of subjection to the master signifiers, the Other’s desire. This confrontation is the means for the subject to get to know what he is in relation to his demand in the transference, coming to terms with his own desire.

THE ADVENT OF THE SUBJECT OF THE UNCONSCIOUS IN ANALYSIS

“Interpretation is not open to all meanings. It is not just any interpretation. It is a significant interpretation, one that must not be missed. This does not mean that it is not this signification that is essential to the advent of the subject. What is essential is that he should see, beyond this signification, to what signifier – to what irreducible, traumatic, non-meaning – he is, as subject, subjected” (LACAN, 1964a, p. 250).

¹⁴ The matheme of the discourse of the analyst: a/S2 - \$/S1.

Interpretation has a significant role in unfolding the psychoanalytic discourse and it is an important tool in the analyst's hands to confront the subject in his place of desiring subject. The advent of the subject is an operation that takes place in the analytic experience, in a sense that the subject should assume his own desiring position with regards to others. This means that the subject should unleash himself from the place of subjection to the Other's desire. The advent of the subject of the unconscious in analysis is essential to desalienate¹⁵ the subject from the Other's desire. It is a move from being object of the Other's desire to be subject of his own desire. Even though the existence of the subject is due to the Other's desire, the subject also posits himself with respect to his own existence once he assumes a position with respect to the "lost object". The subject's emergence is indeed caused by the Other's desire when he gains access to the signifier of the Other's desire through the paternal metaphor. But since the subject becomes identified with the "lost object" as a consequence of castration, he also subjectifies his existence. In other words, the subject symbolizes his relation of separation and alienation to the "lost object" as it is shown in matheme of the fantasy ($\$ \ll a$). Here, the subject is divided owing to the repression of the first signifier (signifier of the phallus) and, subsequently, separated and alienated in relation to the "lost object". However, this identification of the subject with the "lost object" does not allow him to implicate himself in his own discourse as a desiring subject once he still situates himself as object of the Other's desire. Lacan (1959) then stated that:

It is between the avatars of his demand and what these avatars have made him become, and on the other hand this exigency for recognition by the Other which can be called exigency for love on this occasion, that there is situated a horizon of being for the subject of whom there is question, namely of knowing whether the subject can reach it or not. It is in this interval, in this gap that there is situated an experience which is that of desire, which is first of all apprehended as being that of desire of the Other, and within which the subject has to situate his own desire. His own desire as such cannot be situate elsewhere than in this space (LACAN, 1959, p. 14).

Hence, the analytic maneuver should take place positing the subject as responsible for his actions. This leads the subject to assume his own cause with respect to the Other's desire. That is, the subject should subjectify the sexual reality and traumatic cause of his own advent as subject. Then, he may occupy the place

¹⁵ Whereas the term alienation is used in Lacan to describe the condition of the subject to recognize himself through the Other, desalienation is used to infer the process of independence from the Other's desire.

where the Other's desire had been. In assuming his own cause, the subject adopts a new position with respect to the Other as language and the Other as desire once both language and desire of the subject come from the Other. This involves the subject becoming able to say "I", for instance: "I did", "I was", "I am" rather than "It happened to me", "Someone did it to me", "He/She is".

"I must come into being in analysis, where the unconscious was (to be) itself" (LACAN, 1960a, p. 691). When Lacan said "I" must come into being in analysis, where the unconscious was itself, he was in a way quoting Freud's motto (1933) *wo es war, soll Ich werden* (where it was, I shall become). Lacan related it to the truth that should come up when the subject is confronted with his unconscious desire. In other words, there where it was, the Other's discourse was, the subject must say "I" implicating himself in his desiring position. Thus, the analysand should also situate himself in relation to his demands in the transference. That is, what his position is as a desiring subject in relation to his demands in the analytic experience.

FOR DEMAND TO BE INSTITUTED, THE ANALYTIC SETTING IS CRUCIAL

"I said somewhere that an analyst has to pay something if he is to play his role. He pays in words, in his interpretations. He pays with his person to the extent that through the transference he is literally dispossessed" (LACAN, 1960b, p. 357). That is, the analyst pays with his desire. The desire of the analyst to operate an analysis is crucial for the establishment of demand in the transference.

Now, considering the analytic setting, in what extent is it important in operating an analysis? Could an analyst lead an analysis on the phone or skype, for instance? Maybe the answer would be: is it possible to sustain any kind of relationship this way? Possibly, not. But, taking into account only the relationship between the analyst and the analysand, what is the impediment for the development of an analysis outside the consulting room? Firstly, the establishment of transference initially occurs in the imaginary dimension, in which the analysand's ego is in the forefront together with all its defenses. If the analysis takes places on the phone, it is probably all about the ego of the analysand and its defenses once there is no private space to move forward and tackle the analysand's unconscious elements. Besides, the silence of the analyst does not suppose presence, neither interpretation since it is all about the interaction on the phone. Naturally, voices are superimposed in this kind of situation due to the lack of setting, which also implies the absence of bodies. If interpretation is the analyst's only

job, the analyst remains the “subject supposed to know”. That is, the analyst’s speech is privileged over the analysand’s when it should be the other way round. Secondly, demand presents itself more as a request, being sort of affected by the transference in the symbolic register. This is because the place that the analyst occupies for the analysand eventually becomes that either of the master, the one who has got the power, or that of the university, the one who has got the knowledge, according to Lacan’s discourses of the master and the university (1970). That is, the analyst becomes idealized by the analysand, without the possibility of occupying the place of “object a cause of desire” as there is no environment for the analyst’s maneuvers. Thus, the analyst is unable to place the analysand as subject supposed to know about his own symptom if there is no setting for the withdrawal of the analyst’s ego. This is because the analyst is engaged in the dyadic relationship through one only way of intervention, which is his voice. Furthermore, demand is not really instituted in order to particularize later on. In other words, demand may not be enacted in the transference in conjunction with the sexual reality once there is no space for the patient to overcome his censorship. Hence, the relationship is reduced to problems solving without dealing with the unconscious material. Thirdly, persecutory feelings, which are part of the imaginary realm, can be developed since there is no analytic setting. The analysand might wonder if there is anybody else listening to what he says, keeping the access to the unconscious closed.

Therefore, the relationship between the analyst and analysand probably fluctuates between the imaginary and symbolic dimensions. In a sense that there is less possibility for the signifiers of demand and sexual reality to emerge coupled with the manifestation of drives of the real realm. Besides, neither the desire of the analyst nor the desire of the analysand will operate once the relationship has been reduced to resolve problems, instead of the constitution of desire in both parts. Lacan argued that: “what the analyst has to give, unlike the partner in the act of love, is something that even the most beautiful bride in the world cannot outmatch, that is to say, what he has. And what he has is nothing other than his desire, like that of the analysand, with the difference that it is an experienced desire” (LACAN, 1960b, p. 369).

Hence, as we can see, there are many aspects involved in the consulting room that enable the establishment and development of one’s analysis.

CONCLUSION

This work represents the elaborations on the topic of demand in the transference and what can possibly be involved in it with special attention to the analytic experience.

In elaborating the theme of demand in the transference, it was indispensable to make references to the place of desire. The place of desire is intertwined with the place of demand, in a sense that the advent of desire is owing to the frustration of the primal demand in the subject's life. Hence, it is clear that the establishment of desire is due to the experience of demand. Therefore, the importance of experiencing demand in one's life as well as in the analytic setting is fundamental to have desire functioning.

My research on the place of demand in the transference shows the establishment of demand in the analytic situation, taking into account the position of subject as object of the Other's desire in the wake of castration. Thus, the process of castration consists in the effacement of the subject by the action of the signifier of the paternal metaphor, making him barred or divided in his condition of desiring subject. This division creates a tension and certain impasses that are part of the subject's dependency on the Other's desire and alienation in relation to the "lost object".

Hence, the impasses that the neurotic presents as a divided subject, are above all the impasses of his desire once his desire is not only dependent on the Other's desire, but also an effect of the demand of the Other (mother). Besides that, the first demand of the subject to be the object of the Other's desire, that has been repressed, is always renewed through the signifiers that represent it. These signifiers that represent the primal demand come up in accordance with the circuits that have been made for the advent of desire. It means that the cycle of need-demand-frustration is activated once the metonymic object, which is the "lost object", runs symbolically beneath all forms of demand. Hence, the sanction of demand and its subsequent effects are what give structure to desire.

Therefore, the structure of the neurotic reveals that his desire is not his own since it comes from the Other. However, he is implicated in this symbolic detour, in a sense that he situates himself as a subject subjected to the Other's desire and to the "lost object". In subjectifying his position regarding the desire of the Other and the "lost object", he should assume this desire as his own once it takes the symbols given by him. In doing so, the subject becomes aware of the demands he displays in the analysis and what he is in relation to these demands. However, it is essential that the

analytic discourse leads the subject to relate his unconscious material, the signifiers of demand and sexual reality, to the manifestation of the drives in order to understand the path of his desire. Otherwise, the drives will remain unsymbolized interfering in the subject's functioning and, consequently, the subject will not be able to posit himself in relation to his desire.

I presented above a summarized trajectory of my dissertation. I would like to conclude by saying that writing this dissertation was an opportunity to develop a theme of great interest to me due to its relevance in the psychoanalytic practice. Besides that, it made me think about the place of demand in child analysis. I suppose it is important to raise the question of demand in the transference with respect to child psychoanalysis, as the child's parents are directly involved in the request for their child's analysis. Thus, it is interesting to elaborate how demand is instituted in this case and how it operates in the psychoanalytic situation. That is, in what extent there is demand from the part of the child and how it works in the analysis. I believe that the place of demand in the transference in child analysis is a very intriguing issue and deserves a lot of research. It is something that I intend to investigate and write about in future studies.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1909). Family Romances. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume IX (1906-1908): Jensen's 'Gradiva' and Other Works, 235-242.
- _____. (1912). The Dynamics of Transference, The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XII (1911-1913): 97 – 108, The Hoggar Press, London, 2001.
- _____. (1918). From the History of an Infantile Neurosis, The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XVII (1917-1919): An Infantile Neurosis and Other Works, 1-124, The Hoggar Press, London, 2001.
- _____. (1920). Beyond the Pleasure Principle, The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XVIII (1920-1922): 3 – 64, The Hoggar Press, London, 2001.
- LACAN, J. (1951). Presentation on Transference. In Jacques Lacan. *Écrits*, trans. Bruce Fink, pp.176-185. Norton, 2006.
- _____. (1953). The Function and Field of Speech and Language in Psychoanalysis. In Jacques Lacan. *Écrits*, trans. Bruce Fink, pp.671-702. Norton, 2006.
- _____. (1955). Variations on the Standard Treatment. In Jacques Lacan. *Écrits*, trans. Bruce Fink, pp.269-302. Norton, 2006.
- _____. (1958a). The Direction of the Treatment and the Principles of Its Power. In Jacques Lacan. *Écrits*, trans. Bruce Fink, pp.489-542. Norton, 2006.
- _____. (1958b). The Signification of the Phallus. In Jacques Lacan. *Écrits*, trans. Bruce Fink, pp.575-584. Norton, 2006.
- _____. (1959). Desire and its Interpretations. Book VI. Trans. Cormac Gallagher unpublished.
- _____. (1960a). The Subversion of the Subject and the Dialectic of Desire in the Freudian Unconscious. In Jacques Lacan. *Écrits*, trans. Bruce Fink, pp.671-702. Norton, 2006.
- _____. (1960b). The Ethics of Psychoanalysis. Book VII, trans. Dennis Porter 1992. London, Routledge.
- _____. (1961). Transference. Book VIII. Trans. Cormac Gallagher unpublished.
- _____. (1962). Identification. Book IX. Trans. Cormac Gallagher unpublished.
- _____. (1964a). The Four Fundamental Concepts of Psycho-Analysis. Book XI, trans. Alan Sheridan 1977. London, The Hogarth Press Ltd.
- _____. (1964b). On Freud's "Trieb" and the Psychoanalyst's Desire. In Jacques Lacan. *Écrits*, trans. Bruce Fink, pp.722-725. Norton, 2006.
- _____. (1966a). The Object of Psychoanalysis. Book XIII. Trans. Cormac Gallagher unpublished.
- _____. (1966b). On the Subject Who Is Finally in Question. In Jacques Lacan. *Écrits*, trans. Bruce Fink, pp.189-196. Norton, 2006.
- _____. (1970). The Other Side of Psychoanalysis. Book XVII, trans. Russell Grigg 2007. London, W. W. Norton & Company, Inc.

_____. (1973). *On Feminine Sexuality: The Limits of Love and Knowledge, Encore*, trans. Bruce Fink 1999. London, W. W. Norton & Company, Inc.

SAUSSURE, F. (1907-1911). *Course in general linguistics*; edited by Charles Bally and Albert Sechehaye; with the collaboration of Albert Riedlinger; translated and annotated by Roy Harris. London: Duckworth, 1983.

AS NUANCES DA DEMANDA NO DISCURSO ANALÍTICO: UMA PERSPECTIVA LACANIANA

RESUMO

Esse artigo examina o estabelecimento da demanda do analisando na experiência analítica, considerando a sua posição de sujeito desejante como efeito do processo de castração. Esse trabalho tem como objetivo investigar o lugar da demanda na transferência através de aspectos relevantes para o trabalho clínico, tais como os manejos do analista no desenrolar da análise. Dessa forma, a autora investiga as elaborações de Lacan sobre o conceito de transferência e sua aplicabilidade na clínica psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE: Demanda. Sujeito Desejante. Transferência. Lacan. Clínica Psicanalítica.

LES NUANCES DE LA DEMANDE DANS LE DISCOURS ANALYTIQUE : UNE PERSPECTIVE LACANIENNE

RÉSUMÉ

Cet article examine la demande du patient dans l'expérience analytique, en tenant compte de leur position sujet désirant comme un effet de processus de castration. Il vise à examiner la place de la demande dans le transfert en considérant des aspects pertinents au travail clinique, tels que les manœuvres de l'analyste dans le développement de son analyse. Par conséquent, l'auteur étudie les élaborations de Lacan sur le concept du transfert et de son application dans la clinique psychanalytique.

MOTS-CLÉS: La Demande. Sujet Désirant. Transférer. Lacan. Clinique Psychanalytique.

Recebido em: 02-06-2018

Aprovado em: 15-06-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

MÍSTICA E PSICANÁLISE: UMA INTRODUÇÃO, DE FREUD A LACAN

ARAÚJO, Ricardo. Experiência mística e psicanálise. São Paulo: Loyola, 2015.

Bruno Albuquerque¹

Tendo se dedicado a investigar a complexa história de (des)encontros entre psicanálise e religião², Ricardo Araújo se lançou a uma nova empreitada: abordar o complexo tema da experiência mística a partir do referencial teórico-clínico psicanalítico. Rejeitando de início tanto o espiritualismo quanto o psicologismo como reducionistas, o autor afirma que a experiência mística “tem lugar no aparelho psíquico dos crentes, donde a legitimidade de uma abordagem psicanalítica da mesma”³ (ARAÚJO, 2015, p.7). O pequeno e despretensioso livro se configura como uma introdução ao tema, mas pode surpreender o leitor não apenas por sua consistência teórica, mas principalmente pela precisão clínica com a qual o autor traça distinções claras entre o campo da mística e o campo da psicose.

Ao longo da obra, Araújo retoma vários autores que se dedicaram a abordar a experiência mística ao longo da história da psicologia, da psiquiatria e da psicanálise. O primeiro deles foi William James (1902/1995), que inaugurou o campo

¹ Doutorando em Ciência da Religião (PPCIR-UFJF). Mestre em Psicanálise (PGPSA/UERJ). Psicólogo (IP-UERJ). Psicanalista em formação no Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro, onde coordenou o grupo de estudos “Psicanálise e religião” (2015-2016). Membro do grupo de pesquisa “Apophatiké: estudos interdisciplinares em mística” (UFF/PUC-Rio). Rua Hermenegildo de Barros, 27, 2º andar, Santa Teresa, 20241-040, Rio de Janeiro, RJ. (21) 98643-4724. brunopintodealbuquerque@gmail.com.

² Refiro-me aqui ao livro Deus analisado: os católicos e Freud – A recepção da crítica freudiana da crença religiosa pela Igreja Católica (ARAÚJO, 2014), no qual o autor mostra como a história da relação entre psicanálise e catolicismo de certo modo revela as múltiplas possibilidades de interação entre psicanálise e religião. De uma recusa inicial, seguiu-se uma generosa abertura, que posteriormente gerou certo equilíbrio, mas que depois desembocou numa indiferença contrastante com a apaixonada oposição inicial. Assim, o autor decide se posicionar a favor de um diálogo entre psicanálise e religião sem a perspectiva de síntese. A esse respeito, pode interessar ao leitor também a resenha Psicanálise e religião: uma história de muitos (des)encontros (ALBUQUERQUE, 2016).

³ Quanto a este ponto, o autor parece se alinhar à posição de Lacan expressa no seminário A ética da psicanálise, onde o psicanalista francês sustenta que a fé religiosa não pode se esquivar do exame científico: “[...] há um certo paradoxo em excluir praticamente do debate e do exame das coisas termos e doutrinas que foram articulados no campo próprio da fé, com o pretexto de que pertenciam a um âmbito reservado aos fiéis” (LACAN, 1959-1960/2008, p.205). Para o mestre parisiense, o que se articula em termos próprios no campo da experiência religiosa interessa também ao analista: “[...] pertencem a nosso exame e até mesmo requerem, em seu registro próprio e em seu modo de expressão, toda a nossa atenção” (LACAN, 1959-1960/2008, p.206).

epistemológico da psicologia da religião com o livro *As variedades da experiência religiosa*. Diversos autores que se debruçaram sobre o estudo da mística sentiram a necessidade de distinguir os fenômenos místicos propriamente ditos dos que são chamados fenômenos paramísticos, com os quais frequentemente a mística é identificada e que, não obstante, são criticados tanto por psicólogos e psiquiatras quanto pelos grandes mestres espirituais, os quais advertem que frequentemente são enganos que podem, inclusive, perturbar a experiência espiritual autêntica. Nesse sentido, Araújo considera a mística como “uma vivência de ultrapassagem dos limites do eu acompanhada do sentimento gozoso de comunhão com o todo circundante identificado ao divino” (ARAÚJO, 2015, p.10).

No que se refere à abordagem propriamente psicanalítica da experiência mística, ela comparece na própria obra freudiana, especialmente no debate entre Sigmund Freud e Romain Rolland sobre o sentimento oceânico. Em *O mal-estar na cultura*, Freud interpretou este sentimento de união com algo ilimitado como uma regressão a um estágio infantil no qual uma separação clara entre o eu e o mundo externo ainda não havia sido delimitada. Na última anotação de suas *Obras completas*, Freud abordou a questão sob outro ângulo, situando topologicamente a experiência mística como uma “obscura autopercepção do reino exterior ao eu, do isso⁴” (FREUD, 1941[1938]/2006). É nessa direção que Araújo chama a atenção para aquilo que foi considerado como uma inesperada aproximação entre mística e psicanálise, ou seja, que ambas possibilitam o acesso a uma dimensão que escapa à consciência.

Dois vertentes da linguagem mística se sobressaem: por um lado, há uma longa tradição que associa o encontro entre o humano e o divino com o encontro amoroso e sexual entre o homem e a mulher na noite de núpcias; por outro lado, a experiência mística é descrita também numa referência à vivência do bebê acalentado pelo amor da mãe. Numerosos trechos bíblicos fazem uso dessas metáforas para descrever a relação entre Deus e seu povo. Os místicos frequentemente recorrem a essas imagens para descrever suas experiências, como foi o caso de Santa Teresa

⁴ A Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud adota o termo “ego” para o termo alemão Ich e “id” para Es, mas as traduções mais fidedignas são respectivamente “eu” e “isso”.

d'Ávila e São João da Cruz, aos quais Lacan fez honrosas referências⁵. Cada uma dessas vertentes da mística, contudo, favoreceu também dois tipos principais de objeções que questionam sua autenticidade e validade no que tange à saúde mental daquele que a experimenta.

Por um lado, o caráter erótico da experiência mística levantou a suspeita de que esta seria uma forma substitutiva e neurótica de satisfação sexual⁶. De fato, não é incomum que a erotização da relação amorosa com a divindade esteja atrelada a uma perturbação da devoção religiosa⁷. Entretanto, isto não necessariamente significa que toda experiência mística seja neurótica. Com efeito, há pelo menos três reações diferentes à interpretação sexual da mística: considerar que os místicos fazem uso metafórico do vocabulário erótico, nupcial e amoroso porque o que vivenciam extrapola muito aquilo que é possível exprimir através da linguagem (James), reconhecer a natureza sexual da experiência mística recusando a ideia de que esta dimensão libidínica desqualifique a vivência em questão (Vergote) ou considerar que a experiência mística não é sexual, pois escapa à linguagem e aponta para um gozo Outro mais além – ou aquém – do sexual, anterior à castração simbólica (Lacan).

Por outro lado, a alusão à dimensão materna fez com se desconfiasse de que, embora considerados pelas religiões como o ápice da maturidade na vida espiritual, os fenômenos místicos remontem à indiferenciação entre o eu e a mãe, o que aproximaria a mística do campo da psicose⁸. Realmente, numerosos delírios paranoicos possuem uma temática religiosa, e não são poucos os psicóticos que se

⁵ Por exemplo, no Seminário Mais, ainda, Lacan se refere à mística como “algo de sério, sobre o qual nos informam algumas pessoas, e mais freqüentemente mulheres, ou bem gente dotada como são João da Cruz” (LACAN, 1972-1973/2008, p.81).

⁶ Dentre os autores que sustentaram esta posição, cabe destacar Lemesle, Leuba, Janet, Breuer, Reich, Marie Bonaparte, Herbert Moller e Guillaume Han.

⁷ Tal foi o caso, por exemplo, do Conde Zinzendorf, cuja obra foi analisada por Oskar Pfister, pastor luterano e psicanalista, com quem Freud se correspondeu durante três décadas. Freud citou o artigo de Pfister em *Psicologia das massas e análise do eu*: “Pfister, em sua *Frömmigkeit des Grafen von Zinzendorf*, forneceu um exemplo extremamente claro e certamente não isolado de quão facilmente até um intenso vínculo religioso pode converter-se em ardente excitação sexual” (FREUD, 1921[2006], p.150).

⁸ Alguns dos autores que sustentaram esta posição foram, por exemplo, Ferdinand Morel, Otto Rank e Franz Alexander. Também Catherine Clément e Sudhir Kakar (1997) parecem adotar esta opinião. Em seu livro escrito em conjunto, *A louca e o santo*, esses psicanalistas investigaram as histórias da francesa Madeleine e do indiano Ramakrishna. Embora expressassem vivências semelhantes, a primeira foi considerada louca e o segundo, santo.

referem a Deus como representante de sua desmedida aspiração à totalidade⁹. Na linha de autores como James e Lacan, entretanto, Araújo sustenta que é possível diferenciar uma experiência mística autêntica de um surto psicótico¹⁰. Parece-me que a principal originalidade da obra que apresento consiste na indicação de 16 elementos que possibilitam um discernimento entre mística e psicose, dentre os quais destacarei alguns.

Enquanto o psicótico pode se referir a Deus como um objeto de cuja posse ele goza, sem tolerar sua ausência, o místico reconhece em Deus um Outro livre e independente com quem deseja unir-se no amor e cujas aparentes ausências aceita com serenidade. Assim, “o verdadeiro místico se posiciona a partir de sua castração simbólica, isto é, da sua condição de ser em falta, ao passo que o psicótico, pseudomístico, se caracteriza pela rejeição dessa mesma castração” (ARAÚJO, 2015, p.56). O surto psicótico, por outro lado, impõe-se de maneira invasiva e incontrolável, de modo que o psicótico pode se referir a Deus como um Outro ao qual se encontra subjugado, enquanto a experiência mística é desejada pelo sujeito que a ela se dispõe, frequentemente envolvendo-se com a meditação ou a oração para alcançar buscar ativamente uma maior intimidade com Deus. Além disso, o psicótico atribui um caráter de certeza à sua vivência, enquanto o místico acredita no conteúdo da sua experiência, mas sem excluir a possibilidade da dúvida. Várias outras indicações preciosas são feitas para favorecer um diagnóstico diferencial entre o místico e o psicótico, às quais remetemos o leitor que desejar se aprofundar na matéria.

Por fim, o autor conclui que é importante conhecer e levar a sério as graves e fundadas suspeitas levantadas sobre o valor da experiência mística, mas afirma também que há “critérios satisfatórios para identificar o verdadeiro misticismo, o que nos impede de descartar as vivências místicas como fenômenos puramente patológicos” (ARAÚJO, 2015, p.62). Dessa forma, em sua obra de introdução à abordagem psicanalítica da mística, o autor retoma e sistematiza os pontos principais das contribuições de Freud e Lacan. Nesse sentido, ele se coloca em consonância com a afirmação lacaniana, presente já no seminário *As psicoses*, sobre a diferença radical entre as experiências de Schreber e São João da Cruz: “Ora, não há

⁹ Este foi o caso, por exemplo, do juiz e paciente psiquiátrico Daniel Paul Schreber, cujo delírio de conteúdo místico-religioso pormenorizadamente relatado em sua autobiografia foi analisado por Freud (1911/1996).

¹⁰ Outros autores que sustentaram uma posição semelhante foram o padre carmelita Bruno de Jésus-Marie, o filósofo Henri Bergson, a psicanalista Catherine Parat e o jesuíta Carlos Domínguez Morano.

absolutamente nada de comum entre a ênfase que nos é dada de um lado e do outro. Eu diria mesmo que, a respeito do menor testemunho de uma experiência religiosa autêntica, vocês verão toda a diferença” (LACAN, 1955-1956/2008, p.96).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Bruno. Psicanálise e religião: uma história de muitos (des)encontros. *Tempo psicanalítico*, v.48, n.1. Rio de Janeiro, 2016, pp.232-234.

ARAÚJO, Ricardo Torri de. *Deus analisado: os católicos e Freud – A recepção da crítica freudiana da crença religiosa pela Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. *Experiência mística e psicanálise*. São Paulo: Loyola, 2015.

CLÉMENT, Catherine. KAKAR, Sudhir. *A louca e o santo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia [1911]. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB)*, v.XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.13-89.

_____. Psicologia de grupo e análise do ego [1921]. In: _____. *ESB*, v.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.77-154.

_____. O mal-estar na civilização [1930(1929)]. In: _____. *ESB*, v.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.65-148.

_____. Achados, idéias, problemas [1941(1938)]. In: _____. *ESB*, v.XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.317-318.

JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana* [1902]. São Paulo: Cultrix, 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: as psicoses* [1955-1956]. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* [1959-1960]. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *O seminário, livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Recebido em: 02-04-2018

Aprovado em: 20-04-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>

CONTENTS

EDITORIAL – FROM HAVARD TO UGANDA THERE IS SE(E)R ----- 7

THEMED ARTICLES

BETWEEN PAIN: JUDITH AND FLORBELA-----23

SUBJECT, SPEECH AND IDEOLOGY: A PSYCHOANALYTICAL POETRY AND PSYCHOANALYSIS: A POSSIBLE DIALOGUE BETWEEN MANOEL DE BARROS, FREUD AND LACAN. -----45

WHEN I LOST YOU, I WON THE BET: LOVE AND DESIRE IN THE NOVEL A GENTLE CREATURE, BY DOSTOYEVSKY -----76

CONJUGAL VIOLENCE AND SCIENCE IN A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE FROM ‘OTELO – THE MOURO OF VENICE’ -----93

FREE ARTICLES

FALLING BODIES: ADOLESCENCE, PRISON AND PSYCHOANALYSIS ----- 110

TOTEM AND TABOO: DAILY LIFE ----- 123

A STUDY ON MELANCHOLY: PSYCHIATRY TO FREUDIAN PSYCHOANALYSIS. ----- 139

THE REPRESSION METAPSYCHOLOGY----- 162

FREUD’S PSYCHOANALYSIS AND TODAY’S PSYCHOANALYSIS: THE VICISSITUDES OF THE FEMININE ALONG THE AGE OF EXTREMES ----- 182

THE NUANCES OF DEMAND IN THE ANALYTIC DISCOURSE: A LACANIAN PERSPECTIVE---- 210

REVIEW

MYSTICS AND PSYCHOANALYSIS: AN INTRODUCTION, FROM FREUD TO LACAN ----- 213

SOMMAIRE

ÉDITORIAL – DE HARVARD À L’OUGANDA IL Y A SE(E)R -----7

ARTICLES À THÈME

ENTRE LA DOULEUR: JUDITH ET FLORBELA ----- 24

POÉSIE ET PSYCHANALYSE: UM DIALOGUE POSSIBLE ENTRE MANOEL DE BARROS, FREUD ET LACAN. ----- 46

QUAND JE T’AI PERDU, J’AI GAGNÉ LE PARI: AMOUR ET DÉSIR DANS LA NOUVELLE LA DOUCE, DE DOSTOIEVSK ----- 77

LA VIOLENCE CONJUGALE ET LA SCIENCE DANS UNE PERSPECTIVE PSYCHANALYTIQUE DE ‘OTELO – O MOURO DE VENEZA’ ----- 94

ARTICLES GRATUITS

CORPS DE CHUTE: ADOLESCENCE, PRISON ET PSYCHANALYSE ----- 111

TOTEM ET TABOO: VIE QUOTIDIENNE----- 124

UNE ÉTUDE SUR LA MÉLANCOLIE: PSYCHIATRIE À LA PSYCHANALYSE FREUDIENNE ----- 140

LA MÉTAPSYCHOLOGIE REFOULEMENT ----- 163

LA PSYCHANALYSE DE FREUD ET LA PSYCHANALYSE D’AUJOURD’HUI: LES VICISSITUDES DU FÉMININ DANS L’ÂGE DES EXTRÊMES----- 183

LES NUANCES DE LA DEMANDE DANS LE DISCOURS ANALYTIQUE : UNE PERSPECTIVE LACANIENNE ----- 211

EXAMEN

MYSTIQUE ET PSYCHANALYSE: UNE INTRODUCTION, DE FREUD AU LACAN ----- 213